



**Faculdade de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Doutoramento em Ciências da Educação, Especialidade em Inovação Pedagógica**

Moacir de Souza Júnior

**Navegando no Mar Sem Fim da Aprendizagem na Terceira Idade: uma investigação
acerca do uso das TIC e da inovação pedagógica**

Tese de Doutoramento

FUNCHAL – 2019

Moacir de Souza Júnior

**Navegando no Mar Sem Fim da Aprendizagem na Terceira Idade: uma investigação
acerca do uso das TIC e da inovação pedagógica**

Tese apresentada ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para obtenção do grau de doutor em Ciências da Educação.

Orientadores: Prof. Dr. Fernando Luís de Sousa
Correia
Prof^a. Dra. Zuleide Fernandes de
Queiroz

Viagem a Ítaca

Quando você partir, em direção a Ítaca,
 que sua jornada seja longa,
 repleta de aventuras, plena de conhecimento.
 Não tema Laestrigones e Ciclopes nem o furioso Poseidon;
 você não irá encontrá-los durante o caminho
 se o pensamento estiver elevado, se a emoção
 jamais abandonar seu corpo e seu espírito.
 Laestrigones e Ciclopes e o furioso Poseidon
 não estarão em seu caminho
 se você não carregá-los em sua alma,
 se sua alma não os colocar diante de seus passos.
 Espero que sua estrada seja longa.
 Que sejam muitas as manhãs de verão,
 que o prazer de ver os primeiros portos
 traga uma alegria nunca vista.
 Procure visitar os empórios da Fenícia,
 recolha o que há de melhor.
 Vá às cidades do Egito,
 aprenda com um povo que tem tanto a ensinar.
 Não perca Ítaca de vista,
 pois chegar lá é o seu destino.
 Mas não apresse os seus passos;
 é melhor que a jornada demore muitos anos
 e seu barco só ancore na ilha
 quando você já estiver enriquecido
 com o que conheceu no caminho.
 Não espere que Ítaca lhe dê mais riquezas.
 Ítaca já lhe deu uma bela viagem;
 sem Ítaca, você jamais teria partido.
 Ela já lhe deu tudo, e nada mais pode lhe dar.
 Se, no final, você achar que Ítaca é pobre,
 não pense que ela o enganou.
 Porque você tornou-se um sábio, viveu uma vida intensa,
 e este é o significado de Ítaca.

Konstantinos Kavafis

Poeta grego

(1863-1933)

À minha mãe Francisca Sobreira, por estar ao meu lado em todos os momentos da minha vida, e por saber envelhecer com simplicidade e tranquilidade, dedico esta tese.

AGRADECIMENTOS

A todas as minhas alegrias, tristezas e dores no decorrer da vida, pois fizeram de mim o que eu sou hoje.

À Universidade da Madeira – UMa, por proporcionar o Doutorado em Inovação Pedagógica.

Ao meu orientador madeirense, professor doutor Fernando Correia, pela sua presteza, paciência e dedicação na elaboração desta tese.

À minha orientadora brasileira, professora doutora Zuleide Queiroz, pela generosidade e carinho no caminhar desta tese. E por ter sempre uma palavra de incentivo. Para mim, um exemplo de ser humano, mulher, profissional da educação e acima de tudo respeito para com todos.

Aos meus professores doutores do Doutorado em Inovação Pedagógica, que contribuíram, imensamente, com seus conhecimentos para minha evolução acadêmica.

Às minhas irmãs, Ana Paula e Ana Regina Sobreira, pelo incentivo ao longo de todo o curso do doutorado.

Ao meu sobrinho-filho, João Vítor Sobreira, pela capacidade de mostrar que tudo vai dar certo.

À instituição Universidade Sem Fronteira – UNISF, na pessoa da professora doutora Zilma Gurgel, por disponibilizar suas dependências para que a pesquisa fosse realizada.

Ao professor-mediador Ricardo Temoteo, pela grandeza e delicadeza com que me recebeu em sua sala de aula, colaborando sempre com suas pontuações.

À auxiliar-mediadora Letícia, que, através da sua candura, sempre teve atenção para responder, de forma clara e objetiva, tudo o que sempre lhe foi perguntado.

Às funcionárias da UNISF, em especial a Elaide Brasil, pelo carinho e senso de coletividade que se faz presente todos os dias no cuidar das pessoas com quem convive, meu eterno carinho.

Aos meus queridos participantes da pesquisa, que cederam, gentilmente, seus momentos para responderem meus questionamentos; meu muito obrigado por compartilharem comigo seus conhecimentos e suas vivências, aprendi muito com todos vocês!

RESUMO

A pesquisa tem por objetivo investigar a existência de inovação pedagógica na aprendizagem dos discentes da terceira idade, através do uso das TIC, na Universidade Sem Fronteiras. A pesquisa, de base qualitativa, aconteceu durante o período de fevereiro/2017 a abril/2018. Utilizamos a observação participante, o diário de bordo e a análise documental como fontes de coletas de dados. Participaram da pesquisa o total de 38 pessoas, sendo 35 discentes e 03 docentes. Todos foram identificados pelas siglas I, para idoso, e P/M, para professores/mediadores. O foco do estudo são os alunos idosos. Os dados foram analisados à luz do diário de bordo, por meio do qual foi possível observar, a partir dos discursos dos discentes da terceira idade pesquisados, que a porta de entrada para a instituição é a etapa de aposentadoria; que o significado de aprender na velhice é algo que vem preencher um vazio deixado por não mais participar do mundo do trabalho, mas que se consideram ainda aptos a aprenderem. Para eles, a troca de informações com seus pares favorece muito a aprendizagem, já que o voltar a estudar é sentido pelos mesmos como algo muito útil, que revigora seu viver, provando que ainda podem construir seu próprio conhecimento. Ao utilizarem as TIC como ferramenta de aprendizagem, os mesmos indicam que houve um favorecimento muito grande, pela sua incursão no mundo digital, ao mesmo tempo que facilitou a dinamização da sua vida. Desta forma, concluiu-se que o ambiente de aprendizagem existente na UNISF favorece, e muito, o processo de inovação pedagógica, não só por ser um ambiente não-formal de aprendizagem, mas por provocar no seu alunado a busca por construir seus próprios conhecimentos, através das suas próprias experiências.

Palavras-chave: Terceira idade; Aprendizagem; Conhecimento; Inovação pedagógica; TIC.

ABSTRACT

The research aims to investigate the existence of pedagogical innovation in the learning of the students of the third age, through the use of ICT, in the University Without Borders. The qualitative research, happened during the period of February / 2017 to April / 2018. We use participant observation, logbook and document analysis as sources of data collection. A total of 38 participants participated, of which 35 were students and 3 were teachers. All were identified by acronyms I for the elderly and P / M for teachers / mediators. The focus of the study are the senior students. The data were analyzed in the light of the logbook, in which it was possible to observe, from the discourses of the researched third age students, that the entrance to the institution is the retirement stage, that the meaning of learning in old age is something that comes to fill a void left by no longer participate in the world of work, but who consider themselves still apt to learn. For them the exchange of information with their peers greatly favors learning, since the return to study is felt by them as something very useful, that invigorates their living and proving that they can still build their own knowledge. By using ICT as a learning tool, they indicate that there has been a great favor for their foray into the digital world, while facilitating the dynamization of their lives. In this way, it was concluded that the existing learning environment at the UNISF favors a lot of the pedagogical innovation process, not only because it is a non-formal learning environment, but also because it causes students to build their own knowledge through their own experiences.

Keywords: Third age; Learning; Knowledge; Pedagogical innovation; ICT.

RESUMEN

A investigación tiene por objetivo investigar la existencia de innovación pedagógica en el aprendizaje de los alumnos de la tercera edad, a través del uso de las TIC, en la Universidad sin Fronteras. La investigación de base cualitativa, ocurrió durante el período de febrero / 2017 a abril / 2018. Utilizamos la observación participante, el diario de a bordo y el análisis documental como fuentes de recolección de datos. Participaron de la encuesta el total de 38 participantes, siendo 35 discentes y 03 docentes. Todos fueron identificados por las siglas I para anciano y P / M para profesores / mediadores. El enfoque del estudio son los estudiantes de edad avanzada. Los datos se analizaron a la luz del cuaderno diario de pesca, en el que se pudo observar, a partir de los discursos de los estudiantes de la tercera edad investigados, que la puerta de entrada a la institución es la etapa de jubilación, que el significado de aprender en la vejez es algo que viene a llenar un vacío dejado por no más participar del mundo del trabajo, pero que se consideran aún aptos para aprender. Para ellos el intercambio de información con sus pares favorece mucho el aprendizaje, ya que el volver a estudiar es sentido por los mismos como algo muy útil, que revitaliza su vivir y probando que todavía pueden construir su propio conocimiento. Al utilizar las TIC como herramienta de aprendizaje, los mismos indican que hubo un gran beneficio por su incursión en el mundo digital, al tiempo que facilitó la dinamización de su vida. De esta forma, se concluyó que el ambiente de aprendizaje existente en la UNISF favorece y mucho el proceso de innovación pedagógica, no sólo por ser un ambiente no formal de aprendizaje, sino por provocar en su alumnado la búsqueda por construir sus propios conocimientos a través de las vías sus propias experiencias.

Palabras clave: Tercera edad; Aprendizaje; Conocimiento; Innovación pedagógica; TIC.

RÉSUMÉ

La recherche vise à étudier l'existence de l'innovation pédagogique dans l'apprentissage des étudiants du troisième âge, à travers l'utilisation des TIC, à l'Université sans frontières. La recherche qualitative, s'est déroulée pendant la période de février / 2017 à avril / 2018. Nous utilisons l'observation des participants, le journal de bord et l'analyse des documents comme sources de collecte de données. Au total, 38 participants ont participé, dont 35 étudiants et 3 enseignants. Tous ont été identifiés par des acronymes I pour les personnes âgées et P / M pour les enseignants / médiateurs. L'objectif de l'étude sont les étudiants seniors. Les données ont été analysées dans le journal de bord de la lumière dans laquelle il a été observé, des discours des aînés interrogés aux élèves que la porte d'entrée de l'établissement est l'étape de la retraite, le sens de l'apprentissage dans la vieillesse est quelque chose qui vient combler un vide laissé par ne plus participer au monde du travail, mais qui se considèrent toujours aptes à apprendre. Pour eux, l'échange d'informations avec leurs pairs favorise grandement l'apprentissage, car le retour à l'étude est ressenti par eux comme quelque chose de très utile, qui fortifie leur vie et prouve qu'ils peuvent encore construire leur propre savoir. En utilisant les TIC comme outil d'apprentissage, ils indiquent que leur incursion dans le monde numérique a été grandement favorisée, tout en facilitant la dynamisation de leur vie. Ainsi, il a été conclu que l'environnement d'apprentissage existant UNISF favorise et le processus d'innovation pédagogique, non seulement pour être un environnement d'apprentissage non formel, mais la cause de ses étudiants la recherche de construire leurs propres connaissances par le biais leurs propres expériences.

Mots-clés: Personnes âgées. Apprendre Connaissance Innovation pédagogique TIC.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – DAS TEORIAS MAIS IMPORTANTES SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO.....	20
QUADRO 02 – TEORIAS DE DESENGAJAMENTO DO SEGMENTO IDOSO EM RELAÇÃO AO RESTANTE DA POPULAÇÃO.....	39
QUADRO 03 – HIERARQUIA DAS NECESSIDADES – MASLOW.....	60
QUADRO 04 – CICLO DA MOTIVAÇÃO.....	60
QUADRO 05 – MARCOS HISTÓRICOS CONSAGRADOS.....	69
QUADRO 06 – CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS PROFESSORES/MEDIADORES....	152
QUADRO 07 – CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS APRENDIZES IDOSOS.....	152
QUADRO 08 – O TRABALHO COM A TERCEIRA IDADE.....	170
QUADRO 09 – VANTAGENS E DESVANTAGENS EM RELAÇÃO AO ENSINO E À APRENDIZAGEM NA TERCEIRA IDADE.....	172
QUADRO 10 – COMO É SER UM PROFESSOR/MEDIADOR PARA ALUNOS IDOSOS.....	174
QUADRO 11 – PARTICIPAÇÃO EM CURSOS SOBRE EDUCAÇÃO PARA IDOSOS....	175
QUADRO 12 – PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA TERCEIRA IDADE E O QUE ESSA POPULAÇÃO NECESSITA APRENDER.....	176
QUADRO 13 – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS NA VISÃO DOS PROFESSORES/MEDIADORES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA TERCEIRA IDADE.....	179
QUADRO 14 – AVALIAÇÃO DO PRÓPRIO TRABALHO.....	181
QUADRO 15 – COMO, POR QUE E INTERESSE EM FREQUENTAR A UNISF.....	186
QUADRO 16 – IMPRESSÕES SOBRE O PRIMEIRO DIA DE ESTADIA NA UNISF.....	190
QUADRO 17 – SIGNIFICADO DO QUE SEJA APRENDER NA TERCEIRA IDADE.....	193
QUADRO 18 – FREQUÊNCIA, RELAÇÕES ENTRE OS APRENDIZES, SENTIMENTOS E EXPERIÊNCIAS NAS AULAS DA ÁREA DE TECNOLOGIA.....	199
QUADRO 19 – AVALIAÇÃO DO TRABALHO DOS PROFESSORES/MEDIADORES NA SALA DE AULA.....	204
QUADRO 20 – SIGNIFICADO DE VOLTAR A ESTUDAR NA TERCEIRA IDADE.....	209

QUADRO 21 – O QUE SE TEM APRENDIDO ATÉ O PRESENTE MOMENTO ATRAVÉS DO USO DAS TIC E A FORMA DE COMO ELA FAZ USO DAS MESMAS.....	213
QUADRO 22 – TEMAS COM MAIOR INTERESSE NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO.....	219
QUADRO 23 – PLANOS PARA O FUTUTO.....	221
QUADRO 24 – INCENTIVOS PARA OUTRAS PESSOAS FREQUENTAREM A UNISF.....	223
QUADRO 25 – FERRAMENTAS MAIS UTILIZADAS NO DIA A DIA DAS PESSOAS DA TERCEIRA IDADE.....	225
QUADRO 26 – UTILIZAÇÃO DE JOGOS EDUCATIVOS COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	227

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

III EBECULT	III Encontro Baiano de Estudos em Cultura
ADN	Ácido Desoxirribonucleico
AIDS/SIDA	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CAP	Caixa de Aposentadorias e Pensões
CAPES	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
CEB	Câmara de Educação Básica
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CH	Centro de Humanidades
CNDI	Conselho Nacional dos Direitos do Idoso
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DATAPREV	Empresa de Processamento de Dados da Previdência Social
DCU	Dublin City University
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FUNABEM	Fundação Nacional do Bem-estar do Menor
HIV/VIH	Vírus da Imunodeficiência Humana
IAPAS	Instituto de Administração Financeira da Previdência Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INAMPS	Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
INPEA	Rede Internacional de Prevenção a Abusos e Maus-Tratos na Velhice
INPS	Instituto Nacional de Previdência Social
LBA	Legião Brasileira de Assistência
LOAS	Lei Orgânica de Assistência Social
MS	Ministério da Saúde
NETI	Núcleo de Estudos da Terceira Idade
NIEATI	Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNA	Política Nacional de Assistência Social
PNE	Pessoas com Necessidades Especiais

PNI	Política Nacional do Idoso
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGDS	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social
PUC/Campinas	Pontifícia Universidade Católica de Campinas
PUC/Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUC/SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
RENADI	Rede Nacional de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa
SES	Secretaria Estadual de Saúde
SESC	Serviço Social do Comércio
SINPAS	Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
SUS	Sistema Único de Saúde
TI	Tecnologia da Informação
TIC	Tecnologias da Informação e da Comunicação
UATI	Universidade Aberta à Terceira Idade
UCG	Universidade Católica de Goiás
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UMa	Universidade da Madeira
UNAI	Universidade Aberta ao Idoso
UNATI	Universidade Aberta da Terceira Idade
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciências e Cultura
UNIMONTES	Universidade Estadual de Montes Claros
UNISF	Universidade Sem Fronteiras
UNI 3 Uruguay	Universidade Abierta Uruguay
USP	Universidade de São Paulo
UTA	Université du Troisième Âge

FOTOS

FOTO 01 – ENTRADA PRINCIPAL E JARDIM.....	277
FOTO 02 – ENTRADA DO ESTACIONAMENTO.....	278
FOTO 03 – ESPAÇO INTERNO – RECEPÇÃO.....	279
FOTO 04 – RECEPÇÃO – APARELHO DE TV E SOFÁ.....	279
FOTO 05 – IMAGEM SACRA.....	280
FOTO 06 – PAINEL INFORMATIVO.....	280
FOTO 07 – SALA DAS DIREÇÕES ADMINISTRATIVA/FINANCEIRA E COMERCIAL.....	281
FOTO 08 – SALA DA GERÊNCIA FINANCEIRA.....	281
FOTO 09 – CURSO DE DANÇA DE SALÃO.....	282
FOTO 10 – CURSO DE CORAL.....	282
FOTO 11 – CURSO DE LÍNGUAS.....	283
FOTO 12 – CURSO DE GINÁSTICA CEREBRAL.....	283
FOTO 13 – CURSO DA ÁREA DE INFORMÁTICA.....	284
FOTO 14 – CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL.....	284
FOTO 15 – SALA DO CURSO DE PILATES.....	285
FOTO 16 – CANTINA.....	285
FOTO 17 – AUDITÓRIO.....	286

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	V
RESUMO.....	VI
ABSTRACT.....	VII
RESUMEN.....	VIII
RÉSUMÉ.....	IX
LISTAS DE QUADROS.....	X
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	XII
FOTOS.....	XIV
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – ENVELHECIMENTO E SEUS ASPECTOS.....	15
1.1 – Conceituando envelhecimento, velhice, idoso e terceira idade.....	18
1.2 – Histórico sobre envelhecimento, velhice, idoso e terceira idade.....	23
1.3 – Aspectos físicos na terceira idade.....	29
1.4 – Aspectos psicológicos na terceira idade.....	33
1.5 – Aspectos sociais na terceira idade.....	38
1.6 – Aspectos culturais na terceira idade.....	44
1.7 – Aspectos motivacionais na terceira idade.....	58
1.8 – Legislação e marcos regulatórios na terceira idade.....	63
CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO, ESCOLARIZAÇÃO E TIC.....	76
2.1 – O processo de aprendizagem ao longo da vida.....	84
2.2 – A condução e a aprendizagem na terceira idade acerca do uso das TIC.....	93
2.3 – O processo de inclusão do idoso no mundo contemporâneo e sua inserção no contexto das TIC.....	103
2.4 – A aprendizagem em ambientes não formais.....	112
2.5 – As universidades abertas para a terceira idade como ambientes não formais de aprendizagem.....	120
2.6 – Conceituando inovação pedagógica: características e implicações para uma melhor aprendizagem do idoso aprendiz na Universidade Sem Fronteiras.....	127

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA: OS PROCESSOS INVESTIGATIVOS NA RELAÇÃO COM O ESTUDO DA TEMÁTICA.....	137
3.1 – Do tipo de pesquisa a ser abordada.....	141
3.2 – Do <i>locus</i> da pesquisa e histórico da instituição pesquisada.....	144
3.3 – Dos sujeitos e caracterização dos participantes da pesquisa.....	151
3.4 – Dos instrumentos para coleta de dados.....	153
3.5 – Dos procedimentos para participação na pesquisa.....	157
3.6 – Dos procedimentos para identificação, categorização e análise dos dados.....	157
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DE RESULTADOS: RELATO DE UMA AVENTURA PELA APRENDIZAGEM NA UNISF ATRAVÉS DO DIÁRIO DE BORDO..	159
4.1 – O início: o processo em busca do estudo para o doutorado.....	159
4.2 – Descrevendo os sujeitos que frequentam e trabalham na UNISF.....	166
4.3 – Analisando e teorizando os questionários, as falas e observações dos professores/mediadores à luz do diário de bordo.....	169
4.4 – Analisando e teorizando os questionários, as falas e observações dos aprendizes da terceira idade à luz do diário de bordo.....	182
4.5 - Considerações finais sobre as observações do pesquisador à luz do diário de bordo.....	229
CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM BREVE FINALIZAR E UM RECOMEÇAR LOGO ALI NA ESQUINA.....	240
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	248
ANEXO.....	270
Anexo 1 – Parecer consubstanciado do CEP.....	271
Anexo 2 – Catálogo de Teses & Dissertações – CAPES.....	273
FOTOS.....	276
APÊNDICE.....	287
Apêndice 1 – Carta de anuência.....	288
Apêndice 2 – Termo de consentimento livre e esclarecido.....	289

Apêndice 3 – Roteiro A – Entrevista para os alunos da terceira idade.....	291
Apêndice 4 – Roteiro B – Entrevista para os professores/mediadores.....	293
Apêndice 5 – Diário de Bordo.....	294

INTRODUÇÃO

“Um homem precisa viajar, por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros e tevês, precisa viajar, por si, com os olhos e pés, para entender o que é seu [...]”.

Amyr Klink

Atualmente, no Brasil, assistimos a uma preocupação crescente com o aumento da população idosa, denominada, aqui, de terceira idade¹. Tanto órgãos governamentais quanto a iniciativa privada voltam sua atenção para esse grande contingente de sujeitos, que se torna extremamente expressivo com o passar do tempo, engrossando, assim, uma fileira que só tende a crescer, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo.

A velhice, também considerada terceira idade, vem acompanhada de um processo de exclusão do mundo do trabalho, haja vista que o sujeito considerado idoso é tratado como um indivíduo que não mais satisfaz a necessidade do mercado. Diante do exposto, Santos (1991, p. 02) afirma que:

A exclusão do mundo do trabalho é ao mesmo tempo perda de lugar no sistema de produção, reorganização espacial e temporal da vida do sujeito, e reestruturação de identidade pessoal. A aposentadoria obriga o sujeito a reorganizar as identificações habituais, que estruturam o eu.

De acordo com a citação acima, entendemos que o idoso deixa de participar do sistema produtivo e, dessa forma, passa a ser rechaçado pela sociedade, carregando dentro de si um forte sentimento de exclusão e estigma social. Mesmo a aposentadoria sendo considerada como um prêmio por seus trabalhos prestados ao longo da vida, a mesma é vista como a entrada do sujeito no processo de envelhecimento, o que dá indicação que o indivíduo passa a ser tratado como inerte, como um ser que está obsoleto, o que não, necessariamente, corresponde à realidade.

Para o sistema capitalista, a busca pelo lucro é uma constante. Tudo se torna mercadoria, inclusive o trabalhador. Entretanto, só a mercadoria (objeto) tem valor, o trabalho realizado pelo operário perde seu valor venal ao longo do processo. Este modelo se assenta, segundo Anderson (1999, 1995), em uma concepção de sociedade de base neoliberal, cujos princípios são: i) enfraquecer os movimentos sindicais, principalmente nos períodos de recessão

¹ No decorrer do estudo, iremos utilizar diferentes denominações: idoso, velhice, velho, maturidade e outros; porém estamos nos referindo à terceira idade.

econômica; ii) gerar divisas financeiras, disponibilizando-as para a expansão de infraestrutura, visando ao crescimento da iniciativa privada; iii) Estado cada vez mais ausente da economia, privatizando empresas estatais, enxugamento da máquina pública, com demissão e aposentadoria de várias categorias funcionais; iv) reformas fiscais, beneficiando os mais ricos, tornando mais severa as desigualdades; v) e, por fim, a redução contínua de investimentos nas áreas de saúde, educação, previdência, entre outras, penalizando, assim, as áreas sociais, ou seja, diminuição significativa do Estado de bem-estar social.

Nesse sentido de compreensão de sociedade, de concepção de homem e de educação, a população idosa é considerada improdutiva, que não mais satisfaz a dinâmica social, já que a mesma só absorve e valoriza os indivíduos que estão atrelados ao sistema de produção e de consumo. Diante disso, Paz (2001, p. 232) assevera que:

O acentuado desenvolvimento do capitalismo da era moderna vem desprezando a tradição humana e sua memória, e culturalmente descaracterizando a velhice, pelo processo de desprestígio, exclusão social e anulação, que este modelo impõe aos que não “servem”, aos que não possuem uma perspectiva de imediatamente útil, ou vigorosamente produtivo, conforme as necessidades lucrativas do capital, ou seja, que não se encontram diretamente nos meios de produção.

Para que possamos ser considerados “cidadãos”², conforme o sistema, é necessário produzir ou consumir, ou ainda, de preferência, produzir e consumir ao mesmo tempo, já que os sujeitos que se encontram excluídos desse processo perdem sua função e valor diante da sociedade capitalista. Ou seja, nada mais conta do que a força do trabalho e o poder de consumo.

Diante do exposto acima, a velhice está atrelada a um papel que deixou de desempenhar dentro da força produtiva. Ao mesmo tempo em que o consumo muitas vezes cai devido às novas demandas que surgem, provocadas por envelhecimento.

Nas fábulas ou mesmo nas histórias infantis clássicas, os personagens mais velhos são tratados com respeito e, na maioria das vezes, associando idade avançada com sabedoria e com uma atitude de ponderação perante a vida.

Nas sociedades indígenas, os anciãos são considerados os baluartes da cultura do seu povo. A eles cabe transmitir os elementos culturais, como seus rituais, suas histórias, seus

² Grifo do autor.

costumes, entre outros. Tudo isso feito de forma oral, para garantir a sobrevivência do seu povo; os mesmos são vistos como verdadeiras histórias vivas (ANCIÃOS, 2017).

Para a cultura africana, a acepção da palavra “mais-velho”³ não diz respeito à idade e, sim, àqueles que acumularam conhecimento ao longo da sua história de vida. O lugar do velho na sociedade é de privilégio. É o ser que tem a importância de transmitir o tradicional, para que o conhecimento do seu povo não se perca e nem tampouco seja diluído pelos conhecimentos oriundos da sociedade moderna (NASCIMENTO, RAMOS, 2011).

A velhice, ao longo da história da humanidade, foi tratada de forma diferenciada por sociedades, filósofos, escritores, entre outros. Nesse sentido, Minois (1987) assevera que o temor à velhice sempre foi uma constante. No livro *Amor em tempo de cólera*, Gabriel Garcia Marquez⁴ (1985) indica que a velhice se aproxima da morte, deixando a mesma de ser uma possibilidade para ser uma realidade próxima.

Porém, essa imagem difundida pela oralidade ou pela palavra impressa não encontra ressonância no cotidiano da cultura ocidental. O esplendor, a realização, a plenitude não conseguem ultrapassar a fronteira dos 30 anos, sendo atributo exclusivo dos jovens saudáveis e bonitos. O padrão predominante, caracterizado por Coelho Filho (2016), é o de que o idoso e a velhice estão associados à incapacidade, àquilo que não mais presta e que vai sendo superado. Ou seja, é cruel e não permite que qualquer transgressão trazida pela passagem dos anos se estampe nos rostos, nas mãos, no olhar. A juventude e a beleza, segundo essa visão, são infinitas: há sempre outro corpo perfeito, rostos deslumbrantes para substituir outros já com sinais de velhice, ali ou acolá. Somos deuses e semideuses durante uma década – com sorte, um pouco mais.

Featherstone (1998, p. 6) afirma que:

Como as pessoas reagem às imagens do envelhecimento? Por exemplo, que sentimentos afloram quando vemos um retrato de alguém muito velho, com o rosto muito enrugado? Sentimos admiração ou repugnância? Quando olhamos o corpo humano, a sua aparência, temos uma série de dilemas de interpretação sobre os códigos que as pessoas normalmente usam para enxergá-lo. O corpo não é uma entidade sem problemas, não é visto com precisão. Ele é percebido através de códigos culturais que estruturam nossa percepção, gosto, enfim, nossa reação a ele. Perguntamo-nos, então, ao observar essa pessoa muito envelhecida; esta imagem que observo é ou não é de bom gosto? Será que essa pessoa prefere não se olhar no espelho? Talvez, ela tenha sido alguém muito atraente há 80 anos atrás e gostasse de

³ Grifo dos autores: Nascimento, Ramos (2011).

⁴ MÁRQUEZ, G. G. **Amor em tempo de cólera**. Bogotá: Oveja Negra, 1985.

sua aparência. Será que ela agora acha que seu corpo a traiu, que seu rosto é uma máscara sobre si mesma? Será que ela tem um ser jovem dentro de si e tem uma mentalidade de 15 anos, trancada num corpo velho? Há uma série de perguntas interessantes para se fazer sobre o envelhecimento do corpo e sobre as mudanças que como ele ocorrem, dentro da cultura do consumo.

As reflexões sobre o processo de envelhecimento, em sua relação com a aparência, corpo e juventude foram o tema da aceitação neste período; o mais difícil é aceitar para si mesmo que não se pode encarar-lo sempre sob o mesmo prisma. É difícil se aceitar velho. A velhice tornou-se sinônimo de degradação física e psíquica, e, simultaneamente, antônimo de vida, de realização, de prazer.

Mascaro (2004), ao refletir sobre o processo de velhice e envelhecimento, cita uma dualidade – o interesse e a rejeição -, pois, segundo o mesmo, a velhice está ligada à situação de abandono, exclusão, desprezo e ausência dos papéis sociais; o envelhecimento está atrelado ao ponto de vista biológico, que nos remete a tomar consciência da nossa finitude, que o fim está próximo e que nos traz uma angústia.

Conforme explicita Santos *et al* (2007 apud LIMA, 2011, p. 19):

A exclusão social responde a um sistema dinâmico de interesses diversos, no qual indivíduos organizados em torno de consciência, poder e interesses comuns dominam os demais. No Brasil, a exclusão dos idosos é orquestrada pela lógica da distância etária, que produz a crença de que eles são incompetentes para o trabalho, desatualizados, improdutivos e dependentes. A principal motivação para a discriminação dos idosos é de ordem econômica: por não serem capazes de garantir os mesmos direitos aos idosos e aos membros produtivos, as sociedades atribuem aos primeiros, características indesejáveis, como lentidão, confusão mental, incompetência, desatualização, dependência e improdutividade.

Dialogando com a citação acima, entendemos que a exclusão social em torno dos idosos está em todos os lugares. Porém, o direito de continuar produzindo é inalienável. Não podemos esquecer que o conjunto da população está envelhecendo. As regras apontadas por Santos (2007 apud LIMA, 2011) e que embasam as condutas vigentes e o preconceito precisam mudar.

Com a população mundial envelhecendo, se faz necessário criar políticas públicas para os idosos, no sentido de que os mesmos possam participar de programas, projetos e ações voltados para uma melhor qualidade de vida, inclusive, no que diz respeito ao processo de aprendizagem na terceira idade.

Vale salientar que o processo de aprendizagem se faz presente em todo o período do desenvolvimento humano, principalmente, no que se refere à questão de que estamos sempre aprendendo em todos os momentos da nossa vida, e que essa aprendizagem só é finalizada quando chegamos ao fim da nossa existência.

Entretanto, assistimos que, em muitos momentos, a população idosa se vê fora do contexto, não apenas sendo excluída do mercado de trabalho, mas também de se vê distante de usar as novas tecnologias. Nesse sentido, Peixoto e Clavairolle (2005, p. 57) apontam que:

As “novas tecnologias” sempre estiveram associadas à modernidade e, portanto, ao novo/recente/juventude, contrastando com o velho/antigo/velhice. No imaginário social, tudo acontece como se existisse uma incompatibilidade entre novidade e velhice. Vários estudos sobre o desenvolvimento das situações de interação entre pessoas de mais idade e objetos tecnológicos – em termos de necessidades e adaptações – têm analisado o lugar simbólico que ocupa a idade no discurso sobre o uso das novas tecnologias.

Estamos sempre a aprender alguma coisa, seja em maior e/ou menor escala. E, com o advento do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação – TIC, nos dias atuais, a população denominada terceira idade se vê como indivíduos que estão a se apropriar desse novo conhecimento; se bem que não tão novo assim.

O Tratado de Bolonha⁵ nos convida a participar de uma sociedade voltada para o conhecimento, onde todos possam se fazer presentes dentro do mundo acadêmico, independentemente de faixa etária e condição social. Ressalta ainda que existe a necessidade de que os sujeitos se sintam preparados para o mundo, que, a cada dia, se torna tecnologicamente mais desenvolvido.

É nesse contexto que o uso das TIC no cotidiano das pessoas nos proporciona a possibilidade de enveredar pelos mais diversos caminhos. Diante disso, a população idosa vislumbra uma nova aprendizagem, de não apenas saber manusear uma ferramenta, mas o de se apropriar de um novo conhecimento, que traz em seu bojo a possibilidade de aprendizagem,

⁵ A declaração de Bolonha, elaborada em 1999 por 28 países da União Européia e, hoje, já assinada por 45 países, entre membros e não membros, foi implantada em 2010. Um projeto claramente voltado para o mercado, sem tentativa de mascaramento ou sutilezas no texto, definindo-se como “chave para promover a mobilidade e empregabilidade dos cidadãos”.

O processo se caracteriza como uma política pública que unifica o sistema educacional dos países participantes. Criando um sistema homogêneo, que visa às necessidades do mercado, tendo como foco principal o modelo norte-americano. As conferências foram sendo realizadas desde 1999, definindo o caráter do sistema, podendo ser equiparado ao modelo de empresas transnacionais; convergir o sistema educacional para divergir no mercado dentro das diferentes realidades nacionais, criando maior competitividade (ARIANO, 2018).

bem como uma maior interação com um mundo vasto e que se descortina à sua frente, como dantes nunca visto.

Habitamos um mundo onde os espaços se tornam cada vez mais contraditórios, no sentido de que, a todo o momento, estamos a nos reinventar. Como bem diz o poeta e cantor Raul Seixas, em sua canção *Metamorfose ambulante*⁶, que traz nos seus versos o seguinte trecho: “Prefiro ser essa metamorfose ambulante [...] Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo [...] Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes [...] Sobre o que é o amor. Sobre o que eu nem sei quem sou [...]. É chato chegar a um objetivo num instante. Eu quero viver essa metamorfose ambulante. Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”.

Ao analisar o trecho da canção acima, é possível considerar que a população idosa, hoje, se encontra diante de um mundo em contínua mudança, e, para não ficar fora do contexto, a mesma sente-se impulsionada a caminhar a passos largos, em uma constante mutação. Não é possível parar no tempo e nem no espaço. Isto se aplica, claramente, a essa população que está a envelhecer.

As reflexões até o momento realizadas sobre o processo de navegação da aprendizagem na terceira idade, através do uso das TIC como inovação pedagógica, se dá a partir da minha curiosidade em saber como a população idosa se vê dentro desse processo. Para mim, é um verdadeiro desafio adentrar nessa seara, haja vista que existe a possibilidade de conhecer uma nova cultura, que se descortina diante dos meus olhos e que me chama para dentro das suas entranhas. Ao mesmo tempo em que me percebo a envelhecer, que não faço mais parte da parcela considerada jovem.

A escolha de uma elaboração de tese se afirma a partir de:

- Após ter enveredado, na minha dissertação de mestrado, no estudo do uso das TIC na inclusão sociolaborativa pelas Pessoas com Necessidades Especiais - PNE, na qual foi realizada uma pesquisa de base qualitativa e de cunho etnográfico, onde a instituição pesquisada foi a Casa da Esperança, que abriga em suas dependências alunos com diversos tipos de deficiências.

⁶ Nos anos 70 do século XX, o poeta e cantor brasileiro Raul Seixas, compôs *Metamorfose ambulante*, que nos dá a possibilidade de romper com o velho, com a opinião formada sobre tudo. O que importa é uma mudança constante, que busca, na sua essência, uma ação libertadora. Para o cantor, a metamorfose é algo natural no ser humano, pois o mesmo é capaz de pensar, refletir, compreender, além de ser um indivíduo que busca sua própria criticidade. Disponível em: <http://www.memoriasindical.com.br/lermais_materiais.php?cd_materiais=755>. Acesso em 18.08.2017.

Foram entrevistados 10 alunos, que participaram de uma entrevista de forma muito satisfatória. Ressalte-se que, apesar das limitações dos alunos, os mesmos conseguiam utilizar as TIC de forma a atender suas necessidades básicas, já que o acesso e a utilização da Internet e outras modalidades em que estão atreladas as ferramentas tecnológicas contribuem para desenvolver competências e construir o conhecimento desejado. O uso do diário de bordo foi de grande valia para um melhor entendimento do estudo. Assim, foi percebida a possibilidade de seguir com um novo estudo, um novo desafio, no intuito de valorizar a aprendizagem em todos os sentidos do desenvolvimento humano;

- A busca pelo processo de aprendizagem na terceira idade se deu a partir da observação cotidiana, na qual foi possível constatar a existência de pessoas idosas que utilizam as novas tecnologias com muita propriedade, enquanto que a maioria ainda não domina ou não sabe como utilizá-las, tendo muita dificuldade em se apropriar de algo que está cada vez mais inserido no dia a dia das pessoas;
- Entender que o processo de aprendizagem é uma construção coletiva, no qual cada sujeito é responsável pelo sucesso de todos. Faz-se necessário que todos se sintam corresponsáveis pelo sucesso de uma aprendizagem efetiva e ativa, em que a participação de cada indivíduo seja, realmente, a de colaborar com a vontade de aprender;
- Perceber que o uso das TIC se faz presente em todos os momentos da vida, seja em menor ou maior escala. Os avanços e as dificuldades que encontramos no uso das novas tecnologias se fazem presentes no dia a dia das pessoas e na terceira idade isso se torna, muitas vezes, um desafio.

O processo de construção do conhecimento se dá desde o nosso nascimento até a nossa finitude. Estamos sempre em busca de novas aprendizagens. Isso também se aplica à terceira idade, haja vista que envelhecer é algo que deve ser estudado em toda a sua importância e essência, bem como não se deve menosprezá-lo, já que todos nós um dia poderemos envelhecer.

Aprender é um “Mar sem fim”⁷, onde se descortinam as mais diversas possibilidades, no intuito de que aprender é uma viagem ao mundo da curiosidade, da inquietude e do descobrimento. Ou seja, uma viagem além da imaginação e sem retorno ao

⁷ KLINK, A. **Mar sem fim**: 360° ao redor da Antártida. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

mesmo ponto de partida. É como bem diz um velho provérbio chinês: “um rio nunca passa pelo mesmo lugar duas vezes”⁸.

A educação tem papel primordial na formação de um cidadão mais consciente, já que é possível através da mesma, modificar hábitos até então existentes, sempre na busca por uma melhor qualidade de vida. Quanto maior for o nível de escolaridade da população, melhor será o índice de educação e de saúde, pois uma sociedade mais instruída previne-se melhor de doenças, valorizando, assim, a prevenção, ao mesmo tempo em que a possibilidade de aprender cada vez mais favorece um indivíduo mais consciente de si e do seu ambiente.

É possível chegar à velhice com uma boa qualidade de vida, desde que seja possível sempre praticar hábitos alimentares saudáveis, praticar, regularmente, exercícios físicos, exercer funções em que seja possível sempre estar motivado, ao mesmo tempo em que a aprendizagem possa estar presente também na vida dessa população.

No convívio de uma vida coletiva, reconhecemos a existência de conflitos interpessoais e grupais entre todas as pessoas, principalmente entre a população idosa e os mais jovens. Há um choque entre as gerações. É preciso produzir comportamentos mais responsáveis e solidários, valorizando as ações e os conhecimentos de cada um, para que seja possível uma convivência harmônica e pacífica, apesar das diferenças.

Segundo dados colhidos através de artigo da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República do Brasil (2017, p. 1),

Uma das maiores conquistas culturais de um povo em seu processo de humanização é o envelhecimento de sua população, refletindo uma melhoria das condições de vida. De acordo com projeções das Nações Unidas (Fundo de Populações) “uma em cada 9 pessoas no mundo tem 60 anos ou mais, e estima-se um crescimento para 1 em cada 5 por volta de 2050”. [...] em 2050, pela primeira vez, haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos. Em 2012, 810 milhões de pessoas têm 60 anos ou mais, constituindo 11,5% da população global. Projeta-se que esse número alcance 1 bilhão em menos de dez anos e mais que duplique em 2050, alcançando 2 bilhões de pessoas ou 22% da população global.

Verifica-se que a tendência mundial é de envelhecimento da população, principalmente nos países desenvolvidos, já que indica uma melhoria significativa do

⁸ Provérbio popular chinês de domínio público.

prolongamento da vida nesses lugares. Porém, vale ressaltar que em países em desenvolvimento e países pobres o número de crianças, adolescentes e jovens supera e muito o número de idosos⁹.

A tendência de envelhecimento da população brasileira cristalizou-se mais uma vez na nova pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Os idosos – pessoas com mais de 60 anos – somam 23,5 milhões dos brasileiros, mais que o dobro do registrado em 1991, quando a faixa etária contabilizava 10,7 milhões de pessoas. Na comparação entre 2009 (última pesquisa divulgada) e 2011, o grupo aumentou 7,6%, ou seja, mais 1,8 milhão de pessoas. Há dois anos, eram 21,7 milhões de pessoas¹⁰.

No ano de 1991, as Nações Unidas lançaram uma Carta de Princípios para as Pessoas Idosas, que inclui a independência, participação, assistência, autorrealização e dignidade das pessoas idosas. Ainda que esses instrumentos legais sejam construídos, divulgados e executados em diferentes níveis temporais e de intensidade, uma nova concepção do processo de envelhecimento vem sendo incorporada socialmente¹¹.

No Brasil, tivemos alguns marcos regulatórios que vieram colaborar para o processo de amadurecimento sobre a questão do envelhecimento; são as seguintes: a Constituição Federal de 1988 e a Política Nacional do Idoso, estabelecida em 1994 (Lei 8.842). É possível ressaltar programas de benefícios que foram implantados nos anos 90 do século passado e que tiveram sua ampliação de forma significativa, através do Programa Bolsa Família (2004), com uma cobertura social que atende, com pelo menos um benefício, 8 em cada 10 pessoas idosas no Brasil¹².

Para a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República do Brasil (2017), nos últimos anos, as instituições governamentais brasileiras, organismos da sociedade civil e movimentos sociais conquistaram uma gama de leis, decretos, propostas e medidas que estabelecem direitos voltados para a pessoa idosa, referenciados pelas diretrizes internacionais (Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento). Contabilizam-se conquistas democráticas importantes, como a criação do Conselho Nacional dos Direitos do Idoso – CNDI,

⁹ SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DO BRASIL. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil**. P. 1-9. Disponível em: www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadosobreoenvelhementonoBrasil.pdf. Acesso em: 17.04.2017.

¹⁰ Ibid.

¹¹ Ibid.

¹² Ibid.

em 2002, e a elaboração e publicação do Estatuto do Idoso, em 2003, que regulamenta os direitos das pessoas com idade igual ou superior a 60 anos.

Ressalte-se ainda que, entre o período de 2006 a 2011, foram realizadas três Conferências Nacionais de Direitos da Pessoa Idosa no Brasil, que contaram, de forma progressiva, com uma expressiva participação da sociedade civil e do governo (SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DO BRASIL, 2017).

Conforme artigo publicado pela Organização das Nações Unidas – ONU, no dia 04.04.2017, a instituição estima que, no período compreendido entre 2015 e 2050, a população com mais de 65 anos na Europa irá aumentar de 23% para 28%. Na América do Norte, o percentual correspondente subirá de 18% para 23%. Até 2050, Ásia, América Latina, Caribe e Oceania terão mais de 18% de sua população com mais de 65 anos (ONU, 2017a).

A ONU (2017a) assevera que, nas sociedades com populações mais idosas, os mecanismos de proteção social, os sistemas de pensão, estão sendo ajustados e fortalecidos. A participação das mulheres na força de trabalho está tendo um maior apoio. Alguns países estão ampliando a idade para aposentadoria, por conta de uma melhor qualidade de vida da população.

Vale lembrar que o Brasil passa por um processo semelhante, já que o governo federal tenta levar ao Congresso Nacional um projeto de lei para votar a reforma da previdência alegando uma possível quebra se a mesma não for ajustada de acordo com os estudos do próprio governo.

O vice-secretário-geral para Assuntos Econômicos e Sociais da ONU, Wu Hongbo, na abertura da 50ª reunião anual da Comissão sobre População e Desenvolvimento, afirmou que “o envelhecimento e o declínio populacional tornaram-se agora questões centrais para um crescente número de Estados-membros” (ONU, 2017a, p. 01).

A ONU (2017b) declarou que, nas próximas décadas, a população mundial com mais de 60 anos vai passar dos atuais 841 milhões para 2 bilhões até 2050, tornando as doenças crônicas e o bem-estar da terceira idade novos desafios de saúde pública global.

Ainda de acordo com ONU (2017b, p. 1), “em 2020, teremos, pela primeira vez na história, o número de pessoas com mais de 60 anos maior que o de crianças até cinco anos”; a

Organização Mundial de Saúde – OMS, em uma série sobre saúde e envelhecimento, na revista médica *The Lancet*, reportou que 80% dos idosos viverão em países de baixa e média renda.

É possível perceber que os níveis decrescentes de fertilidade, aumento da migração internacional, desenvolvimento de novos medicamentos e também de tecnologias favoreceram o aumento da população idosa. Entretanto, são necessários estudos mais aprofundados para tratar a questão do envelhecimento populacional, de forma clara, concisa e com responsabilidade. De nada adianta fechar os olhos para essa população, muito pelo contrário, é preciso estar atento a esse novo filão, que se apresenta com todo o seu esplendor para a sociedade.

A Lei nº 10.741/03, que trata do Estatuto do Idoso, em seu Capítulo V, refere-se à educação, esporte e lazer.

Art. 21. O poder público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados.

§1º Os cursos especiais para idosos incluirão conteúdo relativo às técnicas de comunicação, computação e demais avanços tecnológicos, para sua integração à vida moderna.

§ 2º Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais.

Art. 22. Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria (BRASIL, ESTATUTO DO IDOSO, 2013, p. 16).

Dialogando com a citação acima, entendemos que a cidadania tem de ser compreendida como uma participação que se faz efetiva na sociedade, no intuito de exercer direitos e deveres no dia a dia, e isso inclui a população idosa dentro desse contexto, já que essa cidadania é considerada como algo político, no qual todos, sem distinção de sexo, raça, ideologias e/ou religiões, devam ser contemplados em toda a sua essência. O exercício pleno da cidadania deve estar presente desde a mais tenra idade até o fim da nossa vida, em que a mesma seja acessível a todos, sejam eles crianças, jovens, mulheres e homens adultos e idosos.

O crescimento da população de idosos, em números absolutos e relativos, é um fenômeno mundial e está ocorrendo em um nível sem precedentes. Em 1950, eram cerca de 204 milhões de idosos no mundo e, já em 1998, quase cinco décadas depois, este contingente alcançava 579 milhões de pessoas, um crescimento de quase 8 milhões de pessoas idosas por ano. As projeções indicam que, em 2050, a população idosa será de 1 900 milhão de pessoas, montante equivalente à população infantil de 0 a 14 anos de idade (ANDREWS, 2000, p. 247).

A população idosa cresce de forma exponencial, em todo o mundo. Não é um fenômeno isolado. Está a acontecer em todos os países e isso não é privilégio apenas do Brasil, que aponta índices muito grandes de envelhecimento. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2008, p. 14) aponta que:

Segundo o Censo 2000, a população de 60 anos ou mais de idade, no Brasil, era de 14.536.029 de pessoas, contra 10.722.705, em 1991. O peso relativo da população idosa no início da década representava 7,3%, enquanto que, em 2000, essa proporção atingia 8,6%. Nesse período, por conseguinte, o número de idosos aumentou em quase 4 milhões de pessoas, fruto do crescimento vegetativo e do aumento gradual da esperança média de vida. Trata-se, certamente, de um conjunto bastante elevado de pessoas, com tendência de crescimento nos próximos anos.

Entende-se que o fenômeno do envelhecimento da população é algo que sempre aconteceu e continuará a acontecer no desenvolvimento humano. Entretanto, é possível que, com o aumento da longevidade, de novos remédios, entre outros, a população idosa comece a despontar como um fato novo na sociedade e que carrega consigo mudanças significativas, em áreas como lazer, moradia, saúde, assistência social; o que se faz refletir nas políticas públicas, que devem investir em programas que incluam essa população, que busca, em muitos momentos, novas formas de aprendizagens.

Um cenário dessa natureza nos permite indagar como questão maior: “Existe inovação pedagógica na aprendizagem da terceira idade, através do uso das TIC, na Universidade Sem Fronteiras”?

Como objetivo geral, o estudo se propôs a investigar a existência de inovação pedagógica na aprendizagem dos discentes da terceira idade, através do uso das TIC na UNISF.

Como objetivos específicos, procuramos: 1) caracterizar o histórico da terceira idade ao longo do desenvolvimento humano, levando em conta seus aspectos físicos, psicológicos, culturais, sociais e motivacionais na qualidade de vida dessa população; 2) identificar a condução da aprendizagem na terceira idade, através das TIC e sua contribuição para a inclusão da mesma no mundo; 3) verificar como se dá a aprendizagem em ambientes não formais; e, por fim, 4) identificar como a instituição conduz o processo de aprendizagem para a terceira idade.

Apoiado nesses objetivos, defendo a tese de que o processo de aprendizagem em um ambiente não formal, como a Universidade Sem Fronteiras – UNISF, ao longo de seu

processo histórico, constitui-se em um ambiente inovador, que colabora para que a construção do conhecimento se dê de forma que o sujeito da terceira idade se sinta o protagonista da sua aprendizagem.

Para atingir os objetivos acima descritos, usamos dados que ajudam a compreender a visão da aprendizagem na terceira idade. Foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, definindo os conceitos explicativos do tema em questão.

Para tanto, tomou-se como revisão de literatura a visão de diversos e renomados especialistas, como: Beauvoir (1990), Correia (2011), Delors (1999), De Masi (2000), Fino (2007, 2008a, 2008b, 2010, 2011), Moragas (1997), Néri (1995), Nóvoa (1992, 1995), Papert (1980, 1996, 2008), entre outros especialistas. A metodologia utilizada foi utilizar um texto dissertativo, levando em conta o ponto de vista dos mais diversos autores.

Com o intuito de alcançar os objetivos firmados, optou-se por uma lógica de exposição de conceitos, ideias, contextualizando, sob a égide da revisão de literatura acerca do tema da terceira idade, complementada por uma pesquisa de campo, desenvolvida na UNISF.

Quanto ao percurso metodológico, decidi pela concepção de observação participante, ao mesmo tempo utilizando o uso do diário de bordo (APÊNDICE 5) como ferramenta para uma melhor estruturação da pesquisa, além de conversas informais, que foram de grande relevância.

Esta tese foi organizada e estruturada da seguinte maneira:

- Introdução: compreende a apresentação do trabalho, o problema, os objetivos, destacando a justificativa do porquê da escolha do tema, alguns referenciais teóricos e o escopo do trabalho;
- Capítulo 1: aborda o envelhecimento e seus aspectos, na qual são elencados conceitos, histórico, aspectos físicos, psicológicos, culturais, sociais e motivacionais; ressalta também a legislação e os marcos regulatórios na terceira idade;
- Capítulo 2: versa sobre a questão da educação, escolarização e TIC; são apresentados: o processo de aprendizagem ao longo da vida; a condução da aprendizagem na terceira idade através do uso das TIC, bem como se dá a inclusão dos idosos no mundo das TIC; assevera ainda sobre os ambientes não formais e as universidades abertas para a terceira idade; e, por fim, o conceito e características sobre inovação pedagógica;

- Capítulo 3: trata dos procedimentos metodológicos, como: tipo, *locus* e histórico da instituição pesquisada, sujeitos e caracterização dos participantes, instrumentos usados na coleta de dados, procedimentos para participação da pesquisa, e os procedimentos para identificação, categorização e análise dos dados;
- Capítulo 4: apresenta análise de resultados através de quadros temáticos sobre a visão do processo de aprendizagem na terceira idade, na Universidade Sem Fronteiras;
- Considerações finais: encerram esta tese e indicam algumas sugestões para um melhor enquadramento do processo de aprendizagem ao longo da vida. Ao fim, são identificadas as referências, apêndices, anexos e fotos.

Agora, convido você leitor, a navegar pela construção do conhecimento ao longo desta tese e que a mesma possa contribuir para o seu aprendizado sobre a terceira idade e sua inserção no mundo das TIC.

CAPÍTULO 1 – ENVELHECIMENTO E SEUS ASPECTOS

“Reinauguração”

“Nossa idade – velho ou moço – pouco importa. Importa é nos sentirmos vivos e alvoroçados mais uma vez, e revestidos de beleza, a exata beleza que vem dos gestos espontâneos e do profundo instinto de subsistir enquanto as coisas em redor se derretem e somem como nuvens errantes no universo estável. Prossequimos. Reinauguramos. Abrimos olhos gulosos a um sol diferente que nos acorda para os descobrimentos. Esta é a magia do tempo. Esta é a colheita particular que se exprime no cálido abraço e no beijo comungante, no acreditar na vida e na doação de vivê-la em perpétua procura e perpétua criação. E já não somos apenas finitos e sós”.

Carlos Drummond de Andrade

No Brasil, os estudos sobre envelhecimento, de acordo com o banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior – Capes¹³ –, nos permitem visualizar que o processo de envelhecimento humano é o período do ciclo vital da vida que só há pouco tempo tem merecido destaque, através de estudos acadêmicos, bem como pelo impacto causado na economia.

Em pesquisa realizada no catálogo de Teses & Dissertações da Capes¹⁴ (ANEXO 2), foi encontrada a seguinte condição: no período compreendido entre os anos de 2014 e 2016, apenas sete teses foram catalogadas, todas elas voltadas para a área de educação. Do total pesquisado, seis foram produzidas na região Sul e uma na região Sudeste do país. É necessário informar que as palavras-chave que serviram de busca foram: idoso, aprendizagem e TIC.

Ressalte-se que existem muitas pesquisas de teses e dissertações nos bancos da Capes. Entretanto, a grande maioria do que se encontra lá está voltada mais para a área da saúde. Salientamos que as regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte do país não possuem pesquisas na

¹³ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes tem como atribuições a avaliação da pós-graduação *stricto sensu*, acesso e divulgação da produção científica, investimentos na formação de especialistas de alto nível e promoção da cooperação científica internacional. Pesquisadores e especialistas de todas as áreas têm no intercâmbio internacional a possibilidade de melhorar sua qualificação e contribuir para a educação de seus países. Por meio da Capes, vários países têm acordo de cooperação internacional com o Brasil, entre eles Alemanha, Argentina, Chile, China, Cuba, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Portugal, Timor Leste e Uruguai (BRASIL, 2017, p. 1).

¹⁴ Pesquisa realizada em 11.01.2018, através do site: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>.

área de educação para o público idoso, no período pesquisado. De acordo com Paiva (1986, p. 15),

As primeiras investigações relacionavam-se basicamente às modificações fisiológicas e perdas de sistemas vitais do organismo, que ocorriam à medida em que o indivíduo envelhecia e atingia os anos de senescência. Datam do início dos anos 20 as primeiras pesquisas e observações sobre *Psicologia do envelhecimento humano*.

Conforme citação da autora acima, os estudos relacionados à velhice sempre estiveram ligados à área de saúde. Os impactos causados nessa população na área econômica são recentes, já que a mesma contribui de forma favorável e efetiva nesse momento de crise de desemprego, pelo qual passa a família do idoso. Sendo sua aposentadoria, na maioria das vezes, o único meio de sobrevivência da família. A velhice sempre foi associada a limitações e deficiências, sejam elas físicas, psicológicas e financeiras.

Conforme apresentado acima, Paiva (1986, p. 16) assevera que:

Talvez por isso sejam encarados como um período extraordinário da vida, aparecendo muitas vezes como objeto da Psicologia do Excepcional, e não do desenvolvimento humano natural. Por exemplo, Telford e Sawrey (1976) dedicam o último capítulo do seu livro – O Indivíduo Excepcional – aos anos da Velhice, após terem descrito detalhadamente as características dos deficientes visuais e auditivos, dos retardados mentais, dos superdotados, enfim, daqueles que fogem de uma suposta norma estabelecida para o comportamento. A velhice, nesse caso, é vista como um período atípico, deficitário e pouco produtivo do ponto de vista comportamental.

Ao se abordar o envelhecimento, está se falando de algo muito mais vasto do que a parte final da vida. Estamos falando de um processo contínuo, que corresponde a toda existência do ser humano. Para Néri & Freire (2000, p. 81),

O processo do envelhecimento por ser lento e gradativo, que ocorre em diferentes ritmos para diferentes pessoas e grupos, atua sobre essas pessoas e grupos conforme as influências genéticas, sociais, históricas e psicológicas do curso de vida. É, porém, universal, isto é, ocorre em todos os seres humanos.

A velhice é vista e vivida de forma diferenciada por cada ser humano e por cada sociedade. Para alguns, é sinônimo de sabedoria, experiência, já, para outros, é sinal de degeneração, de finitude, de doenças, daquilo que não serve mais para nada.

O aumento do número de idosos é um dos fenômenos que mais se evidencia na sociedade atual. Tal acontecimento se dá através de uma série de fatores, dentre os quais se

destacam os avanços da ciência, que possibilitaram o desenvolvimento de recursos que contribuíram para o aumento da longevidade, favorecendo o controle de patologias, técnicas cirúrgicas mais sofisticadas e eficientes, além de diagnósticos mais precisos.

Segundo os autores Boligian e Alves (2004, p. 377),

Para ter a ideia da velocidade das transformações em relação à população idosa, basta observar que, na década de 1940, a expectativa de vida do brasileiro não ultrapassava os 46 anos. Na década de 1960, a expectativa encontrava-se na casa dos 52 anos. Já para a década de 2000 uma expectativa de vida de 74 anos. Essa evolução mostra que um número cada vez maior de brasileiros atinge a velhice [...].

A citação acima evoca inúmeras consequências. À primeira vista, é a confirmação de que nascem cada vez menos pessoas, resultado de campanhas de controle de natalidade ou do maior acesso do público a informações relativas a métodos contraceptivos. Na outra ponta da pirâmide etária, um número cada vez maior de pessoas que atingem idades avançadas, graças aos progressos da medicina e ao estímulo à manutenção de hábitos mais saudáveis.

Entretanto, é grande a preocupação com o envelhecimento em todas as regiões do globo, e principalmente no Brasil, pois todos conhecem as reais condições das pessoas idosas no país, a maioria condenada a viver com uma pensão irrisória¹⁵, ou sem pensão alguma, dependendo da ajuda de familiares ou entidades beneficentes.

O crescente aumento do número de idosos pode ser explicado pelo avanço científico e tecnológico, principalmente na área das ciências biológicas, permitindo um maior controle de doenças através de meios preventivos, como também de melhor tratamento e cura, contribuindo, assim, para a diminuição da mortalidade e, conseqüentemente, o aumento da expectativa de vida. Com isso, o número de pessoas que chega à velhice é cada vez maior, não só no Brasil, mas, também, em todo o mundo. Paiva (1986, p. 18) postula que:

No Brasil, o aumento do número de idosos varia com a classe social, estando diretamente ligado às condições socioeconômicas da população. Pode assim enquadrar-se tanto entre os países modernos, que oferecem condições de vida longa a uma parcela dos cidadãos, como entre os países mais pobres e atrasados, em que uma larga faixa da população não tem acesso ao conjunto de recursos decorrentes da modernização científica e tecnológica. Têm por isso expectativa de vida bem rebaixada.

Segundo dados do IBGE, a estimativa média de vida da população brasileira ainda não chegou à sexta década, para os homens e, mais particularmente no Nordeste,

¹⁵ É um valor mínimo, um valor que não exprime nenhuma importância, um valor que não expressa o valor real. Disponível em: <https://www.significados.com.br/irrisorio/>. Acesso em: 02.06.2017.

chega a ser de cerca de 53 anos de vida, idade esta que nos países com maior desenvolvimento social corresponde à faixa da meia-idade.

Dialogando com a citação acima, a conclusão que pode ser tirada é a seguinte: os brasileiros estão começando, agora, a atingir um nível de vida correspondente aos anos da velhice e, na região Nordeste, em média, esses mesmos sujeitos morrem antes de atingir a faixa etária de 53 anos de idade, conforme a autora. Pois as condições socioeconômicas da região são extremamente precárias, como: seca constante, baixo nível ou nenhum grau de escolaridade, índices de desnutrição, desemprego, entre outros. Vale ressaltar que a velhice ainda é vista através de estereótipos, como: pessoas que esquecem tudo, não aprendem nada de novo, executam mal algum tipo de atividade, não tem capacidade para o trabalho, são pessoas muito lentas, entre outros absurdos citados no dia a dia.

1.1- Conceituando envelhecimento, velhice, idoso e terceira idade

Ao falar sobre envelhecimento, velhice, idoso e terceira idade, é preciso levar em conta o que cada verbete representa como significado. Conforme postula o dicionário de Bueno (2007, p., 301, 418, 791 respectivamente),

Envelhecimento, s. m. Ato ou efeito de envelhecer.
Idoso, adj. e s.m. Velho; avançado em anos.
Velhice, s.f. Estado ou condição de velho; idade avançada.

Cada verbete acima descrito aponta para sinais de prejuízo, que indicam, de forma geral, um ser humano que está na sua finitude, algo decrépito, um lugar sem volta. Pinheiro Júnior (2017, p. 3) explicita que:

Para a Organização Mundial de Saúde – OMS, por exemplo, 65 anos é o limite inicial dessa fase, enquanto a Organização das Nações Unidas – ONU considera os 60 anos o marco dessa tênue fronteira. A classificação de uma pessoa como sendo velha, para Neri (1991, p. 79), começa de forma ambígua, com a questão cronológica a partir do nascimento, visto que “[...] idades funcionam como ‘relógios sociais’, estabelecendo agendas para o tempo e o ritmo esperados”. A autora, citando pesquisa realizada por Neri e Wagner (1985), também aponta a velhice como um “estado de espírito”, condicionada a fatores diversos, como personalidade, por exemplo. Como em quase todos os textos que se iniciam com a tentativa de definir velhice ou terceira idade, chegando ao final quase sempre como uma volta ao ponto de partida, embora de forma mais bem sustentada, em Neri isso também parece ocorrer.

Entende-se que não existe uma idade inicial para se considerar velho, já que organismos internacionais, como OMS e ONU, não chegaram a um acordo diante disso.

Segundo Santos (2010, p. 1036), o conceito de idoso é:

Diferenciado para países em desenvolvimento e para países desenvolvidos. Nos primeiros, são consideradas idosas aquelas pessoas com 60 anos e mais; nos segundos são idosas pessoas com 65 anos e mais. Essa definição foi estabelecida pela Organização das Nações Unidas, por meio da Resolução 39/125, durante a Primeira Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento da População, relacionando-se com a expectativa de vida ao nascer e com qualidade de vida que as nações propiciam aos seus cidadãos.

Conforme postula Camarano (2004, p. 6),

Idoso, em termos estritos, é aquele que tem “muita” idade. A definição de “muita” traz uma carga valorativa. Os valores que referendam esse juízo dependem de características específicas do ambiente onde os indivíduos vivem. Logo, a definição de idoso não diz respeito a um indivíduo isolado, mas à sociedade como um todo. Assumir que a idade cronológica é o critério universal de classificação para a categoria idoso é correr o risco de afirmar que indivíduos de diferentes lugares e diferentes épocas são homogêneos.

De acordo com as citações acima, é possível perceber que o conceito de idoso é mais do que a simples determinação de uma idade limite. É algo muito mais complexo e que apresenta três limitações. A primeira indica a heterogeneidade entre os sujeitos, tanto no espaço quanto no tempo, bem como grupos sociais, raça e cor; a segunda está atrelada às características biológicas, que são independentes das características culturais; e, por fim, a terceira à finalidade social do conceito do que seja idoso (CAMARANO, 2004).

Papaléo Netto (2002, p. 10) conceitua envelhecimento da seguinte forma:

O envelhecimento (processo), a velhice (fase da vida) e o velho ou idoso (resultado final) constituem um conjunto cujos componentes estão intimamente relacionados. [...] o envelhecimento é conceituado como um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte.

De acordo com Paillat (1986, apud COSTA, 2002, p. 37), “envelhecer é um processo dinâmico, habitualmente lento e progressivo, mas individual e variável, o que pode justificar a tendência para denominar os idosos como grupo heterogêneo”.

Beauvoir (1990) assevera que o envelhecimento está associado a uma dimensão existencial, onde todas as situações humanas se modificam ao longo do tempo, levando em

conta que as características biopsíquicas, sociais e culturais são também afetadas por essas mudanças, nessa fase do desenvolvimento humano, e é irremediável.

Temos acima visões de que o envelhecimento é irreversível, não é possível voltar no tempo e nem no espaço. Começa-se a envelhecer desde o nascimento até a morte do sujeito. Ou seja, envelhece-se ao longo da vida.

Vargas (1981) apresenta as teorias mais importantes sobre o processo de envelhecimento, de acordo com a aceitação científica. Segue abaixo o quadro com as respectivas teorias.

QUADRO 01 – DAS TEORIAS MAIS IMPORTANTES SOBRE O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO

TEORIAS	PROponentES	FUNDAMENTAÇÃO
1. Da autointoxicação	METCHNIKOV	A causa do envelhecimento do organismo humano, decorre dos produtos do metabolismo e da putrefação intestinal.
2. Do envelhecimento natural	CATEL E DE DU NOUY	Todos os órgãos têm uma lei de crescimento e outra de diminuição da atividade, na medida em que o tempo passa.
3. Celular	CHILD	Admite que o processo de envelhecimento ocorre, em consequência dos componentes celulares estarem ligados à sua carga elétrica, de modo particular aos íons negativos.
4. Endócrina	LORAND	Indica ser a causa mais importante do envelhecimento a exaustão das glândulas sexuais.
5. Capilarospatia Senil	BASTEI E DOGLIOTTI	Admite que os capilares da pele dos idosos apresentam um certo número de alterações degenerativas da mesma natureza dos capilares de todo o organismo.
6. Bioquímica	HARNA	A velhice é atribuída preferencialmente aos radicais livres e aos peróxidos endógenos, poisbo envelhecimento devido a alterações mais a nível celular que tecidual.
7. Programação Genética	BOURLIÈRE	A velhice seria consequente de acidentes geneticamente programados na cadeia dos ADN.
8. Do erro na síntese das proteínas	SCHOCK	O acúmulo de proteínas deficiente é considerado a fonte mais importante de deterioração da capacidade fisiológica das células.

Fonte: Vargas, 1981.

De acordo com Santos (2010, p. 1037), o conceito de velhice necessita ser:

Visualizado como a última fase do processo de envelhecer humano, pois a velhice não é um processo como o envelhecimento, é antes um estado que caracteriza a condição do ser humano idoso. O registro corporal é aquele que fornece as características do idoso: cabelos brancos, calvície, compressão da coluna vertebral, enrijecimento e tantos outros. No entanto estas características podem estar presentes sem, necessariamente, ser-se idoso, como ainda é possível ser idoso e através de plásticas, uso de cremes e ginásticas específicas, mascarar-se a idade. Torna-se, então, difícil fixar a idade para entrar na velhice, pois não dá para determinar a velhice pelas alterações corporais.

Papaléo Netto (2002) conceitua a velhice como a última fase do ciclo da vida, a qual é caracterizada pela redução da capacidade funcional, solidão, perdas psicológicas, motoras, afetivas e resistência às mudanças entre outras.

De acordo com Neri (2001 apud BIASUS, 2016, p. 56),

O termo velhice designa a última fase do ciclo vital que é delimitada por eventos de natureza múltipla, incluindo, por exemplo, perdas psicomotoras, afastamento social, entre outras mudanças. Na medida em que a longevidade se alonga, a velhice passa a comportar subdivisões que atendem a necessidades taxonômica da ciência e da vida social, conforme se observa, atualmente, as terminologias como velhice inicial, velhice e velhice avançada.

De Masi (2000) entende que o processo de velhice está associado a dois ou três anos que antecedem a morte do indivíduo e que, geralmente, tem como característica problemas físicos e psiquiátricos.

Debert (2004 apud MATOS, 2017, p. 4),

O termo Terceira Idade surgiu na França, a partir de 1962, em virtude da introdução de uma política de integração social da velhice visando à transformação da imagem das pessoas envelhecidas. Até então, o tratamento da velhice era pautado na exclusão social, tendo o asilo como seu principal símbolo. Terceira Idade é uma expressão que recentemente e com muita rapidez popularizou-se no vocabulário brasileiro. Seu uso corrente entre os pesquisadores interessados no estudo da velhice não é explicado pela referência a uma idade cronológica precisa, mas por ser essa uma forma de tratamento das pessoas de mais idade. Tal categoria não adquiriu ainda uma conotação depreciativa. A invenção da terceira idade é compreendida como fruto crescente de socialização da gestão da velhice, durante muito tempo considerada como própria da esfera privada e familiar, uma questão de previdência individual ou de associações filantrópicas, ela se transformou numa questão pública.

Palácios (2007) aponta que a terceira idade é o ponto culminante de uma linha inexistente, que, convencionalmente, foi instituída como condutora da vida. A mesma está posicionada, subsequentemente, a uma segunda idade, que compreende a maturidade e a primeira idade, que está atrelada à infância. A autora afirma que, mesmo sendo considerada uma etapa final da vida, o verbete terceira idade faz desaparecer vocábulos que, muitas vezes, fazem parte do dia a dia do sujeito, como velhice, envelhecimento, senilidade entre outros.

Pontarolo e Oliveira (2008, p. 116) afirmam que:

Na grande maioria dos países, o pagamento da aposentadoria começa aos 60 anos para mulheres e aos 65 para homens. Daí, sob o ponto de vista econômico, a velhice,

também chamada de Terceira Idade, inicia aos 60 anos. Sob o ponto de vista biológico, os geriatras dividem as idades em:

Primeira idade: de 0 a 20 anos;

Segunda idade: de 21 a 49 anos;

Terceira idade: de 50 a 77 anos;

Quarta idade: de 78 a 105 anos.

Há também uma outra classificação para os idosos em três ramos: idoso jovem, dos 66 aos 74 anos; idoso velho, dos 75 aos 85 anos; dos 86 em diante ocorre a manutenção pessoal.

De acordo com a citação acima, as autoras mostram que existem diversas maneiras de classificar a velhice, bem como sua indicação de forma econômica para começar a receber sua aposentadoria.

Assis (2004, p.11) conceitua da seguinte maneira:

O envelhecimento humano é um fato reconhecidamente heterogêneo, influenciado por aspectos socioculturais, políticos e econômicos, em interação dinâmica e permanente com a dimensão biológica e subjetiva dos indivíduos. Desta forma, a chegada da maturidade e a vivência da velhice podem significar realidades amplamente diferenciadas, da plenitude à decadência, da gratificação ao abandono, sobretudo, em presença de extremas disparidades sociais e regionais, como as que caracterizam o Brasil contemporâneo.

Entendemos que o envelhecimento ainda é visto como uma fase em que o declínio se faz presente, onde não existe em nenhum momento benefícios. Entretanto, Caldas *et al* (2003, p. 309) adverte que:

libertar-se do conceito do envelhecimento como uma fase de perdas é, ao menos, um processo extremamente doloroso, quando existe uma cultura dominante investindo numa visão de mundo na qual as pessoas idosas são incapazes e principalmente improdutivas. Reconhecer que ela é dominante é um primeiro passo para perceber, aceitar e dialogar com uma outra visão de mundo – a da velhice bem-sucedida, que deve não se concentrar na preparação dos profissionais da gerontologia, mas estender-se para todos, inclusive para aqueles que possuem uma consciência mais apurada desta realidade – os próprios idosos.

É notório que existe uma visão muito negativista do processo de envelhecimento, mas que, aos poucos, vem sendo modificada, e que vem dando vez e voz aos idosos. É claro que isso não acontece em todas as searas, mas o ato de envelhecer deve ser visto como uma fase também de alegrias, realizações e conquistas. Ferrari (1999, p. 198) assevera que:

[...] a velhice não pode ser definida pela simples cronologia e sim pelas condições físicas, funcionais, psicológicas e sociais das pessoas idosas. Há diferentes idades biológicas, subjetivas em indivíduos com a mesma idade cronológica; o que acontece é que o processo de envelhecimento é muito pessoal; ele constitui uma etapa da vida

com realidade própria e diferenciada das anteriores, limitada unicamente por condições objetivas externas e subjetivas. Possui certas limitações que com o passar do tempo vão se agravando, mas tem potencialidades únicas e distintas: serenidade, experiência, maturidade e perspectiva de vida pessoal e social. Portanto, a velhice é hoje considerada uma fase de desenvolvimento humano e não mais um período de perdas e incapacidades.

De acordo com os conceitos expostos acima, chegamos à conclusão de que não é tarefa simples e fácil conceituar os verbetes, já que o tema em si é bastante complexo e envolve uma série de dimensões, que fazem parte de um mundo tão vasto e diferente e que, ao mesmo tempo, os termos envelhecimento, idoso, velhice e terceira idade se confundem entre si.

1.2 – Histórico sobre envelhecimento, velhice, idoso e terceira idade

O envelhecimento sempre despertou uma preocupação no homem, pois sempre despertou medos e fantasias. Na sociedade moderna, vem recebendo um destaque maior, pois temos assistido a mesma envelhecer.

Conforme postula Beauvoir (1990), são poucos os documentos que trazem informações acerca da história dos idosos nas mais remotas civilizações. Sendo, muitas vezes, impossível descrever o processo histórico da população idosa na história da humanidade. A autora ainda aponta que existe outro agravante. A mesma indica que as informações que estão registradas são baseadas numa população idosa do sexo masculino e bem-sucedida, onde relatos de idosos carentes, bem como de mulheres idosas, fossem quase que totalmente negligenciadas ao longo da história da humanidade.

Segundo Ottoni (2012, p. 19),

Beauvoir (1990) faz um estudo mais completo das sociedades ocidentais, escolhendo, do Oriente, a China, devido ao valor com o qual essa civilização trata os idosos. Nesse país, os cargos mais elevados estavam nas mãos dos idosos, bem como a autoridade dentro da família, na qual o patriarca detinha todos os poderes. O filho mais novo deveria obedecer ao irmão mais velho, e as filhas mulheres eram suprimidas, podendo até serem vendidas como escravas. Quanto à idade, a data de 50 anos, para os chineses, era um período importante para o homem; mas, aos 70 anos, aqueles que ocupavam cargos deveriam deixá-los para se prepararem para a morte.

É interessante perceber que a sociedade chinesa, mesmo valorizando a velhice, em muitos momentos, apresenta-se como sendo machista e patriarcal, na qual a figura do mais idoso prevalece em detrimento dos outros, sendo detentor de poder para decidir sobre a vida dos seus familiares.

Dois personagens antigos que fazem parte da sociedade chinesa são elucidativos no trato da questão da velhice. São eles: Lao-Tsé e Confúcio. Lao-Tsé (604-531 a.C.). Eles veem a velhice como algo superior, um ser que, ao chegar aos 60 anos, se vê elevado à libertação e à santificação; já, para o filósofo Confúcio (551-479 a.C.), os mais novos deviam obediência aos mais velhos. Mesmo a mulher sendo subjugada na sociedade chinesa, a mesma tem prestígio perante aos mais jovens. Isso se dá devido à sabedoria adquirida ao longo dos anos (SANTOS, 2001).

Marco Túlio Cícero (1999) escreveu uma das obras mais importantes sobre o envelhecimento, que tem como título “De Senectude”, na qual relata os mais diversos problemas sobre o envelhecimento, como a redução da capacidade cognitiva, da dificuldade motora, das alterações sensoriais, da alteração da capacidade laboral, entre outros.

Beauvoir (1990, p. 114) afirma que o primeiro texto que registra algo sobre a população idosa no Ocidente foi relatado no ano de 2.500 a.C., no Egito, pelo filósofo e poeta Pthah-Hotep; este declara o seguinte:

Como é penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem e lhe é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem. Todos os seus ossos doem. As ocupações que até recentemente causavam prazer só se realizam com dificuldade, e o sentimento do paladar desaparece. A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem. O nariz entope e não se pode mais sentir nenhum odor.

Platão (1995), em sua obra *A República*, indica que Sócrates, em seus discursos na Grécia Antiga, fazia referência à velhice, afirmando que, para alguns, a mesma era um fardo pesado, já, para outros, o peso da idade já não seria sentido, pois estavam mais preparados e prudentes. Os idosos, nesse período, eram vistos como homens sábios e honrados. Porém, ressalta que o processo de longevidade era visto como um castigo dos deuses por outros.

Mínermo (630 a.C.) cantava os prazeres da juventude, porém tratava a velhice com ódio. Titon afirmava que a morte era melhor do que o envelhecimento. O poeta grego Homero que viveu na Grécia Antiga no período VIII a.C., assegurava que a sabedoria e a velhice eram eternas companheiras e estavam sempre juntas, mas que os deuses do Olimpo não comungavam dessa mesma afirmação (BEAUVOIR, 1990).

Platão e Aristóteles tinham visões diferentes quanto à velhice. Para Platão, somente os homens mais sábios e virtuosos estavam aptos a governarem. Para que isso ocorresse, os mesmos deveriam ter uma educação nas idades mais tenras e chegariam à plenitude aos 50 anos. Ainda para Platão, “os mais idosos devem mandar e os jovens obedecer” (BEAUVOIR, 1990, p. 135). Aristóteles entendia que o homem progredia até os 50 anos, mas que o corpo entrava em declínio, fazendo com que os idosos perdessem a segurança e o desempenho, além do que, a idade mencionada os tornava desconfiados, egoístas, frios e avessos às opiniões (BEAUVOIR, 1990).

Conforme postula Lara (1989), os egípcios demonstravam preocupação com o envelhecimento e deixaram escritos, através dos seus papiros, vários conselhos para transformarem um velho em um jovem. De acordo com os mesmos, para conseguir rejuvenescer, era necessário comer glândulas frescas de animais jovens.

Segundo Ottoni (2012, p. 20),

A Bíblia contém vários escritos que descrevem, na maioria das vezes, a longevidade como uma benção divina, e o idoso como um ser a ser respeitado pela sociedade. No livro de Provérbios 16:31, coloca-se: "os cabelos brancos são uma coroa de glória a quem se encontra no caminho da justiça". Em Levítico 19:32, é citada a frase "Levanta-se diante dos cabelos brancos; honra a pessoa do velho e teme a teu Deus. Eu sou o Senhor". Mas a Bíblia também apresenta, ainda que em menor quantidade, a velhice como um infortúnio para o homem, como é colocado em Eclesiastes 12:1 "Lembre-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias e cheguem os anos dos quais venhas a dizer: Não sinto neles contentamento".

Entendemos aqui que o tema velhice é muito controverso, já que não existem muitos documentos comprobatórios da história. Entretanto, Beauvoir (1990) desenvolve a tese de que, apesar de não existirem muitas evidências acerca do assunto, é possível afirmar que, em muitas sociedades, os idosos pobres eram assalariados. Isso fica claro na citação em que Beauvoir (1990, p. 139) refere-se à Roma Antiga: “É provável que os antigos romanos tivessem o hábito de se livrar dos velhos afogando-os [...]”.

Mesmo tendo poucas informações sobre os idosos nas mais diversas sociedades antigas, é possível perceber que os mesmos, na grande maioria das sociedades, eram desprezados em determinados momentos e, em outros, detinham poder e governança. Vale ressaltar que não existiam tantos idosos assim, já que o processo de longevidade só terá seu apogeu na sociedade moderna (BEAUVOIR, 1990).

Beauvoir (1990) aponta que, no caso da civilização romana antiga, a expectativa de vida ao nascer era de 18 anos, passando, posteriormente, para 25 anos no século XVII. Existia um alto índice de mortalidade infantil; para o nascimento de cada 100 crianças, 25 morriam antes de completarem um ano de idade. “Uma dezena apenas atingia 60 anos. Um octogenário – que a lenda transformava em centenário – era uma extraordinária exceção; era considerado um oráculo e a comunidade à qual pertencia o exibia com orgulho” (BEAUVOIR, 1990, p. 271).

Para Duarte (2016, p. 1), “o tempo médio de vida do ser humano era muito pequeno, devido às condições precárias de vida, à fragilidade diante das doenças e ao desconhecimento da etiologia das mesmas, como também eram presas fáceis dos predadores maiores”.

Inicia-se, com o passar do tempo, uma luta contra a morte, combatendo-se as doenças, sendo o grande desafio vencer o envelhecimento.

Então, dá-se certo cunho científico ao envelhecimento, destacando-se o desenvolvimento de métodos que evitassem a perda de calor, o que contribuiria para o prolongamento da vida.

Conhece-se através de relatos, como nos conta a história na Idade Antiga, de rituais em diversas culturas, como banhos de ervas e de leite para manter a pele branca, suave e jovem. Na Idade Média, com o surgimento dos alquimistas, se preocupavam em descobrir o elixir da longa vida, através de porções mágicas, a fim de buscar a imortalidade e a perfeição do ser humano.

Há alguns séculos atrás, o navegador espanhol Ponce de León enlouqueceu em sua exaustiva busca pela “Fonte da Juventude”. É uma utopia, pois se trata da busca da vida eterna em corpo jovem. A maioria dos povos sempre apelou para a fantasia quando procurava a fonte da juventude. Alguns pensaram encontrá-la em longínquas ilhas, outros em rios caudalosos, alguns em extratos especiais extraídos de testículos de cães, e outros ainda em ser a longevidade dependente de uma vida reta e disciplinada (DUARTE, 2016, p. 2).

Para Azpitarte (1995), a conquista dessa imortalidade será sempre, para o homem, um sonho irrealizável, por mais que a medicina e a tecnologia progridam. Uma vitória parcial sobre os mecanismos biológicos adiará, significativamente, para muitas pessoas, o momento definitivo.

De acordo com Duarte (2016, p. 2):

(...) em 1867 é escrito o primeiro trabalho científico sobre a velhice, escrita pelo médico francês Jean Martin Charcot, cuja obra é *Estudo Clínico sobre a Senilidade e*

Doenças Crônicas, a obra não tem a preocupação em estudar a imortalidade, trata apenas o envelhecimento como um processo com suas causas e consequências sobre o organismo.

Para Fogaça (2016, p. 1):

Tuckman e Lorge, em 1953, fizeram uma advertência a várias levas de pesquisadores, que parece ter sido ignorada, sobre atitudes em relação à velhice, um conjunto de crenças e opiniões sobre a predominância de predisposições negativas nos indivíduos e na sociedade. Em 1971, McTavish publicou uma importante revisão de pesquisas realizadas nas décadas de 50 e 60, que confirma essa predominância anteriormente citada. Uma privilegia o contexto sociocultural e a outra o individual, ou de subgrupos analíticos. A primeira que privilegia o contexto sociocultural considera como variável dependente o nível geral de considerações ou prestígio que o velho desfruta na sociedade, e como variáveis independentes fatores temporais, sociais e interculturais. No contexto individual, se privilegia a variável dependente, como os estereótipos estudados em função de variáveis psicológicas ou sociológicas (sexo, idade, escolaridade, autoritarismo, anomia¹⁶ e conservadorismo dos respondentes).

Conforme postula Néri & Freire (2000), nos anos de 1950, com o surgimento de uma nova área do conhecimento sobre o envelhecimento humano, a gerontologia procurou características positivas do envelhecimento, simbolizada pelo lema “acrescentar vida aos anos e não apenas anos à vida”, que permanece até os dias de hoje, especialmente nos estudos sobre qualidade de vida na velhice, bem-estar psicológico do idoso e envelhecimento bem-sucedido e/ou satisfatório.

Néri & Freire (2000) ainda apontam para a possibilidade de envelhecer com saúde; manter-se satisfeito, envolvido e ativo depende, em parte, de fatores genético-biológicos e, em parte, do contexto social, fatores sobre os quais não se tem controle.

Ao longo do processo histórico, tanto o envelhecimento quanto a morte vêm sendo tratados como uma constante histórica. Entretanto, Santos (2016) aponta que, ao se abordar o envelhecimento, está se falando de algo muito mais vasto do que a parte final da vida. Estamos falando de um processo contínuo que corresponde à toda a existência do ser humano.

Azpitarte (1995) assevera que a velhice não tem época, pois faz parte da história humana, e, por isso mesmo, tem sido objeto de reflexão a partir de diversas perspectivas: a religião, a medicina, as tradições, a literatura e a arte. Enquanto que, para Bueno (2007, p. 791),

¹⁶ Anomia é um estado sem regras pré-definidas, sem valores morais e éticos, no qual não há limites e que leva o indivíduo ao desespero, causado pelas intensas transformações que ocorrem no mundo contemporâneo (DURKHEIM, 1977).

velho é algo: antigo; com muito tempo de existência; gasto pelo uso; muito usado; que há muito possui certa quantidade ou exerce certa profissão; antiquado; homem idoso.

Diante dos contextos apresentados, é possível verificar que o termo velhice possui conceito demasiado flutuante e escorregadio para que se possa ter dele uma definição comum. Os termos empregados pelos diversos autores variam com demasiada frequência ou se referem a situações muito diferentes. Azpitarte (1995, p. 27) assevera que: “Até hoje, não se encontrou um denominador comum para a questão. A fronteira em uma idade cronológica ou a partir do momento da aposentadoria ganha-se em precisão, mas trata-se de uma opção que, raramente, corresponde àquilo que se deve entender por velhice ou ancianidade”.

Kastenbaun (1981, p.15) sugere:

(...) que podem ser reconhecidos três tipos de envelhecimento funcional: o biológico, o psicológico e o social. Podem-se atribuir a um mesmo indivíduo idades funcionais em cada uma dessas esferas, bem como uma idade funcional global, composta. Quanto mais essas três dimensões do desempenho do indivíduo lhe permitam adaptar-se satisfatoriamente, “menos velho” ele será. A maioria das pessoas tem mais de uma idade ao mesmo tempo.

Na literatura gerontológica, as distorções conceituais entre envelhecimento, velho e velhice são relativamente claras, devidamente contextualizadas por dimensões espaço-temporais, mas nada fácil discriminar essas distinções.

Para Santos (2016), existem vários conceitos, de acordo com a área de estudo. Dessa maneira, a geriatria, a psicologia, o serviço social, a terapia ocupacional, a fisioterapia, o jornalismo, o direito, a psicopedagogia, a educação, entre outras, terão respostas diferentes para a mesma pergunta.

Duarte (2016) confirma a variedade de conceitos e observa que, para se estudar e analisar o processo de envelhecimento, deve-se enquadrar o termo dentro das perspectivas histórica, sociológica, cultural, psicológica e educacional.

Néri & Freire (2000, p. 7) acrescentam:

(...) que para falar atualmente sobre as pessoas que já viveram mais tempo ou se encontram nesta fase da vida, antes designada apenas como velhice, amplia-se seu número de termos e dentre os mais comuns podemos lembrar: adulto, maduro, idoso, pessoa idosa, pessoa na meia-idade, maturidade, idade madura, maior idade, melhor idade, idade legal e, o mais comum, terceira idade.

França (2016) informa que a velhice é um processo pessoal, natural, indiscutível e inevitável, para qualquer ser humano, na evolução da vida. Ocorrendo sempre nessa fase, mudanças biológicas, fisiológicas, psicossociais, econômicas e políticas compõem o cotidiano das pessoas.

Para Fogaça (2016, p. 1):

A resposta a qualquer tipo de questão sobre velho e velhice depende de quem e de como ela é feita. Não existe uma resposta única porque o próprio fenômeno da velhice tem muitos significados contextualizados por fatores individuais, grupais e socioculturais. O conhecimento científico, também contextualizado por esses fatores, desempenha um papel fundamental na atribuição de significados a esses objetos à medida que justifica, explica, legitima determinadas práticas e atitudes em relação à velhice.

A velhice, em decorrência da alta idade cronológica, é vista como algo normal e inevitável, e entendida como uma situação inédita da etapa da vida, em que ocorrem modificações de ordem biopsicossocial, que, conseqüentemente, afetam a relação do indivíduo com o meio.

Afinal, o que é velhice e como a definimos? Não é fácil responder tal questionamento. Na verdade, existem várias definições e tendemos a passar, inadvertidamente, de umas para outras.

Haddad (2001) descreve que, na sociedade moderna, mais precisamente na década de 1980, os idosos conseguiram conquistas muito significativas. Debert (2004) assevera que, na sociedade industrial, houve uma desatenção para com os idosos, tendo os mesmos se transformado em um peso tanto para a família quanto para o Estado, o que não ocorria em sociedades pré-industriais, onde os idosos eram mais ativos, participativos e valorizados de maneira geral. Moore (1978 apud DEBERT, 2004) diverge quanto ao prestígio que os idosos gozaram nas sociedades tradicionais, já que, para ele, os mais bem-sucedidos durante sua vida teriam prestígio na velhice; enquanto que a grande maioria irá conviver com problemas, como desafeto, desrespeito e hostilidade, vivenciados no dia a dia pelos idosos.

1.3 – Aspectos físicos na terceira idade

Envelhecemos a cada dia que passa. Infância, adolescência, fase adulta e velhice são fases do desenvolvimento humano que todas as pessoas, se não houver nenhum acidente de percurso, irão cumprir como parte do ciclo vital da vida. E onde cada uma delas tem suas

possibilidades e limitações, pois cada uma das etapas serve de base para a seguinte, até chegar à terceira idade e que tem de ser encarada de forma natural, pois atinge todas as pessoas, de forma indiscriminada (SILVA *et al.*,2005).

Entende-se que a velhice traz com ela uma série de diminuições e limitações em relação aos aspectos físicos, ocasionando diversas patologias, como osteoporose, fraturas, entre outras.

A Organização Mundial de Saúde - OMS (2001) assevera que a atividade física realizada com frequência é uma das mais importantes bases para uma vida saudável e que se faz refletir na terceira idade. Aponta ainda que qualquer movimento corporal que tenha como meta manter a saúde física, mental e espiritual nos assegura a manutenção da saúde ao longo da vida.

Fernandes (2014, p. 44) afirma que: a “Política Nacional da Saúde do Idoso se refere ao envelhecimento saudável como melhoria da capacidade funcional dos idosos, sendo perfeitamente adaptável a todos os sistemas e órgãos, como prevenção e promoção da saúde”.

Para que o idoso tenha um envelhecimento saudável, é necessário que ele esteja consciente de sua real situação. Entretanto, é necessário criar políticas públicas para que a população, antes de atingir a terceira idade, esteja inserida em programas que visem a uma melhor qualidade de vida.

Lima e Pereira (2009) apontam que um dos grandes aliados para um envelhecimento saudável é o exercício físico, quando utilizado de forma sistemática, contribuindo, assim, para minimizar as perdas que, normalmente, acontecem nessa fase.

Nóbrega *et al* (2001 apud PAIVA *et al.*, 2012, p. 5) indica que:

A prática regular de atividade física melhora a força, a massa muscular e a flexibilidade, notadamente em indivíduos acima de 50 anos. Também contribui para uma diminuição da incidência de quedas e o risco de fraturas. Assim, o exercício pode ser considerado um componente de grande importância para uma vida saudável em cidadãos idosos.

Temos assistido a uma grande participação de idosos nas praças realizando atividades físicas. Entretanto, a maioria da população pertencente à terceira idade não realiza nenhuma atividade física. Isso se dá pela própria capacidade do idoso de não querer mais

exercer nenhuma atividade ou se é por ser desencorajado a se exercitar (REBELATTO *et al*, 2006).

Fischer (2006) indica que a atividade física é uma maneira que o idoso tem de manter sua saúde, bem como melhorar sua qualidade de vida. Ele indica que a atividade física é benéfica para todas as faixas etárias. Porém, os idosos são mais beneficiados por conta de minimizarem problemas de saúde e de doenças que são muito comuns na velhice.

Teixeira (2001 apud PAIVA *et al.*, 2012, p. 5-6) afirma que os principais fatores que influenciam o envelhecimento são:

[..] tempo; hereditariedade; meio ambiente; dieta; estilo de vida; nível de atividade física. O autor ressalta que o envelhecimento causa alguns efeitos no sistema muscular do idoso, preconizando a diminuição do número de células musculares; tamanho das células musculares; fluxo sanguíneo para o músculo; velocidade de contrações musculares; elasticidade muscular; conteúdo de água e gordura no músculo; facilidade dos músculos sofrerem lesões; capacidade dos músculos de se recomparam.

É possível perceber que, quanto mais a idade avança, mais comprometida fica a saúde do idoso, já que sua mobilidade fica bastante prejudicada, comprometendo, dessa forma, outros aspectos do desenvolvimento da pessoa idosa.

Conforme Zmorzynski, (2006, p. 55),

As quedas constituem um fato muito comum na Terceira Idade, já que, por falta de uma musculatura preparada, os idosos ficam mais vulneráveis a fraturas. Daí a importância de um reforço muscular. O músculo deve estar forte para suportar qualquer tipo de fratura e proteger a estrutura óssea.

Nesse sentido, se faz necessária uma estratégia de prática de exercícios físicos com mais regularidade, que favoreça uma ação preventiva, no intuito de melhorar o estado de saúde física e psíquica, independentemente da idade, e que traz efeitos benéficos tanto de forma direta quanto indireta para prevenir e retardar as ações do tempo, das perdas funcionais, minimizando os riscos das enfermidades, melhorando a desenvoltura, bem como favorecendo o idoso para se sinta mais à vontade para realizar outras atividades que venham a contribuir para uma melhor qualidade de vida.

Não são apenas aspectos físico-motores que se evidenciam na velhice. Existem outras mudanças significativas que dizem respeito ao aspecto físico. Nesse sentido, Zimmerman (2017, p. 21-22) elenca modificações externas e internas.

Modificações Externas

- as bochechas se enrugam e embolsam;
- aparecem manchas escuras na pele (manchas senis);
- a produção de células novas diminui, a pele perde o tônus, tornando-se flácida;
- podem surgir verrugas;
- o nariz alarga-se;
- os olhos ficam mais úmidos;
- há um aumento na quantidade de pelos nas orelhas e no nariz;
- os ombros ficam mais arredondados;
- as veias destacam-se sob a pele dos membros, enfraquecem;
- encurvamento postural devido a modificações na coluna vertebral;
- diminuição de estatura pelo desgaste das vértebras.

Modificações Internas

- os ossos endurecem;
- os órgãos internos atrofiam-se, reduzindo seu funcionamento;
- o cérebro perde neurônios e atrofia-se, tornando-se menos eficiente;
- o metabolismo fica mais lento;
- a digestão é mais difícil;
- a insônia aumenta, assim como a fadiga durante o dia;
- a visão de perto piora devido à falta de flexibilidade do cristalino; perda de transparência (catarata), se não operada, pode provocar cegueira;
- as células responsáveis pela propagação dos sons no ouvido interno e pela estimulação dos nervos auditivos degeneram-se;
- o endurecimento das artérias e seu entupimento provocam arteriosclerose;
- o olfato e o paladar diminuem.

De acordo com a citação, é possível verificar que as modificações que ocorrem na pessoa idosa são bem mais abrangentes do que se possa imaginar; o desgaste causado pela ação do tempo na pessoa é inevitável. Todos nós iremos passar por essas modificações, isso se não ocorrer nenhum percalço ao longo do nosso caminho.

É uma fase do desenvolvimento humano em que o aspecto físico é muito visível. Zimmerman (2017) aponta para a existência de um ditado popular que diz “que o velho é como um vaso de cristal, qualquer coisa trinca¹⁷”.

Segundo Incarbone (2007 apud CHACON, MEJIA, 2017, p. 5):

A atividade física regular na velhice pode mudar humor, auxiliar nas tarefas diárias e nas relações interpessoais. Uma das grandes resistências à prática são as mudanças de hábito, mas não é necessário praticar um determinado esporte, atividade ou recreativa desgastante, mas deve ser prazerosa e possibilitar benefícios ao executor.

Para que o idoso possa se engajar em uma determinada atividade física, é necessário conscientizá-lo de que esse exercício será de grande importância para uma melhor qualidade de

¹⁷ Ditado popular de domínio público.

vida, bem como inseri-lo dentro de um contexto onde a população idosa possa se ver e se sentir como seres atuantes, e que se encontram vivos e participantes no mundo que os cerca.

É preciso também incentivar essa população que os hábitos alimentares devem ser mudados, buscando uma alimentação mais saudável e balanceada, bem como estimular sua participação nas mais diversas atividades, que envolvam também o exercitar de sua aprendizagem cognitiva.

1.4 – Aspectos psicológicos na terceira idade

É de comum acordo que o processo de envelhecimento é algo contínuo e sem retorno, e que nos leva ao óbito, ao mesmo tempo em que os aspectos psicológicos são muito complexos e característicos de cada sujeito.

Conforme explicita Neri (1995, p. 13):

(...) a psicologia do envelhecimento é hoje a área que se dedica à investigação das alterações comportamentais que acompanham o gradual declínio na funcionalidade dos vários domínios do comportamento psicológico, nos anos mais avançados da vida adulta.

Dialogando com a citação acima, é possível perceber que a psicologia do envelhecimento busca não apenas estudar as alterações comportamentais pelas quais passa a população idosa, mas busca entender esse período do desenvolvimento humano, no sentido de propiciar ao idoso uma melhor qualidade de vida, bem como uma adequação maior de sua saúde física e ambiental às peculiaridades típicas do envelhecimento.

É necessário tratar a população idosa como sujeitos psicológicos em toda sua totalidade, pois, conforme explicita Pátaro (2006, p. 68), “o sujeito psicológico é, ao mesmo tempo, um ser biológico, que sente fome, frio e sede, mas que também tem sentimentos, emoções, desejos”.

Entende-se que são muito importantes a maneira e a forma como esse sujeito psicológico se apresenta, já que o mesmo é um ser único na sua essência e na sua complexidade, e que vai se moldando ao longo da vida, através das suas ações, pensamentos, decisões e sentimentos; sua própria individualidade vai sendo definida ao longo do seu processo histórico.

Diante do acima descrito, percebe-se que é difícil se aceitar velho. E lidar com isso gera uma série de situações emocionais complicadas. O indivíduo passa a perceber que sua motivação já não é mais a mesma e passa a se sentir desiludido. Perceber que não é mais o mesmo leva tempo. É necessário saber envelhecer, não só através do aspecto físico, mas também através do aspecto psicológico, para que a frustração e as limitações impostas pelo próprio ato de envelhecer sejam processos de qualidade de vida emocional.

Muitos problemas psicológicos dos anciãos provêm de conflitos afetivos e frustrações correspondentes a épocas anteriores de sua vida. As dificuldades psicológicas se acumulam na velhice das pessoas não satisfeitas, inadaptadas ou neuróticas. Uma vida adequadamente vivida constitui, pelo contrário, um magnífico escudo contra os riscos psicológicos que a velhice comporta (ALONSO, 1982, p. 855).

Silva *et al*, (2005) aponta que o avanço da idade vem acompanhado de uma série de problemas de saúde e a depressão passa a ser muito comum na terceira idade, haja vista que a mesma está associada a não mais desempenhar uma atividade laboral; bem como um sentimento de rejeição, que acontece, na maioria das vezes, mesmo sabendo que a velhice é uma fase de sabedoria e de maturidade.

Biasus (2016, p. 58) informa que:

[...] falar da psicologia do velho é falar da proximidade da finitude e da angústia que tal fato gera para o sujeito psíquico. Tem-se que a superação desta angústia estará diretamente relacionada com os recursos desenvolvidos para elaboração de perdas e lutos ocorridos ao longo da vida e que aumentam com o passar do tempo de vida. Desta forma, pode-se afirmar que a maior ou menor capacidade para lidar com situações difíceis dependerá do grau de maturidade, autoestima, tolerância à frustração e da capacidade de envolver-se e investir em objetos substitutivos. Caso essa maturidade não tenha ocorrido, o idoso terá mais chance de apresentar um psiquismo disfuncional na tentativa de solucionar os conflitos emocionais.

Gavião (1996) afirma que, no decorrer do processo de envelhecimento, a questão psicológica sofre perdas imensas, principalmente em relação à diminuição das capacidades, já que o ego fica mais fragilizado por conta das pressões vividas no dia a dia e de sua nova condição; o superego tende a ficar mais relaxado por conta das experiências acumuladas ao longo dos anos e também por se dar conta de que está chegando ao fim da vida. A morte passa a rondar seus pensamentos. Ressalte-se ainda que o idoso passa a se tornar mais flexível por conta dos valores morais.

Silva *et al*, (2005, p. 8) relata que:

As alterações psicológicas surgem através de diversos fatores que podem conduzir ao engrandecimento ou ao esgotamento do idoso. Com o envelhecimento, as habilidades verbais, a memória e a atenção se deterioram com mais facilidade, enquanto que as habilidades numéricas, a capacidade imaginativa e de julgamento permanecem quase que intactas (FAJARDO *et al.*, 2003). Em virtude destas associações, não só os profissionais da saúde, bem como todos aqueles que lidam com o idoso de uma forma geral, devem ter a preocupação de tratá-lo com maior atenção, paciência e perseverança, a ponto de minorar as limitações que cada um apresenta.

Diante do acima descrito pelos autores, entende-se que promover a prevenção da saúde mental nos idosos é bastante importante, haja vista que cada indivíduo possui uma história única, procurando, assim, atender às suas necessidades, sem, contudo, deixar de inseri-lo na sociedade que o cerca. É necessário ver o idoso como um ser que ainda pode contribuir para o engrandecimento dos seus pares, apesar de suas limitações físicas, sociais e psicológicas.

Resguardar a saúde mental da população idosa é de grande importância, haja vista que, além de favorecer uma velhice com maior qualidade, é possível também garantir uma satisfação maior das próprias necessidades individuais, bem como coletivas, já que isso irá reverberar em seus aspectos psicológicos e também em seus aspectos sociais, levando a mesma a estreitar laços, não apenas consigo mesmo, mas também com a família e a sociedade (BIASUS, 2016).

Vargas (1981, p. 206) aponta que:

O equilíbrio psíquico do velho depende basicamente de sua faculdade de se adaptar e de sua visão justa da realidade. Quando sua adaptação não é boa, gera conflitos, que associados à vulnerabilidade de todas as funções psíquicas, e quando esses conflitos não são adequadamente compensados, aparecem reações, que ao atingirem um certo limiar, provocam um desequilíbrio psicológico que gera reações psicopatológicas do envelhecimento.

Cada pessoa tem uma forma de ser, de agir, de estar no mundo. Uns são mais alegres e expansivos; outros mais sérios e fechados; uns mais responsáveis; outros mais descontraídos; uns veem o mundo de forma mais simples; outros de forma mais complicada. As mudanças que se processam nas pessoas no dia a dia são resultado das interações e negociações que fazem com outras pessoas e circunstâncias.

Conforme postula Silva *et al.*, (2005, p. 9-10):

A solidão e a depressão são comuns quando se fala em terceira idade. A solidão está relacionada ao fato de que, na maioria das vezes, os idosos não podem subsistir por si próprios (regressam a uma etapa quase infantil de dependência) e, infelizmente,

muitas vezes, tem a realidade de não contarem com alguém que lhes ofereça o carinho que necessitam. Dependendo do grau desta situação, o indivíduo idoso pode entrar numa depressão muito severa e caminhar para a morte. A solidão acompanhada da inatividade e das perdas de entes queridos está entre as principais causas de depressão na terceira idade, que hoje é a principal doença mental.

Não se pode pensar numa ação preventiva de saúde mental compulsória, em que se estabeleçam normas de como deve ser o sujeito mentalmente saudável e se estabeleçam programas com esse fim. Isso seria utilizar a saúde mental em favor de todo um sistema político-social no qual vivemos, ajudando-o a excluir os que não estão dentro da norma. Isso não seria saúde, muito menos mental.

Moragas (1997, p. 71) indica que:

O primeiro estudo da personalidade dos idosos, identificava cinco tipos de personalidades: 1 – o maduro estável, bem integrado, que desfruta daquilo que a vida lhe proporciona; 2 – o passivo, senhor da cadeira de balanço, voluntariamente desengajado e satisfeito, porque enfim pode descansar; 3 – o defensivo, ativo, rígido, disciplinado, individualista que se dedica a um sem número de atividades, porque não pode suportar a inatividade: “se parar, morre”. Estes três tipos estão bem integrados, cada um no seu estilo de vida, e se adaptaram com êxito ao processo de envelhecer. De outro lado, há outros dois tipos que não se ajustaram; 4 – o colérico, que culpa as outras pessoas e as torna responsáveis pelas suas frustrações e limitações, lutando contra as manifestações do envelhecimento; e o 5 – o autoagressivo, desajustado, que odeia a si mesmo, deprimido e isolado.

O envelhecimento vem acompanhado de mudanças, e as atitudes básicas que interferem no desenvolvimento de cada ser são muito similares às que acontecem em qualquer outra fase do desenvolvimento humano (NOVAES, 2000).

(...) à medida que envelhecemos, deparamo-nos com o surgimento de doenças crônicas deteriorando a saúde, a viuvez, morte de amigos e parentes próximos, essas são perdas que marcam nossas vidas. Assim como os papéis que desempenhamos, que já não são valorizados, a aposentadoria e como consequência a dificuldade financeira, o isolamento, tudo isso afeta a nossa autoestima, desencadeando, na maioria das vezes, uma crise (GATTO, 2002 apud RODRIGUES, 2012, 43).

Com o passar dos anos, o sujeito vai sofrendo várias transformações psicológicas e isso vai alterando sua maneira de perceber e enxergar a vida. Diante disso, Fonseca¹⁸ (2010/2011 apud RODRIGUES, 2012, p. 43-44) assevera que as alterações mais comuns são:

¹⁸ Apontamentos tirados na unidade curricular de Psicologia do Envelhecimento, ministradas pelo professor mestre João da Fonseca, [ESEJDeus] no ano letivo de 2010/2011.

- Certo declínio na manifestação da afetividade, dos interesses, das ações, das emoções e dos desejos;
- Prejuízo da memória de fixação, como, por exemplo, esquecer nomes de pessoas, coisas, ou mesmo onde colocou determinados objetos;
- Acentuação das características da personalidade. Traços do tipo, por exemplo: rigidez, egocentrismo, desconfiança, irritabilidade, avareza, dogmatismo, autoritarismo, que tenham existido na juventude, tendem a exacerbar-se;
- Dificuldade na assimilação ou mesmo aversão a ideias, coisas e situações novas;
- Apego maior aos valores já conhecidos e convencionados, aos costumes e às normas já instituídas;
- Depressão/alteração de humor.

Percebemos que as alterações acima descritas podem vir a prejudicar bastante a qualidade de vida da pessoa idosa, em especial os aspectos comportamentais, impedindo com que a mesma possa viver de maneira plena, já que essas manifestações podem vir a se transformar em graves patologias, dificultando, assim, o processo de envelhecimento.

Moragas (1997, p. 28) assevera que:

O significado psicossocial da velhice no ciclo da vida sabe-se que, ao nível cognitivo, perda global da memória, por exemplo, não é muito maior do que em outras idades, e que a diminuição da memória imediata pode ser compensada com a melhora da memória remota, por meio de exercícios e técnicas. A inteligência pode diminuir, mas também pode aumentar se houver oportunidades para exercitá-las. Constata-se que na velhice se recorda melhor os acontecimentos distantes do que os mais recentes. No passado, considerava-se inexistente a capacidade de aprendizagem, mas, atualmente, graças às escolas de adultos, à aprendizagem de novos ofícios depois da aposentadoria e os processos de reciclagem industrial, comprovou-se que os velhos podem aprender com facilidade e que sua motivação é, com frequência, superior às das gerações jovens.

Entendemos que a aptidão orgânica está intimamente ligada aos mais diversos fatores, como interesses, motivações, estilos de vida, entre outros. O processo de aprendizagem na terceira idade vai depender de como cada um constrói o seu próprio caminho. Alguns serão mais lentos, outros irão vibrar com mais intensidade. Porém, ninguém consegue ficar inerte quando se deseja aprender.

Dizem que para um velho **a sabedoria consiste em aceitar com resignação os próprios limites**. Mas, para aceitá-los é preciso conhecê-los. Para conhecê-los, é preciso tratar de encontrar um motivo. **Não me tornei sábio**. Conheço bem os meus limites, mas não os aceito (BOBBIO, 1997, p. 50).

Ao dialogar com a citação acima, é possível perceber que a mesma não condiz em nada com a própria velhice do autor, já que ele sempre foi muito atuante e dinâmico enquanto

vivo. O mesmo tinha como característica mais marcante pensar de forma heurística, bem como ter sido um pensador e filósofo inquieto.

Moragas (1997) indica que as alterações psicológicas que ocorrem na velhice, como perda da memória, irritabilidade, entre outras, são resultados diretos do decréscimo e da limitação do funcionamento físico.

Salgado (2016) aponta que, na mente, o processo é bem diferente. Pois, se a mente amadurecer, a mesma torna-se mais apta a aprender, principalmente no que diz respeito aos raciocínios abstratos, que, em momentos anteriores, nem sempre foram possíveis de se aprender. Para o autor, a maior característica do desenvolvimento da mente é quando a mesma consegue controlar suas emoções, de acordo com os seus objetivos de vida.

1.5 – Aspectos sociais na terceira idade

Por muito tempo, os idosos sempre foram levados a viver uma relação social de fragilidade. Isso tudo por conta do afastamento do mundo do trabalho, por parte do sexo masculino; e as mulheres por verem suas obrigações domésticas e familiares diminuindo por conta do crescimento e independência dos filhos; isto fez com que os mesmos fossem se tornando cada vez mais isolados na sociedade (DAL RIO *et al*, 2009).

Parafrazeando Dal Rio *et al*, (2009), desde as décadas de 1960 e 1970, as pessoas que estão a envelhecer se percebem como seres humanos que continuam ativos nas mais diversas áreas, e que estão mais do que preparados para enfrentarem os obstáculos que se descortinam no cotidiano de cada um deles, levando suas experiências, vivências e transformando-as em novas aprendizagens, para fazerem frente aos estereótipos existentes em relação à velhice.

Socialização é um termo amplo que indica que o ser humano, desde que nasce, não apenas está sujeito às influências da sociedade de que participa e ajuda a construir, como também a influencia. É universal nas sociedades com elevados níveis de mudança social, que obrigam seus membros de qualquer idade a uma constante assimilação de conhecimentos e de formas de atuar (MORAGAS, 1997, p. 101).

A socialização é um processo de interiorização de normas e valores que cada indivíduo faz desde o seu nascimento e se prolonga por toda a vida. Levando o mesmo a se construir e se reconstruir ao longo de todo esse processo, que começa assim que nasce e vai absorvendo novas informações de acordo com o desenvolvimento humano. Entende-se, então,

que, ao socializar-se, cada sujeito absorve o modo de pensar, de exercer e de agir, de acordo com o grupo em que se encontra inserido e integrado.

Conforme explicita Zimerman (2017, p. 24):

À medida que as pessoas vivem mais, a tecnologia avança a passos largos, os meios de comunicação bombardeiam com fatos e dados, as mudanças acontecem muito rapidamente, as distâncias aumentam a cada dia, a vida é cada vez mais agitada, o tempo cada vez menor e as condições econômicas são mais difíceis, nossa sociedade passa por grandes modificações. Isso tudo exige a introdução de novos conceitos e maneiras diferentes de viver e uma grande flexibilidade e capacidade de adaptação, que o velho nem sempre tem, o que o leva a ter mais problemas.

É nos espaços coletivos que se produz a condição de saúde da comunidade e, em grande parte, de cada um de seus componentes. Nas relações sociais, afirma-se a concepção hegemônica de saúde e, portanto, é nesse campo que se pode avançar no entendimento da saúde como valor, na luta pela vida e pela qualidade de vida.

Para entender como o processo de envelhecimento é percebido pela sociedade, é preciso compreender comportamentos e sentimentos que estão incorporados dentro das vivências sociais dos sujeitos.

O processo de envelhecimento populacional faz emergir um grande impacto social, que esse novo perfil de indivíduo traz para o mundo. Para explicar isso, é necessário entender como as teorias psicossociais tentam explicar esse fenômeno. Abaixo, seguem as seguintes teorias:

QUADRO 02 – TEORIAS DE DESENGAJAMENTO DO SEGMENTO IDOSO EM RELAÇÃO AO RESTANTE DA POPULAÇÃO

TEORIA	EXPOSIÇÃO DA TEORIA	AUTORES
Teoria do desengajamento	Considera o envelhecimento um processo no qual a sociedade e o indivíduo se retiram ou se desengajam, gradualmente, um do outro para a satisfação e benefício mútuo.	Elaine Cumming e William Henry, 1964.
Teoria da atividade	Proclama que o idoso deve permanecer com o estilo de vida da sua meia idade, negando a existência da idade avançada pelo maior tempo possível e que a sociedade deve aplicar aos idosos as mesmas normas que aplica aos indivíduos de meia idade; não defendendo a diminuição da atividade, do interesse e do envolvimento à medida que seus membros envelhecem.	Havinghurst, 1963
Teoria da continuidade do envelhecimento	Relaciona as características peculiares de cada indivíduo ao longo de sua vida, àquelas apresentadas na terceira idade. A personalidade e os padrões básicos de comportamento permanecem os mesmos na terceira idade.	Neugarten, 1964

	Por outro lado, esta teoria encoraja os jovens a considerarem que suas atividades atuais sejam a base dos fundamentos para o seu futuro na velhice.	
Teoria da subcultura	Entende os idosos como um grupo com características exclusivas e os separam das outras faixas etárias. Isto leva a uma segregação deste grupo por grande parte da população mundial. O fato de possuírem normas próprias de conduta, crenças, atitudes, expectativas e comportamentos diferentes das demais faixas etárias são entendidos como seguidores de uma subcultura.	Rose, 1965
Teoria da gerotranscendência	À medida que as pessoas envelhecem, ficam menos preocupadas com as posses materiais, os relacionamentos pouco significativos e os próprios interesses; Buscando uma vida mais significativa e com relacionamento com os outros.	Tornstam, 1994

Fonte: Eliopoulos, 2005.

A análise das condições de vida de populações a partir de informações, como níveis de renda, taxa de escolarização, taxas de cobertura por água tratada e rede de esgoto, diversidade no acesso ao lazer e aos serviços de saúde é uma forma de verificação das associações entre qualidade de vida e saúde.

A identificação da existência de violência, das tensões e desajustamentos, prostituição e, em muitos casos, da exclusão social como forma de “enfrentamento” de doenças como a tuberculose, a hanseníase, a doença mental ou a AIDS, deve ser voltada para a formação de atitude crítica quanto às repercussões de determinados valores, práticas e formas de organização social sobre a saúde das pessoas e da sociedade (BRASIL/PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 278).

Na verdade, a realização de diagnóstico de saúde da população termina por ser, igualmente, um instrumento para o exercício da reflexão crítica sobre a concepção de saúde e doença com a qual se interpretam os fenômenos humanos.

No convívio de uma vida coletiva, reconhecemos a existência de conflitos interpessoais e grupais entre todas as pessoas, principalmente entre a população idosa e os mais jovens. Há um choque entre as gerações. É preciso produzir comportamentos mais responsáveis e solidários, valorizando as ações e os conhecimentos de cada um, para que seja possível uma convivência harmônica e pacífica, apesar da diferença.

Também em vida coletiva, o recurso da construção e atualização periódica de um quadro panorâmico da saúde, incluindo acontecimentos significativos do ponto de vista ambiental, a ocorrência de epidemias, fatos políticos e suas repercussões sobre a saúde, pesquisas e descobertas científicas, datas emblemáticas como o “Dia Mundial de combate à AIDS”, permite a reelaboração e expressão das aspirações e projetos para a transformação social (BRASIL/PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 283).

Na vida cotidiana, a valorização das práticas solidárias diante dos problemas e necessidades de saúde dos demais, as atitudes de ajuda e proteção de pessoas doentes e deficientes também se incluem na formação de comportamentos saudáveis. A solidariedade diante das necessidades das pessoas e da comunidade é um ato de humanização e um elemento essencial para o exercício da cidadania.

De acordo com Mills (1974 apud MINAYO & COIMBRA JR, 2002, p. 18):

Um dos mais importantes problemas para a sociologia é a compreensão do movimento de transformação de um fato particular em questão pública. No caso do envelhecimento, isso supõe enfatizar o sentido das mudanças que esse grupo social, crescente em número, em vigor e em organização, provoca na reorganização do poder, do trabalho, da economia e da cultura, atribuindo novo significado ao seu espaço tradicionalmente percebido como o da decadência física e da inatividade. Como questão pública, o fenômeno do envelhecimento deve ser focalizado positivamente para o desenvolvimento humano. Portanto, pensar a velhice como questão pública é bem diferente de tratá-la como problema social.

O mundo passa por uma grande transformação social, já que o novo desafio a ser enfrentado pelos mais diversos governos é como se planejar para o avanço do processo de envelhecimento que vem atingido a população, tanto dos países desenvolvidos quanto dos países em desenvolvimento.

Segundo postula Peres (2007, p. 19):

Ao considerarmos os três elementos principais que levaram a velhice a ganhar visibilidade pública e a emergir enquanto uma questão social relevante na sociedade contemporânea (recordando: o envelhecimento populacional, a exclusão social vivida pelos idosos e o surgimento da aposentadoria e dos agentes e instituições especializadas na velhice) é necessário atentar para o fato de que foi, principalmente a partir da ação [...] dos atores sociais encarregados da questão da velhice, que esta passa a adquirir reconhecimento (visibilidade social), legitimação (atenção da sociedade e novas formas de expressão (“terceira idade”).

Dialogando com a citação acima, ao considerar a velhice uma questão social, favorecemos a possibilidade da mesma ser vista pela sociedade, ao mesmo tempo em que o Estado passa a ser de fundamental importância para a implantação de políticas públicas sociais que enfrentem esse processo de envelhecimento, que cresce a cada dia (COHN, 2000).

A atenção do poder público para a questão do idoso não é apenas devido à exclusão social dessa categoria ou do aumento do número de idosos e do envelhecimento populacional. É muito mais do que isso. Está ligada a questões de interesses econômicos e políticos-mercado, que visam aos mais diversos interesses, e não apenas políticas públicas para

atender os idosos, como nos fazem pensar (BARROS, 1999; MENDONÇA, 1999; PEPPE, 1999; DEBERT, 1999).

Belo (2002) aponta que as políticas públicas sociais para a terceira idade estão atreladas aos organismos internacionais, em especial à Organização das Nações Unidas – ONU, que é a principal promotora de ações voltadas para a velhice, em âmbito mundial.

Alba (1992) entende que a velhice é um problema social visível, bem como um fenômeno recente. Antes da Era Moderna, dificilmente, algum sujeito chegava à idade considerada velhice (60 anos, para o IBGE, e 65, para a OMS). As condições em que a população vivia eram as mais precárias possíveis, além de não existirem uma medicina e uma farmacologia voltada para o prolongamento da vida. Ressalte-se que, desde o Império Romano, a expectativa de vida, que era de 22 anos, não sofreu grandes alterações até o século XVII, já que essa mesma expectativa não ultrapassava os 30 anos.

Glover (2001) aponta que, com o Renascimento, as ciências médicas trouxeram certo avanço. Porém, até meados do século XX, a expectativa de vida na Europa não ultrapassava os 40 anos. Após o advento da Segunda Guerra Mundial, a esperança de vida passou a ser de 50 anos, já que os avanços científicos corroboraram para isso. Nos anos 60, ultrapassa a marca de 60 anos. E, por fim, no século XXI, a expectativa de vida alcança a marca de 80 anos.

Guillemard (1986 apud PERES, 2007, p. 66) afirma:

Contudo, não seria especificamente a partir do envelhecimento populacional que a velhice passaria a ser vista como um problema social, mas sim da situação de miséria e indigência vivida pelos velhos da classe operária no contexto do capitalismo industrial. Sabemos que a proporção de velhos na sociedade europeia só se tornaria significativa nos finais do século XX. No entanto, a velhice torna-se visível enquanto problema social na última década do século XIX, quando os protestos contra o abandono e a marginalidade dos velhos operários passam a entrar na pauta do movimento operário. Excluídos do processo produtivo em virtude da idade e/ou da inaptidão do trabalho industrial – na maioria das vezes sequelas decorrentes do esgotamento físico provocado pela própria intensidade do trabalho ou por acidentes de trabalho, que eram bastante comuns nos finais do século XIX -, muitos operários já se encontravam em situação de indigência por volta dos 50 anos de idade ou até antes. Diante desse quadro, o movimento operário passaria a reivindicar pensões e aposentadorias para trabalhadores inválidos e idosos, que não tinham mais condições de continuar trabalhando.

É através da luta de classes que a velhice passa a ser vista na sociedade, merecendo, dessa forma, atenção do Estado e também da classe dominante. Ela passa a adquirir uma

visibilidade dentro do processo social e, ao mesmo tempo, a população se vê alijada da sociedade por sua condição de não mais contribuir de forma efetiva, levando-a a ser excluída socialmente. Ressalte-se que o problema da exclusão social não é, exclusivamente, do idoso; ela, além de atingir essa etapa da vida, atinge também grupos não padronizados. Boff (1997, p. 20-21) nos deixa muito claro isso quando comenta que:

Infelizmente, a mesma discriminação acontece com os pobres e miseráveis, com as mulheres, os deficientes físicos e mentais, os homossexuais, os portadores do vírus HIV, os hansenianos e todos aqueles que não se enquadram nos modelos preestabelecidos. Todos são vítimas de preconceito e da exclusão por parte daqueles que se pretendem os únicos portadores da humanidade, de cultura, de saúde, de saber e de verdade religiosa.

O processo de exclusão é vivido em toda a sua plenitude nas mais diversas searas da sociedade. O idoso não foge à regra de ser excluído socialmente, já que o mesmo, depois que se vê fora do mercado de trabalho, é tratado como um fardo, não só pela sociedade, mas também pela própria família.

Rodrigues (2000 apud PONTAROLO, OLIVEIRA, 2008, p. 118) afirma que:

A velhice útil e feliz não pode ser apenas um mito. Cabe à sociedade a responsabilidade de redefinir social e culturalmente o significado da velhice, possibilitando o resgate da dignidade desse grupo etário. E cada um de nós, velho ou velha, tem o compromisso de lutar por sua dignidade, por sua posição na sociedade de hoje, contando para isso com o apoio dos jovens e adultos que serão os velhos de amanhã, pois, se a sociedade inventou a velhice, devemos nós, os velhos, reinventar a sociedade.

É necessário reinventar a sociedade, para que a mesma esteja disponível a todos os cidadãos, que eles possam ter acesso a uma educação de qualidade, uma saúde que contemple todos, que seja possível viver de forma digna, de acordo com o que está escrito na Constituição do país. É uma contradição muito séria, já que temos uma minoria que tem acesso aos bens de consumo, enquanto que a maioria se vê atrelada à miséria, na qual o acesso às políticas públicas, muitas vezes, não é conseguido ao longo da vida. E, quando se chega à velhice, as condições se tornam cada vez piores (PONTAROLO, OLIVEIRA, 2008).

Observa-se que é necessário avançar na construção de uma sociedade melhor, não apenas com o intuito de avançar na afirmação, mas, lutar contra todas as formas de discriminação, preconceito e desigualdade. Devemos sempre buscar favorecer as diferenças, para que possamos nos reconhecer como sujeitos participantes na busca por uma sociedade

mais igualitária e solidária, tendo como base o multiculturalismo, apresentado por todos os grupos que fazem parte dessa imensa sociedade na qual estão inseridos os idosos.

1.6 – Aspectos culturais na terceira idade

Na origem do vasto campo de conhecimentos das ciências, reside uma pergunta que conduz todas as demais: o que torna os seres humanos diferentes dos demais seres vivos? Sabemos que não há uma resposta única, simples e direta para essa questão. A longa, diversa e complexa história das religiões, da filosofia e das ciências é o testemunho da busca incessante dos seres humanos por compreenderem e darem sentido à sua existência (BRASIL/MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2001).

Conforme explicita Eagleton (2003), um dos significados de cultura é “lavoura” ou “cultivo agrícola”, ou seja, aquilo que cresce de forma natural quando é cultivado. A palavra cultura tem origem no latim. O verbete *colere*, tem como significado qualquer coisa, que nos dá a ideia de cultivar, proteger, adorar e habitar.

No fim do século XVIII, o verbete de origem germânica *kultur* menciona que a palavra está atrelada aos aspectos espirituais de uma determinada comunidade. A palavra *Civilization* menciona as realizações de um povo (EAGLETON, 2003). Edward Tylor, em 1871, resumiu ambos os vocábulos no termo inglês *Culture*, na qual conceituou cultura como sendo: “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (EAGLETON, 2003, p. 10).

Linton (2000, p. 86) indica que:

[...] *cultura* significa a herança social total da humanidade; como termo específico, uma *cultura* significa uma determinada variante da herança social. Assim, a *cultura*, como um todo, compõe-se de um grande número de *culturas*, cada uma das quais é característica de um certo grupo de indivíduos.

Benedict (1972) definiu cultura como sendo uma lente de onde o homem enxerga o mundo. A autora ainda afirma que homens de culturas distintas usam lentes diversas, tendo, assim, visões diferentes de mundo.

Laraia (1993) assevera que cada povo enxerga o mundo de forma diferente, já que levam em consideração os diferentes comportamentos sociais, posturas corporais, diferenças linguísticas, entre outras.

Aranha (1989) aponta que as diferenças entre homens e animais não são apenas de grau, mas também de natureza. A autora indica que o animal está apenas inserido na natureza, enquanto que o homem é capaz de transformar essa natureza, de acordo com suas necessidades.

Todo comportamento humano se origina no uso dos símbolos. Foi o símbolo que transformou nossos ancestrais antropóides em homens e fê-los humanos. Todas as civilizações se espalharam e perpetuaram somente pelo uso de símbolos [...] toda cultura depende de símbolos [...] sem o símbolo não haveria cultura, o homem seria apenas animal, não um ser humano (WHITE, 1955, p. 180).

Geertz (1989, p. 57) esclarece que os símbolos são necessários “para impor um significado à experiência. Os indivíduos os encontram em uso corrente na comunidade (lhes são dados) quando nascem e permanecem em circulação até sua morte. Enquanto vivem, se utiliza deles [...]”. Nesse sentido, entendemos que os símbolos servem para nos orientar através das experiências que vivemos no dia a dia.

Geertz (1989) ainda afirma que a cultura, na linha simbólica, nos dá um padrão de significados que são transmitidos através da história e herdados ao longo do tempo, por meio do qual o homem se comunica e realiza suas atividades. O uso dos significados é próprio de toda sociedade, já que os seres humanos traçam perfis de comportamento, compreendendo a si mesmo e os que fazem parte da seara terrestre, o que dá sentido à vida, constituindo assim a sua própria cultura (SPRADLEY, 1979).

Ullman (1991, p. 22) descreve que:

[...] se por um lado o homem cria cultura, esta por sua vez é criadora do homem, é condicionadora da vida do homem em sua sociedade. Ao nascer, o ser humano assemelha-se, em seu comportamento, ao dos irracionais: não conhece freios para seus ímpetos, ignora todo o comportamento social, isto é, de sua sociedade. Na medida em que incorpora as normas de sua sociedade, a criança endocultura-se. Incorpora e absorve a maneira de pensar, agir e sentir da própria cultura em que nasceu. O ajustamento é fruto da internalização dos princípios que regem determinada sociedade.

Conforme a citação acima, entendemos que, a partir do momento do seu nascimento, o ser humano passa a incorporar dentro de si valores e comportamentos ditados pela sociedade. Ou seja, vai se ajustando conforme o passar dos anos.

Laraia (1993) indica que o homem é o resultado do meio cultural em que o mesmo foi socializado. Ele passa a acumular experiências e conhecimentos ao longo da sua vida, bem como herdando as mais diversas informações produzidas por gerações anteriores. Diante disso, o patrimônio cultural da sociedade permite inovar e criar ao longo da vida.

Helman (1994) aponta que a cultura é composta por vários elementos, sendo eles: históricos, sociais, econômicos, políticos, geográficos. O autor indica que, ao longo da história da humanidade, cada período e cultura são influenciados pelos mais diversos elementos, sendo impossível isolar as crenças culturais existentes.

Para Marconi & Presotto (1998, p. 45), a cultura pode ser investigada e percebida ao mesmo tempo sob os mais diversos focos, que são:

[...] ideias (conhecimento e filosofia); crenças (religião e superstição); valores (ideologia e moral); normas (costumes e leis); atitudes (preconceito e respeito ao próximo); padrões de conduta (monogamia, tabu); abstração de comportamento (símbolos e compromissos); instituições (família e sistemas econômicos); técnicas (artes e habilidades); e artefatos (machado de pedra, telefone).

Entendemos que os processos de práticas sociais se produzem ao longo da história, fazendo, assim, novas formas de pensar, de se viver e de obter conhecimento. Nesse sentido, a cultura está intimamente ligada à produção de indivíduos que se fazem presentes como agentes desse processo cultural. Fischer (2001, p. 26) destaca que: “falar de cultura implica falar de um campo muito específico, qual seja, o da produção histórica e social de significações numa determinada formação social”.

A cultura é um fator preponderante na internalização que cada ser humano carrega consigo, pois somos condicionados, desde a mais tenra idade, a seguir normas preestabelecidas pela sociedade. E que sempre irão nos acompanhar. Entretanto, o objeto do estigma pode variar de acordo com os graus existentes em cada cultura. Porém, vale lembrar que, mesmo variando, o estigma exercerá sempre o seu papel estigmatizador, independentemente do tempo em que nos encontramos.

As culturas são produzidas pelos grupos sociais ao longo das suas histórias, na construção de suas formas de subsistência, na organização da vida social e política, nas suas relações com o meio e com outros grupos, na produção de conhecimentos etc. A diferença entre culturas é fruto da singularidade desses processos em cada grupo social (BRASIL/PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 121).

É fundamental que a população de qualquer localidade se reconheça como portadora e produtora de ideias, linguagens, conhecimentos e sentimentos, necessários à constituição e transformação do seu espaço psicológico, social, físico e acadêmico.

Desde o nascimento, o ser humano recebe influências e informações dos mais diversos grupos, seja através do uso da língua, seja dos hábitos alimentares, da forma de se vestir, da maneira como procede nas brincadeiras infantis, das buscas amorosas, entre outros. Os padrões culturais são ditados pela sociedade em que o sujeito vive e na qual o mesmo vai incorporando valores e conhecimentos ao longo de toda a sua vida. Ao mesmo tempo em que esse indivíduo atua, propõe e cria sua própria identidade cultural (BRASIL/PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998).

Nesse sentido, a cultura é extremamente dinâmica, o que garante seu desenvolvimento e sua modificação constante, fato este que, muitas vezes, passa despercebido pela grande maioria das pessoas. Um bom exemplo disso é a resistência que os mais velhos têm em relação ao comportamento de sujeitos mais jovens, levando-os a não entenderem a maneira como os mesmos se vestem, se comportam e vivem, produzindo, em muitos momentos, certa tensão entre os grupos envolvidos. Porém, entendemos que essa evolução garante um enriquecimento cultural de grande valia para todos os envolvidos, já que são produtos de criação da própria sociedade, pois acompanha o dinamismo no ato de evoluir do período histórico.

Conforme os documentos Brasil/Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), a sociedade brasileira sofreu, ao longo da sua história, os mais diversos tipos de influência das mais distintas etnias que aportaram no país, já que as mesmas vinham de universos culturais bem diferentes do que estava presente em solo brasileiro. O que se tem visto é que, mesmo em grandes grupos populacionais localizados em centros urbanos, não existe homogeneidade.

Ressalte-se ainda que, no Brasil, existem mais de 200 povos, que proferem cerca de 180 línguas e que possuem características próprias, apresentando-se como um verdadeiro caldeirão cultural. Algo muito extraordinário em termos de país¹⁹.

Para os documentos oficiais²⁰, os negros que aqui chegaram para serem vendidos como escravos vieram oriundos das mais diversas nações africanas, trazendo cada um deles suas tradições, seus conhecimentos, seus próprios traços culturais. O povo europeu que aqui também chegou trouxe consigo suas próprias características. Todos esses povos que aqui aportaram trouxeram, cada um, a sua cultura, que, posteriormente, deu origem a uma grande variação cultural. Ao longo do século XX, um grande e significativo contingente de imigrantes orientais aportou no país, trazendo com eles suas manifestações culturais, contribuindo, assim, para a acumulação de um grande tesouro cultural inestimável e que dotou o Brasil de uma riqueza sem igual de cultura.

Brasil/Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 122): “[...] reconhecer e valorizar a diversidade cultural é atuar sobre um dos mecanismos de discriminação e exclusão, entraves à plenitude da cidadania para todos e, portanto, para a própria nação”.

As heranças culturais deixadas por todos esses povos que aqui estavam, como os índios, os que chegaram depois do “descobrimento”²¹, como negros, europeus e, posteriormente, orientais deram origem às mais variadas regiões brasileiras. Onde encontramos os mais diferentes modos de vida, de falar e de traços físicos completamente distintos uns dos outros. Ressalte-se ainda que essas diferenças ganham maior destaque quando nos referimos aos distintos grupos sociais, tanto no campo quanto na cidade. As migrações internas e os meios de comunicação de massa promovem a propagação das tradições regionais e criam condições para o surgimento de novas expressões culturais (BRASIL/PARÂMETROS CURRICULARRES NACIONAIS, 1998).

Ambas, desigualdade social e discriminação, articulam-se no que se convencionou denominar “exclusão social”: impossibilidade de acesso aos bens materiais e culturais produzidos pela sociedade e de participação na gestão coletiva do espaço público – pressuposto da democracia. Entretanto, apesar da discriminação, da injustiça e de preconceito que contradizem os princípios da dignidade, do respeito mútuo e da justiça, paradoxalmente o Brasil tem produzido também experiências de convívio, reelaboração das culturas de origem, constituindo algo intangível que se tem chamado

¹⁹ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 2018.

²⁰ Ibid.

²¹ Grifo do autor.

de brasilidade, que permite a cada um reconhecer-se como brasileiro (BRASIL/PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998, p. 121-122).

A cultura constitui, dinamicamente, a identidade dos povos e, por isso mesmo, é mantida com zelo por eles. A constituição da identidade nacional, algo construído cotidianamente, não pode ocorrer à custa da eliminação das marcas de qualquer dos povos ou grupos que compõem a sociedade brasileira. O respeito e a consideração pelo modo de ser do outro deve ser desenvolvido como um valor constitutivo da democracia.

Nesse sentido, a preservação cultural e os costumes devem ser mantidos por todos os povos e grupos. Como exemplo, apresentamos a população indígena, na qual os idosos são vistos como sujeitos em que a relação com os mais jovens é baseada na amizade, no respeito mútuo e no ensinamento, onde todos interagem entre si sobre todos os aspectos da dinamicidade da vida (SANTOS, TORRES-MORALES, 2017).

Segundo Paschoal (2017), na maior parte das sociedades indígenas, a transmissão dos mais diversos elementos culturais são realizados de forma oral e são os idosos que desempenham esse papel, que é o de propagar a sobrevivência dos povos através da história, dos rituais e dos seus costumes.

A valorização das tradições passou a ser mais frequente, principalmente a partir das organizações políticas e sociais que aconteceram nas últimas décadas para exigir o respeito aos direitos indígenas e a demarcação das terras. Esses processos utilizam os velhos como principais fontes para o resgate cultural das tradições que foram abandonadas e perdidas com o contato com as áreas urbanas (PASCHOAL, 2017, p. 1).

De acordo com a citação acima, é possível perceber que os idosos indígenas são de grande importância, pois são os detentores vivos da história e da cultura indígenas. Esses idosos são vistos como sábios, já que, como conhecedores da história, têm como função primordial intermediar a aprendizagem entre os mais novos e o conhecimento oriundo dos antepassados (PASCHOAL, 2017).

Conforme um ditado africano – “Quando morre um idoso, é como que se queimasse uma biblioteca” (SOUZA, 2017, p. 1) –, isso demonstra, claramente, a forma sagrada como a velhice é vista. A pessoa idosa é vista como alguém que tem sabedoria, que tem conhecimento, o qual foi acumulado ao longo da sua jornada de vida, tornando-se, assim, o guardião e o principal transmissor da cultura do seu povo, desde os mais remotos tempos (SOUZA, 2017).

Segundo Souza (2017), na cultura africana, os mais velhos têm poder de decisão sobre os problemas da comunidade, sejam esses de qualquer ordem. O envelhecimento é visto como algo bom, já que, como afirma a autora, morrer jovem não é sinal de boa morte. Muito pelo contrário. Morrer velho é que é considerado algo muito bom. Outro ditado africano afirma que: “A morte do idoso não estraga a morte” (p. 2). Ou seja, a morte é vista como uma benesse, por conta das mais diversas décadas vividas.

Tanto na cultura indígena quanto na cultura africana, a tradição oral sempre foi valorizada e os mais velhos sempre tiveram a missão de transmitir seus conhecimentos aos mais jovens. Diante disso, Nascimento e Ramos (2011, p. 4) indicam que:

A valorização da tradição oral, na África, longe de significar apenas um meio de comunicação, reluz uma maneira de preservar a sabedoria da ancestralidade. Nesse sentido, a palavra transmitida na oralidade conduz a herança ancestral tão valorizada por esta cultura. Os [...] *griotes* relatam as histórias ouvidas de seus antepassados, que, por sua vez, deverão ser ouvidas entre as gerações seguintes.

A tradição oral é bastante forte nas culturas nas quais a população idosa é vista com importância. Entretanto, com o processo de modernização tecnológica, o papel de transmissão oral realizada pelos mais velhos vai se perdendo ao longo do caminho, dando lugar a novos artefatos tecnológicos.

Fonseca (2008, p. 133) aponta que: “[...] nos dias atuais, em muitas culturas, a tradição ancestral convive com as inevitáveis alterações trazidas pela modernização, temida, mas necessária à entrada das culturas africanas nas novas leis de mercado”.

Dialogando com a citação acima, assiste-se à mudança dos valores culturais nas mais diversas culturas e povos, transformando, assim, as relações interpessoais. Nesse sentido, o papel do idoso vai sendo substituído e apagado, pouco a pouco, pelas mudanças na sociedade. Vive-se em um período no qual o processo de envelhecimento é visto como algo degenerativo, sem perspectiva, que vai levar à finitude e que não tem nada para contribuir com a sociedade, seja através do trabalho ou com suas experiências.

Culturalmente, o Ocidente sempre desdenhou de sua população idosa, ao contrário da sociedade Oriental, que sempre viu essa comunidade como algo sagrado, que tem muito a contribuir para o sucesso do país, do estado, do município, da comunidade e da família, com suas sábias palavras e experiências.

Na sociedade contemporânea Ocidental, a estética, a imagem e a aparência estão atreladas a juventude, fortalecendo uma tendência de culto ao corpo, ao narcisismo. Os idosos são vistos como seres decrepitos, que não possuem nada a oferecer ao apelo midiático (MAIA E ALBUQUERQUE, 2000).

De acordo com Moreira, Nogueira (2008, p. 2):

Como o envelhecimento é evidenciado de uma forma antagônica ao padrão estético imposto, ele passa a ser vivido como um defeito que precisa ser disfarçado por meio de múltiplas técnicas que prometem o rejuvenescimento. Preconiza-se o “desejável” (manter-se com um corpo jovem, belo e perfeito), que é vendido como antídoto ou remédio do “inevitável” (o envelhecer), que, além da experiência existencial de confronto com a finitude de que se reveste, passa a ter um peso adicional de caráter cultural. Esse impasse entre o “desejável” e o “inevitável” evidencia a forma como as forças socioculturais podem reduzir a possibilidade de vivências significativas [e ricas] na construção da subjetividade. A ciência e a tecnologia parecem estar a serviço de uma sociedade que reafirma desejos de viver eternamente a juventude e de afastar a morte. Intervindo, tecnologicamente, no corpo para alterar suas formas, também se interfere simbolicamente no indivíduo, modificando suas representações e sua subjetividade.

Dialogando com a citação acima, vivemos um paradoxo muito gritante, pois buscamos, através das ciências, aumentar a expectativa de vida da população, a busca pelo Santo Graal, pela eterna fonte de juventude e uma melhor qualidade de vida. Em contrapartida, excluímos os velhos e aqueles que já se encontram em processo de envelhecimento (se bem que envelhecemos a partir do momento em que somos concebidos)²², isolados do seu convívio e dos seus lugares de direito.

Nesse sentido, não é permitido envelhecer. Ou seja, o processo de maturação biológica e natural, comum a todos os seres humanos, é negado. As pessoas são levadas à exclusão e à marginalidade por se tornarem idosos.

Adler (1999) e Uchôa (2003) indicam que o processo de velhice tem várias concepções nas mais diversas culturas, já que o ato de envelhecer não pode ser visto apenas pelo lado biológico e natural, mas também pelos fenômenos que são influenciados pelos processos culturais.

A cultura, ao ser definida, se refere à literatura, cinema, arte, dança, entre outras. Porém, seu sentido é bem mais abrangente, pois cultura pode ser considerada tudo o que o

²² Opinião do autor.

homem, através da sua inteligência, consegue executar. Dessa forma, todos os povos e sociedades possuem sua cultura desde a sua formação; e que é passada de geração a geração.

A cultura é uma das principais características humanas, pois somente o homem tem a capacidade de desenvolver culturas, distinguindo-se de outros seres vivos. Apesar da evolução, a cultura é passada aos descendentes por meio da memória coletiva. Cultura não é um elemento que se desenvolve sozinho, mas através de uma coletividade.

Se atentarmos para tudo que está por baixo no meio social, talvez possamos compreender que isso faz parte de uma luta constante, muitas vezes explícita, pela constituição da identidade social, num processo que é dinâmico e que passa por todas as esferas da vida social.

E se é, então, para considerarmos cultura em relação à sociedade como um todo, como uma dimensão da sociedade e de sua história, em que medida podemos falar de cultura? Sabemos que cultura é um conteúdo do que se entende por nação e que a maneira como as nações modernas são concebidas é indissociável de preocupações com suas características culturais. Mas a relação entre ambas é mais ampla do que isso. Cultura e Nação são referências necessárias para se entender o mundo contemporâneo. Observemos que, mesmo o confronto entre as classes sociais e seus interesses tem a cultura e a nação como marca e pano de fundo inevitáveis, já que ambas fornecem arenas institucionais, códigos de ação, projetos de desenvolvimento. Assim, a transformação da sociedade exige sempre que o potencial, tanto da cultura quanto da nação, seja considerado para o fortalecimento de vínculos internacionais e para a formação de uma civilização mundial. Ainda de acordo com Chauí (1981, p. 43):

Considerar a cultura como sendo do povo permitiria assinalar mais claramente que ela não está simplesmente no povo, mas que é produzida por ele, enquanto a noção de “popular” é suficientemente ambígua para levar à suposição de que representações, normas e práticas porque são encontradas nas classes dominadas são, ipso facto, do povo. Em suma, não é porque algo está no povo que é do povo. Embora uma expressão como “cultura do povo” só pudesse ser cunhada a partir do momento em que a diferença e oposição das classes fosse reconhecida, isto não significa que com tal reconhecimento viesse também o da luta de classes nem que esta deixasse de ser escamoteada.

É comum, hoje em dia, ao se falar em cultura brasileira, que se faça referência a certos comportamentos, os quais sempre dizem respeito a situações envolvendo desigualdade social ou política. Supostamente, os brasileiros driblam as regras e exigências dos poderosos

dando um “jeitinho”²³ e alguém poderia concluir que, por serem capazes de burlar as relações de poder, não estão muito preocupados em modificá-las. Essa visão de brasilidade descreve, assim, uma realidade estática, desigual, mas que tem mecanismos próprios de equilíbrio. Há ainda toda uma tradição de falar no espírito conciliatório do brasileiro e isso sugere que é sempre possível acomodar os interesses diversos, e daí se tem uma visão conservadora da sociedade, cuja ênfase pode levar a ignorar as lutas sociais em prol de uma vida melhor para a população²⁴.

Ao pensarmos sobre cultura, podemos estabelecer entre esta e a sociedade vários planos de relacionamento. Há aspectos importantes, por exemplo, das relações entre a cultura e a sociedade no Brasil comuns a outros países semelhantes. Podemos notar que, nas sociedades de classe, se opera uma dissociação entre a produção material e o conhecimento que são transformados em esferas de atuação separadas dentro da sociedade. Poderosas instituições consolidam essa dissociação. Assim, por exemplo, nas universidades e centros de pesquisas, o conhecimento em geral, a ciência e a tecnologia, em particular, são objetos de trabalho, matéria de produção. Essas instituições são controladas pelas classes dominantes da sociedade e seu controle é um dos aspectos contemporâneos das relações de poder²⁵.

A tendência de pensar em cultura como algo meio separado do processo produtivo leva a ignorar essa questão importante; nesse sentido, o controle do conhecimento é relevante não só para pensarmos as relações entre as classes sociais no interior da sociedade, mas também para pensarmos as próprias relações internacionais, posto que haja uma concentração de desenvolvimento científico e tecnológico nas nações mais poderosas. Por isso, o que realmente interessa é que a sociedade se democratize e que a opressão política, econômica e cultural seja eliminada, extinguindo, de uma vez por todas, as mazelas culturais: o analfabetismo, o controle do conhecimento e seus benefícios por uma pequena elite, a pobreza do serviço público de educação e de formação intelectual das novas gerações, entre outras. Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998, p. 59) se posicionam da seguinte maneira:

É de extrema importância que os princípios gerais que regem este país já estejam formulados atualmente na direção da democracia, mas, ao observar as atitudes e relações que se desenvolvem nas diversas instâncias da sociedade, pode-se perceber o fosso que separa a legislação e o comportamento dos indivíduos, qualquer que seja sua classe social, sua categoria profissional ou sua localização geográfica. Se a lei

²³ Grifo do autor.

²⁴ BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 2018.

²⁵ Ibid.

maior brasileira preconiza a inclusão e a equalização de direitos, as práticas sociais, políticas e econômicas ainda produzem exclusão e desigualdades, seja por meio da estrutura socioeconômica e pelo modelo de desenvolvimento, seja pelos valores, concepções e preconceitos produzidos e reproduzidos na cultura.

Sendo a cultura um aspecto de nossa realidade e sua transformação para melhor expressá-la e modificá-la, são necessárias as lutas pela universalização dos benefícios da cultura, contra as relações de dominação entre as sociedades contemporâneas e contra as desigualdades básicas das relações sociais no interior das sociedades. Num sentido mais amplo e fundamental, cultura é o legado de toda a humanidade, portanto, um direito de todos.

A partir de uma ideia de refinamento pessoal, cultura se transformou na descrição das formas de conhecimentos dominantes nos Estados nacionais que se formavam na Europa, a partir do fim da Idade Média. Esse aspecto das preocupações com a cultura nasce assim voltado para o conhecimento erudito, ao qual só tinham acesso setores das classes dominantes desses países. Esse conhecimento erudito se contrapunha ao conhecimento pela maior parte da população, um conhecimento que se supunha inferior, atrasado, superado e que, aos poucos, passou também a ser entendido como uma forma de cultura, a cultura popular. Para Chauí (1981, p. 63):

Quando se fala na cultura popular, não enquanto manifestação dos explorados, mas enquanto cultura dominada, tende-se a mostrá-la como invadida, aniquilada pela cultura de massa e pela indústria cultural, envolvida pelos valores dos dominantes, pauperizada intelectualmente pelas restrições impostas pela elite, manipulada pela folclorização nacionalista, demagógica e exploradora, em suma, como impotente face à dominação e arrastada pela potência destrutiva da alienação.

No caso das modernas sociedades industrializadas, é comum que elas sejam consideradas como sociedades de massa, onde as instituições dominantes têm de prover e até mesmo criar as necessidades de multidões e de seus participantes anônimos, da mesma forma que se desenvolvem mecanismos eficazes para controlar essas massas humanas, fazê-las produzir, consumir e se conformar com seus destinos e sonhos.

Uma sociedade assim exige mecanismos culturais adequados, capazes de transmitir mensagens com rapidez para grandes quantidades de pessoas. Tais instrumentos seriam, principalmente, o rádio, a televisão, a imprensa e o cinema. Eles penetram em todas as esferas da vida social, no meio urbano ou rural, na vida profissional, nas atividades religiosas, no lazer, na educação, na participação política. Tais meios de comunicação não só transmitem informações, não só apregoam mensagens. Eles também difundem maneiras de se comportar,

propõem estilos de vida, modos de organizar a vida cotidiana, de arrumar a casa, de se vestir, maneiras de falar e de escrever, de sonhar, de sofrer, de pensar, de lutar, de amar²⁶.

A dinâmica cultural se manifesta nas diversas formas de contato entre as culturas, determinando trocas e empréstimos, acolhendo invenções, motivando assimilações, aculturações, reinterpretações, transformando, constantemente, valores pela aceitação e pela seleção.

Entende-se que o ser humano é um agente social e que produz cultura através das suas histórias, que se movem no tempo e no espaço, que estão em constante movimento e transformação. As linguagens são dotadas de conhecimentos, valores e tradições carregadas por um povo, por uma etnia ou ainda por um determinado grupo social²⁷.

A cultura se apresenta como algo em constante movimento. Todas as culturas estão o tempo todo em evolução, se reinventando, se reelaborando, trazendo novas concepções, atualizando e adaptando seus acervos tradicionais às novas condições, ou seja, aos novos tempos, já que a história da evolução humana é algo que não para e não é estática²⁸.

A cultura pode se assumir como resistência, estímulo e sobrevivência de um povo, sociedade ou grupo. Quando ela é valorizada e reconhecida, se torna parte indispensável das identidades individuais e sociais, se apresentando, dessa forma, como um componente plural da própria vida democrática²⁹.

Ao fortalecer sua cultura, cada sociedade, povo e grupo social promove, reconhece, valoriza a igualdade, a justiça, o conhecimento, a liberdade, o diálogo, bem como a democracia (BRASIL/PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998).

Conforme o que é caracterizado pelo documento oficial BRASIL/PCNs (1998, p. 44):

É fundamental que a escola assuma a valorização da cultura de seu próprio grupo e, ao mesmo tempo, busque ultrapassar seus limites, propiciando às crianças e aos jovens pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade.

²⁶ BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

²⁷ Ibid.

²⁸ Ibid.

²⁹ Ibid.

Enfim, a sociedade brasileira comporta uma grande diversidade cultural que deve ser encarada como um patrimônio a ser preservado e enriquecido. Trata-se de ressaltar que todos os brasileiros são cidadãos com direitos constitucionais iguais, inclusive, o direito de preservar sua cultura. A diversidade cultural tem marcado a história da humanidade e manifesta-se com traços muito fortes entre nós.

É igualmente importante que ela favoreça a produção e a utilização das múltiplas linguagens, das expressões e dos conhecimentos históricos, sociais, científicos e tecnológicos, sem perder de vista a autonomia intelectual e moral de cada ser humano, como finalidade básica da educação. As diferenças de valores, atitudes, culturas, projetos, que podem ser identificadas nos mais diversos assuntos tratados e nas mais diferentes situações vividas na sociedade, constituem-se fortes referenciais, nos quais cada um de nós pode se reconhecer, distinguindo-se do outro, reconhecendo-os como diferente e reconhecendo-se diferente. De acordo com os Brasil/PCNs (1998, p. 128):

O convívio com a diferença é importante para a percepção de que ser diferente não é problema, é peculiaridade da espécie humana. Esse convívio também contribui para a percepção de que não é necessário ser sempre do mesmo modo: as pessoas mudam, constroem novos valores, assumem novas atitudes e desenvolvem novas relações. Ampliar esse espaço, ultrapassando os muros escolares, o bairro, a cidade, possibilita a visualização das multiplicidades de ser e estar ampliando as alternativas para identificação e elaboração de projetos de vida.

Trabalhar na perspectiva do diálogo com as pessoas, tendo como referência as culturas nas quais participam, e visando ao desenvolvimento de suas capacidades e à ampliação e enriquecimento dos referenciais para a construção de identidades e projetos de que dispõem exige que essa orientação permeie toda a ação educativa, em todos os momentos da vida.

Conforme o Brasil/PCN (1998, p. 122): “Reconhecer e valorizar a diversidade cultural é atuar sobre um dos mecanismos de discriminação e exclusão, entraves à plenitude da cidadania para todos e, portanto, para a própria nação”.

Nos dias de hoje, os meios de comunicação são de grande valia para a disseminação da cultura, já que se levam informações aos mais diversos rincões do país, fazendo com que os padrões de consumo, gostos e valores sejam internalizados por todos. Através da televisão e do rádio, intensificam as influências culturais, inclusive, o que vem de outros países. É necessário conscientizar a população que a mesma sofre por conta do poder da mídia que, a cada dia, se

torna maior e é grande influenciadora da nossa cultura (BRASIL/PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1998).

Entende-se que a desigualdade social, bem como o preconceito, impossibilita cada vez mais o acesso de toda a população aos bens materiais e culturais, reduzindo, de forma significativa, o acesso e a produção dos mesmos, gerando, assim, excluídos sociais que buscam de alguma forma se inserirem dentro do contexto de espaço público produzido por uma coletividade. Porém, vale ressaltar que existem, em diversos pontos do país, lugares onde são produzidas experiências para diminuir o fosso existente, colaborando, assim, para que o cidadão se reconheça como brasileiro, que participa e colabora para o engrandecimento da coletividade.

Petroianu e Pimenta (1998) asseveram que tanto a família quanto a sociedade criaram as mais diversas expectativas em relação aos mais jovens e aos mais velhos, já que se espera dos mais novos um desenvolvimento intelectual e profissional dentro dos parâmetros ditados; dos idosos, espera-se que os mesmos não mais se interessem por sexo, que percebam que o seu trabalho não é mais útil para o mercado de trabalho, bem como são levados a abdicarem das suas atividades sociais.

De acordo com Kuznier (2007, p. 16):

Por muito tempo, a população idosa sofreu e ainda continua sofrendo discriminação por parte da sociedade. Como afirmava Beauvoir em 1972, a população mais idosa, o chamado grupo de minoria improdutiva, sempre teve seu destino subordinado aos interesses da maioria ativa. Entretanto, uma visão mais distinta se faz presente nas sociedades atuais. A ideia de uma visão mais positiva do envelhecimento é resultado de vários fatores, dentre os quais, o crescimento numérico da população idosa em todo o mundo, assim como o advento de estudos antropológicos, que possibilitam uma visão privilegiada acerca do processo de envelhecimento.

O que temos visto ao longo da história, principalmente nas sociedades ocidentais, é que os idosos sempre foram tratados à margem, já que não mais servem dentro do contexto capitalista.

Uchôa (2003) afirma que, em sociedades não ocidentais, as imagens de idosos são mais positivas, pois os sujeitos não levam em consideração a deterioração e a perda que, normalmente, ocorre com o processo de envelhecimento, já que é um fator cultural que vai passando de geração em geração.

Evans-Pritchard (1989), ao estudar o grupo étnico Nuer, do Sudão, relatou que o mesmo demonstra uma visão bastante positiva sobre a figura dos mais velhos. Pois o indivíduo do sexo masculino, ao entrar na adolescência, passa por um ritual de iniciação, no qual é determinada sua posição dentro do grupo. Ressalte-se ainda que os mais velhos são respeitados pelos mais novos, devendo total obediência. A hierarquia social é cumprida em todas as dimensões.

Percebe-se que a velhice é um estágio comum a todos os seres humanos e que cada indivíduo tem sua própria característica, na qual vai sendo acrescentada suas experiências, conhecimentos, vivências entre outras, que são influenciadas pelo meio em que estão inseridos culturalmente. Para Beauvoir (1990, p. 70), “a velhice só pode ser compreendida na sua totalidade. Não representa somente um fato biológico, é também um fato cultural”.

A partir do momento em que o processo de envelhecimento foi sendo e continua a ser estudado nas mais diversas culturas, percebe-se o quanto a velhice deixou de ser tratada como apenas um evento natural de desenvolvimento humano, para ser vista como um acontecimento, em que a cultura é um fator preponderante de influência.

1.7 – Aspectos motivacionais na terceira idade

Conforme assevera o Relatório do Desenvolvimento Humano (2014), o bem-estar das pessoas sofre influência das liberdades que as mesmas desfrutam e de como elas reagem e se recuperam das adversidades causadas por fatores naturais ou pelo próprio Homem.

Nesse sentido, estimular o idoso a ter uma vida mais participativa na sociedade deve ser uma constante, haja vista que quanto mais independente o idoso é, maior é a sua qualidade de vida.

“A motivação é encarada como uma espécie de força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas ações mais importantes. Contudo, é evidente que motivação é uma experiência interna que não pode ser estudada diretamente” (VERNON, 1973, p.11).

“Sempre que sentimos um desejo ou necessidade de algo, estamos em um estado de motivação. Motivação é um sentimento interno, é um impulso que alguém tem de fazer alguma coisa” (ROGERS, LUDINGTON & GRAHAM, 1997, p. 2).

“Os motivos são concebidos [...] como forças que são moldadas pela experiência” (DWECK, 1999, p. 134).

De acordo com Lieury & Fenouillet (2000, p. 9):

[...] a motivação é o conjunto de mecanismos biológicos e psicológicos que possibilitam o desencadear da ação, da orientação (para uma meta ou, ao contrário, para se afastar dela) e, enfim, da intensidade e da persistência: quanto mais motivada a pessoa está, mais persistente e maior é a atividade.

Para Bzuneck (2004, p. 9):

A motivação tem sido entendida ora como um fator psicológico, ou conjunto de fatores, ora como um processo. Existe um consenso generalizado entre os autores quanto à dinâmica desses fatores psicológicos ou do processo, em qualquer atividade humana. Eles levam a uma escolha, instigam, fazem iniciar um comportamento direcionado a um objetivo [...].

Conforme os conceitos acima sobre motivação, podemos verificar a existência de que a mesma é vista de forma bem diferente pelos autores, inclusive, chegando em determinados momentos a abordarem de uma maneira contraditória. Entendemos aqui que não existe um conceito pronto e acabado sobre o que é motivação.

Entretanto, do ponto de vista etimológico, a palavra motivar vem do latim *movere*, *motum*, que significa aquilo que faz mover. Motivar significa, então, provocar movimento ou atividade no indivíduo (PINTRICH e SHUNK, 1996 apud JACOB, 2002, p. 35).

Do ponto de vista funcional, o conceito de motivo pode ser definido como uma condição interna, relativamente duradoura, que leva o indivíduo ou o predispõe a persistir num comportamento orientado para um objetivo, possibilitando a satisfação do que era visado.

Conforme postula Almeida (1986, p. 54-55):

Os motivos segundo Maslow derivam das necessidades que significam carência, déficit, falta de algo no organismo. Este autor elaborou uma teoria das necessidades explicando-as dentro de um sistema integrado e hierarquizado no qual as necessidades de nível mais alto não se desenvolvem até que as de nível mais baixo estejam satisfeitas.

De acordo com a citação acima, só é possível satisfazer necessidades mais elaboradas, quando as necessidades mais básicas, como o respirar, alimentar-se, entre outras,

estão satisfeitas, pois elas são o início do desenvolvimento humano, que vai se moldando ao longo de nosso percurso existencial.

A figura abaixo mostra a hierarquia das necessidades, segundo Maslow (ALMEIDA, 1986, p. 54-55):

QUADRO 03 - HIERARQUIA DAS NECESSIDADES – Maslow

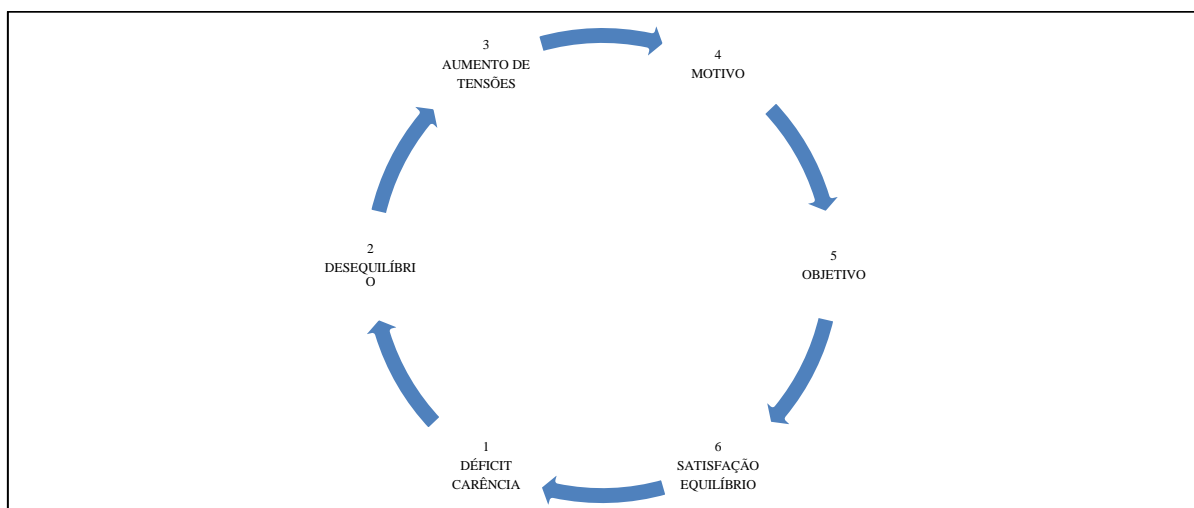
Necessidades de autorrealização: realização e compreensão das próprias potencialidades...
Necessidades do Ego: autoestima, autonomia, autoconfiança, reconhecimento, apreciação...
Necessidades sociais: participação, aceitação, associação, estima, apreço...
Necessidades fisiológicas: alimento, água, ar, sono, satisfação sexual, atividades...

Fonte: Almeida, 1986.

A Teoria das Necessidades de Maslow apresenta um referencial teórico importante, pois indica a importância de se considerar variações entre os indivíduos em relação ao estágio de desenvolvimento em que se apresentam quanto às suas necessidades pessoais, já que cada ser apresenta motivação distinta uma da outra.

A motivação, em geral, envolve um complexo de necessidades e não apenas uma necessidade isolada. De acordo com Almeida (1986, p. 58), o ciclo motivacional pode ser esquematizado da seguinte forma:

QUADRO 04 - CICLO DA MOTIVAÇÃO



Fonte: Almeida, 1986.

O ciclo da motivação envolve mais do que o levantamento dos interesses e das necessidades: inclui o estabelecimento de relações entre esses interesses e o comportamento instrumental que conduzirá aos objetivos previstos.

Segundo Rebelo (2017, p. 1):

A motivação é o calcanhar de Aquiles do envelhecimento ativo e de quase tudo o que nos propomos fazer com a nossa vida. É complicado encontrar motivação e é muito difícil mantê-la por longos períodos de tempo. Por detrás dos problemas de motivação estão muitas vezes problemas emocionais do tipo depressivo ou ansioso. A depressão gera sérias dificuldades para manter a motivação, e a ansiedade leva à fuga e ao desinteresse precipitado. Outro problema sério da motivação surge quando esta é do tipo obsessiva, isto é, demasiado rígida, focalizada e sem sentido crítico. A motivação obsessiva gera estresse e degrada o bem-estar psíquico.

A motivação é um processo que se passa no interior do indivíduo, com o sentido de satisfazer necessidades mediante a obtenção de determinados objetivos.

De acordo com o Relatório do Desenvolvimento Humano (2014, p. 5):

O desenvolvimento humano implica eliminar as barreiras que impedem as pessoas de usar a sua liberdade de agir. Trata-se de habilitar desfavorecidos e excluídos a exercer os seus direitos, manifestar abertamente as suas preocupações, fazer-se ouvir e tornar-se agentes ativos na determinação do seu destino. Está em causa a liberdade de cada um viver a vida que valoriza e de a gerir de forma adequada.

Entende-se que é preciso dar voz e vez aos idosos que compõem a nossa sociedade, já que, em muitos momentos, os mesmos se encontram excluídos da coletividade. Levá-los a se verem como seres que podem contribuir muito para o amadurecimento da própria comunidade.

Desde criança, verificamos que as pessoas mudam de comportamento ao longo da sua existência, principalmente quando se sentem motivados, fazendo com que possa atingir metas e objetivos, alcançando, assim, sucesso.

Conforme o Jornal Diário do Nordeste, em seu Caderno Empregos (2017, p. 2), existem seis tipos de motivação e cada tipo influencia o comportamento de diversas formas. São os seguintes:

- Incentivo: Uma forma de motivação que envolve recompensa, monetária ou não. Muitas pessoas são movidas pela certeza que serão recompensadas por atingir certo

objetivo ou alvo. No trabalho, promoções, aumentos e folgas extras são um bom exemplo do tipo de incentivo usado para uma real motivação.

- Medo: A motivação por medo envolve consequências. Esse tipo de motivação normalmente é utilizado quando o incentivo falha. Num modelo de motivação chamado de “cenoura e bastão”, incentivo é a cenoura e medo é o bastão. Punição ou consequências negativas são uma forma de motivação por medo. Esse tipo de motivação é comumente usada para motivar estudantes no sistema de educação e também em ambientes profissionais. Se você quebra regras ou não atinge os objetivos, você é penalizado em algum jeito.
- Conquista: A motivação por conquista é comumente pensada como um impulso por competência. Você se move para atingir objetivos e conquistar o que quer. Esse tipo de motivação vem da vontade de melhorar suas habilidades e provar a sua competência para si mesmo e para outros. Entretanto, em certas circunstâncias as motivações por conquista podem envolver um desejo por reconhecimento externo. É normal que exista um desejo de feedback positivo dos seus colegas e amigos. Isso pode incluir qualquer coisa desde um prêmio até um pequeno elogio.
- Crescimento: A necessidade por melhorar a si mesmo é realmente uma motivação interna. Um desejo ardente de aumentar o seu conhecimento de si mesmo e do mundo ao seu redor pode ser uma fonte forte de motivação. Todo mundo quer realmente aprender e crescer como indivíduo. Motivação por crescimento pode ser vista como um desejo por mudança. Muitos de nós somos condicionados pela personalidade ou criação a constantemente procurar mudanças. Isso faz com que você veja a estagnação como negativa e indesejável.
- Poder: A motivação por poder pode ser tanto uma forma de desejo por autonomia quanto de controlar as pessoas ao seu redor. Você quer ter opções e controle sobre a própria vida. É uma forma de tentar dirigir a maneira como você vive agora e no futuro. Isso também pode se traduzir em um desejo de controlar aqueles que estão ao nosso redor. O desejo por controle é mais forte em algumas pessoas que em outras. Em alguns casos, esse desejo por poder pode se traduzir em atitudes erradas. Mas em outros, ele é apenas um desejo de afetar o comportamento de outros.
- Social: A maioria das pessoas é motivada por fatores sociais. Isso talvez seja um desejo por fazer parte de algo e ser aceito por um grupo específico ou de uma esfera maior no mundo. Todo mundo tem um desejo inato de se sentir conectado com os outros, além de um desejo por afiliação e aceitação. Outra forma é a vontade de contribuir e fazer a diferença nas vidas de outras pessoas. Quem tem a motivação de contribuir para o mundo normalmente é motivado por fatores sociais.

Diante do exposto acima, é necessário estimular os idosos para o uso de todas as suas capacidades, fazendo com que os mesmos possam se sentir úteis, ao mesmo tempo em que sua qualidade de vida torna-se melhor, prevenindo assim o uso de medicamentos e de enfermidades psicológicas por parte dessa população, levando-os a se perceberem como indivíduos que podem aprender ainda nessa fase.

É necessário valorizar a população idosa em toda sua plenitude. É fazer com que se sinta importante e produtiva, apesar de já estar afastada do mercado de trabalho. É preciso fazer com que esses homens e mulheres que atingiram a terceira idade percebam que isso não é o fim e, sim, que é chegada uma nova fase da sua vida, com novos desafios e obstáculos a serem conquistados. Nesse sentido, utilizo Beauvoir (1990, p. 15-16), que aponta:

Como todas as situações humanas, a velhice tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a própria história. Por outro lado, o homem não vive em estado natural. Na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto é imposto pela sociedade à qual pertence [...]. A sociedade destina ao velho seu lugar e papel levando em conta sua idiossincrasia individual, sua importância, sua experiência. Reciprocamente, o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele. Não basta, portanto, descrever de maneira analítica os diversos aspectos da velhice. Cada um desses aspectos vai reagir sobre os outros e ser afetado por todos esses outros. É nesse movimento indefinido dessa circularidade que é preciso apreender a velhice.

Antes de estimular o idoso a se ver como um ser participante e atuante dentro de um novo contexto de desenvolvimento, é necessário trabalhar com ações que possam combater o preconceito e a discriminação contra a população que envelhece a cada dia que passa, não apenas no Brasil, mas em todo o globo terrestre. É preciso que estereótipos negativos sejam erradicados e minimizados, para que essa população velha se veja como detentora de saberes e experiências que podem contribuir de forma significativa para uma sociedade mais justa, solidária e que está sempre a evoluir o tempo todo.

Parafrazeando Alves *et al*, (2013) a mudança só pode ocorrer se valorizarmos o idoso como um ser humano autônomo e independente. E que deve ser reconhecido por toda sociedade como um cidadão presente para contribuir e melhorar o lugar em que se encontra. Dessa forma, é possível estimular a população idosa de forma única e que a mesma veja que tem muito a contribuir para o mundo e as pessoas que nele se encontram.

O processo motivacional que se interpõe à ação dos idosos é bastante complexo, já que é necessário levar em consideração fatores como cultura, relações sociais, economia, escolaridade, entre outros. Porém, Davidof (2001) aponta que a motivação está relacionada apenas a um estado interno, no qual o sujeito depende apenas de si para realizar algum tipo de atividade ou tarefa.

Samulski (2002) destaca que a motivação é caracterizada como um processo ativo que deve atingir uma meta e que depende de vários fatores intrínsecos (pessoais) e extrínsecos (ambientais); além da vontade própria, a pessoa está sujeita a depender de vários fatores relacionados ao contexto em que esse indivíduo está presente.

1.8 – Legislação e marcos regulatórios na terceira idade

Atualmente, estão em vigor algumas leis e regulamentações que foram e continuam sendo de grande valia para a população idosa se fazer existir para toda a sociedade, bem como

garantir seus direitos e suas conquistas ao longo da história. Entretanto, o que podemos afirmar é que nem sempre isso foi assim.

Conforme explicita Beauvoir (1990), até meados do século XIX o trabalhador idoso era dispensado de suas atividades laborativas, estava sujeito à sua própria sorte, pois, até então, não existia nenhum tipo de garantia para assegurar seus direitos e lhe prover um meio de subsistência. Em vários momentos da história da humanidade, surgiram indivíduos que lutaram e continuam a lutar para garantir os direitos dos idosos.

Em 1796, o inglês Tom Paine já pleiteava uma remuneração para os sujeitos com mais de 50 anos. Já no ano de 1884, países como Bélgica e Holanda iniciaram pagamentos de pensões para pessoas idosas oriundas do setor público. A França, no século XIX, resolveu conceder pensão aos militares e aos funcionários públicos. Devido a atividades consideradas perigosas, o governo no Segundo Império Francês assinalou que mineiros, operários marítimos, arsenais e ferroviários também recebessem pensões quando da sua aposentadoria (OTTONI, 2012).

Novamente, Beauvoir (1990) aponta que, nos países desenvolvidos, o sistema de seguridade social foi a solução encontrada para assegurar o direito ao pagamento e uma pensão aos idosos, levando-os a serem reinseridos na sociedade. No Brasil e em países em desenvolvimento, a população idosa e a pobreza ficaram de fora das questões de políticas públicas. Após várias décadas, o Brasil, muito timidamente, começou a buscar medidas para minimizar a situação de descaso junto à população da terceira idade.

Segundo postula Silva e Neri (1993, p. 216):

O idoso brasileiro em geral pobre, com insuficiente acesso a precários serviços públicos de bem-estar, e tem poucas perspectivas de melhora a curto e a médio prazo. Velhos pobres e crianças pobres são e serão as principais vítimas da desorganização do Estado.

Vivemos, hoje, uma desorganização tanto na política quanto na economia do país. A crise na previdência pública é amplamente divulgada nos meios de comunicação, levando a população a crer que as futuras aposentadorias só poderão ser remuneradas com a reforma polêmica da previdência.

Com o aumento da população no país, é necessário buscar mecanismos que venham a minimizar a vulnerabilidade pela qual a população idosa passa no seu dia a dia.

Nesse sentido, Berquó (1996, p. 32) destaca que:

A questão do idoso no país deve merecer cada vez o interesse dos órgãos públicos, dos formuladores de políticas sociais e da sociedade em geral, dado o volume crescente deste segmento populacional, seu ritmo de crescimento e suas características demográficas, econômicas e sociais.

O Brasil acompanhou, ao longo da sua história, o processo de envelhecimento em todo o planeta. Camarano e Pasinato (2004) apontam que, no período colonial, a Santa Casa de Misericórdia de Santos funcionava como instituição assistencial; no período imperial, existiam sociedades beneficentes. Como exemplo, os autores apresentam o caso dos trabalhadores dos Correios, que, no ano de 1888, tinham direito à aposentadoria. Entretanto, esses trabalhadores deveriam ter algumas especificações para adquirir tal regalia, como possuir 30 anos de tempo de serviço e idade mínima de 60 anos.

No início do século XX, houve um grande avanço em relação às políticas previdenciárias, já que as mesmas foram estendidas aos trabalhadores da iniciativa privada. Em 1919, foi criado o seguro de acidentes do trabalho. Em 1923, foi regulamentada pela Lei Eloy Chaves a criação da Caixa de Aposentadorias e Pensões – CAP (OTTONI, 2012).

Nos anos 1930, a política adotada para aposentadoria era própria de cada empresa. Com o surgimento da Caixa de Aposentadorias e Pensões – CAP, o trabalhador passou a contribuir com um valor percentual do seu salário para sua aposentadoria. Ressalte-se que a política do bem-estar social já fazia parte das políticas públicas do governo, como previdência, educação, saúde e habitação. Nesse mesmo período, surgiu o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e as CAP foram substituídas pelos Institutos de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social – IAPAS, nos quais os sindicatos eram os gestores dos recursos angariados (SIMÕES, 1994 apud DEBERT, 2004).

Em 10 de dezembro de 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas promulgou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que traz em seu interior um fator de grande importância para os direitos dos idosos, tornando-se um marco regulatório, já que, em seu primeiro artigo, a declaração destaca que: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras

com espírito de fraternidade” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA - UNESCO, 1998, p. 2).

Percebemos que o Art. 1 da Declaração traz no seu bojo o lema da Revolução Francesa (Liberdade, Igualdade e Fraternidade), reforçando a ideia da dignidade entre os sujeitos, reconhecendo-os como iguais e que devem ser tratados como seres humanos e não como coisas.

Diante disso, a Declaração, no seu artigo 25, inciso 1, destaca os direitos universais das pessoas idosas:

- 1 – Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice³⁰ ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora do seu controle (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA - UNESCO, 1998, p. 5).

Dialogando com a citação acima, é possível compreender que a Declaração nos mostra que os direitos dos idosos passam a ser reconhecidos internacionalmente, fazendo com que os mesmos sejam vistos como seres humanos dentro da sociedade e que contribuem de forma significativa para o crescimento de todos.

O mais novo desafio do mundo é como enfrentar o processo de envelhecimento, que ocorre cada vez mais rápido em todos os países, haja vista que as pessoas começam a viver mais, ao mesmo tempo em que avançamos de forma ímpar em tecnologia. Vale a pena frisar que as transformações que ocorrem ao longo da história da humanidade têm afetado de forma drástica essa nova dinâmica demográfica e os problemas que ela traz consigo.

Em 1982, em Viena, ocorreu a I Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, que tinha como pano de fundo discutir o processo de envelhecimento da sociedade mundial, sob a égide do desenvolvimento econômico e tecnológico. Também foram apresentadas formas de inserir o idoso dentro de uma sociedade mais produtiva, voltada à produção de material e acúmulo de capital (ALONSO, 2005).

É bom ressaltar que a assembleia contou com um número de 124 países participantes, que traziam consigo conflitos ideológicos, políticos, econômicos e uma série de

³⁰ Grifo do autor.

problemas que poderiam afetar os idosos de forma muito significativa, haja vista que era uma população que poderia vir a sofrer uma série de consequências negativas e ao mesmo tempo violentas nas suas vidas, por serem mais vulneráveis (ALONSO, 2005).

Os princípios proclamados pela ONU em defesa da população idosa procuram estabelecer uma rede de proteção social voltada especificamente para este segmento, tratando-o enquanto um grupo social que merece uma atenção diferenciada, assim como defende a adoção de políticas sociais que integrem o idoso às demais gerações, participando e tendo oportunidades como qualquer outro segmento nas dinâmicas sociais. Postula-se, desta forma, tratar o idoso diferencialmente de acordo com suas necessidades assim como defender sua igualdade em relação aos demais indivíduos no que diz respeito à garantia de benefícios e participação social (ALONSO, 2005, p. 40).

A Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento trouxe uma grande contribuição para a população idosa, já que a mesma percebeu que o segmento idoso só tende a crescer cada vez mais, fazendo-se necessário criar laços entre as gerações para que todos possam interagir, bem como trocarem informações visando a uma convivência mais harmoniosa e respeitosa com todos.

Após a Assembleia Mundial, tivemos, em dezembro de 1991, a aprovação pela ONU dos “Princípios das Nações Unidas para o Idoso”, documento que traz os princípios básicos que serviram como fundamento para as garantias sociais da população da terceira idade.

Os Princípios das Nações Unidas para o Idoso defendem a seguinte máxima: “Ter acesso à educação permanente e a programas de qualificação e requalificação profissional”³¹. Isso demonstra, claramente, que a população idosa é capaz de continuar aprendendo ao longo da vida, ao mesmo tempo em que pode estar inserida dentro da sociedade.

A Segunda Assembleia sobre o Envelhecimento foi realizada 20 anos após a primeira, que tinha como principal característica discutir as políticas públicas sociais para a população idosa e os problemas enfrentados por ela durante esse longo período. O discurso proferido por Kofi Annan³², que à época era secretário geral da ONU, foi de uma clareza e delicadeza sem igual. Em uma das suas falas ele enfatiza que:

Todos envelheceremos algum dia, se tivermos esse privilégio. Portanto, não consideremos os idosos como um grupo à parte, mas, sim, como a nós mesmos no futuro. E reconhecamos que todos os idosos são pessoas individuais, com necessidade

³¹ ONU, Princípios das Nações Unidas para o Idoso, 1991.

³² Kofi Annan, II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, 2002.

e capacidades particulares, e não um grupo em que todos são iguais por que são velhos (ONU, 2002).

Ao analisar a fala acima, é possível perceber que chegar à velhice é um privilégio. Não devemos e não podemos enxergar o idoso como um ser decrepito e sem valia. Muito pelo contrário. Temos de nos ver como futuros cidadãos idosos, que possuem suas próprias características, que ainda possuem sonhos e são capazes de realizações.

No mês de novembro de 2002, após a II Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, ocorreu, em Toronto, no Canadá, um novo encontro. Conhecido como a Declaração de Toronto, a Organização Mundial de Saúde – OMS juntamente com a Rede Internacional de Prevenção a Abusos e Maus-tratos na Velhice – INPEA e a Universidade de Toronto proclamaram a “Declaração de Toronto para a Prevenção Mundial de Maus-Tratos das Pessoas Idosas”, documento esse que visa a conscientizar toda a sociedade sobre os maus-tratos sofridos pelos mesmos (ALONSO, 2005).

No Brasil, o grande marco regulatório nas políticas públicas foi a promulgação da Constituição de 1988, que significou uma grande conquista não só para o público da terceira idade, mas para toda a sociedade. Esse documento trouxe ao país a garantia de uma soberania nacional, bem como a volta da democracia após um longo período de Ditadura Militar.

Ficou conhecida como a “Constituição Cidadã”, por conta dos direitos sociais assegurados nos seus artigos, bem como pela participação em massa da população, já que todos estavam interessados em participarem dos debates acerca da Constituição. Dessa forma, foi possível elaborar as reivindicações que tanto solicitavam os brasileiros, em especial o idoso, através de sua associação (ALONSO, 2005).

Percebe-se que a Constituição de 1988 trouxe no seu interior muitas garantias que estavam elencadas na Declaração Universal dos Direitos Humanos, vindo a colaborar para garantir um novo paradigma de proteção social, tendo sido um ganho de extrema importância para a proteção da população idosa, deixando de lado a rede assistencialista e fazendo-a se ver como cidadãos (OTTONI, 2012).

Otoni (2012, p. 51) aponta que, após a Constituição Federal de 1988, algumas leis foram de grande importância para os idosos, são elas:

- 1989: Portaria Federal de nº 810/89 do Ministério da Saúde, que determina a normatização do funcionamento padronizado de instituições ou estabelecimentos de atendimento ao idoso;
- 1991: aprovação dos Planos de Custeio e de Benefício da Previdência Social, estabelecendo novas regras para a manutenção do valor real dos benefícios;
- 1993: Estatuto do Ministério Público da União e a Lei nº 8.742/93 – Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS -), reconhecida como política de seguridade social responsável pela garantia de proteção social à população socialmente mais exposta a riscos;
- 1994: Política Nacional do Idoso;
- 1995: Decreto nº 1.605, de 25/08/1995, que regulamentou o Fundo Nacional de Assistência Social;
- 1996: Decreto nº 1.948, de 03/07/1996, que regulamentou a Política Nacional do Idoso e criou o Conselho Nacional do Idoso;
- 2003: Estatuto do Idoso;
- 2004: Política Nacional de Assistência Social (PNAS);
- 2005: Sistema Único de Assistência Social (SUAS);
- 2006: Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa e o Pacto pela Saúde, instituído pela Portaria do Ministério da Saúde nº 399/06, que constitui em um conjunto de reformas institucionais do Sistema Único de Saúde – SUS -, compartilhado pela União, pelos estados e municípios.

De acordo com a citação acima, mesmo tendo garantido várias leis para uma melhor qualidade no processo de envelhecimento da população brasileira, estamos ainda muito distantes do modelo que se faz necessário para realmente cumprir tudo o que a legislação traz no seu contexto.

Segue quadro com os marcos regulatórios consagrados e suas principais características.

QUADRO 05 – MARCOS HISTÓRICOS CONSAGRADOS

1974	Por meio da Lei nº 6.179, foi criada a Renda Mensal Vitalícia, através do então Instituto Nacional de Previdência Social – INPS, e de decretos, leis, portarias, referentes, principalmente, à aposentadoria.
1977	Foi criado o Sistema Nacional de Previdência e Assistência Social – SINPAS, Lei nº 6.439 integrando o Instituto Nacional de Previdência Social – INPS, o Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social – INAMPS, a Fundação Legião Brasileira de Assistência – LBA, a Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor – FUNABEM, a Empresa de Processamento de Dados da Previdência Social – DATAPREV, o Instituto de Administração Financeira da Previdência e Assistência Social – IAPAS, para unificar a assistência previdenciária.
1982	Foi realizada a I Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento (ONU), em Viena, que traçou as diretrizes do Plano de Ação Mundial sobre o Envelhecimento, publicado em Nova York em 1983. Esse Plano de Ação almejou sensibilizar os governos e sociedades do mundo todo para a necessidade de direcionar políticas públicas voltadas para os idosos, bem como alertar para o desenvolvimento de estudo futuros sobre os aspectos do envelhecimento.
1986	Foi realizada a 8ª Conferência Nacional de Saúde que propôs a elaboração de uma política global de assistência a população idosa.
1988	Foi promulgada a Constituição Cidadã – Constituição Federal, que destacou no texto constitucional a referência ao idoso. Essa foi, de fato, a primeira vez em que uma constituição brasileira assegurou ao idoso o direito à vida e à cidadania; A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhe o direito à vida - § 1º Os programas de amparo aos idosos serão executados

	preferencialmente em seus lares; - § 2º Aos maiores de 65 anos é garantida a gratuidade dos transportes coletivos urbanos (CF, art. 230, 1988).
1993	Foi aprovada a Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS – Lei 8.742/93, que regulamenta o capítulo II da Seguridade Social da Constituição Federal, que garantiu o dever do Estado. A LOAS inverte a cultura tradicional dos programas vindos da esfera federal e estadual como pacotes, e possibilita o reconhecimento de contextos multivariados e, por vezes universais, de riscos à saúde do cidadão idoso. Cita o benefício de prestação continuada, previsto no art. 20 que é a garantia de um salário mínimo mensal à pessoa de deficiência e ao idoso como setenta anos ou mais e que comprovem não possuir meios de prover a própria manutenção e nem de tê-la provida por sua família.
1994	Foi aprovada a Lei Nº 8.842/1994 que estabelece a Política Nacional do Idoso – PNI posteriormente regulamentada pelo Decreto Nº 1.946/96.6, e cria o Conselho Nacional do Idoso. Essa Lei tem por finalidade assegurar direitos sociais que garantam a promoção da autonomia, a integração e a participação efetiva do idoso na sociedade, de modo a exercer sua cidadania. Estipula o limite de 60 anos e mais, de idade, para uma pessoa ser considerada idosa. Como parte das estratégias e diretrizes dessa política, destaca-se a descentralização de suas ações envolvendo estados e municípios, em parceria com entidades governamentais e de suas ações envolvendo estados e municípios, em parceria com entidades governamentais e não governamentais. A Lei em discussão rege-se por determinados princípios, tais como: assegurar ao idoso todos os direitos de cidadania, com a família, a sociedade e o Estado os responsáveis em garantir sua participação na comunidade, defender sua dignidade, bem-estar e direito à vida. O processo de envelhecimento diz respeito à sociedade de forma geral e o idoso não deve sofrer discriminação de nenhuma natureza, bem como deve ser o principal agente e o destinatário das transformações indicadas por essa política. E, por fim, cabe aos poderes públicos e à sociedade em geral a aplicação dessa lei, considerando as diferenças econômicas e sociais, além das regionais.
1999	Foi implantada a Política Nacional da Saúde do Idoso pela Portaria 1.395/1999 do Ministério da Saúde – MS que estabelece as diretrizes essenciais que norteiam a definição ou a redefinição dos programas, planos, projetos e atividades do setor na atenção integral às pessoas em processo de envelhecimento e à população idosa. Essas diretrizes são: a promoção do envelhecimento saudável, a prevenção de doenças, a manutenção da capacidade funcional, a assistência às necessidades de saúde dos idosos, à reabilitação da capacidade funcional comprometida, a capacitação de recursos humanos, o apoio ao desenvolvimento de cuidados informais, e o apoio aos estudos e pesquisas. E ainda, tem a finalidade de assegurar aos idosos sua permanência no meio e na sociedade em que vivem desempenhando suas atividades de modo independente.
2002	Foi realizada a II Assembleia Mundial sobre Envelhecimento em Madrid – Plano Internacional do Envelhecimento – que tinha o objetivo de servir de orientação às medidas normativas sobre o envelhecimento no século XXI. Esperava-se alto impacto desse plano nas políticas e programas dirigidos aos idosos, principalmente, nos países em desenvolvimento, como o Brasil. Dessa feita, ele foi fundamentado em três princípios básicos: 1) participação ativa dos idosos na sociedade, no desenvolvimento, na força de trabalho e na erradicação da pobreza; 2) promoção da saúde e bem-estar na velhice; e 3) criação de um ambiente propício e favorável ao envelhecimento.
2003	Foi realizada a Conferência Regional Intergovernamental sobre Envelhecimento da América Latina e Caribe, no Chile, na qual foram elaboradas as estratégias regionais para implantar as metas e objetivos acordados em Madrid. Foi recomendado aos países que, de acordo com suas realidades nacionais, propiciassem condições que favorecessem um envelhecimento individual e coletivo com seguridade e dignidade. Na área da saúde, a meta geral foi oferecer acesso aos serviços de saúde integrais e adequados à necessidade do idoso, de forma a garantir melhor qualidade de vida com manutenção da funcionalidade e da autonomia.
2003	No Brasil, entra em vigor a Lei nº 10.741, que aprova o Estatuto do Idoso destinado a regular os direitos assegurados aos idosos. Esse é um dos principais instrumentos de direito do idoso. Sua aprovação representou um passo importante de legislação brasileira no contexto de sua adequação às orientações do Plano de Madri.
2006	Foi realizada a I Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa, na qual foram aprovadas diversas deliberações, divididas em eixos temáticos, que visou garantir e ampliar os direitos da pessoa idosa e construir a Rede Nacional de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa – RENADI.

Fonte: Fernandes, Soares (2012).

Entretanto, só agora estamos a trabalhar com a questão da aprendizagem para a terceira idade. Nesse sentido, é necessário criar políticas públicas para beneficiar esse segmento populacional.

Diante disso, o que temos visto como políticas públicas para a aprendizagem na terceira idade em âmbito mundial foi a Declaração de Hamburgo (1997), cujo documento final foi aprovado na V Confinteia, com o tema “Educação por Toda Vida”. A mesma indica em seu interior que a qualidade de vida da população idosa está inserida dentro do contexto educacional, como processo motivador, que gera bem-estar. Ressalta ainda que é necessário alavancar as potencialidades da população idosa, visando ao fortalecimento da mesma para as mudanças que estão a ocorrer na sociedade, procurando, dessa forma, desenvolver a autonomia, habilidades e competências individuais e coletivas, no intuito de incentivar a criação de programas para uma educação continuada nos âmbitos formais, não formais e informais (DECLARAÇÃO DE HAMBURGO, 1997).

Alonso (2005) assevera que o Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento, implementado no ano de 2002 pela ONU, traz no seu interior várias recomendações sobre a plena qualidade de vida da população idosa, principalmente no que diz respeito às questões ligadas ao estado físico, emocional e intelectual, na tentativa de torná-la mais independente e autônoma.

O autor acima destaca que o Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento, formulado em Madri, aponta políticas públicas para a questão do processo educacional dos indivíduos da terceira idade, já que é necessário realizar os mais diversos tipos de programas tanto de atualização quanto de reciclagem educacional no que diz respeito a população idosa, pois, com o avanço da tecnologia, os conhecimentos tendem a se defasarem constantemente e de forma rápida. O mesmo ainda afirma que educação e trabalho caminham na mesma direção e, com mudanças tão drásticas na sociedade do conhecimento, se fazem necessários sujeitos mais atualizados e que possam minimizar suas perdas tanto educacionais, quanto laborais (ALONSO, 2005).

Alonso (2005) afirma ainda que o baixo nível educacional é mais preocupante na população idosa, pois a mesma sofre com a herança deixada por governos que desprezavam a importância da educação como um forte determinante de desenvolvimento nos âmbitos social, cultural, econômico, entre outros. O estudioso enfatiza que ditaduras militares e governos

corruptos destruíram ao longo da caminhada a possibilidade de uma formação voltada para uma educação de qualidade em todos os segmentos da sociedade.

Atualmente, o Marco de Ação de Belém (2010) é um documento originado dos mais diversos diálogos travados na VI Confinteia, em que foi possível traçar um perfil para a educação rumo a 2030, com uma nova visão para a educação. O documento retrata a seguinte visão:

Nossa visão é transformar vidas por meio da educação ao reconhecer seu importante papel como principal impulsionador para o desenvolvimento e para o alcance de outros ODS³³ propostos. Comprometemo-nos, em caráter de urgência, com uma agenda de educação única e renovada, que seja holística, ousada e ambiciosa, que não deixe ninguém para trás (DECLARAÇÃO DE INCHEON, 2016, p. iii).

Dialogando com a citação acima, percebemos que o documento tem como principal ponto o compromisso com a educação, no sentido de promover os avanços mais significativos na área educacional, visando a uma vontade política que deve se refletir nos inúmeros tratados sobre direitos humanos, sejam eles internacionais, nacionais e/ou regionais, e que tenham ligações diretas com a educação, mesmo sabendo o quão difícil é alcançar uma educação de qualidade para todos.

Ressaltamos que o Brasil, como país signatário da ONU, tem assinado todos os tratados que diz respeito ao processo educacional. Mesmo sabendo da dificuldade de implantá-los no país, é possível perceber que tentamos, de alguma maneira, colaborar para que as ações educacionais sejam cumpridas.

A Constituição Federal do Brasil (1988) traz no seu interior uma série de proteção social para o idoso, a exemplo do que dispõe no artigo 230: “A família, a sociedade e Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”. Nesse sentido, percebemos um marco em relação à justiça social, que reconhece os direitos sociais da população idosa.

Nos artigos 205 a 224 da Constituição Federal (1988), Veiga Júnior (2005, p. 46) comenta que: “Ao assegurar o direito à Educação, Cultura, Esporte, Lazer, Diversões,

³³ Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Espetáculos, Produtos e Serviços, o legislador mantém parte das aspirações da Constituição vigente. A Educação é fundamental”.

O artigo 20 do Estatuto do Idoso (2013, p. 19) vem corroborar com a Constituição Federal (1988): “O idoso tem direito a educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade”.

É dever do Estado criar políticas públicas que atendam a população idosa no seu processo educacional, que possam valorizar todo o conhecimento trazido ao longo da jornada da vida, podendo contribuir, de forma efetiva, para uma construção coletiva entre todos os envolvidos.

Em relação ao Estado do Ceará, as Políticas Públicas na área educativa, como está previsto no Estatuto do Idoso, são praticamente inexistentes, já que essa população não possui programa específico para ser atendida.

O que temos encontrado como políticas públicas que atendam a população da terceira idade no âmbito educativo é o Programa de Educação de Jovens e Adultos – EJA, que tem como meta a alfabetização e a continuação da escolarização dos educandos.

Reconhecemos que no Programa EJA a população idosa é praticamente inexistente, já que a mesma não é contemplada nessas ações. As políticas públicas educativas para a terceira idade até o final do ano de 2014 não eram contempladas em nenhum plano de ação. O que se tinha até então eram ações esporádicas que visavam apenas cobrir lacunas, principalmente voltadas para a questão da saúde do idoso, sem prestigiar a questão educacional (PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA, 2015).

Diante do quadro acima apresentado, a Prefeitura Municipal de Fortaleza (2015), no seu plano decenal relativo às políticas públicas educativas para a terceira idade, resolveu criar o Plano Municipal da Educação de Fortaleza, que compreende o período de 2015 a 2025, tendo como base a Educação de Jovens e Adultos – EJA, que consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, resolvendo contemplar a população idosa dentro de um processo educativo maior na EJA, e ganhando, assim, uma nova nomenclatura, sendo esta denominada de Educação de Jovens, Adultos e Idosos, considerada uma modalidade de educação básica nos Ensinos Fundamental e Médio.

O Plano Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Fortaleza (2015, p. 55) assevera que:

Os sujeitos da Educação de Jovens, Adultos e Idosos são, na sua maioria, moradores de bairros periféricos. Há nesse quadro uma parcela de trabalhadores e outra de jovens buscando o primeiro emprego e, ainda, mulheres e homens em mercado informal, donas de casa, migrantes, pensionistas, aposentados, encarcerados, filhos com pais e mães de diferentes concepções de família. Isto significa que vários fatores sociais dificultam o acesso e a permanência na escola formal, como por exemplo: o trabalho infantil; o currículo escolar distante da realidade e dos aspectos culturais; as manifestações preconceituosas; a desvalorização da pessoa idosa enquanto sujeito social; a dupla jornada das mulheres chefes de famílias, entre outros. Possibilitar aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho, na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação, caracteriza a Função Equalizadora da EJA como parte do rol de suas funções essenciais. A função anunciada, em conjunto com a Qualificadora, essência da EJA, tem como pressuposto o caráter incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de aprendizagem pode se realizar nos quadros escolares e não escolares.

Entendemos que a população idosa tem o direito tanto quanto o restante da população de poder ser atendida dentro dos meios educativos, a mesma tem de ser contemplada no seu processo de aprendizagem de acordo com suas especificidades, bem como no sentido de inseri-la dentro de um contexto atual e em sintonia com o mundo contemporâneo.

O Plano Municipal de Educação da Prefeitura Municipal de Fortaleza (2015) tem o intuito de reduzir o analfabetismo na cidade de Fortaleza, dando prioridade aos bairros com maiores taxas de analfabetismo. Ressalte-se ainda que o plano em si traz em seu interior a possibilidade de elaboração de um currículo que possa atender a população idosa e suas especificidades, principalmente no que diz respeito à inclusão digital e a programas socioculturais, para facilitar a inserção dessa população no mundo tecnológico que está em constante mutação.

Diante disso, a sociedade, nos dias atuais, vive um processo de transformação constante no que diz respeito ao uso e ao acesso à Tecnologia da Informação e da Comunicação - TIC. Estamos a vivenciar uma sociedade do conhecimento que se descortina diante dos nossos olhos.

O uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação – TIC, desde o final do século XX e início do século XXI, se tornou uma constante em quase todas as sociedades. O mundo se tornou bem mais próximo. Podemos visitar museus, lugares, culturas, fazer transferências bancárias, bem como pagamentos sem nem mesmo sair de casa. Para isso, basta

um leve toque na tela do computador para que seja possível descobrir uma infinidade de informação.

Nesse sentido, é necessário criar políticas públicas que beneficiem o processo de aprendizagem na terceira idade, valorizando não apenas o aprender nos meios educacionais, mas também o que essa população traz no seu âmago ao longo do seu tempo de vida.

As políticas públicas educativas para a população idosa não devem ter apenas um caráter de conceituar e transmitir informações, tem de ir muito além de conceitos. Como declara Zabala (1998), as políticas públicas devem ir além de conceitos atitudinais, necessitam criar atitudes que mudem os comportamentos preconceituosos contra a comunidade idosa, principalmente dentro dos meios escolares, já que são necessárias atividades planejadas e de forma contínua, para que os indivíduos possam refletir e tentarem mudar seus posicionamentos.

As políticas públicas voltadas para a velhice ainda se referem a uma ideia de exclusão e preconceito, já que, em muitas ocasiões, os direitos da população idosa, mesmo estando assegurados pela Constituição do país, em muitos momentos, não são exercidos em sua totalidade.

Silva (2003, p. 98) afirma que:

(...) os idosos representam a história viva das ações desenvolvidas pelos poderes constituídos, silenciados pela política, emanada até recentemente no país, a que favoreceu o desconhecimento dos direitos, assim como contribuiu para gerar uma estrutura altamente concentradora de renda, e que produziu uma velhice sem recursos financeiros para custear suas despesas.

Dialogando com a citação acima, é possível vislumbrar que o Estado de cunho capitalista está baseado apenas no lucro, esquecendo, completamente, de qualquer tipo de necessidade da população que mais necessita de políticas públicas. Nesse contexto, o idoso passa a se constituir como um indivíduo marginalizado, incluído no braço mais pobre da sociedade, bem como o que necessita de gastos exorbitantes, ao mesmo tempo que não gera nenhum tipo de ganho financeiro para o Estado.

CAPÍTULO 2 – EDUCAÇÃO, ESCOLARIZAÇÃO E TIC

“O maior inimigo do conhecimento não é a ignorância, e sim a ilusão de se conhecer tudo!”

Stephen Hawking

O mundo contemporâneo passa por grandes transformações. As pessoas sentem-se impelidas às mais diversas matizes com um individualismo recorrente, consumismo exacerbado, xenofobia – que se apresenta de forma mais acirrada –, preconceito e intolerância cada vez maiores contra as minorias (MOURA, 2007).

Nesse sentido, entende-se que o sistema educacional pode ser a possibilidade de mudar o quadro que se apresenta acima, tentando dessa forma proporcionar aos alunos um modelo em que prevaleça o sentimento de solidariedade, fraternidade, ética e democracia. Onde todos possam se sentir responsáveis uns pelos outros.

Não existe sociedade sem educação. O que é perceptível é que a função social da educação não está diretamente ligada à transformação da natureza para satisfazer as necessidades da humanidade por bens de consumo e meios de produção. Mas, sim, que, sem educação, não existe sociedade para se desenvolver de maneira histórica.

Nesse sentido, Apple (1999, p. 58) afirma que: “Em geral, a teoria do capital humano afirma que as escolas são agentes importantes de crescimento econômico e de mobilidade”.

Freitag (1986 apud CALADO, 2003, p. 17-18):

A concepção de educação como armadora de capital humano vai justificar os investimentos e as inferências do estado na educação, uma vez que ela é vista como promotora de desenvolvimento para o país. Nesta perspectiva, é colocado que tanto o Estado quanto o indivíduo se favorecem, pois é pelo estudo que o indivíduo tem novas chances de emprego e melhoria de salário e de vida e, com isso, a nação desenvolve-se e cresce. Porém, numa abordagem crítica, essa lógica se rompe, uma vez que no capitalismo o salário é bem menor que o valor que o trabalhador cria no tempo pelo qual vendeu sua força de trabalho. Sua maior produtividade face à sua maior qualificação não beneficia a ele, aumentando gradativamente seu salário, mas ao seu empregador que se apropria da diferença, a mais valia.

Assim, a política educacional que adota essa concepção garante o crescimento da taxa de lucro para as empresas. E documentos internacionais que declaram a educação como um direito humano – conceito dissimulado em preocupações humanitárias – na verdade trazem

a concepção de educação como um investimento necessário para garantir o avanço e a expansão capitalista.

Freire (2003) conceitua educação como sendo uma teoria do conhecimento que é colocada em prática no dia a dia. Para o autor, “a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 2006, p. 61).

Entende-se que a educação é estritamente um ato humano, na qual somos impelidos a interferir na realidade, que carrega uma ação-reflexão daquilo que se deseja mudar. Ressalte-se aqui que essa interferência não é apenas o ato de apenas intervir e, sim, recriar, pois, como afirma Freire (2003, p. 10), “[...] educação [...] é um fator fundamental na reinvenção do mundo”.

Nesse sentido, a educação não é apenas algo que se faz dentro dos muros da escola. Ela vai muito mais além. A mesma tem de ser vista como algo libertador, formadora política, que traz no seu interior o ato de conhecimento que transforma a sociedade na busca de uma consciência crítica e que favoreça a evolução de todos na sociedade (FREIRE, 1993, 2000, 2003, 2006).

[...], a educação guarda significativa similaridade com a linguagem, pois, também é um complexo universal, comparecendo em todas as formas de sociedade constituídas pelo homem. A educação é imprescindível em todos os modos de organização social porque sua função consiste em articular o singular ao genérico, reproduzindo no indivíduo as objetivações produzidas ao longo do desenvolvimento do gênero humano e, com isso, possibilitando a continuidade do ser social (LIMA, JIMENEZ, 2011, p. 84).

A educação tem de ser vista como uma ponte entre o acúmulo de conhecimentos produzidos pelas gerações anteriores e que podem ser revistas e transformadas ao longo de todo o processo de evolução humana, construindo assim um novo futuro.

A práxis educativa tem o intuito de buscar mediar o processo de apropriação por parte dos sujeitos através das experiências que vêm sendo acumuladas ao longo da história, bem como deve produzir individualidades de acordo com as exigências de determinado tipo de sociedade, conforme a influência que ocorre sobre o campo das próprias decisões individuais, no sentido de que seja possível atuar sobre a consciência dos sujeitos que transformam a sociedade em que estão inseridos.

Entende-se, assim, que toda prática pedagógica se finda numa visão de mundo, num projeto de sociedade, numa visão de ser humano que se quer formar; dessa forma, é preciso ter consciência sobre qual é o projeto educativo da escola. O homem que se quer formar não é um ser que se encontra isolado de tudo e de todos. Muito pelo contrário, é um indivíduo que está conectado com tudo à sua volta. Que vê seu mundo se transformar constantemente por conta dos avanços tecnológicos que acontecem cada vez mais e de forma contínua. Que se percebe um ser coletivo.

Diante do acima descrito, Molina e Sá (2012, p. 329) asseveram que: “Ensinar os alunos e a própria organização escolar a trabalhar a partir de coletivos é um relevante mecanismo de formação e apropriação das funções que a escola pode vir a ter nos processos de transformação social”.

Para Makarenko (1985), a educação deve estar voltada à ação de realização de todos, no intuito de pertencerem a uma coletividade, de se sentirem aceitos e bem-vindos dentro do sentido de pertencimento que constrói seu conhecimento, sua moral e sua ética, em prol de uma coletividade, com o sentimento de um bem comum.

É necessário ver o aluno como algo muito além do que ele é. É dar vez e voz ao mesmo. É conduzi-lo a um processo coletivo, que esse aprendiz possa estar consciente do seu papel dentro da sociedade. Não é possível ser um educador sozinho. O processo pedagógico é um processo coletivo, onde todos atuam de forma dual, onde o maior aprendizado é a possibilidade de se ajudar mutuamente (MAKARENKO, 1985).

Nesse sentido, a realidade educacional de qualquer país, em especial a brasileira, passa, via de regra, pela escola. A mesma é um espaço privilegiado para inovações que buscam caminhos para que o processo de construção de conhecimento seja possível, bem como possa superar os entraves que aparecem ao longo do processo de ensino e de aprendizagem.

A escola tem de municiar os aprendizes não apenas de conhecimentos, mas também de ideias, de habilidades, de interesses, de curiosidade e, principalmente, de atitudes, de interesses e de disposição, buscando sempre prepará-los não apenas para o mundo do trabalho, mas para o mundo que o cerca, que deve ser questionado, que pode tentar entendê-lo de acordo com a construção do seu conhecimento, que foi e vai sendo adquirido ao longo do seu processo de vida.

O grande problema da educação está no modelo de ciência, que prevalece num certo momento histórico, nas teorias de aprendizagem que o fundamentam e influenciam a prática pedagógica. Implica afirmar que os professores tendem sempre a ter uma preocupação maior com a técnica. Apenas seguem “receitas prontas” à risca, sem questionar absolutamente nada.

Parafraseando Moraes (1996), as mudanças na educação são difíceis de acontecer, já que as dificuldades encontradas vão desde a adaptação a uma nova modalidade de trabalho no sentido de se adequar às mais diversas maneiras de ensinar e de aprender. Mesmo sabendo que o mundo se transforma rapidamente no atual momento, a grande maioria dos docentes insiste ainda em um modelo de ensino e aprendizagem pautado em velhas práticas, colaborando, assim, para que a sociedade continue estática, onde não é necessário pensar, refletir e construir uma nova vida coletiva e também individual.

Vive-se dentro de uma escola que privilegia uma educação voltada para o conteúdo, levando em conta só o saber do professor, em que o aluno é visto apenas como um mero receptor de informações. A esse discente não é dada a chance de questionar o que está sendo aprendido. Ele é apenas “domesticado³⁴” para reproduzir aquilo que se deseja dele.

Com o surgimento de modernas ciências, novos e importantes fatos, a visão de mundo tornou-se mais ampla. Passou-se a enxergar o ser humano com outros olhos. O processo de construção do conhecimento e de compreensão da natureza se tornou plural. O mundo deixou de ser estático e passou a ser dinâmico.

Com a aplicação da Física Quântica na Educação, a mesma nos trouxe uma visão mais holística do contexto global. Deixou-se de ver as partes fragmentadas para contemplar o todo, no qual se enfatizam todos os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais, culturais, que transcendem as fronteiras disciplinares e conceituais, criando, assim, um indivíduo que dialoga com a sua mente e seu corpo de forma interativa, que questiona tudo o que está ao seu redor. Passa de uma atitude passiva para uma ativa, questionadora, reflexiva e que atua na sociedade de forma mais participativa.

É preciso deixar de lado a visão compartimentada, na qual a educação é vista como algo fragmentado, descontínuo. Faz-se necessário ver a educação como algo macro, que esteja em consonância com a realidade atual. É compreender o indivíduo como ser único, que possui

³⁴ Grifo do autor.

conhecimento próprio, que carrega consigo identidade, saber, angústias, motivações, desejos e que é único.

[...] mais do que nunca, os processos de mudança e de inovação educacional passam pela compreensão das instituições escolares em toda sua complexidade técnica, científica e humana.

A identificação das margens da *mudança possível* implica a contextualização social e política das instituições escolares, bem como a apropriação *ad intra* dos mecanismos de tomada de decisão e das relações de poder. As escolas constituem uma *territorialidade* espacial e cultural, onde se exprime o jogo dos atores educativos internos e externos; por isso, sua análise só tem verdadeiro sentido se conseguir mobilizar todas as dimensões pessoais, simbólicas e políticas da vida escolar, não reduzindo o pensamento e a ação educativa a perspectivas técnicas, de gestão ou de eficácia *stricto sensu* (NÓVOA, 1995, p. 16).

Hoje, se vive um período de transformações avassaladoras, onde a crise de valores se tornou lugar comum. Crise esta que toma conta de todo o planeta e afeta todos de forma indistintamente, inclusive o que diz respeito ao campo educacional.

Para entender as nuances da dinâmica escolar, é necessário revisitar seu passado para entender seu presente. Como assevera Nóvoa (1992, p. 219):

[...] as questões que nos interpelam hoje que devesa orientar nossa estratégia de interrogação do passado, de forma a que ao esforço de compreensão histórica corresponda uma intervenção mais consciente na realidade educativa. A História é sempre um diálogo em que o presente é um dos interlocutores privilegiados.

Sabe-se que nada é estático, tudo está em constante modificação. Nada é fixo, tudo se transforma. E, para que isso aconteça, é preciso que a criatividade seja o ponto de partida para mudanças. Ao se estudar uma instituição escolar, é necessário ter em mente que a busca por mudanças não pode e nem deve ser vista como algo imediato, mas também que as soluções possam ser construídas em longo prazo.

É claro que mudar gera medo, insegurança, mas como é possível inovar se não nos permitimos questionar aquilo que nos foi ensinado como verdades absolutas? Precisamos entender que toda mudança tem um significado, ou seja, é preciso realmente querer. Nesse sentido, a escola deve construir currículos que contemplem o indivíduo como um ser participante do mundo, que pode se ver como construtor do seu próprio conhecimento. De acordo com Forrester (1997), é preciso construir um currículo que favoreça essas gerações marginalizadas a se verem como pessoas incluídas dentro de um processo educativo.

O currículo não pode ser trabalhado como algo fechado em si. Pelo contrário, deve contemplar uma sociedade plural, que está em constante dinamismo, que busca ser solidária, fraterna e, acima de tudo, democrática.

Moreira e Candau (2003) afirmam que construir um currículo requer dos professores uma nova postura, conhecimentos, objetivos e metas, formas de ver a educação e de fazer uma avaliação mais participativa e bem estruturada.

Entretanto, é possível perceber que não é só o professor que deve mudar sua postura, mas toda a comunidade escolar, já que as decisões oriundas dos que estão no poder, decidindo o futuro daquilo que deve conter no currículo, não devem ser apenas impostas, mas, sim, discutidas por todos, tentando, assim, ser um documento que possa construir para uma nova escola, que deve ter em seu bojo um modelo de prática educativa cultural voltada para valores democráticos. Onde todos possam participar de forma efetiva, na qual não apenas os alunos saiam favorecidos, mas que toda a sociedade seja beneficiada por essa prática.

Ao trabalhar com a formação do professor e suas práticas pedagógicas, a escola deve propiciar um ambiente de estudo constante e formação contínua, principalmente dos seus docentes, já que, ao trabalhar com a formação continuada dos seus profissionais, ela trabalha a metodologia do uso de novas tecnologias dentro do processo de ensino e aprendizagem. É necessário ter em mente que o uso de novas ferramentas tecnológicas dentro da escola deve constituir um marco de referência na busca por uma qualidade educacional.

García (1999) assevera que a formação do professor deve ser viabilizada pela escola, principalmente no uso das novas tecnologias que serviram de ferramentas pedagógicas para transformar a realidade da sala de aula, visando a uma aprendizagem mais eficiente para o aluno.

O uso das TIC pode favorecer uma mudança significativa dentro da escola, no sentido de viabilizar um ensino voltado para uma prática pedagógica que possa ser reflexiva e coerente, ao mesmo tempo em que acompanhe as metamorfoses que ocorrem, constantemente, na sociedade.

Todos os períodos do conhecimento humano tiveram suas próprias técnicas, que se fizeram presente em determinada época, não apenas como um produto, mas também como um fator de mudança social e conhecimento. Dessa forma, o uso da roda, do fogo, dos utensílios de

pedra, da escrita, entre outros, constitui um legado tecnológico de fundamental importância para o desenvolvimento da humanidade e que, ao longo da própria evolução histórica e da espécie, veio se aprimorando. No atual momento, a Tecnologia da Informação e da Comunicação – TIC representa um grande marco nas mudanças que estão a fazer parte do cotidiano das pessoas (PONTE, 2000).

O uso das TIC dentro do contato acadêmico vem para alavancar o processo de aprendizagem, não no sentido de substituir o professor, mas no de favorecer a construção do conhecimento de forma coletiva. Porém, entende-se que esse mesmo uso também traz novos problemas para a educação. Como exemplo pode-se enumerar softwares educativos que prometem muito, mas que, no final, não apresentam nem o básico, além de serem bastante caros. Ressalte-se ainda as muitas informações que não são precisas, bem como a compra de trabalhos acadêmicos.

Em seu livro *A família em rede*, Papert (1996, p. 19) diz o seguinte:

Não estou cegamente entusiasmado pela tecnologia. A lista de exemplos sobre o modo como a sociedade utilizou inovações tecnológicas é aterradora. Primeiro fizemos centenas de milhões de automóveis e só depois é que nos preocupamos em remediar os prejuízos causados pela desfiguração das nossas cidades, a poluição atmosférica e a alteração do modo de vida dos nossos adolescentes. Porque razão nós, enquanto sociedade, faremos melhor desta vez?

Os problemas e perigos são numerosos. Entretanto, não existe alternativa, a não ser fazer frente a essas situações, na tentativa de favorecer uma aprendizagem com o uso das TIC, de forma a contemplar uma educação de qualidade para todos, inclusive que seja voltada para a sociedade.

É sabido que a produção do conhecimento através do uso das TIC e em particular da rede, carrega consigo essa série de dualidades, mas isso não implica dizer que os conhecimentos ficam aprisionados. O que é necessário é disseminar o conhecimento entre todos de forma ética, democrática e coerente (LÉVY, 1997).

Ponte (2000) refere que as TIC podem ser usadas no meio acadêmico como uma ferramenta de trabalho que tem uma grande utilidade, ao mesmo tempo em que os mais diversos programas são de muita valia para a aprendizagem dos mais diversos profissionais.

As novas tecnologias surgem aqui como instrumentos para serem usados livre e criativamente por professores e alunos, na realização das atividades mais diversas. Esta perspectiva é, de longe, mais interessante que as anteriores na medida em que pode ser enquadrada numa lógica de trabalho de projecto, possibilitando um claro protagonismo do aluno na aprendizagem. Mas esta perspectiva tem igualmente as suas limitações. Por um lado, muitos dos programas utilitários não foram concebidos tendo em conta as especificidades do processo educativo, nos vários níveis etários, e, por outro lado, nem sempre é fácil a sua integração curricular. Além disso, a utilização das TIC como ferramenta tanto pode ser perspectivada no quadro de atividades de projecto e como recurso de investigação e comunicação, como pode ser reduzida a uma simples aprendizagem, por processos formais e repetitivos, de uns tantos *softwares* e programas utilitários. Ficam, ainda, por equacionar novos papéis para a escola, novos objetivos educacionais e novas culturas de aprendizagem (PONTE, 2000, p. 73).

O uso das novas tecnologias dentro do ambiente educacional tem o intuito de alavancar uma aprendizagem em que o aprendiz seja o protagonista, com o objetivo de ampliar suas ações, habilidades, competências e conhecimentos, para dialogar com a vida e a sociedade que o cerca.

É necessário que o processo educativo e de escolarização tenha o sentido de privilegiar o desenvolvimento de múltiplas formas de comunicação e processos criativos, proporcionando o domínio dos instrumentos e formas de comunicação, bem como a reflexão sobre o uso crítico das diversas tecnologias, nos diferentes espaços e contextos de interação social.

Ponte (2000, p. 88) assevera que as TIC só irão ocupar um lugar de destaque na educação se resolver o seguinte paradoxo:

- Por um lado, promovendo as TIC, isto é, pondo de parte, os receios e os preconceitos, integrá-las plenamente nas instituições educativas, criar condições de acesso facilitando, generalizar as oportunidades de formação.
- Por outro lado, criticando as TIC, isto é, mostrando que elas têm de ser enquadradas por uma pedagogia que valorize sobretudo a pessoa que aprende e os seus projetos, mantendo uma permanente preocupação crítica com a emancipação humana.

Criticar as TIC sem compreender o seu papel dentro da sociedade e dentro do mundo académico é de certa forma ineficaz. O maior desafio de qualquer instituição educacional é usar a tecnologia de forma eficiente e que seja de grande utilidade para todos, bem como seja uma ferramenta que solidifique o aprendizado não apenas do aprendiz, mas também de qualquer sujeito.

O uso das TIC pode contribuir plenamente para uma mudança significativa dentro do meio escolar, onde seja possível explorar todas as possibilidades, de forma que o processo de aprendizagem seja algo em que toda a sociedade possa caminhar na construção de uma coletividade e que a tecnologia seja um bem comum a todos, se fazendo presente no dia a dia dos indivíduos, sem com isso implicar que a humanidade venha a ficar submissa à tecnologia.

2.1 – O processo de aprendizagem ao longo da vida

Na vida humana, a aprendizagem se inicia com zero ou até antes do nascimento e se prolonga até o momento da morte. Vivemos as mais diversas experiências ao longo de toda a nossa existência. Toda criança assim que nasce começa o seu processo de aprendizagem, prosseguindo ao longo da sua jornada de vida. É através do choro que a criança aprende a chamar a mãe. Ao completar um ano de idade, a mesma já está familiarizada com o mundo novo. Ela já tem certo controle sobre seus membros superiores e inferiores, bem como aprende a balbuciar as primeiras palavras. Começa a adquirir determinados hábitos, habilidades, informações, conhecimentos e atitudes que a sociedade considera como essenciais para a formação do cidadão (BRUNER, 1969).

Quando se consideram todas as informações, habilidades e interesses que o aprendiz adquire tanto na escola como fora dela, pode-se perceber o quanto cada fator irá influenciar na conduta e na personalidade do nosso aprendiz. Pois é através dos erros cometidos que o mesmo pode construir o seu próprio conhecimento.

O processo de aprendizagem leva o sujeito a viver melhor ou pior, de acordo com sua aprendizagem. Portanto, quando as respostas inatas não são satisfatórias, o indivíduo procura se adequar ao espaço, buscando aprender para poder melhor se adequar ao processo de sobrevivência. Um adulto que não mais dispuser de resultados da aprendizagem, no nosso imaginário, está reduzido ao nível de uma criança. O mesmo agiria conforme uma criança recém-nascida que não sabe comer sozinha. Suas necessidades, como falar, andar, entre outras, estariam suprimidas e não seriam satisfeitas. Não saberia expressar os conceitos através das palavras e perderia a noção de tempo e espaço, pois isso tudo é fruto da aprendizagem, que vai se incorporando a cada novo conhecimento, se integrando e aperfeiçoando aquilo que já existe (BRUNER, 1969).

Bruner (1969) aponta que o processo de aprendizagem é extremamente fundamental na vida de qualquer indivíduo. É através dele que o ser humano vai se aprimorando

ao longo do seu processo histórico. Cada geração que surge vai se aproveitando das experiências e dos conhecimentos anteriores para melhorar sua vida, bem como descobrindo novas possibilidades para o conhecimento humano.

O autor acima assevera ainda que os costumes, as leis, a comunicação, bem como as mais diversas instituições têm evoluído ao longo da história da humanidade, ao mesmo tempo em que o resultado alcançado é produto da capacidade de homens e mulheres que aprenderam ao longo da vida e se aprimoraram com o passar do tempo.

Bruner (1969) afirma que tanto a escola quanto os meios educacionais foram de grande importância para a aprendizagem na evolução do homem, pois, através dos métodos e currículos que foram se adaptando a cada época, os mesmos tornaram a aprendizagem mais eficiente e eficaz.

Bruner (1969) indica que para se compreender o ser humano por inteiro é necessário levar em consideração suas atitudes, ideias, costumes, crenças, entre outros. É preciso compreendê-lo em sua essência e em seu processo de aprendizagem. É através dessa aprendizagem que homens e mulheres formam suas personalidades, adquirem posturas sociais, raciocinam e se afirmam como seres pensantes.

Toda aprendizagem resulta em alguma mudança ocorrida no comportamento daquele que está a aprender. Dessa forma, observam-se as mudanças na maneira de agir, de fazer as coisas, de pensar em relação às coisas e às pessoas, de gostar ou não gostar, de sentir-se atraído ou retraído pelas coisas e pessoas do mundo em que vive (BRUNER, 1969).

Dessa maneira, se verifica que os produtos de aprendizagem são de naturezas diferentes, sendo possível sua classificação, embora forçando um pouco os fatos porque, geralmente, não se encontra um produto de aprendizagem pura, mas o predomínio de uns produtos sobre outros, em cada situação. “Aprender é um processo que se dá no decorrer de vida, permitindo-nos adquirir algo novo em qualquer idade” (BOCK, 1999, p. 58).

É possível citar três tipos de aprendizagem. São elas: a cognitiva, que é o resultado do armazenamento das informações que o indivíduo aprende ao longo da vida; a afetiva, que é decorrente de fatores internos e pode ser identificada através de experiências, como prazer, dor, satisfação, tristeza alegria e ansiedade; e, por fim, a psicomotora, que trata das respostas musculares adquiridas com muito treino e práticas (AUSUBEL, NOVAK, HANESIAN, 1983).

A aprendizagem cognitiva é aquela em cujo processamento predominam os elementos de natureza intelectual, como a percepção, raciocínio, memória, etc. Sendo assim, o conhecimento da solução de um problema matemático, uma data etc, constituem uma aprendizagem do tipo ideativo, porque envolvem a utilização do processo intelectual ou cognitivo. Nessa aprendizagem, pode-se distinguir entre conhecimentos e informações (KAMII, 1992, p. 68).

Entretanto, para que ocorra a aprendizagem cognitiva, além das condições comuns a qualquer outro tipo de aprendizagem, como as condições orgânicas, maturidade para aprender, motivação etc., é imprescindível o uso das funções cognitivas, chamadas por Vygotsky de funções superiores, que são a percepção, atenção, raciocínio, memória, entre outras (KAMII, 1992).

A percepção se dá quando a pessoa percebe, através da interpretação, os estímulos do meio ambiente, utilizando suas experiências, suas vivências anteriores e suas necessidades presentes. Para que ocorra a percepção, é necessário que haja o funcionamento dos órgãos dos sentidos e a atividade mental. Essa percepção leva à aquisição de conhecimentos específicos a respeito dos objetos, pessoas e fatos, através da estimulação dos órgãos dos sentidos. “O indivíduo recebe, organiza, integra e interpreta as experiências sensorio-perceptivas” (KAMII, 1992, p. 68).

O processo de aprendizagem não se dá apenas em um momento da nossa história, muito pelo contrário, a construção do conhecimento se dá ao longo da nossa jornada da vida, desde o nascimento até a nossa finitude.

De acordo com Oliveira (2009, p. 5-6):

O tempo considerado para a aprendizagem é a infância, cuja perspectiva é de futuro, e na fase adulta esse tempo de preparação para o futuro já passou. Quem não teve acesso à escola, ou não concluiu sua trajetória escolar nessa faixa etária, passa a ter dificuldades em iniciar ou prosseguir os seus estudos. Nesse sentido, a atenção do sistema educacional é para a criança considerada em processo de desenvolvimento biopsicossocial, com uma perspectiva de futuro. Entretanto, este olhar essencialista e utilitarista sobre a educação em relação ao adulto é problematizado por educadores que consideram a educação como parte do existir do ser humano, a partir de uma visão existencialista e dialética de mundo.

Dialogando com Oliveira (2009), entende-se que tanto homens quanto mulheres estão sempre a buscar a aprendizagem o tempo todo, independente do período em que a mesma deveria ter sido iniciada para a construção do seu conhecimento.

Segundo postulam Alheit e Dausien (2006, p. 1):

O conceito de “aprendizagem ao longo da vida” permanece mal definido. Que nós aprendemos durante toda a nossa vida, é evidente. Desde nossos primeiros passos e de nossas primeiras palavras até a nossa idade mais avançada, fazemos experiências novas, adquirimos novos saberes e novas competências. Somos quase tão inconscientes do modo que temos de aprender, quanto do fato de respirarmos. Certamente aprendemos na escola e também na universidade e nos estabelecimentos de formação, mas mesmo nesses lugares instituídos de formação e de aprendizagem, o que aprendemos de verdadeiramente importante, frequentemente, não tem nada a ver com os programas oficiais. Experimentamos situações, adquirimos habilidades, testamos nossas emoções e nossos sentimentos na “escola” mais efetiva que há: a “universidade da vida” (Field, 2000). Portanto, aprendemos e nos formamos nas conversas com os amigos, assistindo à televisão, lendo livros, folheando catálogos ou navegando na *Internet*, tanto quanto quando refletimos e quando fazemos projetos. Pouco importa se essa maneira de nos formarmos é trivial ou requintada: não podemos alterar o fato de que somos aprendentes “no longo curso” da vida.

A construção do conhecimento não tem período certo para começar e acontecer, muito pelo contrário, aprender é um processo que se faz presente o tempo todo e em todos os lugares. Ao adquirir conhecimento, estamos a experimentar as mais diversas situações, sentimentos e emoções que estão presentes na construção da aprendizagem, levando a nos percebermos como um ser que evolui ao longo do caminho. Como bem declara Freire (2000, p. 40):

A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam de estar sendo.

É possível vislumbrar que a educação tem um sentido de construir mudanças, que busca novas possibilidades no intuito de lutar pelas causas sociais, em que se possa exercer a cidadania com liberdade e com autonomia.

Oliveira (2009, p. 15) aponta que:

A educação considerada a partir de uma visão existencialista e dialética de mundo evidencia a importância da educabilidade do ser humano, como ser em permanente formação. Nesta perspectiva, a educação de pessoas jovens, adultas e idosas se apresenta como necessária ao seu processo de humanização.

Entende-se aqui que, primeiramente, o ser humano se dá conta de sua existência e, só após essa constatação, o mesmo começa a construir sua essência, seu conhecimento. O sujeito constrói sua aprendizagem através da educação, mudando a si e o meio em que está inserido. Sua evolução cada vez mais vai sendo aprimorada ao longo da sua caminhada existencial.

O processo de aprendizagem ao longo da vida se dá no decorrer da história de cada sujeito. Como assevera Brandão (1982, p. 7): “ninguém escapa da educação”, à qual cada um está inserido na vida humana.

Somos homens e mulheres que nos relacionamos com o mundo, em um processo constante e contínuo. Cada sujeito traz consigo suas próprias experiências e se faz presente em uma formação permanente, já que estamos a aprender ao longo da vida.

Faz-se necessário perceber que o processo de aprendizagem permanente apresenta os mais diferentes sentidos, conforme explicita o documento oficial Brasil/Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. No parecer CEB 11/200, o mesmo se refere à questão de desenvolver as potencialidades dos sujeitos, promovendo a autonomia dos jovens e adultos no sentido da aprendizagem.

Gadotti (1981, p. 16) indica que: “A educação permanente significa que não terminamos jamais de nos tornar de ser, de nos tornar juntos, a caminho, ao longo das relações com o outro”.

A educação permanente tem como princípio a formação do ser humano em sua totalidade, visando a uma aprendizagem enquanto durar a vida do indivíduo e suas relações com o outro (GADOTTI, 1981).

Freire (1993) destaca que a educação permanente está atrelada à consciência de que o sujeito se percebe como um ser finito, que sua história será interrompida em determinado momento da vida. Porém, isso não invalida sua aprendizagem, que foi construída ao longo do tempo.

Aprender e ensinar fazem parte da existência humana, histórica e social, como dela fazem parte a criação, a invenção, a linguagem, o amor, o ódio, o espanto, o medo, o desejo, a atração pelo risco, a fé, a dúvida, a curiosidade, a arte, a magia, a ciência, a tecnologia. É ensinar e aprender cortando todas estas atividades [...]. O ser humano jamais para de educar-se (FREIRE, 1993, p. 19 e 21).

Freire (1993) deixa muito claro que a educação se faz para toda a vida. Nesse sentido, a citação corrobora que a educação tenha de “acompanhar, ao longo da vida, pessoas que se recriam ao reaprenderem sempre, e que devem estar inseridas em comunidades de saber” (BRANDÃO, 2002, p. 294).

Gadotti (1981, p. 69) destaca que “a educação permanente visa uma educação rearranjada, refletida e integrada no seu todo. Ela sustenta a ideia de um controle de todos os recursos educativos possíveis de uma sociedade e de sua execução”.

Ao pensar em uma educação permanente, sai-se do lugar comum e, então, se começa a pensar na educação como algo maior do que os bancos escolares, no intuito de (re)construir uma aprendizagem que se faça presente ao longo da vida, que contemple todas as sociedades, que esteja inserida dentro de um contexto democrático, de solidariedade e de reflexão, para que seja possível um indivíduo com mais autonomia e responsabilidade, colaborando para que o mesmo seja um cidadão com mais conhecimentos e novas capacidades (PALMA, 2000).

É através de uma educação permanente que homens e mulheres se humanizam ao longo das suas histórias de vida, levando-os a se tornarem seres mais sociais e conscientes de si. É dentro desse contexto que os sujeitos se tornam construtores do conhecimento por toda a vida, tornando-se, assim, cidadãos desde a mais tenra infância até a chegada da velhice, ou quiçá até o momento da finitude (BRANDÃO, 2002).

Conforme documento produzido na 6ª Conferência Internacional de Educação de Adultos – VI Confitea, ocorrida em Belém, em dezembro de 2009, a aprendizagem ao longo da vida deve ser feita com bases humanísticas, com valores democráticos e que atenda todos que fazem parte da sociedade, garantindo, dessa forma, o direito à educação de qualidade para todos e que a aprendizagem se faça presente em todas as searas, além de garantir um futuro viável a todos (UNESCO, 2010).

O papel da aprendizagem ao longo da vida é fundamental para resolver questões globais e desafios educacionais. Aprendizagem ao longo da vida, “do berço ao túmulo”, é uma filosofia, um marco conceitual e um princípio organizador de todas as formas de educação baseada em valores inclusivos, emancipatórios, humanistas e democráticos, sendo abrangente e parte integrante da visão de uma sociedade do conhecimento. Reafirmamos os quatro pilares da aprendizagem, como recomendado pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, quais sejam: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver com os outros (UNESCO, 2010, p. 6).

Aprender se faz presente em todos os momentos da vida e não em locais previamente selecionados, como o meio acadêmico. Com o advento do uso e da disseminação das novas tecnologias, o processo de aprendizagem se tornou algo mais dinâmico e mais interativo. Entende-se que a aprendizagem que se faz ao longo da vida é um processo que

envolve uma continuidade, que passa por diversos momentos, saindo de uma aprendizagem formal, passando para uma não formal e para uma informal.

Segundo a Comissão das Comunidades Europeias (2001, p. 8):

A aprendizagem ao longo da vida tem sido objeto de discussões e de desenvolvimentos políticos desde há vários anos. Todavia, a necessidade de aquisição, por parte dos cidadãos, de competências e conhecimentos para poder tirar partido das benesses da sociedade do conhecimento, mas também fazer face aos seus desafios, é mais premente do que nunca.

Dialogando com a citação acima, é possível perceber que, para qualquer país possa crescer, é necessário que o mesmo possa trabalhar com políticas públicas que envolvam o processo de aprendizagem ao longo da vida, favorecendo, dessa maneira, a participação efetiva de todos os seus cidadãos, levando-os a se fazerem presentes na sociedade.

De acordo com o Memorando sobre Aprendizagem ao Longo da Vida, produzido pela Comissão das Comunidades Europeias (2000, p. 3), aprendizagem ao longo da vida é: “toda e qualquer atividade de aprendizagem, com um objetivo, empreendida numa base contínua e visando melhorar conhecimentos, aptidões e competências”.

O processo de aprendizagem ao longo da vida traz consigo uma sociedade em que o indivíduo se faz presente com suas competências, conhecimentos e experiências, alavancando não apenas o próprio sujeito, mas também a sociedade em que o mesmo está inserido.

Parafraseando Figel (2007), a aprendizagem ao longo da vida é uma necessidade de todos os cidadãos. Faz-se necessário desenvolver todas as aptidões, habilidades e competências ao longo da própria história de vida, não apenas no sentido de realizar-se no âmbito pessoal, mas também de se sentir realizado dentro da sociedade, contribuindo de forma efetiva, visto que somos capazes de contribuir para a formação de um mundo laboral, econômico, social e educativo que se encontra em constante evolução.

O ser humano está sempre em constante aprendizado durante toda sua vida, ao mesmo tempo em que ele busca a perfeição, ele continua sendo um ser inacabado, que está sempre a buscar o santo graal, através do conhecimento, da sua aprendizagem (FURTER, 1976).

Homens e mulheres, através do processo de educação se humanizam, tornam-se, assim, seres sociáveis e conscientes de si. Nesse contexto, Herédia (2006, p. 126) aponta que “a educação é um processo contínuo e permanente que dá ao ser humano o sentido da vida, pela possibilidade que estabelece na medida em que promove maior compreensão sobre o mundo”.

Percebe-se que uma educação permanente representa um processo ativo de homens e mulheres não apenas no contexto social, mas em outros contextos, como cultural, econômico, laboral, entre outros. Através de uma educação permanente, o ser humano assume-se dentro de uma nova concepção, em que o principal objetivo é a necessidade de aprender, na qual todos estão integrados e interagindo com tudo que está no seu universo (OLIVEIRA, 2007).

Toni (2006, p. 139) assevera que “pensar a educação é entender que o ser humano, de maneira flexível, aprende desde o nascimento até a morte”. É interessante perceber que é através do processo de aprendizagem que o sujeito “utiliza saberes já adquiridos, os quais, somados aos que vai experienciando e vivenciando em seu cotidiano, o torna um ser aprendente” (IBIDEM, 2006, p. 139).

É necessário pensar a educação permanente como uma política pública que deve atingir seus objetivos, é preciso que seja planejada e organizada para que tudo possa acontecer da melhor forma possível. Diante disso, Furter (1976, p. 127) indica que:

(...) a necessidade de uma educação contínua, que seja uma constância na vida humana e que permita viver plenamente o mundo planetário, não pode ser preenchida por um simples prolongamento da educação, nem por um maior alastramento do campo escolar. Deve tornar a forma de uma educação permanente, a partir da qual deverá ser pensada toda educação, e que obrigará os educadores a inventar novas técnicas e novos métodos adequados.

O processo de educação permanente tem de se fazer presente de forma democrática, pois é através de sua estruturação que a mesma poderá dar um grande salto de qualidade, já que homens e mulheres estão a aprender em todos os lugares, bem como todo o tempo, ao longo da sua existência.

Moody (2008) aponta que a aprendizagem ao longo da vida desenvolve o capital humano. Para que esse capital se desenvolva plenamente, é preciso que preconceitos e estigmas sejam deixados de lado e se invista no potencial humano, independente de classe social, cor, credo ou raça. Para que isso ocorra, é necessário enxergar o outro como um grande potencial a ser desenvolvido ao longo da sua evolução de vida.

Vive-se em um mundo onde o processo de aprendizagem se dá de forma contínua, ao mesmo tempo em que esse processo se faz presente de maneira mais dinâmica e rápida, em que mudanças avançam de maneira sem igual.

Diante dos avanços tecnológicos e da grande competitividade em âmbito mundial, é possível perceber que tudo se transforma de forma global, ao mesmo tempo em que tudo se torna mais complexo.

O processo de aprendizagem se dá de maneira a valorizar não só aquilo que o sujeito adquire ao longo da sua vida acadêmica, mas também aquilo que esse indivíduo carrega consigo desde a mais tenra infância até a sua velhice.

Nesse aspecto, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura - UNESCO organizou o Fórum Mundial de Educação, na Coreia do Sul, entre 19 e 22 de maio de 2015, gerando a Declaração de Incheon, que aponta o seguinte:

Todas as faixas etárias, inclusive os adultos, deveriam ter oportunidades de aprender e de continuar a aprendizagem. Começando no nascimento, a aprendizagem ao longo da vida para todos, em todos os contextos e para todos os níveis educacionais, deveria estar embutida nos sistemas educacionais por meio de estratégias e políticas institucionais, programas adequadamente financiados e parcerias robustas em âmbitos local, regional, nacional e internacional. Isso requer a oferta de caminhos de aprendizagem e pontos de entrada e reingresso múltiplos e flexíveis para todas as idades, em todos os níveis educacionais, laços mais fortes entre estruturas formais e não formais, além do reconhecimento, validação e acreditação do conhecimento, de habilidades e de competências adquiridas por meio da educação não formal e informal. A educação ao longo da vida também inclui o acesso equitativo e mais abrangente a uma educação técnica e profissional de qualidade, assim como à educação superior e à pesquisa, com a devida atenção à garantia da qualidade e relevância (UNESCO/DECLARAÇÃO DE INCHEON, 2015, p. 11).

Faz-se necessário promover a aprendizagem ao longo da vida em todas as fases do desenvolvimento humano, assumindo, assim, o compromisso com a construção de uma sociedade mais ética, mais solidária e mais fraterna, que todos possam se sentir incluídos, ao mesmo tempo em que seja possível lidar com todas as diferenças e necessidades do alunado, seja esse sujeito uma criança, adolescente, jovem, homem, mulher, homossexual, negro, indígena ou velho. O que se deve ter presente é que as relações sejam pautadas não apenas na escola formal e, sim, que possa contemplar todos os conhecimentos, bem como os próprios processos de aprendizagem que esses mesmos indivíduos carregam consigo ao longo da construção da sua própria vida.

É preciso entender que a educação ao longo da vida é um processo contínuo não só do indivíduo em si, mas também do próprio conhecimento, inclusive de sua capacidade de refletir, de se fazer presente, bem como de sua própria capacidade de discernir e agir conforme suas convicções.

2.2 – A condução e a aprendizagem na terceira idade acerca do uso das TIC

A sociedade nos dias atuais vive um processo de transformação constante no que diz respeito ao uso e ao acesso das Tecnologias da Informação e da Comunicação - TIC. Estamos a vivenciar uma sociedade do conhecimento que se descortina diante dos nossos olhos.

O uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação - TIC desde o final do século XX e início do século XXI se tornou uma constante em quase todas as sociedades. O mundo se tornou bem mais próximo. Podemos visitar museus, lugares, culturas, fazer transferências bancárias, bem como pagamentos sem nem mesmo sair de casa. Para isso, basta um leve toque na tela do computador para que seja possível descobrir uma infinidade de informações (SOUZA JÚNIOR, 2016).

Ainda que façam parte da mesma realidade semântica, há diferença entre informar e comunicar. A informação está na difusão em massa do jornal, rádio, televisão, revista etc. Uma pessoa ou um veículo de comunicação emitem sinais e alguém os capta. Os dados são transmitidos sem a certeza de que o receptor recebeu de forma correta a mensagem ou a entendeu.

A informação está contida na comunicação, porém, a comunicação vai além: implica relação. A comunicação é mais que informação. Necessita do outro. Supõe a ação recíproca que cria interação social. É construída no diálogo. Somos bombardeados, diariamente, por informações, o que não significa que vivemos numa sociedade em que as pessoas dialogam e se entendem. Aliás, a informação em excesso pode pôr em risco a qualidade da comunicação (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Lévy (1999, p. 158), em seu livro *Cibercultura*, aponta que:

O saber-fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias de inteligência individual e coletiva mudam profundamente os dados do problema da educação e da formação. O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. Os percursos e perfis de competência são todos singulares e podem cada vez menos ser canalizados em programas ou cursos válidos para todos. Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos,

no lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em “níveis”, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes “superiores”, a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimentos emergentes, abertos, contínuos, em fluxo não-lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva.

Dialogando com a citação acima, entende-se que o grande desafio é transformar o uso das TIC dentro de um espaço que se propõe a ser um ambiente de troca, de diálogo, de fazer junto, de construir um conhecimento dentro de um processo de ensino e de aprendizagem, em um ambiente que seja acessível a todos, principalmente para a população idosa, que, em muitos momentos, se vê fora desse contexto.

As instituições educacionais, especialmente aquelas que lidam com a terceira idade, devem utilizar o computador ou qualquer outro tipo de tecnologia informacional de forma a favorecer uma aprendizagem efetiva, para que nossos alunos idosos possam, realmente, construir um conhecimento melhor e maior da sua interação com o mundo (SOUZA JÚNIOR, 2016).

Também não é possível esquecer nossas ações reflexivas, pois é através dos nossos questionamentos que podemos corrigir e reajustar aquilo que não foi atingindo com êxito nos objetivos educacionais propostos previamente.

Vive-se em um mundo em que a tecnologia se faz cada vez mais presente. Porém, é preciso compreender o que esse mundo tecnológico traz para nós, no sentido de que possamos compreender a realidade que nos cerca, bem como refletir, questionar e avaliar qual educação queremos dar ao aluno da terceira idade (SOUZA JÚNIOR, 2016).

Temos avançado de forma assustadora no processo de evolução histórica da humanidade. Entretanto, ainda estamos muito distantes de esgotar toda a nossa criatividade e potencialidade no uso das TIC, pois os recursos que aí se encontram e que podem ser utilizados através da tecnologia são quase ilimitados.

A capacidade criadora (de inventar tecnologias) vem se distorcendo contraditória e generalizadamente, em atos deveríamos ter dentro de nós para delimitar e reger os comportamentos sociais. A comunicação verdadeira, que amplia contatos e conhecimentos imprescindíveis para o progresso e a equalização dos diferentes povos e segmentos sociais do mundo, está se transformando numa mera extensão, usando categorias freirianas, a serviço da globalização da economia, que vem tornando a todos nós como reféns de alguns poucos “donos do mundo”. A “era da comunicação” está sendo, na realidade, a era das fronteiras dos limites mais marcantes do que nunca da incomunicabilidade humana, do campo do desamor (FREIRE, 1999, p. 12).

A nossa sociedade dispõe de uma gama imensa de informações. Entretanto, apesar de nos tornarmos cada vez mais próximos, ironicamente, estamos mais distantes uns dos outros. Vive-se uma realidade individualizada; resolvemos nos fechar dentro da nossa própria casa e o nosso refúgio passou a ser a Internet, a qual utilizamos, muitas vezes, de forma equivocada, já que, por conter um grande número de informações, nem sempre as acessamos de maneira correta (SOUZA JÚNIOR, 2016).

Em qualquer categoria educacional, o uso das novas tecnologias é quase uma constante. Com isso, o uso das mesmas visa a um processo de ensino e de aprendizagem muito rápido, além de dinamizar a construção do conhecimento do aluno de forma mais significativa e participativa, levando-o a ser um sujeito mais ativo e que busca, de forma incessante, descobrir novas possibilidades para fazer frente à sua curiosidade.

A única tecnologia que é capaz de romper o cerco da escola é aquela que nada tem que ver com a modernidade, porque é já um produto da pós-modernidade. Ao manifestar a convicção de que a utilização do computador permitiria mudar o ambiente de aprendizagem fora das salas de aula, S. Papert foi um dos primeiros a reparar o que, muito mais do que poder vir a servir para relançar a escola, como os adeptos do ensino assistido por computador haviam suposto, o computador poderia ser, ao invés, portador de potencialidades capazes de precipitarem a sua obsolescência (FINO & SOUSA, 2003, p. 9).

Com as TIC alcançando toda a sociedade planetária, a população idosa necessita estar preparada para o mundo lá fora. Diante disso é preciso que a mesma esteja em sintonia com o mundo tecnológico, para que ela possa fazer uso dessa tecnologia de forma mais independente e autônoma possível, levando-a a se perceber como ativa e participante da sociedade, apesar de já estar afastada dos postos de trabalhos (SOUZA JÚNIOR, 2016).

É possível afirmar que a utilização das TIC no meio educacional, além de ser uma realidade, é também uma necessidade, já que o uso da Internet já está incorporado no dia a dia da sociedade, em especial os alunos oriundos da terceira idade.

Papert (2008), em seus relatos, indica que houve uma grande transformação na sua vida intelectual, profissional e nos seus hábitos cotidianos após o advento do uso do computador, fato igualmente vivenciado pela população mundial e que mudou de forma radical as rotinas dos sujeitos e seus estilos de vida, além de mudanças significativas nos mais diversos setores, como educação, economia, vendas e até mesmo as relações afetivas.

Por experiência própria, sei o que é ter a vida intelectual transformada, mais de uma vez pelo uso dos computadores. Além de mudanças intelectualmente mais profundas, meus hábitos de escrita mudaram porque levo um computador em aviões, no carro, para o gramado ou para o banheiro, meus hábitos de comunicação também mudaram em consequência de tantos colegas e amigos manterem-se em contato por meio do correio eletrônico. Há apenas dois dias, esclareci minhas ideias sobre a reforma econômica na Rússia programando uma simulação informal de competição econômica. Isso porque tenho um computador na verdade, vários deles ao meu alcance em quase todos os momentos (PAPERT, 2008, p. 49).

A utilização de computadores em casa e na educação é, portanto, uma prática que veio para ficar e cabe aos professores que atuam em salas de aulas serem os mediadores entre as novas ferramentas tecnológicas e os alunos.

Sousa & Fino (2008) mencionam que o processo de integração dos computadores nos meios educacionais significa um marco na tentativa de tornar eficaz o ato de ensinar.

A partir da introdução dos computadores nas salas de aula, uma diversidade de aplicações informáticas tem sido desenvolvida constantemente e usadas como ferramentas cognitivas no campo da educação, destacando-se os softwares como meios essenciais para o ensinar e o aprender.

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC está presente no dia a dia das pessoas. Levando essa máxima em consideração, a educação não pode ficar de fora desse grande nicho que veio para favorecer o processo de aprendizagem do alunado, já que o mesmo tem de se sentir protagonista da sua construção de conhecimento. O ato de aprender deve partir do discente. O professor é apenas o mediador.

A informação é um dado exterior ao sujeito pode ser armazenada, estocada, inclusive em um banco de dados. O conhecimento é o resultado de uma experiência pessoal ligada à atividade de um sujeito provido de qualidades afetivo-cognitivas, é intransmissível, é uma informação de que o sujeito se apropria (CHARLOT, 2000, p. 61).

Dialogando com a citação acima, entendemos que as novas tecnologias não são nada passageiras, muito pelo contrário. Vieram para ficar e estão a provocar mudanças nos mais diversos padrões, visando a uma nova maneira no ato de ensinar e de aprender.

Nesse sentido, a utilização da Internet deve ser vista como um software educativo que possibilita as mais diversas interpretações, ao mesmo tempo que favorece a construção do

conhecimento, que pode ser acessado por todos, tornando-o assim democrático e benéfico para toda a sociedade, bem como para aqueles que ainda usam de forma muito tímida a mesma.

Com o advento da Internet, o mundo se viu cada vez menor em sua dimensão, vive-se um processo de globalização, em que as barreiras físicas deixaram de existir, é possível ter acesso a ideias, imagens com apenas o apertar de uma tecla. O mundo passou por grandes transformações ao longo do seu processo histórico-social-econômico e cultural e continua sua evolução em ritmo cada vez mais acelerado (SOUZA JÚNIOR, 2016).

Dentro desse contexto, os professores se veem mais impelidos a fazerem parte de um processo sem volta, mudando de vez sua forma de pensar o ensino e a aprendizagem no mundo, onde os meios eletrônicos estão cada vez mais avançados. O grande desafio dos docentes é utilizar a Internet de forma pedagógica, já que a mesma tem um caráter de socialização da informação para todos. Onde é possível compartilhar novas ideias que podem auxiliar, definitivamente, no processo educacional do aprendiz da terceira idade.

Pessoas idosas com pouca ou nenhuma escolaridade anterior detêm uma grande quantidade de conhecimentos sobre fenômenos naturais e sobre a dinâmica social, econômica, política e cultural do mundo contemporâneo. Elaboraram esses conhecimentos ao longo de suas experiências de vida e de trabalho, tendo já desenvolvido estratégias que orientam suas condutas e hipóteses interpretativas, relacionadas aos mais diferentes aspectos da realidade (SCORTEGAGNA, OLIVEIRA, 2012).

Suas vivências são também enriquecidas continuamente pelos meios de comunicação de massa, que tornam acessíveis uma infinidade de informações sobre fatos não imediatos à sua experiência. Com o acesso a novas informações e vivenciando novas experiências, os idosos podem ir, constantemente, modificando a compreensão que têm do mundo à sua volta (MORAGAS, 1997).

Por vezes, entretanto, as vivências podem produzir uma compreensão muito parcial dos fenômenos e as informações veiculadas pelo rádio e pela TV podem ser assimiladas de forma mais ou menos desconexa. O estudo sistemático que se realiza em uma instituição educacional é uma boa oportunidade para articular os conhecimentos de modo mais significativo e abrangente.

Para tal, os idosos precisam estabelecer conexões entre suas explicações e o conhecimento escolar. Precisam relacionar os conteúdos escolares com aquilo que já conhecem. Muitas vezes, seus esquemas de compreensão da realidade poderão ser enriquecidos e parcialmente modificados pelos conteúdos escolares; outras vezes, suas crenças e explicações deverão ser transformadas e, para tanto, eles precisarão se convencer de que uma nova explicação sobre um fenômeno é mais abrangente e significativa do que a que eles tinham previamente.

É uma aprendizagem de ideias e está intimamente ligada à interpretação da situação encontrada, sendo esta dependente da percepção. Quando o sujeito consegue perceber todas as relações existentes numa situação problemática, formando uma estrutura e integrando os elementos num todo, ele, de repente, compreende a situação. Então, aí ele teve o *insight*, ou seja, o discernimento súbito através da atenção e percepção, da associação de ideias, até entender a situação que então foi aprendida.

Conforme Kamii (1992), é com a visão de mundo e pelos sentidos (visão, audição, sensibilidade, gosto e cheiro), bem como por seu sentido cinestésico, que o ser humano aprende. Isto quer dizer que, quanto maiores forem suas impressões sensoriais, mais condições materiais esse indivíduo terá para construir seus conceitos de mundo. Assim, vai aperfeiçoando as suas percepções.

Essa aprendizagem permite meios de adaptação às situações de vida sem exigir muito do trabalho mental. A aquisição de automatismo libera a atividade mental do indivíduo para a solução de problemas mais complexos. Os automatismos são padrões fixos de conduta selecionada que permitem ao indivíduo enfrentar as situações constantes e rotineiras da vida e da profissão, com agilidade, rapidez e economia de tempo e esforço. Eles podem ser mentais e motores ou até sociais, como, por exemplo, a cortesia (KAMII, 1992, p. 68).

A aprendizagem de hábitos e habilidades, como dirigir, é realizada da mesma maneira que as outras, porém, inclui reações do tipo automático e, portanto, necessita de prática para ser atingida. Ou seja, a prática leva o indivíduo a uma melhor condição.

A aprendizagem compreende atitudes e valores sociais traduzidos por gosto, preferências, simpatias, costumes, crenças, hábitos e ideais de ação que constituem os princípios mais gerais de conduta humana. Sem nossas emoções, sentimentos, valores etc., a vida não teria sentido. Sem essas reações, as palavras felicidade e desgraça, prazer e dor, amor e ódio, seriam inteligíveis e ficaríamos indiferentes diante de catástrofes e outras desgraças (KAMII, 1992, p. 68).

Entende-se que a aprendizagem afetiva tem um caráter de grande importância, pois as respostas afetivas se fazem presentes na construção do conhecimento, tendo um significado singular único na conduta humana.

É bastante provável que educandos idosos resistam mais do que crianças a explicitarem suas ideias. Muitas vezes, esses educandos não têm clareza de que possuem conhecimentos sobre os conteúdos escolares e reconhecer isso pode ser o primeiro passo da sua aprendizagem. Outras vezes, podem não identificar seu saber como adequado ao espaço de aprendizagem e sentirem receio de verbalizá-lo no grupo.

Entende-se que o processo educacional na terceira idade é muito importante, pois, de acordo com os estudos de Duay e Bryan (2006 apud SCORALICK-LEMPKE, BARBOSA, 2012, p. 650):

Além de ser uma forma de exercitar a mente, a aquisição de aprendizagens na velhice permite novas experiências sociais, funcionando como uma estratégia de enfrentamento frente às perdas que ocorrem nessa fase da vida e como uma forma de lazer e obtenção do prazer.

A recuperação da autoestima, da identidade pessoal, cultural e o reconhecimento mútuo dos aprendizes idosos envolvem a rememoração de suas histórias de vida, de seus projetos e expectativas. Vale lembrar que o idoso não deve ser forçado a expor sua situação pessoal, mas, sim, ser estimulado a fazê-lo como um meio de integrar-se ao grupo. Em turmas heterogêneas, é provável que esse processo faça emergir conflitos entre diferentes modos de ser (MORAGAS, 1997).

Conforme explicita Webber e Celich (2007 apud SCORALICK-LEMPKE, BARBOSA, 2012, p. 650):

A educação de idosos permite uma ressignificação das experiências anteriores à velhice e, principalmente, das vivências experimentadas durante o curso de vida. Assim, o envelhecimento assume significados diferentes, permitindo que o idoso reveja seu projeto de vida, seus ideais e expectativas, fazendo com que experimente maior liberdade, expresse-se de forma autônoma e exerça sua cidadania.

A diversidade de características dos idosos, que, muitas vezes, é vista como um obstáculo ao processo de ensino e de aprendizagem deve ser encarada como uma oportunidade, pois é possível trabalhar preconceitos e discriminações sociais, desenvolvendo valores e atitudes de solidariedade e tolerância perante as diferenças de gênero, etnia e estilo de vida.

O ponto de partida de toda aprendizagem é uma necessidade, um desejo ou um motivo por parte de quem está aprendendo. Os motivos constituem o aspecto dinâmico do processo educacional, representando um dos pré-requisitos básicos de toda aprendizagem formal (ALMEIDA, 1986).

É de fundamental importância reconhecer que trabalhar com a população da terceira idade é de grande valia, haja vista que poderá favorecer uma autonomia em todas as áreas, já que a possibilidade é a de estimular seu crescimento, levando-a a tomar consciência de si e dos outros. É fazê-la refletir sobre sua aprendizagem ao longo da sua evolução.

É necessário permitir que todas as pessoas que já se encontram na terceira idade possam ter acesso aos mais diversos materiais educativos, que podem e visam a favorecer uma aprendizagem efetiva e eficaz. Entretanto, não é possível esquecer que essa população, na grande maioria das vezes, se encontra desfavorecida financeiramente, haja vista que o gasto com saúde e alimentação às vezes não comporta gastos que, em muitos momentos, são considerados supérfluos (PEREIRA, 2009).

Nos estudos das autoras Palma e Cachioni (2002), o processo educacional na velhice é muito importante, pois as atividades oferecidas pelos mais diversos setores, como universidades, sindicatos, igrejas, cursos de línguas, entre outros, favorecem plenamente uma participação bastante efetiva, levando essa população a adquirir novos conhecimentos, ao mesmo tempo em que favorece a ampliação de sua rede social e constrói suas próprias trajetórias, não apenas de forma individual, mas também coletiva.

Ao se trabalhar com a população idosa, é importante que lhe possa ser oferecida autonomia, bem como estimulá-la na sua aprendizagem, fazer com que estejam cientes do seu papel na sociedade e que se vejam como sujeitos de grande valia nas mais diversas searas da aprendizagem, já que suas experiências são essenciais para os mais jovens. Ressalte-se que essa população está sempre disposta a ajudar todos que dela necessitam, assumindo, dessa forma, um papel que já fazem e exercem na família e na comunidade onde vive e frequenta.

Conforme explicita Petersen, Kalempa e Pysokz (2013, p. 122):

Envelhecer não precisa significar entregar-se ao ócio. O tempo disponível quando se chega à terceira idade pode ser ocupado de forma prazerosa pela busca por novos conhecimentos, o que é essencial para a conservação da saúde mental. O domínio das tecnologias computacionais amplia experiências, amizades e horizontes e proporciona uma forma de lazer segura e desafiadora.

É necessário que a população que faz parte do contingente da terceira idade se perceba como indivíduos que, apesar do seu envelhecimento, não devem perder sua ligação com o mundo que se descortina o tempo todo à sua frente. Muito pelo contrário. Deve procurar acompanhar as mudanças que aí se encontram, buscando, para isso, conhecimento para que possa tomar as melhores decisões, bem como ampliar novas perspectivas de amizades, lazer, descobrir novos mundos, percebendo sempre que a construção do conhecimento é algo contínuo e que se faz presente em todos os momentos da vida.

Com o mundo tornando-se cada vez mais rápido, é necessário se apropriar das novas tecnologias para que não seja possível ficar fora desse mundo que aí se encontra. Para que essa aprendizagem se faça presente na terceira idade, Monereo (2005 apud CORREIA, 2011, p. 222-223) considera essencial quatro competências para que o sujeito possa lidar de forma segura e eficiente na sociedade em que o uso das TIC é comum e está presente no cotidiano das pessoas. São elas:

Competencias poderes para buscar información y aprender a aprender – Se refiere al conjunto de estrategias a partir de sus propios recursos. (...) Se trata de lograr un *aprendiz permanente* (...) un *aprendiz autónomo* (...) un *aprendiz que autorregula* (...) que es capaz de *aprender de situaciones de enseñanza no formales* (...) Finalmente, hablamos de un *aprendiz estratégico*.

Competencias para aprender a comunicarse – Se refiere al conjunto de estrategias que favorecen el diálogo eficaz e comprensivo con otro u otros interlocutores a través de cualquier dispositivo que lo permita. (...) Poder comunicarse mediante el *lenguaje específico de cada disciplina*. (...) Estar en condiciones de *emplear simultáneamente distintos medios* para comunicarse. (...) *Priorizar los aspectos semánticos de la comunicación* frente a los más algorítmicos, como la ortografía e la sintaxis.

Competencias para aprender a colaborar – Se centran en el conjunto de estrategias que facilitan el trabajo en equipo y la corresponsabilidad en los productos obtenidos. (...) Ser capaz de aprender de forma cooperativa. (...) Poder aprender en red. (...) Desarrollar instituciones que aprendan es otro de los retos esenciales del aprendizaje colaborativo.

Aprender a participar en la vida pública – Alienta a la participación pública. Estimula el contraste de opiniones y argumentación. Origina comportamientos solidarios. Despliega el perspectivismo conceptual y emocional. Favorece el autoconcepto y autoestima. Apoya la definición de proyectos personales³⁵.

³⁵**Competência poderes para buscar informações e aprender a aprender** - Refere-se ao conjunto de estratégias de seus próprios recursos. (...) O objetivo é alcançar um aprendiz permanente (...) um aprendiz autônomo (...) um aprendiz que se autorregula (...) que é capaz de aprender com situações de ensino não formal (...) Finalmente, falamos sobre um aprendiz estratégico.

Competências para aprender a se comunicar - Refere-se ao conjunto de estratégias que favorecem o diálogo efetivo e abrangente com outro ou outros interlocutores através de qualquer dispositivo que o permita. (...) Para poder se comunicar através do idioma específico de cada disciplina. (...) Pode usar diferentes mídias simultaneamente para se comunicar. (...) Priorizando os aspectos semânticos da comunicação versus os mais algorítmicos, como a ortografia e a sintaxe.

Competências para aprender a colaborar - Eles se concentram no conjunto de estratégias que facilitam o trabalho em equipe e a co-responsabilidade nos produtos obtidos. (...) Ser capaz de aprender de forma cooperativa. (...) Para poder aprender em rede. (...) As instituições em desenvolvimento que aprendem são um dos desafios essenciais da aprendizagem colaborativa.

Ao dialogar com a citação acima, é possível perceber que o uso das TIC na atualidade demonstra o quanto é necessário estar em sintonia com novas possibilidades de aprendizagem. As TIC estão a transformar a vida de todos em qualquer instância, levando os indivíduos a buscar construir seu conhecimento de acordo com a evolução que ocorre o tempo todo.

O uso das TIC provocou uma imensa transformação no planeta. Os espaços sociais se modificaram, a escrita se tornou algo mais dinâmico, as relações econômicas tomaram uma dimensão nunca dantes vista. Tudo acontece de forma muito rápida. O processo educacional também se modernizou, tornando o processo de aprendizagem bem mais eficiente e fazendo com que o menos se torne mais.

Diante disso, não é possível deixar os aprendizes da terceira idade fora desse processo que se propaga a passos largos, já que o uso das TIC se faz presente em todas as searas do conhecimento humano, mesmo sabendo que o acesso às mesmas se dá de forma desigual. Ao mesmo tempo em que a população de idosos se vê ávida para aprender (PEREIRA, 2009; CORREIA, 2011).

Aprender, não pode constituir o resultado de um processo cumulativo, de informação, mas sim de um processo de seleção, organização e interpretação da informação a que cada um está exposto e que, segundo as pessoas e segundo os contextos, pode dar origem a perspectivas muito diferentes. É a partir desta maneira de ver que pode sustentar, como o faz Barth (1996:25), que aprender significa “atribuir sentido a uma realidade complexa” e essa construção de sentido é feita a partir da história “cognitiva, afetiva e social” de cada sujeito (CANÁRIO, 1998, p. 22).

Para aqueles que têm fé no processo de aprendizagem ao longo da vida e na construção do conhecimento na educação de idosos, o grande desafio é formar professores que se sintam mediadores, que possam perceber que eles não são o centro do processo educacional, que o grande protagonista é a população da terceira idade e que as relações travadas dentro do ambiente institucional sejam de cumplicidade, de reflexão, onde todos os envolvidos possam compartilhar suas dúvidas, suas certezas e seus saberes de forma coletiva, para que o ato de aprender se faça presente de forma lúdica, solidária, respeitosa e, acima de tudo, que cada um sinta-se responsável pelo aprender do outro.

Aprender a participar da vida pública - Encoraja a participação pública. Estimula o contraste de opiniões e argumentação. Isso origina comportamentos sólidos. Implante o perspectivismo conceitual e emocional. Favorece o autoconceito e a auto-estima. Apoie a definição de projetos pessoais (TRADUÇÃO LIVRE DO AUTOR).

2.3 – O processo de inclusão do idoso no mundo contemporâneo e sua inserção no contexto das TIC

Está-se a viver um momento de plena revolução em todos os setores da humanidade. A produção de informação e comunicação é maciça e contínua. Com um mundo cada vez mais globalizado, se faz necessário criar políticas públicas para que a população idosa possa estar incluída nesse mundo que, a cada instante, se torna mais rápido e mais complexo.

De acordo com Severino (2000, p. 65):

A humanidade vive, hoje, um momento de sua história marcado por grandes transformações, decorrentes, sobretudo, do avanço tecnológico, nas diversas esferas de sua existência: na produção econômica dos bens naturais; nas relações políticas da vida social; e na construção cultural. Esta nova condição exige um redimensionamento de todas as práticas mediadoras de sua realidade histórica, quais sejam, o trabalho, a sociabilidade e a cultura simbólica. Espera-se, pois, da educação, como mediação dessas práticas, que se torne, para enfrentar o grande desafio do 3º milênio, investimento sistemático nas forças construtivas dessas práticas, de modo a contribuir mais eficazmente na construção da cidadania, tornando-se fundamentalmente educação do homem social.

Entende-se que a ação educacional pode se tornar o primeiro passo para favorecer uma política inclusiva, já que a educação é um processo que dinamiza as relações sociais, bem como prioriza o desenvolvimento de toda uma sociedade.

Nesse sentido, as instituições educacionais, de acordo com o contexto em que estão inseridas, têm servido a interesses diversos, tornando-se alvo de elogios, críticas e diversas interpretações em relação à sua responsabilidade, pois as mesmas são parte integrante da sociedade e dos conflitos sociais nela existentes.

Gadotti (1997) aponta que, com a existência dos mais diversos modelos de sociedade, as organizações educacionais têm servido de veículo de divulgação do seu modo de pensar, bem como instrumento de formação de mão de obra para impulsionar seu projeto econômico.

As concepções de sociedade, de homem e de educação que o discente aprende no meio acadêmico dependem muito da opção que os educadores fazem para explicar a realidade. É papel educativo da instituição inserir o aluno no seu contexto social, levando-o a desenvolver suas capacidades, suas potencialidades, na busca da efetivação de sua cidadania. É direito dos

indivíduos terem acesso a um saber que lhes permita usufruir, eticamente, da sua condição de cidadão.

Ao iniciarmos o tema inclusão, achamos conveniente, primeiro, conceituá-lo. Borba (2004, p. 750) o classifica como “colocação como incursão; enquadramento; inserção; adição”. Assim, para que se enquadre, se insira e se adicione algo à sociedade, é preciso agir com inteligência para que haja a verdadeira inclusão de pessoas.

Já Mantoan (2003) define inclusão de forma mais filosófica, ao considerar como sendo a capacidade do ser humano de entender e reconhecer o outro, privilegiando a convivência, bem como compartilhando este mesmo espaço social com pessoas diferentes. Resumindo, pode-se dizer que a educação inclusiva é o ato de acolher todas as pessoas, sem nenhuma exceção.

O processo de inclusão é um tema que há muito tempo vem sendo debatido, apesar do mesmo ser uma temática ampla e complexa, e que está atrelado a uma série de medidas que visam à proteção social, à inserção das pessoas em determinados lugares a que não têm acesso.

Sassaki (1997) aponta que a inclusão é um processo no qual a modificação da sociedade é de fundamental importância, para que os indivíduos que se sintam alijados da mesma possam exercer e buscar o desenvolvimento pleno de sua cidadania.

Cidade e Freitas (1997) indicam que o processo de inclusão irá exigir grandes mudanças significativas nos mais variados ambientes, sejam eles físicos e na mentalidade de todas as pessoas, incluindo o próprio idoso, para que seja possível se concretizar uma sociedade que, além de aceitar o outro como ele se apresenta, valorize também as diferenças individuais e possa aprender a lidar e a conviver de forma harmônica com todas as pessoas, através do uso da compreensão, tolerância, cooperação e respeito.

Raiça (2008, p. 29) aponta que a inclusão “não é apenas uma palavra da moda, é uma necessidade humana”. É uma palavra que deve ser entendida em toda a sua plenitude, que tem de ser discutida no dia a dia, de forma ampla e sem subterfúgios. Que tem um caráter real de promover a participação de todos na sociedade, visando à evolução da própria humanidade.

Entende-se que o processo de inclusão tem como princípio norteador uma visão holística do ser humano, dentro de uma abordagem humanística, democrática, em que os princípios éticos são respeitados, principalmente levando em conta a singularidade de cada ser

humano, em especial a população idosa, visando ao crescimento, à satisfação pessoal e à inserção social de todos os que fazem parte de um mundo tão complexo nas suas relações.

Diante disso, Glat (2007) aponta que uma educação inclusiva deve se fazer presente nos meios acadêmicos, pois é através da mesma que podemos ter um novo modelo de aprendizagem, no qual seja possível, através de novas ações pedagógicas, atender às necessidades de todos que fazem parte desse mundo educacional, em que o processo de ensino e de aprendizagem seja o diferencial apresentado, no intuito de favorecer o desenvolvimento e a inclusão social de todos, em especial da população idosa, que, em muitos momentos, sofre com a discriminação, além de carregar consigo marcas de um tempo que não volta mais.

Para alcançar uma educação inclusiva, as políticas deveriam visar a transformar os sistemas educacionais para que possam responder melhor à diversidade e às necessidades dos alunos. Isso é fundamental para a realização do direito à educação com igualdade e está relacionado não apenas ao acesso, mas também à participação e ao sucesso de todos os alunos, com atenção especial para os que são excluídos, vulneráveis ou sob risco de marginalização [...] (UNESCO/DECLARAÇÃO DE INCHEON, 2015, p. 18).

A educação inclusiva não é apenas matricular o discente em uma determinada turma, mas, sim, um espaço de convivência, onde o ambiente seja propício à aprendizagem dos conteúdos socialmente valorizados para cada faixa etária. A mesma não pode ser vista como uma dicotomia dos serviços de apoio às instituições educacionais aos funcionários, aos professores, aos alunos e a todo o sistema acadêmico. Pelo contrário, a educação inclusiva tem que ser vista como uma continuidade de um ensino e de uma aprendizagem de qualidade, que visa, diretamente, à formação de todos os estudantes, em especial os alunos da terceira idade (SOUZA JÚNIOR, 2015).

Brasil/Estatuto do Idoso (2013, p. 15-16) assevera e fortalece a inclusão social do idoso em seus artigos 1º a 7º, proporcionando, dessa forma, a essa população um viver com dignidade, que busca ter acesso a todos os bens produzidos, bem como direito à aprendizagem e ao conhecimento.

Os documentos que tratam, direta ou indiretamente, da problemática da educação de adultos e da relevância de suas práticas não-escolares, no Brasil, são de importância fundamental para avaliarmos o alcance dos estudos e das análises efetuados. Com eles identificamos os passos que temos dado, ou não, em direção a formas de organização social capazes de construir uma sociedade brasileira, onde caibam todos e onde possamos ver o alcance do que é promover o que é de todos. O reconhecimento das capacidades inteligentes identificadas nas práticas não-escolares das pessoas jovens, adultas e idosas, no início da década de 1960, abriu uma perspectiva inédita para o

que posteriormente foi entendido e buscado como educação popular. Uma educação que se reconstrói, o tempo todo, impulsionada pela investigação em torno do universo de vida e de pensamento dos educandos, e pela construção de uma sociedade fundada no diálogo e na visualização da dimensão política implicada na educação (GONÇALVES, 2009, p. 20).

É preciso enfrentar desafios, mas não se pode abraçar a inclusão sem considerar todos os aspectos envolvidos, como, por exemplo, as ideias que fazem parte dos discursos oficiais, os estudos e pesquisas que estão a surgir em todos os lugares, sejam eles de caráter nacional ou internacional, bem como a característica específica de cada alunado que está inserido nos meios educacionais voltados para a terceira idade.

Abranches (2000, p. 38) defende a ideia de que “o convívio social só é possível pela aceitação e pelo respeito à diferença. E a diferença é a marca constitutiva de cada sujeito; é o que nos define e nos torna únicos”.

A inclusão é percebida como um processo de ampliação da circulação social que produza uma aproximação dos seus diversos protagonistas, convocando-os à construção cotidiana de uma sociedade que ofereça oportunidades variadas a todos os seus cidadãos e possibilidades criativas a todas as suas diferenças (PAULON, 2005, p. 34).

As pessoas idosas não podem ser negligenciadas. Elas não podem ser desprezadas pelas instituições acadêmicas. Sua inclusão no processo educacional ajudará a própria instituição a se perceber como um espaço que irá formar novos cidadãos muito mais conscientes, reflexivos para uma sociedade mais tolerante e respeitosa.

É, portanto, a oportunidade de se conviver com todos, inclusive com a diferença. E essa convivência é importante, pois fará com que as próximas gerações de adultos possam ser mais tolerantes e abertas para a diferença, inclusive não negligenciando os mais velhos, já que, teoricamente, estamos fadados a nos tornar velhos.

De acordo com Werneck apud Sasaki (1997, p. 5), “a sociedade para todos, consciente da diversidade da raça humana, estaria estruturada para atender às necessidades de cada cidadão, das maiorias às minorias, dos privilegiados aos marginalizados”.

Com esta frase de Werneck citada por Sasaki (1997), o autor nos abre para o processo de discussão através da quebra de paradigmas, mostrando ser a inclusão o caminho social ideal voltado para a construção de uma sociedade mais justa, haja vista que esta sociedade

tem estrutura para atender os “privilegiados e os marginalizados”, quer façam parte tanto de um grupo majoritário como de um grupo minoritário.

Com relação à quebra de paradigmas Ananias (2005, s/p)³⁶ conclama a sociedade para um trabalho conjunto ao dizer:

Cabe ainda a todos, Estado e sociedade, trabalharem em conjunto pensando na dimensão que assume a questão da inclusão nos dias de hoje. Que tipo de exclusão enfrentamos? A exclusão econômica e social deve ser compreendida como a face mais conhecida de uma situação que tem outros desdobramentos – temos a exclusão cultural, do saber, o problema do desenraizamento, a quebra de vínculos familiares e comunitários, a perda de referências a partir da quebra de um paradigma social. Compreender essa multiplicidade do problema é o primeiro passo para que possamos compreender a dimensão de nosso campo de ação, reconhecendo nossas possibilidades, nossas responsabilidades de nossos desafios.

Nota-se pela fala do então ministro que a exclusão está diametralmente oposta à inclusão, como forma de ver a real dimensão da problemática. Para isso, é necessário reconhecer as possibilidades, mas ao mesmo tempo ver os desafios a serem enfrentados e as responsabilidades que devem ser impostas a toda a sociedade, se a idealizamos para todos.

Quando falamos em uma sociedade para todos, estamos falando de um lugar onde todos possam cumprir seus deveres de cidadania e gozar dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais e de desenvolvimento.

Em um sentido mais amplo, Ananias (2005, s/p)³⁷ considera que:

Não há como ser diferente. A sociedade tem e sempre teve um papel fundamental nas conquistas sociais da nossa gente. A própria incorporação das políticas de inclusão social como prioridade de governo é resultado da mobilização e organização da sociedade que definiu sua opção pela promoção dos mais pobres e isso está expresso na Constituição Federal de 1988. Graças a isso, podemos construir hoje uma rede de proteção social com base em políticas normatizadas. A solidariedade social, historicamente, é anunciadora do bem comum. Entretanto, devemos ter sempre em vista que a parceria do Estado com a sociedade tem de apontar na linha de políticas públicas e buscar ações continuadas.

Sasaki (1997) vê a inclusão como uma batalha. Neste sentido, não deixa de ser uma batalha, uma vez que a convivência diária com as diferenças, sejam elas quais forem, é no

³⁶ ANANIAS, Patrus. Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome do governo Lula. Em artigo originalmente publicado em 05/2005. Disponível em: www.mds.gov.br/backup/.../O_desafio_da_inclusao_social_no_Brasil.doc. Acesso em 23.08.2017.

³⁷ Ibid.

mínimo complicada. As pessoas que são idosas possuem necessidades intrínsecas a qualquer ser humano e, portanto, encontram várias barreiras no decorrer do seu caminho. E ainda convivem com o preconceito e estigma por conta da sua idade já muito avançada.

É humanamente impossível vermos que pessoas são excluídas do convívio social em razão das suas características físicas e que trazem suas marcas de forma visível, como os idosos, que carregam a passagem do tempo marcada nos seus corpos. Neste sentido, vamos mais além ao falar dos preconceitos pela cor da pele, altura, peso, deformidades genéticas, idosos e ainda os pobres.

Como se vê, os problemas são diversos, principalmente em se tratando de Brasil, por sua expansão geográfica e por seus desníveis sociais, culturais e financeiros. Assim, podemos dizer que, para que haja a verdadeira inclusão social, é necessário que a sociedade se modifique, para só então pensar em incluir todas as pessoas.

A inclusão social é um processo complexo. Não bastam leis que amparem, se não existir vontade política para sua implementação. Essa vontade política se dá a partir da construção de um novo tipo de sociedade, através de transformações, pequenas e grandes, no ambiente, espaços, equipamentos, aparelhos, utensílios, transporte, na mentalidade das pessoas e, acima de tudo, do próprio idoso (SASSAKI, 1997).

Deve-se ressaltar que os espaços adequados para a mobilidade de todos que necessitam não são suficientes se não estiverem acompanhados pelas atitudes de aceitação das diferenças individuais e de valorização da diversidade humana pela sociedade.

A inclusão, portanto, é uma proposta, é um ideal a ser alcançado. Envolve mudanças em todas as pessoas e é um trabalho longo e desafiador. Igualdade de oportunidades é um desejo de muitas pessoas para um futuro que, esperamos, seja breve.

Nesse contexto, para uma melhor compreensão sobre o processo de inclusão, é necessário conhecer as profundas transformações que ocorrem em toda a sociedade, decorrentes das mudanças pelas quais passamos, das leis que são criadas e que estão voltadas para a inclusão.

Mantoan (2006) considera a inclusão como uma inovação, cujo sentido tem sido muito distorcido e polemizado pelos mais diferentes segmentos educacionais e sociais. A autora nos mostra que a inovação e a Constituição, por si só, não garantem a educação como direito

de todos os indivíduos, pois sabemos que para a escola “acolher”, de fato, esses indivíduos idosos, é necessário melhorar as suas condições (estruturais e de formação docente), para que os diferentes sujeitos possam vivenciar processos sociais sem preconceito e sem barreira.

Para que isso ocorra, as instituições inclusivas devem assumir que as dificuldades de alguns aprendizes não são apenas deles, mas podem ser resultantes do modo como o processo de ensino é ministrado.

A perspectiva é de construção de uma nova organização acadêmica, uma instituição inclusiva que se constitua em um espaço para todos, não apenas no papel ou em discursos, como vemos e ouvimos, mas que rompa com a realidade de exclusão em favor de um lugar aberto aos diferentes modos de ser e aprender dos diferentes sujeitos. O desafio é a construção de um ambiente organizado para atender às demandas postas por essas diferenças.

Nesse sentido, Tartuci (2008, p. 11-12) assim se pronuncia:

[...] não se pode pensar de maneira homogênea os processos educacionais de um aluno [...], ou seja, os projetos de inclusão deverão considerar essas diferenças ao elaborarem e implantarem suas novas diretrizes. Ao contrário de como vêm sendo implantados, esses projetos deverão ser construídos a partir de formas diversificadas de ensino que levem em conta o tipo de experiência à qual o aluno tem que ser exposto para aprender. Também é preciso que sejam valorizados estimulados projetos localizados e experimentais e não que se imponha teorias e modelos uniformes, a serem seguidos. [...] uma escola para todos nunca existiu. A escola inclusiva ou a escola com uma proposta inclusão escolar tem se proposto (ao menos paradigmaticamente) atender todas as crianças, sem qualquer exceção. Neste sentido, não determina distinções de espécie alguma, no que tange às características diversificadas de aprendizagem de seus alunos.

Para que não seja utopia falar de inclusão no âmbito educacional, é imperativo garantir a presença de professores bem formados e especializados, com formação inicial e continuada para atender a população da terceira idade, de acordo com suas necessidades e experiências.

É necessário enfrentar as barreiras e construir práticas pedagógicas e de gestão educacional que garantam uma educação de qualidade para todos, inclusive para a população que faz parte do contingente da terceira idade. Parafraseando Manton (2006), é preciso construir um espaço onde todos sejam bem-vindos, que sejam capazes de interagir entre si, apesar das suas diferenças e que possam se respeitar independentemente de tudo.

Nesse sentido, ao discutir a inclusão na educação, Tartuci (2008, p. 57) afirma que:

[...] o processo de formação de professores não pode ser dissociado do processo de desenvolvimento organizacional da escola, pois requer uma mudança de atitudes não só dos professores, mas também de toda comunidade escolar, por isso os projetos de formação docente devem estar associado ao de organização e adequação da instituição de Educação [...].

No entanto, vale dizer que a inclusão social não se reduz à escola, pois conforme afirma Tartuci (2008, p. 15):

(...) a escola é apenas um âmbito da questão, e em uma ação isolada dos demais não transformará a sociedade que aí está em uma sociedade inclusiva, pois a desigualdade social é fruto das relações historicamente estabelecidas entre os homens. A escola poderá contribuir para se efetuar mudanças, contudo ela própria tem tido o papel de manter as desigualdades sociais.

A inclusão implica no estabelecimento de ações articuladas de diferentes áreas, de modo a proporcionar ao sujeito o exercício pleno de cidadania. Para se garantir o direito de educação para todos, tão propalado nas campanhas governamentais, são necessárias alterações tanto nas políticas públicas e sociais quanto na própria concepção escolar a respeito dos aprendizes da terceira idade.

Note-se que estamos falando no sentido macro, uma vez que os desafios e os problemas não podem ser resolvidos somente pelo professor no âmbito escolar, com vistas à construção de uma cultura mais comprometida com as diversas vozes (sujeitos) e como um espaço potencializador e mobilizador para a construção de um mundo menos excludente e solidário.

Assim, nesse cenário, o Brasil inscreve-se na ordem social como um país dependente, com políticas comprometidas com a inserção e inclusão da população idosa no processo educacional. No entanto, ainda há muito a ser feito. A inclusão social, em suas diferentes faces, é efetivada, sim, por meio de políticas públicas, que oficializam e viabilizam a inserção dos indivíduos aos meios sociais, sendo necessário que se estabeleçam padrões de acessibilidade nos diferentes espaços (escolas, empresa, serviços públicos), assim como é necessário o investimento em formação inicial e continuada dos profissionais envolvidos no processo de inclusão, principalmente dos professores (FARIAS, VÍTOR, LINS, PEDROZA FILHO, 2015).

As TIC se tornam cada vez mais presente não só na sociedade brasileira, mas também em âmbito mundial. É fato que os sujeitos estão mudando suas ações e seus modos de

agir, de avaliar e, acima de tudo, de pensar e se comunicar com todos e com tudo, por conta do uso das novas tecnologias (LUO *et al.*, 2010).

A todo o momento, surgem novos produtos mais avançados, como *smartphones* e *mobiles banking* que favorecem as mais diversas operações em tempo real, basta estar conectado ao mundo virtual (LUO *et al.*, 2010); as redes sociais, a TV interativa, os jogos *online*, entre outros, estão cada vez mais constantes na vida das pessoas (OMORI & FELINTO, 2012).

Bez, Pasqualotti & Passerino (2006) informam que, nesse mundo tecnológico, uma pessoa só pode ser considerada incluída quando percebe que tem acesso à linguagem da informática, não sendo mais considerada um sujeito desatualizado, fora do contexto.

O que se tem visto ao longo da história é que a sociedade ainda não está preparada para atender a população idosa que aí se encontra. Ainda são muito insignificantes os produtos e os serviços que são oferecidos a esse público. O mercado ainda não sabe aproveitar o grande potencial desse nicho que cresce a cada momento. É um público que se vê estimulado a preencher seu tempo livre através de diversas atividades, como viajar, aprender línguas estrangeiras, utilizar as novas tecnologias, desenvolver suas habilidades, adquirir bens de consumo e serviços que visem à sua satisfação e o auxiliem no seu cotidiano, no sentido de facilitar sua vida.

Envelhecer não precisa significar entregar-se ao ócio. O tempo disponível quando se chega à terceira idade pode ser ocupado de forma prazerosa pela busca por novos conhecimentos, o que é essencial para a conservação da saúde mental. O domínio das tecnologias computacionais amplia experiências, amizades e horizontes e proporciona uma forma de lazer segura e desafiadora (PETERSEN, KALEMPA, PYKOSK, 2013, p. 122).

Assiste-se ao aumento do número de idosos na sociedade mundial com tempo disponível para as mais diversas tarefas. Muitos, apesar de estarem aposentados, continuam exercendo atividades laborais, outros, por sua vez, fazem pequenos trabalhos extras para garantir um rendimento a mais e também por se considerarem ainda dispostos a exercer seu lado profissional. Com isso, é necessário dar a essa população meios para que se sintam incluídas e se aproprie, de forma consciente, do uso das novas tecnologias no mundo, já que a mesma está inserida no dia a dia desses idosos e que, de uma maneira ou de outra, tem que se adaptar a um mundo que se torna cada vez mais tecnológico.

O adulto da terceira idade percebe-se em um mundo informatizado, no qual as informações estão ao mesmo tempo disponíveis e restritas. Disponível a todos, mas restrita aos que sabem como acessá-las. O uso do computador deixou de ser apenas uma vantagem no mercado de trabalho ou até mesmo um luxo, passou a ser uma necessidade. É necessário sair da imobilidade, buscar conhecimento e vencer esse novo desafio (PETERSEN, KALEMPA, PYKOSZ, 2013, p. 127).

Com o advento do uso mais constante das novas tecnologias, o idoso se vê impelido a continuar a busca pela sua aprendizagem, ele se percebe como um ser ainda não acabado, que tem muito a descobrir, e que os equipamentos eletrônicos e/ digitais deixaram de ser apenas de uso dos mais jovens e passaram a fazer parte do seu dia a dia, levando-o a tentar assimilar esse mundo que se descortina à sua frente. É claro que, para alguns, será difícil entender como toda essa ferramenta funciona; para outros, o entendimento se torna mais prazeroso, ao mesmo tempo em que consegue aprender com mais entusiasmo.

Ainda de acordo com os autores Petersen, Kalempa e Pysokz (2013, p. 123):

O aprendizado da informática na terceira idade vem suprir várias necessidades. A informatização das instituições bancárias, previdenciárias e comerciais tem inibido as pessoas mais idosas no dia a dia, obrigando-as a sempre necessitar de ajuda para cuidar de seus interesses pessoais. Com o domínio da informática, ainda que básica, a pessoa adquire mais independência, além da aquisição de novos conhecimentos, que a auxiliará na manutenção da saúde mental, criando novas conexões cerebrais (plasticidade cerebral/neuronal) e novas formas de pensar, Há ainda um resgate da autoestima, uma vez que o adulto percebe sua capacidade em dominar essa tecnologia, podendo participar de conversas com as gerações mais novas ou criar novos laços de amizade em diferentes círculos e independentemente da distância. Existe ainda o fato de que a rede mundial de computadores tornou-se a maior e melhor forma de comunicação, fornecendo ao idoso a chance de estar conectado com a família e amigos, além de possibilitar a chance de pesquisas sobre todo tipo de assunto que for do seu interesse.

É necessário estimular todos que estão inseridos no processo de aprendizagem na terceira idade. Para que os mesmos se sintam plenamente incluídos dentro de uma sociedade que teima em tratá-los de forma excludente. Ao mesmo tempo em que essa população se sinta confortável em querer aprender, adquiram confiança em si mesmos e possam (re)descobrir um mundo que está em constante mudança principalmente nos dias atuais, no qual o processo de mudança é rápido e sem volta.

2.4– A aprendizagem em ambientes não formais

A educação pode ser definida como um processo de duas vias, pelo qual são transmitidos conhecimentos, valores, costumes e comportamentos. A educação não ocorre somente através do uso das palavras. Ela está presente em nossas ações, sentimentos e atitudes,

sendo também o resultado desse processo, que se consubstancia no conjunto de habilidades, conhecimentos, atitudes e valores adquiridos. Geralmente, quando falamos de educação, a primeira coisa em que pensamos é a escola.

A educação tem sido limitada à escola e, infelizmente, quando acontece fora dela, é, de certa forma, discriminada. Entende-se que o conhecimento que se faz hoje não está confinado apenas dentro dos muros escolares, muito pelo contrário. O conhecimento, a aprendizagem e a educação se dão em todos os lugares, inclusive num espaço não formal de aprendizagem.

Conforme explicita o Referencial de Formação (2017), o conceito de educação não formal envolve os saberes e as competências através dos valores sociais, responsabilidades e ações éticas que permeiam a sociedade, na qual todos que participam do processo de aprendizagem desenvolvam seus potenciais de acordo com suas experiências, desejos e características, na qual seja possível a construção de um conhecimento voltado para todos.

A educação não formal não é algo novo. Muito pelo contrário, como afirma Vásquez (1998), a mesma é tão antiga quanto a educação formal, conforme o que apregoa a sociologia da educação.

O processo de aprendizagem não formal é marcado como aquilo que se aprende fora da escola, ou seja, da educação formal. Ela é vista como algo complementar e que deve estar atrelada à aprendizagem formal, que vem apenas complementar o currículo (PINTO, 2005).

Na verdade, a educação não formal tem um sentido mais amplo. Chamamos de educação não formal todas as intervenções educativas e de aprendizagem que ocorrem num contexto fora da escola. Assim, ela é a modalidade de educação que inclui todas as práticas e processos decorrentes da participação dos sujeitos em grupos sociais estruturados educacionalmente, mas cuja organização institucional não certifica os ciclos do ensino garantido pelo Estado.

Neste sentido, Trilla (2008) argumenta que a educação formal é incapaz de incluir as necessidades de formação qualitativa e quantitativa da sociedade, e que a educação não formal deve ser uma parte importante do esforço total da educação em todo o país, devendo ser

adotadas outras práticas, em outros espaços e contextos sociais que são tão ou mais importantes para a formação das pessoas.

Para o Referencial de Formação (2017, p. 17), a educação não formal é acima de tudo um “processo de aprendizagem social”, que está voltado para o aprendiz e que tem lugar fora do sistema educacional formal, tem de ser encarado como um processo que favorece uma melhor aprendizagem, bem como a construção de um conhecimento com mais qualidade e mais amplo, no qual o sujeito, seja ele idoso ou não, seja o protagonista e que possa, na medida do possível, se desenvolver de forma mais plena.

Corroborando Gohn (2008, p. 105) acredita que “a maior importância da educação não formal está na possibilidade de criação de novos conhecimentos, ou seja, a criatividade humana passa pela educação não formal”. De acordo com a autora supracitada, a educação não formal tem a capacidade de acumular e adquirir conhecimentos e habilidades através de experiências diárias e relacionamento com o meio ambiente. É um processo contínuo e espontâneo que não acontece intencionalmente. Assim, a educação não formal está definida como todas as atividades de educação organizada e sistemática, realizada fora do âmbito do nível oficial, para facilitar a aprendizagem de certos tipos de subgrupos particulares da população. Nesse sentido, concordando com Fino (2008a), é nesses espaços não formais de educação que, provavelmente, acontecem práticas inovadoras, pois a inovação pedagógica não está restrita à escola.

A Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa adoptava, em 2000, a recomendação 1437 sobre *Educação Não formal*, “incitando todos aqueles que dão forma às políticas educativas a tomar conhecimento da *educação não formal* como parte essencial do processo educativo [...]” e “interpelando os governos e outras autoridades competentes dos Estados-Membros a reconhecer a *educação não formal* como um parceiro de *facto* no processo de aprendizagem ao longo da vida [...]” (PINTO, 2005, p. 1).

A educação, nos dias atuais, não pode ser considerada só aquela que está inserida dentro das instituições educacionais. Pelo contrário, ela, hoje, está presente em todos os movimentos vividos pela humanidade, já que, com o advento das novas tecnologias, percebe-se o quanto dinamizamos a prática do conhecimento, que saiu do seu lugar comum, escola e universidade, e se disseminou, de forma nunca antes vista, no nosso processo histórico de evolução da humanidade.

Não conhecemos hoje em dia uma definição única ou consensual de educação “não formal” (ou de “aprendizagem não formal”). Estes termos são ainda objeto de interpretações diferentes de acordo com as diferentes culturas, tradições nacionais ou contextos político-educativos de cada país ou região.

Nas últimas décadas, “Educação Não formal!” tornou-se a noção sumária para aquilo que, no passado, se designava por “educação fora da escola”. Assumimos hoje, de facto, que a *educação não formal* se distingue da *educação formal* (ou ensino tradicional) em termos de estrutura, de forma como é organizada e do tipo e de reconhecimento e qualificações que este tipo de aprendizagem confere. No entanto, a *educação não formal* é vista como complementar – não contraditória ou alternativa – ao sistema de *educação formal* e deve, pois, ser desenvolvida em articulação permanente quer com a *educação formal*, quer com a educação informal (PINTO, 2005, p. 2-3).

Tendo um espaço como a Universidade Sem Fronteira – UNISF como um ambiente não formal de educação como objeto de estudo, esta investigação assume que o conhecimento pode ser construído e conduzido num local que possui seus valores, que envolvem as mais diversas matizes, como ideologias, diversidade cultural e características próprias, e que procura transmitir-nos seus saberes. Bourdieu (2001, p. 96) salienta que esses ensinamentos se dão através de:

Um entendimento que dá corpo às culturas de participação em que as inquietações do conhecimento e das informações do código grupal só têm significado quando agrupadas, de modo ativo, dinâmico, às relações interpessoais concretas que irão construir um sistema iniciático, aprendidos por meio de experiências vividas em conjunto.

A educação não formal tem de ser vista como uma educação que se faz presente de forma espontânea e que não possui um currículo único. Porém, não significa dizer que esse tipo de educação não tenha um processo de aprendizagem organizado (PINTO, 2005).

Em educação não formal, os resultados da aprendizagem individual não são julgados. Isso significa, no entanto, que não haja **avaliação**. Ela é regra geral, inerente ao próprio processo de desenvolvimento e integrada no programa de atividades. Assume vários formatos e é participada por todos: formadores e formandos no sentido de aferir progresso ou reconhecer necessidades suplementares. Do ponto de vista externo ao processo pedagógico propriamente dito, a eficácia dos mecanismos de aprendizagem em educação não formal pode ser apreciada e avaliada pela investigação social e educacional com o mesmo grau de credibilidade que a *educação formal* (REFERENCIAL DE FORMAÇÃO, 2017, p. 18).

O processo avaliativo na educação não formal tem como pressuposto melhorar os processos educacionais, visando a uma aprendizagem mais consistente entre docente e discente, que possibilita também uma melhora nas relações entre todos os envolvidos dentro do contexto

da construção do conhecimento e da aprendizagem nos mais diversos espaços da educação não formal.

Nesse sentido, a aprendizagem e o ensino conectam-se nesse espaço como instrumento de processos de libertação do homem, numa direção que visa a uma educação libertadora, procurando oferecer um currículo humanizado com transmissão de conhecimentos, tradições e, acima de tudo, algo que possa realmente fazer a diferença.

Gohn (2006, p. 29) indica que “os grupos educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos internacionais”.

Pode-se indicar que a educação não é um fenômeno solitário que acontece na nossa comunidade, muito pelo contrário, ela acontece em todos os lugares da sociedade planetária, fazendo o seu acontecer a todo instante.

Vive-se, hoje, uma dinâmica muito grande no processo de aprendizagem, haja vista que o ato de aprender não se encontra mais restrito aos meios acadêmicos, leia-se escola e instituições superiores. Muito pelo contrário, assistimos na atual conjuntura a uma maior expansão no processo de ensino e de aprendizagem (SOUZA JÚNIOR, 2016).

De acordo com o senso comum, o processo de aprendizagem sempre se deu através da escola, como espaço formal em que os indivíduos vão para aprender. Entretanto, com o uso e a popularização das TIC na sociedade mundial, percebe-se que, para aprender, o sujeito busca os mais diversos tipos de ambientes.

Nesse sentido, um ambiente não formal de aprendizagem não mais está atrelado à escola como ambiente formal de ensino e de aprendizagem, já que o espaço de educação acadêmica oficial está atrelado a um currículo que, na grande maioria dos casos, não permite mudanças, bem como só está interessado na transmissão de conteúdo vertical, onde a figura do professor é vista apenas como a única que detém o conhecimento.

Diante do exposto acima, Green (2001) assevera que um ambiente formal tem como marco central a figura do professor, que ensina o conteúdo para os alunos, considerados indivíduos passivos que apenas recebem o conteúdo sem questioná-lo e muito menos questionar o docente.

Green (2001) ainda aponta que, no processo de ensino e de aprendizagem, a escolha do conteúdo se dá de forma sistemática e contínua, na qual esse mesmo conteúdo é repassado de forma gradativa, que vai do mais simples ao mais complexo.

De acordo com Jacobucci (2008, p. 55-56):

O termo “espaço não formal” tem sido utilizado atualmente por pesquisadores em Educação, professores de diversas áreas do conhecimento e profissionais que trabalham com divulgação científica para descrever lugares, diferentes da escola, onde é possível de desenvolver atividades educativas. No entanto, a definição do que é um espaço não formal de Educação é muito mais complexa do que imaginamos.

Mesmo sabendo que há dificuldade em conceituar o espaço não formal de aprendizagem, entendemos que todo e qualquer espaço pode e deve ser utilizado de forma a praticar uma ação pedagógica ativa e de grande significado para docentes e discentes.

É sabido que a maior parte dos espaços não formais possui em seu interior um grande potencial de descoberta, de criatividade, de investigação e de curiosidade. Entretanto, percebe-se que os recursos existentes nesses espaços nem sempre são utilizados em toda a sua plenitude. Acreditamos ser devido à falta de preparação dos professores para atuarem em espaços não formais.

No que diz respeito aos objetivos e finalidade da educação não formal, Pinto (2005, p. 5) afirma que a mesma envolve o “desenvolvimento de saberes e competências, um vasto conjunto de valores sociais e éticos, tais como os direitos humanos, a tolerância, a promoção da paz, a solidariedade e a justiça social”, reforçando, assim, que os ambientes não formais procuram “propiciar o enquadramento adequado para responder às aspirações e necessidades específicas do formando/educando, bem como para desenvolver as suas competências pessoais, potenciando a sua criatividade” (PINTO, 2005, p. 5).

Percebe-se que, ao longo das últimas décadas, o processo educacional mudou consideravelmente, já que os espaços não formais se tornaram muito mais comuns, ao mesmo tempo em que os mesmos se configuraram como sendo um local de mudança de comportamento. Porém, é necessário entender que essas mudanças não ocorrem de um momento para o outro. Elas levam tempo para acontecer e é preciso o envolvimento de todos para se apropriar e construir novas possibilidades de conhecimento.

Chassot (2010) postula que o conhecimento, atualmente, que chega às instituições educacionais é bastante diferente nas suas mais diversas maneiras e com as mais distintas qualidades, já que o professor, nesse ambiente não formal, tem de mudar sua prática pedagógica de informador para uma ação de formador, buscando construir junto com o seu alunado um conhecimento voltado para uma coletividade, de forma democrática e solidária.

Rocha e Fachín-Terán (2010) indicam que o processo educacional que ocorre nos espaços não formais se apropria dos mais diversos saberes da escola formal, já que muitos desses conhecimentos são construídos através das ciências da educação.

Gohn (2008) acredita que a educação não formal nos dá a possibilidade de se apropriar de novos conhecimentos, no sentido de construir um saber mais compartilhado com todos, bem como nos propiciar acumulação desses conhecimentos através das nossas próprias experiências.

Fino (2008a) aponta que nos espaços não formais de educação a prática inovadora provavelmente está presente, já que um processo inovador não está restrito a apenas um local formal como a escola, pois como ele afirma: “[...] se a inovação não fosse heterodoxa, não era inovação” (2008a, p. 2).

Mariano Enguita, sem usar o termo educação não formal, oferece-nos uma panorâmica sobre a importância atual das aprendizagens, saberes e conhecimentos existentes fora das escolas, no seu entorno. Ao analisar a sociedade atual, Enguita denomina-a como sociedade transformacional – dada a vertiginosa realidade intrageracional das mudanças sociais. Ele assinala que temos que pensar essa nova realidade em termos de cooperação entre os centros de ensino e o seu entorno, criando uma relação denominada “escola-rede”. [...] esta abordagem ultrapassa as visões que veem a escola encapsulada em si mesma, para uma outra visão em que o desafio intelectual é pensar em centros educativos como pontos de intersecção de outras redes que reforçam seu sentido público. Intersecção com projetos sociais capazes de mobilizar a cooperação entre centros de ensino e outros agentes presentes em seus entornos. Ou seja, o que denominamos como aprendizagens e saberes produzidos por instituições, associações, movimentos etc., via a educação não formal, são o foco de destaque de Enguita – o entorno da escola (GOHN, 2010, p. 15).

Entende-se que o processo educacional que vivemos ao longo da nossa existência não está encarcerado em um ambiente formal, como o meio acadêmico. Muito pelo contrário, podemos aprender em qualquer lugar e a qualquer momento, basta assim querer. Com o advento e apropriação das novas tecnologias, podemos dinamizar nosso tempo, bem como maximizar nossa apropriação de conhecimento. Pois como bem diz Foucault (1979): “conhecimento é

poder”. E é essa apropriação de conhecimento que alavanca a evolução humana, tornando-a única e cada vez mais desenvolvida.

A educação não formal baseia-se na motivação intrínseca do/a formando/a e é **voluntária e não-hierárquica** por natureza. Enquanto um sistema de aprendizagem, vem sendo prática comum sobretudo no âmbito do trabalho comunitário, social ou juvenil, serviço voluntário, atividade de organizações não-governamentais ao nível local, nacional e internacional, abrangendo uma larga variedade de espaços de aprendizagem: das associações às empresas e às instituições públicas, do sector juvenil ao meio profissional, ao voluntariado e às atividades recreativas (REFERENCIAL DE FORMAÇÃO, 2017, p. 17).

Nesse dinamismo, cresce a tomada de consciência de grupos marginalizados e que buscam reafirmar e reconstruir sua rede de significados com base no reconhecimento próprio e do outro, como forma de alcançar sua preservação e desenvolvimento, considerando suas especificidades.

Para desenvolver tal responsabilidade coletiva, segundo Santomé (2001), implica que os aprendizes pratiquem e se exercitem em ações capazes de prepará-los de modo adequado para viver e participar em sua comunidade.

Por conseguinte, o aprendiz deve estar envolvido na realização de atividades fundamentais, num conhecimento adequado, suficientemente contrastado, a respeito dos aspectos da sociedade da qual faz parte. A prática educativa em um ambiente não formal de aprendizagem, além de desenvolver as capacidades para a tomada de decisões, tem de propiciar aos aprendizes uma reconstrução reflexiva e crítica da realidade, tendo como parâmetro as teorias, conceitos, procedimentos e costumes que existam na comunidade, priorizando toda a aprendizagem que o idoso carrega consigo desde a mais tenra idade.

Diante do exposto, considera-se que o Brasil é um país multiétnico e pluricultural, de organizações educacionais em espaços formais e não formais de aprendizagem, em que todos devem se sentir incluídos e, assim sendo, a escola é um dos lugares consagrados à formação do indivíduo e à sua integração numa comunidade em que todos devem ser considerados iguais.

Por meio de espaços não formais como a UNISF o sujeito pode transcender seus laços étnicos e gerar sentimentos de pertença a uma identidade mais ampla, como a nação. Nesse contexto, o espaço não formal pode oferecer uma ferramenta para que o aprendiz forme seu espírito crítico e escolha, de modo autônomo, entre as várias possibilidades dentre aquelas que melhor lhe convier.

2.5 – As universidades abertas para a terceira idade como ambientes não formais de aprendizagem

As universidades de tempo livre foram criadas nos anos 1960 do século XX, na França, e tinham como objetivo principal preencher o tempo livre dos idosos com atividades lúdicas e terapias ocupacionais. As mesmas são consideradas as precursoras das universidades abertas para a terceira idade. Pierre Vellas, no ano de 1973, na cidade de Toulouse, fundou a primeira universidade da terceira idade, na Université du Troisième Âge – UTA, a qual tinha como objetivo “tirar os idosos do isolamento, promover sua saúde, estimular seu interesse pela vida e modificar sua imagem diante da sociedade” (ASSIS, DIAS, NECHA, 2016, p. 202).

A universidade aberta para a terceira idade da UTA tinha como ponto principal favorecer o protagonismo da população idosa, levando-a a se fazer presente no meio acadêmico, bem como auxiliando-a na tomada de decisões dos seus problemas. Ressalte-se ainda que a própria UTA já colaborava para que os idosos tivessem vez e voz na sociedade, fazendo um papel de grande importância no que diz respeito ao processo de inclusão para a época e bem antes de todo o movimento que, hoje, é apregoado nesse sentido (PALMA, 2000).

Cachioni (2012) aponta que o modelo francês de universidade aberta para a população idosa se expandiu pelas mais diversas regiões do globo, levando em conta as características de cada lugar, povo, cultura, entre outras.

Na década de 1980, a Universidad Abierta Uruguay – UNI 3Uruguay, com sede em Montevideo, foi a primeira a implantar o programa da universidade aberta para a terceira idade na América Latina, a qual funcionava de forma independente e sem vínculo com a universidade tradicional. A metodologia se baseava em uma educação permanente, com foco em uma educação participativa, onde todos estabeleciam vínculos entre si, favorecendo uma aprendizagem na qual todos podiam trocar suas experiências, desejos e, acima de tudo, aprender de forma coletiva, valorizando, assim, tudo aquilo que tanto o idoso quanto os docentes traziam consigo desde o seu nascimento (PALMA, 2000).

Com base na experiência francesa, o Serviço Social do Comércio – SESC de São Paulo resolveu implementar as escolas abertas da terceira idade, adotando a mesma metodologia de serviço social e desenvolvimento da sociabilidade para crianças, jovens e adultos, fazendo alterações necessárias para contemplar um público tão específico, que é a terceira idade (FERRIGNO, 2013).

Ainda nos anos 1980, universidades públicas e privadas do Brasil inseriram nas suas dependências as universidades abertas à terceira idade. São elas:

- Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, que, em 1982, criou o Núcleo de Estudos da Terceira Idade – NETI; no mesmo ano, a Universidade Federal de Santa Maria implantou o Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade – Nieati (PALMA, 2000; CACHIONI, 1999).
- Em 1988, a Universidade Estadual do Ceará – UECE criou a Universidade Sem Fronteiras (CACHIONI, 1999).

Fazendo uma breve retrospectiva sobre a expansão das universidades abertas para a terceira idade, autores como Cachioni (1999), Palma (2000), UFMG (1994), Oliveira, Oliveira e Scortegagna (2004), entre outros, apontam:

- Universidade da Terceira Idade na PUC-Campinas, em 1990;
- Universidade Aberta à Terceira Idade na Universidade Católica de Goiás – UCG e Universidade Aberta à Terceira Idade na Universidade Estadual de Ponta Grossa – Uati/UEPG, em 1992;
- Universidade Aberta à Terceira Idade na Universidade de São Paulo – USP; Universidade Aberta da Terceira Idade na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Unati/UERJ; Universidade Aberta para a Terceira Idade na UFMG; e Universidade Aberta ao Idoso – Unai, na PUC-Minas, todas no ano de 1993.

Cachioni (2012 apud ASSIS *et al.*, 2016) indica que existem mais de 200 organizações de nível superior voltadas para o desenvolvimento de programas para a aprendizagem na terceira idade. Cada uma delas possui modelos pedagógicos distintos, mas todas têm em comum promover o resgate do idoso na sociedade, visando a incentivar o mesmo no seu processo de autonomia, autoestima, liberdade, independência, levando-o a se perceber como cidadão, apesar dos estereótipos, estigmas e preconceitos existentes contra a população idosa (VERAS e CALDAS, 2004).

Um ponto muito elucidativo para caracterizar a universidade aberta para a terceira idade é apontado por Pereira (2009, p. 62) que diz o seguinte:

O termo *aberta* deve-se à proposta de que a instituição assim denominada seja voltada para a terceira idade e que ofereça estudos livres, não havendo uma proposta curricular determinada e nem a entrega de diploma válido para aqueles que quiserem cursar suas disciplinas. [...], a denominação *terceira idade* foi importada da Europa para o Brasil, na década de 1970. Nessa época, o país foi afetado pelo processo de

internacionalização da Gerontologia que alertou para a educação como providência favorável à solução dos problemas dos idosos, seguindo o modelo original francês que tem suas bases no sistema tradicional universitário, também francês, oferecendo conteúdos nas áreas de humanas e artes.

É possível perceber que uma das maiores características das universidades abertas para a terceira idade é a não existência de um currículo previamente elaborado. O que se entende é que, por oferecerem cursos livres, o aprendiz pode dispor de si para construir o seu próprio aprendizado. Vale lembrar que, como foi dito na introdução deste trabalho, não importa a nomenclatura utilizada, como terceira idade, idoso, velho, entre outros, o que realmente importa é que o processo de aprendizagem se faz presente na vida das pessoas desde a mais tenra infância e se prolonga até o momento da finitude.

Não tendo um currículo pronto e acabado em si mesmo, como o que ocorre em uma instituição convencional/regular, o alunado pode até se decidir o que deseja aprender. É através dessa característica de espaço não formal que, mesmo funcionando dentro de um lugar convencional, a universidade aberta para a terceira idade funciona de forma independente, gerando, assim, num primeiro momento, um impacto muito de grande de inovação, já que todas as ações pedagógicas estão voltadas e centradas no aluno e não na figura do professor.

Vale ressaltar que Brasil/Estatuto do Idoso (2013, p. 19), no seu Artigo 25, indica que: “O Poder Público apoiará a criação de universidade aberta para a pessoa idosa e a incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual”.

Com o aval do governo federal através do Estatuto do Idoso, as universidades abertas para a terceira idade passam a ser vistas de forma a proporcionar ao idoso uma educação que o mantenha atualizado, que o mesmo se sinta estimulado a participar dos cursos oferecidos, bem como tentar diminuir os impactos produzidos por uma série de constrangimentos pelos quais passam os idosos.

Cachioni (2003 apud PEREIRA, 2009) aponta que existem diversas denominações para nomear o trabalho educacional com os idosos no mundo. A mesma indica que, no Brasil, os cursos de extensão e atividades recebem diversas denominações, como: Universidade da Terceira Idade, Universidade Aberta à Terceira Idade, Universidade para a Terceira Idade, Programa da Terceira Idade, Faculdade da Terceira Idade e Curso de Extensão para a Terceira Idade, entre outros.

Sá (1998) divide as universidades abertas em três grandes grupos, de acordo com o que é oferecido por elas, como finalidade e diferenças técnicas, sendo apresentadas da seguinte maneira: Universidades Abertas da Terceira Idade, Universidades Abertas para a Terceira Idade e Universidades Abertas à Terceira Idade.

Vital (2005, p. 41) elenca a diferenciação entre elas:

Universidades Abertas da Terceira Idade – correspondem a um curso de extensão universitária e atualização cultural voltado para a população adulta, madura e idosa;
Universidades Abertas para a Terceira Idade – são programas que abrem seus cursos regulares aos idosos, oferecendo vagas em determinadas disciplinas, que são cursadas sem constituir créditos para a graduação ou pós-graduação, mas visam à atualização e à integração entre jovens e velhos;
Universidades Abertas à Terceira Idade – abrangem todas as experiências anteriores e incorporam os objetivos maiores da universidade brasileira, a saber: o ensino, a pesquisa e a extensão.

Ressalte-se que, independentemente da denominação que se queira dar a elas, as universidades se preocupam com o bem-estar do idoso em todas as searas, promovendo, assim, uma cidadania que, por muitas vezes, fica esquecida ao longo da jornada, por se considerar um velho, um estorvo para a sociedade.

Diante do acima descrito, Alonso (2005, p. 136) assevera que:

[...] as atividades desenvolvidas pelos centros de integração de idosos e pelas Universidades Abertas da Terceira Idade funcionam tanto como instrumentos de socialização e participação dos idosos na vida coletiva, assim como proporcionam a estes indivíduos uma vida mais saudável, viabilizada a partir da manutenção do desenvolvimento de atividades físicas e cognitivas.

O grande destaque aqui é a importância que essas instituições fazem em favor do idoso, que é o de integrá-lo e incluí-lo na sociedade, ao mesmo tempo em que favorece o seu desenvolvimento não apenas físico, cultural, emocional, mas também o incentivando a participar de uma construção coletiva, onde todos podem se ajudar mutuamente.

Alonso (2005) indica que o objetivo principal das Universidades Abertas da Terceira Idade é o de promover o encontro entre as gerações. Ou seja, os mais jovens com os mais velhos, onde cada geração pode compartilhar suas experiências, angústias, sonhos, ao mesmo tempo em que o esse idoso sai do seu casulo de isolamento e passa a se sentir um ser participante dessa sociedade.

A Organização Mundial de Saúde (2001) preconiza a velhice aos 65 anos. Nos países desenvolvidos, essa mesma velhice é de 60 anos; já no Brasil essa idade está condicionada acima de 50 anos, que é a faixa etária que está a frequentar as universidades abertas da terceira idade (CACHIONI, 2003). A respeito disso, Vital (2005, p. 42) afirma que:

“Todavia, em quase todo o mundo, outras camadas da população madura, como jovens aposentados, pessoas que não tiveram acesso à universidade, pessoas livres das responsabilidades de criação dos filhos ou trabalho rotineiro, formaram um conjunto de pessoas com idades entre 40 e 60 anos e pressionaram esses programas a aceitá-las como alunos. Desta forma, um grande número de programas tem hoje, como participantes, pessoas não pertencentes à faixa etária denominada terceira idade.

De acordo com citação, os adultos maduros que conseguiram se aposentar cedo trataram de se atualizar, ficar na ativa. Dessa maneira, pode-se acreditar que os mesmos, além de se sentirem úteis, perceberam que as atividades socioeducativas eram uma maneira de estar em sintonia com o mundo e não se deixaram abater pelo processo da aposentadoria. Puderam sentir que as universidades abertas da terceira idade era uma maneira de continuarem a aprender, principalmente o que não puderam construir como conhecimento por conta de sua atividade laboral.

Jordão Neto (2001 apud PEREIRA, 2009) assevera que, nas últimas décadas, no Brasil, as universidades abertas da terceira idade estão em pleno crescimento, mas ainda muito longe de serem implantadas em todas as regiões do país. Isso dificulta muito o processo de inclusão da população idosa, mas é possível vislumbrar um cenário que aponta para uma construção da cidadania para a terceira idade.

Nas universidades abertas, a educação se traduz em lugares tanto de experiência individual quanto social, de aprofundamento de conhecimentos formais (obtidos por meio de sua participação num sistema educacional organizado em diferentes níveis de complexidade) e informais (extraídos de suas próprias vivências) (JORDÃO NETO, 2001 apud PEREIRA, 2009, p. 67).

Entende-se que as universidades abertas para a terceira idade trazem consigo uma série de mudanças muito positivas para seus participantes, haja vista que o resgate da autoestima é o primeiro sinal de mudança que se faz visível nessa população, pois ela percebe que seus conhecimentos obtidos ao longo da sua vida, seja conhecimento formal ou informal, são levados em consideração. Ela não se sente alijada do processo coletivo. Todos têm o que contribuir.

Porém, vale ressaltar que os profissionais que atuam dentro das universidades abertas sejam sujeitos que estejam aptos a trabalhar com os idosos, que possuem características próprias, pois é necessário que esses trabalhadores sejam capazes de alavancar o processo de autonomia, que possam dialogar, de forma harmônica, com os idosos. Além de possibilitar que os idosos revertam os estereótipos e mitos que ainda estão muito presentes na sociedade, trazendo consigo uma grande carga de negatividade para a velhice.

Pereira (2009) elenca que o trabalho educacional realizado com adultos maduros e idosos nas universidades abertas da terceira idade é o de oferecer uma educação permanente, em que a busca das potencialidades e novas habilidades seja uma constante, além de estimulá-los a serem mais participativos em todo o processo de desenvolvimento e construção do conhecimento.

Ainda parafraseando Pereira (2009), os mais diversos tipos de disciplinas que são oferecidas nas universidades abertas da terceira idade podem ser estruturadas ou não, bem como abrangentes. Elas tendem a ser variadas em seus conteúdos e atividades, mas, geralmente, incluem os conteúdos dos mais diversos campos da humanidade, atividades físicas que contemplam estudos nas áreas de ciências e tecnologia, além de atividades de cunho cultural e lazer.

De acordo com Christine O’Kelly, coordenadora do projeto “Universidades Amigas do Idoso”, uma rede internacional fundada em 2012 pela Dublin City University – DCU, na Irlanda, e que conta, hoje, com 21 instituições espalhadas pela Europa, América do Norte, Coreia do Sul e Austrália, tem como objetivo maximizar as oportunidades e minimizar os desafios que o envelhecimento traz para a humanidade (TAVARES, 2018).

A mesma salienta que a atuação da rede começou muito timidamente, com apenas a participação de 80 pessoas na DCU. Atualmente, conta com 2 mil idosos realizando alguma atividade na universidade, na qual são oferecidos 50 módulos de estudos. Os mais procurados são os da área de psicologia, literatura e história, conforme o interesse dos alunos (TAVARES, 2018).

A rede conta com 10 princípios que regem as Universidades Amigas do Idoso. Abaixo estão elencados os mesmos:

1. Estimular a participação dos adultos mais velhos em todas as atividades relevantes da universidade, inclusive os programas de pesquisa;
2. Promover o desenvolvimento pessoal e profissional na segunda metade da vida das pessoas, inclusive dando apoio aos que querem tentar uma nova carreira;
3. Reconhecer o amplo espectro de necessidades educacionais dos mais velhos, para atender desde os que deixaram a escola precocemente até os que buscam um título de PhD;
4. Promover o aprendizado intergeracional, facilitando o compartilhamento de expertises entre estudantes de todas as idades;
5. Ampliar o acesso à educação on-line para adultos de modo a garantir a diversidade de possibilidades de participação;
6. Garantir que a agenda de pesquisa da universidade leve em consideração as necessidades relacionadas ao envelhecimento;
7. Ampliar o conhecimento dos alunos sobre os dividendos da longevidade e a riqueza que esta pode trazer para a sociedade;
8. Melhorar o acesso dos idosos aos programas de universidade relacionados a saúde e bem-estar, assim como a artes e atividades culturais;
9. Fazer com que a universidade se engaje e participe de sua própria comunidade de aposentados;
10. Garantir diálogo constante com as organizações que representem os direitos da população mais velha (TAVARES, 2018, p. 2-3).

Diante de tudo que foi escrito até o presente momento, é possível perceber que as universidades abertas da terceira idade são um espaço para que ocorram novas amizades, novos tipos de comportamento, bem como laços afetivos entre todos que fazem parte desse ambiente. É um ambiente que, se pode afirmar, não é formal, que, além de promover o processo de aprendizagem ao longo da vida, é também um lugar que possibilita a inclusão do sujeito idoso, de forma que tanto homens quanto mulheres se sintam contemplados. Que fazem parte de um protagonismo, em que o professor é mediador da aprendizagem, já que não existe uma rigidez no conteúdo e pré-requisitos. Todos são indivíduos que estão a aprender o tempo todo.

Os desafios a serem enfrentados na implantação de universidades abertas da terceira idade no país, sejam em instituições públicas ou privadas, ainda são muito grandes, já que há uma necessidade de homogeneizar esse equipamento social e realizar um censo nessas instituições, para poder saber qual o número de vagas ofertadas, o perfil dos idosos que frequentam, carga horária, qual a dimensão alcançada pela instituição na sociedade, os docentes que atuam dentro das organizações e, por fim, os resultados alcançados.

Ressalte-se ainda que é preciso saber o que essas organizações trazem no seu interior, no que diz respeito ao processo de conscientização acerca do resgate da cidadania e do respeito que a população idosa merece, já que o grande mote é priorizar a realização para o processo de inclusão do idoso na sociedade e também que a população da terceira idade sintase preparada para construir seu próprio conhecimento, além de poder se aventurar por um

mundo que se torna cada vez mais tecnológico, e que possa estar apta a enveredar pelas descobertas que se descortinam diante dos seus olhos.

2.6 – Conceituando inovação pedagógica: características e implicações para uma melhor aprendizagem do idoso aprendiz na Universidade Sem Fronteiras

A informática aplicada à educação pode ser vista como instrumento de cunho inovador. Conforme Valente (1999), o processo educacional através do uso do computador leva o aprendiz a adquirir novos conceitos sobre qualquer outro domínio.

Papert (2008), por sua vez, trata da inclusão dos computadores na sociedade como uma ferramenta utilizada para contribuir na formação de pessoas não só na educação, mas também no meio familiar e social. Onde as máquinas são expostas como facilitadoras, que tem o objetivo de proporcionar aos indivíduos buscarem os mais diversos tipos de conhecimentos sozinhos.

A educação não se reduz à técnica, mas não se faz educação sem ela. Utilizar computadores na educação, em lugar de reduzir, pode expandir a capacidade crítica e criativa de nossos meninos e meninas. Dependendo de quem o usa, a favor de quem e para quê. O homem concreto deve se instrumentar com o recurso da ciência e da tecnologia para melhor lutar pela causa de sua humanização e de sua libertação (FREIRE, 2001, p. 98).

Nessa visão, a inserção do computador é considerada um processo de socialização, interação e aprendizagem, proporcionando troca de informações de maneira global, aumentando ainda mais a diversidade e amplitude na formação das mais diversas aprendizagens. É como bem explicita Papert (2008, p. 43):

A escola não virá a usar os computadores adequadamente porque os pesquisadores lhe dizem como fazê-lo. Ela virá a usá-los bem como parte integral de um processo de desenvolvimento coerente. Com bons professores desenvolvimentistas, os pesquisadores podem contribuir melhor quando entendem as mudanças na escola como um desenvolvimento e apoiam isso transformando as ideias que forem bem sucedidas para entender as transformações [...].

Papert (2008) demonstra que, dessa forma, os sujeitos poderão obter novos conhecimentos e saberes em qualquer lugar que estejam e não necessariamente dentro de uma sala de aula. O autor deixa explícito que as máquinas são consideradas grandes aliadas na formação intelectual, que, através dessa inserção tecnológica, os aprendizes possam ter a

capacidade de criar as suas próprias ideias, levando-os a aprender de forma mais ativa, já que os mesmos passam a ser os detentores da sua própria construção de aprendizagem.

Piaget (1975) coloca que esse sujeito aprende/pensa, mesmo sem ser “ensinado³⁸”, uma vez que está em constante atividade na interação com o espaço e o meio, tendo condições de elaborar e reelaborar hipóteses que o expliquem. Dessa forma, o indivíduo é visto como construtor de sua própria estrutura intelectual.

Papert (2008) está de acordo com os pensamentos de Piaget (1975), ao ver o sujeito como um ser pensante e que tem condições de construir suas próprias estruturas cognitivas, mesmo sem ser ensinado. Contudo, ele preocupou-se em propor situações para que o indivíduo tivesse condições de obter mais conhecimento, surgindo assim o construcionismo.

Na verdade, o construcionismo de Papert pode também ser considerado uma abordagem do construtivismo de Piaget, visto que considera a possibilidade de o indivíduo construir o seu próprio conhecimento, o que é uma característica construtivista; mas a proposta construcionista acrescenta que essa construção pode acontecer por meio de algum tipo de ferramenta, de algum recurso, que pode ser, por exemplo, o computador.

Assim, o computador pode ser o meio, o instrumento que permite a efetivação desse processo cognitivo. A atitude construcionista tem como finalidade alcançar meios de aprendizagem que possam valorizar a construção mental do sujeito, apoiada em suas próprias construções de mundo.

Na abordagem construcionista de Papert (2008, 1996, 1980), são encontradas duas ideias que diferem do construcionismo de Piaget. A primeira é que o indivíduo constrói algo, aprende fazendo, torna-se autônomo e autossuficiente; a segunda é que o indivíduo constrói algo do seu interesse, onde a motivação está presente e, com isso, a aprendizagem se torna mais significativa.

Valente (1999) aponta que no construcionismo o computador necessita de algumas ações no processamento da construção do conhecimento. Para interagir com o computador, o aprendiz tem de combinar os conteúdos e as estratégias a um programa que resolva o problema, como a linguagem Logo, criada por Papert. A mesma é considerada entendimento,

³⁸ Grifo do autor.

compreensão e manuseio por parte das crianças e pessoas leigas, como a população idosa, que não tem entendimento da computação e sem domínio da matemática.

Papert (2008) ressalta que essas etapas são geradas também pelo meio em que o sujeito habita, pelo que lhe é oferecido, pelo que conseguem explorar, sendo que o conhecimento é intensificado de modo a tornar-se fonte de poder.

No intuito de criar condições para mudanças significativas no desenvolvimento intelectual dos sujeitos, Papert (1980) desenvolveu a linguagem da programação Logo, sendo sua metodologia carregada de significado lúdico, proporcionando aos mais diversos tipos de pessoas uma situação de brincar.

Ao se trabalhar com uma abordagem construcionista, devemos ter em mente que temos de inovar na educação. A inovação pedagógica implica em mudanças nas práticas pedagógicas, se posicionando de forma crítica frente às práticas pedagógicas tradicionais, nas quais a inovação pedagógica é vista como um salto de qualidade, que rompe com o velho paradigma fabril existente (FINO, 2008a).

Toffler (2004, 1998) assevera que o processo de mudança deve começar primeiro por nós mesmos, possibilitando nos abrir para o novo, evitando desperdiçar nossas ideias diante de um mundo novo que se descortina à nossa frente.

Historicamente, o conceito de inovação está associado às orientações de cunho tecnicista de ensino e de aprendizagem. Segundo postula Fino (2008a, p. 1):

A inovação pedagógica implica mudanças nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, face às práticas pedagógicas tradicionais. É certo que há factores que encorajam, fundamentam ou suportam mudanças, mas a inovação ainda que se possa apoiar nesses factores, não é neles que reside, ainda que possa ser encontrada na maneira como são utilizadas.

Entende-se que a inovação pedagógica sugere as mais diversas possibilidades, no intuito de formar novos talentos, não só apenas dentro da sala de aula, mas também para um mundo em constante mutação. É como assevera Fino (2007), inovação pedagógica tem um carácter de ruptura cultural. É a possibilidade do novo emergir, mudando seu olhar para o já tão comum tradicionalismo.

Hernandez *et al.* (2000, p. 2) indica que inovação é algo que reúne diversos fatores “[...] nas escolas, sob a denominação de inovação, se incluem não só mudanças curriculares, mas também a introdução de novos processos de ensino e aprendizagem, de produtos, materiais, ideias e, inclusive, pessoas”.

Inovar pedagogicamente significa obter o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino (PAPERT, 2008, 1996), em que o professor assume um papel de facilitador, de mediador e a aprendizagem se dá de forma mais autônoma, provocando no aprendiz o desenvolvimento das suas estruturas cognitivas. Dentro do contexto de inovação pedagógica, o aluno é o ator principal. Ele é a grande estrela.

O aprendiz aparece como protagonista, que irá se utilizar de todos os recursos para construir o seu próprio conhecimento. Nesse sentido, o sujeito se apropria do objeto, gerando uma interdependência, tornando, assim, uma relação mais íntima e carregada de afeto (SIMONDON, 2001).

Carbonell (2002, p. 19) define inovação pedagógica como "um conjunto de intervenções, decisões e processos, com certo grau de intencionalidade e sistematização, que tratam de modificar atitudes, ideias, culturas, conteúdos, modelos e práticas pedagógicas". Braga, Genro e Leite (1997, p. 22) trazem em seu conceito uma ruptura paradigmática, que diz: "Práticas que contenham em si mesmas o gérmen da ruptura com as lógicas que orientam os paradigmas da modernidade”.

Cunha (2003 apud FERNANDES, GRILLO, 2006 p. 445) indica que o conceito de inovação na educação tem:

Caráter histórico social marcado por uma atitude epistemológica do conhecimento para além das regularidades propostas pela modernidade e caracterizado por experiências que são marcadas por: ruptura com a forma tradicional de ensinar e aprender e/ou com os procedimentos acadêmicos inspirados nos princípios positivistas da ciência moderna; gestão participativa, em que os sujeitos do processo inovador sejam os protagonistas da experiência; reconfigurações dos saberes anulando ou diminuindo as dualidades entre saber científico/saber popular, ciência/cultura, educação/trabalho, etc; reorganização da relação teoria/prática rompendo com a dicotomização; e a perspectiva orgânica no processo de concepção, desenvolvimento e avaliação da experiência desenvolvida.

Não é possível assumir a inovação como uma orientação de uma prática educativa, já que isso não significa que temos de nos render ao que é novo, mas, sim, que é necessário

assumir o aspecto histórico. no intuito de romper com as práticas tecnicistas que estão atreladas ao processo de ensino/aprendizagem e que não possibilitam a reflexão crítica sobre todos os fatos que ocorrem no mundo. É, como bem diz Fernandes (2000, p. 48): “Se toda a inovação transporta consigo uma intenção de mudança, nem toda mudança introduz necessariamente inovação. A mudança pode, por vezes, significar apenas a recuperação de práticas do passado”.

Cunha (2001), Hannan e Silver (2006) argumentam que o ato de inovar não está atrelado ao uso das ferramentas tecnológicas dentro da sala de aula. É muito mais do que isso, já que inovação diz respeito a uma ruptura, mudança de paradigma daquilo que foi estabelecido anteriormente.

Zanchert e Cunha (2007 apud RIBEIRO, MUSSI, FARIAS, 2017 p. 9) relatam que:

O contexto de realização da inovação pedagógica, na sala de aula, está interpenetrado pela ideia das concepções que subjazem as ações educativas na perspectiva do docente e da instituição. Assim, as práticas que se aproximam, de fato, de uma inovação pedagógica pautam-se na ruptura com o paradigma tradicional e hegemônico da ciência moderna. A crítica radical com este pressuposto necessita se imbuir da valorização dos diferentes saberes humanos, da relação dialética e global do conhecimento, da indissociabilidade entre teoria-prática e da valorização da cultura.

A inovação pedagógica não acontece por acaso e nem tão pouco no vazio da sala de aula. Ela acontece com seres humanos, na tentativa de mudar práticas tradicionais. A inovação pedagógica se traduz em uma nova roupagem, com a inclusão de ideias novas, concepções diferenciadas, em que a aprendizagem não se dá apenas dentro da sala de aula, mas também fora dela. É necessário levar em conta que toda mudança:

Requer um alto grau de descentralização. Isto porque a organização deve ser estruturada para tomar decisões rapidamente. E essas decisões devem ser baseadas na proximidade – com o desempenho, com o mercado, com a tecnologia, e com todas as muitas mudanças ocorrentes na sociedade, no meio ambiente, na demografia e no conhecimento que propiciarão as oportunidades para a inovação (DRUCKER, 2000, p. 7).

Ao se falar sobre inovação pedagógica, é preciso acreditar na transformação do mundo que nos cerca. É acreditar que os educandos são capazes de aprender a trilhar o seu próprio caminho de conhecimento, buscando sempre soluções para as suas situações e problemas.

Inovação pedagógica é considerada como desenvolvimento de propostas pedagógicas que são demarcadas pela novidade em sua constituição e execução; tem relações com

a construção de uma gestão inovadora na educação e com um compromisso da sociedade e das instituições educativas em desenvolver naturalmente propostas educativas comprometidas com o processo de mudanças sociais, valorização dos sujeitos e de suas aprendizagens, o que exige investimentos em recursos humanos e materiais, além de ações sociais, no desenvolvimento de projetos educativos (RIBEIRO, MUSSI, FARIAS, 2017, p. 6).

A inovação pedagógica tem um caráter que visa a construir projetos que possam tornar os meios acadêmicos mais democráticos, solidários, atrativos e ao mesmo tempo mais prazerosos e lúdicos, visando assim a uma nova compreensão da aprendizagem, um novo olhar sobre a formação do educando.

[...] a inovação pedagógica não é uma questão que possa ser colocada em termos estritamente quantitativos ou de mera incorporação de tecnologia, do género mais depressa, mais eficazmente, mais do mesmo. Muito menos pode ser colocada em termos de mais tecnologias disponíveis na escola, nomeadamente quando a proposta da sua utilização consiste em fazer com ela exactamente o que se faria na sua ausência, embora, talvez, de forma menos atractiva. A inovação pedagógica só se pode colocar em termos de mudança e de transformação. Transformação da escola e dos seus pressupostos fabris, pelo menos a nível micro, ou seja, no espaço onde se movimentam aprendizes concretos, assessorados por professores que estão empenhados em garantir, de acordo com Seymour Papert (1993), o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino. Por outras palavras, a inovação pedagógica passa por uma mudança na atitude do professor, que presta muito maior atenção à criação dos contextos da aprendizagem para os seus alunos do que aquela que é tradicionalmente comum, centrando neles, e na actividade deles, o essencial dos processos (FINO, 2010, p. 5).

Fino (2010) assevera que o processo de inovação pedagógica vai além de mudanças superficiais. Para ele, o conceito de inovação vai além do sentido de mudança, vai em busca de transformar o velho, romper com os paradigmas tradicionais existentes, no intuito de procurar atingir novos resultados.

Corroborando com Fino, Moran (2005) considera importante mudar a educação. Pois, segundo o autor, é de grande valia mudar os métodos tradicionais de ensino, já que existem diversas maneiras que são interessantes, eficazes, lúdicas, assim como econômicas, de ensinar e de se aprender.

Uma das fontes de resistência à mudança na escola reside na dimensão e diversidade das entidades nelas envolvidas. Qualquer mudança significativa deve ser considerada legítima pela administração, pelos professores e, embora a sua influência seja menor, pelos pais, tal como por outras entidades mais distantes – inspectores, membros dos conselhos escolares, elementos das autarquias e ainda os próprios meios locais de comunicação social, que devem ser todos levados em linha de conta. O resultado disto é que as únicas mudanças que suscitam acordo (e que, por isso, não são sabotadas), correspondem ao mínimo denominador comum de diversas convicções (PAPERT, 1996, p. 233).

É preciso ver a inovação pedagógica não como um acontecimento isolado e, sim, como um processo contínuo e em constante evolução. O sucesso na implantação do uso do computador na abordagem construcionista só será possível se houver um trabalho coletivo, em que todos que fazem parte do meio acadêmico estejam conscientes de que é preciso mudar. Onde o comprometimento organizacional esteja presente, saindo de uma prática instrucionista, que apenas prioriza o conteúdo, para construir um conhecimento voltado para uma nova abordagem pedagógica, visando ao sucesso do aprendiz, seja ele idoso ou não. Ou seja, uma aprendizagem que seja construída pelos próprios aprendizes.

Farias (2006, p. 53-54) esclarece que:

As inovações educacionais internamente geradas reportam-se a ações produzidas – concebidas pelos próprios agentes educativos no contexto da instituição escolar, nas buscas de soluções para dificuldades vivenciadas.

Nessa perspectiva, o ponto de vista dos atores escolares tem especial relevância na definição e desenvolvimento de uma inovação.

As inovações externamente induzidas caracterizam-se pela introdução e adoção, na escola, de algo existente fora dela – programas, equipamentos, procedimentos, conteúdos, etc. nesse caso, via de regra, o Estado (representado pelos órgãos envolvidos com a educação – Ministério da Educação, secretarias estaduais e municipais) se configura como o agente introdutor da inovação, concebida como uma estratégia de política educacional.

O conhecimento, hoje, não está mais centrado apenas na figura do professor. O mesmo está espalhado nos mais diversos lugares, bem como pode ser acessado através de livros, revistas, Internet, entre outros. Existe, hoje, a necessidade de que todo o processo de inovação pedagógica esteja atrelado a uma mudança, uma ruptura, onde todos os atores envolvidos estejam predispostos a mudarem. É preciso compreender que a inovação pedagógica é o elemento essencial para transformar, de forma criativa, o processo de ensino e de aprendizagem, no qual as escolas estejam preparadas para as mudanças em todos os níveis, sabendo que esse processo traz riscos, rompe com os paradigmas já existentes, cria novas linguagens, bem como leva o professor a se reinventar o tempo todo dentro de sala de aula, buscando, assim, uma aprendizagem de forma mais objetiva, crítica, questionadora, ao mesmo tempo em que seja efetiva e eficaz (FULLAN, 1991; TAVARES, 2000).

Vive-se em uma sociedade em que a informação na era do conhecimento é a palavra-chave, já que estamos no momento de transição entre o fabrico de bens materiais para um sistema baseado na informação, onde o conhecimento é o ponto central para o enriquecimento de uma sociedade (GIDDENS, 1998 apud SOUSA & FINO, 2005, p. II).

As instituições educacionais necessitam mudar suas práticas ainda tão atrasadas para poder acompanhar o dinamismo da sociedade contemporânea. Nessa linha de pensamento, Bastos (1996, p. 2) afirma que:

A escola, qualquer que seja sua modalidade terá, que ser menos formal e mais flexível, para não apenas transmitir conhecimentos técnicos e livrescos, mas para gerar conhecimentos a partir das reflexões sobre as práticas inseridas num mundo que age e se organiza diferentemente dos esquemas tradicionais.

Ao trabalhar com o uso de uma nova tecnologia, a organização educacional, juntamente com o professor, se abre para o novo. Permite-se ver a educação com outro olhar. Tentando, assim, apresentar uma proposta pedagógica com o intuito de promover um mundo até então inexplorado, na busca de conquistar um ambiente de aprendizagem inovador, onde todos possam participar, de forma democrática, da construção do saber; onde cada um possa colaborar com suas experiências, que se façam ouvir, se tornem seres realmente participativos na construção do conhecimento e não apenas meros bonecos comandados por quem está ou detém o poder.

Quando a instituição acadêmica passa a assumir um novo papel pedagógico, ela busca na sua essência inovar. Porém, nem sempre é possível inovar, já que como esclarece Fino (2011, p. 10):

Invariavelmente, a maioria dos intuitos de inovar pedagogicamente dentro da escola acabam por esbarrar contra o currículo, que impõe alunos agrupados por idade cronológica, programas, tempos, rotinas, métodos. Se isso não bastasse, há ainda a considerar a generalidade dos processos de supervisão da indução à prática profissional dos professores, nomeadamente os que são sediados nas escolas, que tendem à reprodução dos modelos de professor mais habituais, com especial relevo para o professor que define objetivos relacionados com os tópicos programáticos, antecipa estratégias, executa essas estratégias em forma de ensino, avalia os alunos de acordo com os objetivos.

É difícil achar professores que sejam verdadeiros inovadores. O que temos visto ao longo de todo o processo educativo é que o professor apenas está preocupado com a arte de ensinar, ou seja, com a didática. Nossos professores ainda estão atrelados a uma escola fabril, que ainda pensa de forma engessada, estática. É necessário mudar a visão do docente, na qual o mesmo esteja voltado para o processo de aprendizagem e em que o discente seja o protagonista.

Diante do acima descrito, Thurler (1994, p. 33-34) relata que, por um lado: “favorecer a mudança das atitudes e das práticas dos professores e, por outro, melhorar o funcionamento dos lugares de trabalho – os estabelecimentos escolares –, nos quais eles trabalham e interagem”. Nesse sentido, as mudanças devem também contemplar os currículos escolares, tornando-os mais flexíveis, dinâmicos e acessíveis a todos.

Nesse sentido, Correia (2011, p. 42) assevera que:

A inovação é um fenómeno de “destruição criativa”. Ela ocorre dentro da história, evolui junto com ela e transforma-a constantemente. A inovação não tem idade, nem lugar, nem tempo. Na aldeia global da cultura tecnológica, a inovação já não é uma escolha, mas uma constante da vida. Rejeitá-la só pode resultar na exclusão da moderna comunidade internacional.

[...] é, em primeiro lugar uma condição do espírito, em vez de um estado de espírito. Implica tecnologia e conhecimento, estudo e pesquisa, não é um processo linear, mas a combinação de um grande número de oportunidades, um objetivo constante que ocorre na base dos recursos utilizados e, principalmente, com base nos recursos humanos.

[...] implica um contexto cultural, bem como de educação e formação, processos estes capazes de gerar estratégias inovadoras em vez de as imitar.

Ao inovar pedagogicamente, é necessário ver o nosso aluno como um ser global, que tem de ser desenvolvido ao longo de sua jornada educativa, ou melhor afirmando, "ao longo da vida³⁹", no sentido de aprimorar suas competências e habilidades, visando sempre à construção de caminhos próprios e que os mesmos possam buscar soluções para as suas indagações. É preciso ainda acreditar na capacidade e no potencial dos nossos educandos, sair da zona de conforto e buscar sempre ajuda quando necessitar, procurando construir o conhecimento de forma conjunta, onde todos possam tomar decisões de forma compartilhada e tentar de todas as maneiras desconstruir os paradigmas que nos impedem de desenvolver novas pedagogias e tecnologias.

As crises conduzem a mudança de paradigmas e o contexto de inovação pedagógica implica mudança no modelo de escola arcaico, é necessário romper com o pensamento de escola tradicional para se inserir numa realidade construtivista buscando formas no sentido de antecipar o futuro provocando à capacidade de reflexão, levando o indivíduo a curiosidade de aprender e a querer fazer conviver com a aprendizagem em condições de agir de forma consciente, autônoma e responsável consigo mesmo, com a natureza e a sociedade, isso implica um desenvolvimento ético ancorado numa consciência individual, social e universal (KUHN, 1998, p. 25).

³⁹ Grifo do autor.

Ao inovar, tanto a escola quanto os professores devem procurar acompanhar as mudanças que se fazem necessárias para aprimorar o desempenho de todos que estão inseridos no processo ensino/aprendizagem, procurando, assim, uma maneira de alavancar o conhecimento não apenas do aluno, mas também do próprio professor e de todos que fazem parte da educação.

É buscar dar um enfoque reflexivo na prática pedagógica, na tentativa de resgatar o pensamento dos grandes educadores, como Dewey, Paulo Freire, Wallon, Papert, entre outros; para esses autores, a educação sempre foi vista como um processo de diálogo aberto, sincero e democrático, onde todos participam e todos são responsáveis não apenas por si, mas por toda a coletividade e em todos os âmbitos.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA: OS PROCESSOS INVESTIGATIVOS NA RELAÇÃO COM O ESTUDO DA TEMÁTICA

“Com o passar dos anos, as árvores tornam-se mais fortes e os rios, mais largos. De igual modo, com a idade, os seres humanos adquirem uma profundidade e amplitude incomensurável de experiência e sabedoria. É por isso que os idosos deveriam ser não só respeitados e reverenciados, mas também utilizados como o rico recurso que constituem para a sociedade”.

Kofi Annan, ex-secretário-geral da ONU

Após conhecer os fundamentos teóricos necessários à compreensão do envelhecimento e seus aspectos e do processo de aprendizagem ao longo da vida, com o uso das TIC particularmente, este capítulo objetiva proporcionar uma experiência na pesquisa em educação para a terceira idade. Desse modo, inicialmente, discutiremos o que é ciência e o que é conhecimento para que seja possível compreender o papel da pesquisa em educação na construção do conhecimento sobre a população idosa e a necessidade de uma educação para os sujeitos que estão a envelhecer a todo tempo.

Nesse sentido, Fonseca (2002) conceitua ciência como uma maneira própria de conhecer e se apropriar do mundo. O autor ainda corrobora afirmando que:

É o saber produzido através do raciocínio lógico associado à experimentação prática. Caracteriza-se por um conjunto de modelos de observação, identificação, descrição, investigação experimental e explanação técnica de fenômenos. O método científico envolve técnicas exatas, objetivas e sistemáticas. Regras fixas para a formação de conceitos, para a condução de observações, para a realização de experimentos e para a validação de hipóteses explicativas.

O objetivo básico da ciência não é o de descobrir verdades ou de constituir como uma compreensão plena da realidade. Deseja fornecer um conhecimento provisório, que facilite a interação com o mundo, possibilitando previsões confiáveis sobre acontecimentos futuros e indicar mecanismos de controle que possibilitem uma intervenção sobre eles (FONSECA 2002, p. 11-12).

Conforme a citação acima, é possível entender que o maior objetivo da ciência é tentar compreender o que acontece no momento em que a pesquisa ocorre, ao mesmo tempo em que existe a possibilidade de interagir com o mundo que aí se encontra, já que a curiosidade é algo que é natural do ser humano. Entende-se ainda que toda investigação deva ser precedida de ética, ação política e que traga algo de bom para todos.

Na investigação de um tema, um cientista é inspirado por seus próprios valores e ideais, que têm um caráter sagrado para ele, nos quais está disposto a lutar. Por isso, deve estar capacitado a estabelecer uma “distinção entre reconhecer e julgar, e a cumprir tanto o dever científico de ver a verdade dos fatos, como o dever prático de defender” os próprios valores, que devem ser obrigatoriamente expostos e jamais disfarçados de “ciência social” ou da “ordem racional dos fatos”. É essencial distinguir a política e a ciência e considerar que esta tampouco está isenta de valores. Enquanto a ciência é um produto da reflexão do cientista, a política o é do homem de vontade e de ação, ou do membro de uma classe que compartilha com outras ideologias e interesses (BARBOSA, QUINTANEIRO, 2002, p. 98).

Somados aos critérios éticos e políticos registram-se também os elementos próprios da pesquisa, como a natureza do trabalho investigativo, com suas características e rigores, traduzindo-se na cientificidade que uma investigação de caráter criterioso deve seguir.

Minayo (2007, p. 44) conceitua metodologia como sendo algo simultâneo e amplo, além de elencar três características, que são:

(...) a) como a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o tema ou o objeto de investigação requer; b) como a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e como a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

Entende-se que a metodologia organiza os caminhos que serão percorridos ao longo do estudo, no intuito de se fazer ciência (FONSECA, 2002; MINAYO, 2007).

De acordo com o que foi exposto até o presente momento, apresenta-se, aqui, de maneira pormenorizada, a metodologia utilizada, conforme os procedimentos específicos, e que, de alguma forma, possa contribuir com a perspectiva política e social da pesquisa, que possa gerar contribuições para a instituição que foi escolhida como estudo, mas também para outras que desenvolvem o mesmo tipo de trabalho. Nesse sentido, Tonet (2016) aponta que é preciso alcançar aquelas partes de menor complexidade, já que elas são de grande valia para compreender o processo de transformação; a realidade é dinâmica por si mesma; e, por fim, é mostrar que tudo está conectado e que só através dessa conexão é possível entender a realidade que acontece no ambiente estudado.

Para efeito de organização e, conseqüentemente, compreensão do estudo, a apresentação foi contextualizada de acordo com perspectiva de investigação utilizada, baseada

no objetivo geral do trabalho, que é identificar uma metodologia diferenciada com abordagem etnográfica e foco na observação participante e no diário de bordo (APÊNDICE 5).

Para classificar uma pesquisa, utilizamos as mais diversas variáveis, como situações, campos, condições, objetos de estudo, entre outros. Quanto aos objetivos, esta pesquisa pode ser entendida como um estudo descritivo, em que o propósito central consiste na descrição das características de determinada população ou fenômeno; ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis, o que vem a corroborar com os estudos de Gil (2007).

Entende-se ainda que esta pesquisa seja enquadrada no estudo de caso, já que Gil (2007) define este tipo de investigação caracterizando-a pelo estudo aprofundado de um ou poucos objetivos, visando a um conhecimento mais preciso acerca de sua realidade.

As principais vantagens, segundo Gil (2001), consistem no estímulo a novas descobertas, permitindo ainda que se levantem soluções para os problemas apontados. O estudo de caso possui ainda a característica da totalidade, ou seja, o problema é focalizado como um todo, buscando-se a análise dos aspectos predominantes na população observada. A simplicidade dos procedimentos também são pontos positivos que se destacam nesse tipo de investigação.

Para Yin (2010, p. 32) “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

O autor ainda aponta que o estudo de caso é o melhor método para responder questionamentos do tipo “como” e “por que”, quando o pesquisador possui pouco controle sobre os acontecimentos observados (YIN, 2010).

Goode e Hatt (1969) argumentam que o estudo de caso é um método que nos faz debruçar sobre a realidade social. Para eles, “não é uma técnica específica, é um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado” (GOODE E HATT, 1969, p. 421-422).

Wimmer e Dominick (1996, p. 161) indicam quatro características que são fundamentais para o estudo de caso. São elas:

1. Particularismo: o estudo se concentra em uma situação, acontecimento, programa ou fenômeno particular, proporcionando assim uma excelente via de análise prática de problemas da vida real;
2. Descrição: o resultado final consiste na descrição detalhada de um assunto submetido a indagação;
3. Explicação: o estudo de caso ajuda a compreender aquilo que se submete à análise, formando parte de seus objetivos a obtenção de novas interpretações e perspectivas, assim como o desenvolvimento de novos significados e visões antes despercebidas;
4. Indução: a maioria dos estudos de caso utiliza o raciocínio indutivo segundo o qual os princípios e generalizações emergem da análise dos dados particulares. Em muitas ocasiões, mais que verificar hipóteses formuladas, o estudo de caso pretende descobrir novas relações entre elementos.

Dessa forma, os estudos de caso têm como finalidade principal compreender e interpretar as mais profundas e apuradas ações e eventos que estão a ocorrer. Mesmo sabendo que os resultados não devem ser generalizados, é possível disseminar o conhecimento daquilo que venha a emergir do estudo (YIN, 2010).

No que diz respeito à pesquisa descritiva, Best (1972), citado por Marconi e Lakatos (1996), explica que a mesma é aquela que delinea o que é descrever e abrange a descrição, registro, análise e interpretação dos fenômenos. Mattar (1996) a tipifica como pesquisa conclusiva descritiva e, segundo ele, esta apresenta objetivos, variáveis e metodologia pré-estabelecidos, bem definidos e fundamentados.

Mas o que é pesquisa? Gil (2007, p. 17) conceitua como sendo:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados.

A pesquisa, além de ser um conjunto de ações que busca descobrir novos caminhos e conhecimentos, tem também o objetivo de contribuir para o meio acadêmico, favorecendo e contribuindo para o avanço da ciência. Ressalte-se que a pesquisa exige rigor para que possa ser o mais fiel aos resultados produzidos.

Entende-se ainda que a pesquisa só possa existir se houver uma dúvida, uma pergunta para qual se procura uma resposta para aquilo que se busca. Ou seja, a pesquisa visa a responder à pergunta para aquilo que se quer entender.

Para conceituar a pesquisa, buscaram-se autores cuja produção é referência no mundo acadêmico, pois, segundo Asti Vera (1979, p. 9), o “significado da palavra não parece

ser muito claro ou, pelo menos, não é unívoco”, revelando que não há consenso na definição do termo.

Segundo postula Ruiz (1996, p. 48): “Pesquisa científica é a realização concreta de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia consagradas pela ciência”.

De forma mais complexa e detalhada, Ander-Egg (1978, p. 28) conceitua pesquisa como um “procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento”. Observa-se que, para o autor, trata-se de um caminho repleto de formalidade, que envolve método e pensamento reflexivo, permitindo a geração de conhecimento.

O saber empírico tem como objetivo procurar respostas através do uso dos instrumentos mais adequados (os meios, os métodos). Mas o cientista nunca deve propor-se a estabelecer normas, ideais e receitas para a práxis, nem dizer o que deve, mas o que pode ser feito. A ciência é, portanto, um procedimento altamente racional que procura explicar as consequências de determinados atos [...] (BARBOSA, QUINTANEIRO, 2002, p. 98).

Para efeito de referência deste trabalho, a compreensão do termo pesquisa situa-se na perspectiva de realização de um trabalho investigativo, de natureza científica, cujo rigor e resultados permitem a elucidação do seu problema inicial e a revelação de outros elementos que possam justificar novos trabalhos, compreendendo que a dinâmica da ciência é contínua. Suas considerações finais podem não implicar em generalização e, portanto, finitude, mas explicação de um determinado processo ou fenômeno, podendo ainda implicar em aplicação de novas práticas.

Assim, trata-se de “descobrir respostas para questões, mediante a aplicação de métodos científicos”, utilizando, neste caso, a aplicação dos resultados (SELLTIZ, 1965, p. 5).

3.1 – Do tipo de pesquisa a ser abordada

A pesquisa será referendada através de um processo etnográfico, no qual a mesma deve ser entendida como a descrição de uma cultura. Sendo ainda papel e tarefa do investigador etnográfico compreender a maneira de viver do ponto de vista dos nativos da cultura em estudo (SPRADLEY, 1979).

Apoiamo-nos nos escritos de Malinowski (1976, p. 23), que dá como certa a seguinte afirmação:

Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas do seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista. Suponhamos, além disso, que você seja apenas um principiante, sem nenhuma experiência, sem roteiro e sem ninguém que o possa auxiliar. Isso descreve exatamente a minha iniciação na pesquisa de campo, no litoral sul da Nova Guiné.

É possível entender que o processo etnográfico leva o pesquisador a estar em constante interação com o seu objeto de estudo, para que o mesmo possa compreender de forma mais clara aquilo que o levou a pesquisar.

Ao enveredar pela realização da pesquisa etnográfica, o pesquisador tem de manter a descrição e a ponderação rígida nos aspectos cotidianos do espaço de investigação. Conforme indica Macedo (2010), é função do cientista social desvencilhar-se de suas próprias intenções e anseios no ato de pesquisar para explicar o teor do fenômeno a ser pesquisado.

Nesse sentido, Fino (2008b) se apoia nas ideias de Sabirón (2001) para informar da necessidade à atenção para o valor da descrição na etnografia. Ele indica que o papel da etnografia da educação está alicerçado no processo de interpretação e crítica.

O etnopesquisador está em constante busca de informações inéditas e, conseqüentemente, novas respostas, as quais locupletam o trabalho, no qual “o conhecimento é visto como algo que se constrói, que se faz e refaz constantemente” (MACEDO, 2004, p. 89).

Em sua obra *As microssociologias*, Lapassade (2005, p. 148) indica que o termo etnografia significa:

Descrição (grafia) de um *ethnos* (termo que designa um povo, uma cultura). O trabalho etnográfico de campo implica fundamentalmente a observação participante (noção que define ao mesmo tempo etnografia em seu conjunto e as observações prolongadas feitas no campo ao participar da vida das pessoas), a entrevista etnográfica (que não se concebe, em geral, sem dispositivo de observação participante) e a análise de “materiais” oficiais e pessoais (diários pessoais, cartas, autobiografias e relatos de vida produzidos conjuntamente pelo pesquisador e pelo sujeito). Atualmente, o termo etnografia tende a designar uma disciplina, com todos os privilégios que comporta, e ao mesmo tempo um método (a observação participante e as técnicas anexas) e um trabalho de campo.

A utilização da etnografia pelas mais diversas ciências possibilitou e ainda continua a possibilitar avanços significativos na área da pesquisa social, já que o trabalho etnográfico visa a lidar diretamente com a vida diária da população pesquisada.

André (2010, p. 17) explicita que etnografia “é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural”. A autora informa ainda que a etnopesquisa pode ser esclarecida da seguinte maneira:

[...] Não aceitando que a realidade seja algo externo ao sujeito, a corrente idealista-subjetivista valoriza a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo. Em oposição a uma visão empiricista de ciência, busca a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, valoriza a indução e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador.

É com base nesses princípios que se configura a nova abordagem (alguns autores preferem o termo paradigma) de pesquisa, chamada de “naturalística” por alguns ou de “qualitativa” por outros. Naturalística ou naturalista porque não envolve manipulação de variáveis nem tratamento experimental; é o estudo do fenômeno em seu acontecer natural. Qualitativa porque se contrapõe ao esquema quantitativista de pesquisa (que divide a realidade em unidades passíveis de mensuração, estudando-as isoladamente), defendendo uma visão holística dos fenômenos, isto é, que leve em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas (ANDRÉ, 2010, p. 14-15).

O trabalho tem, sob a ótica da pesquisa etnográfica, o cuidado de interpretar os dados de forma fiel, para que represente de forma confiável a realidade da população pesquisada.

[...] a sociedade humana ou a vida em grupo é vista como consistindo de pessoas que interagem, isto é, de pessoas em ação, que desenvolvem atividades diferenciadas que as colocam em diferentes situações.

A vida de um grupo humano representa, portanto, um vasto processo de formação, sustentação e transformação de objetos, na medida em que seus sentidos se modificam, modificando o mundo das pessoas (MACEDO, 2004, p. 57-58).

Percebe-se que toda ação gera uma reação. Nenhuma população, por menor que seja e que sofra algum tipo de ação, não fica imune. Pelo contrário, ela tende a se modificar, a se transformar ao longo de todo o seu processo histórico.

Gerhardt e Silveira (2009, p. 41) apontam que as características específicas da pesquisa etnográfica são as seguintes:

- O uso da observação participante, da entrevista intensiva e da análise de documentos;
- A interação entre pesquisador e objeto pesquisado;

- A flexibilidade para modificar os rumos da pesquisa;
- A ênfase no processo, e não nos resultados finais;
- A visão dos sujeitos pesquisados sobre suas experiências;
- A não intervenção do pesquisador sobre o ambiente pesquisado;
- A variação do período, que pode ser de semanas, de meses e até anos;
- A coleta dos dados descritivos, transcritos literalmente para a utilização no relatório.

Dessa forma, entende-se que a pesquisa etnográfica está atrelada ao estudo de uma coletividade, de um número de pessoas ou povo. De acordo com as características acima descritas pelas autoras, a investigação etnográfica se adequa muito bem aos processos educativos e suas relações interiores, que tem como intento conhecer, de forma profunda, os mais diferentes problemas internos (GERHARDT, SILVEIRA, 2009).

A presente pesquisa teve natureza qualitativa, pois, segundo Lüdke e André (1986, p. 11), esse tipo de pesquisa possui:

[...] ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. [...] supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo.

Como a pesquisa tem uma abordagem qualitativa, Macedo *et al* (2009, p. 16-17) atenta para o seguinte aspecto: “O qualitativo de uma pesquisa indica, de modo imediato, a historicidade de sua área de atuação e sua distinção em relação a outras formas de pesquisa. A terminologia pesquisa qualitativa. O qualificativo aqui faz toda a diferença”.

Ao estudar a realidade local, a pesquisa servirá para satisfazer as indagações que servirão de base para responder, de forma ampla, ao contexto estudado. A pesquisa tem por objetivo realizar uma observação participante, com o uso de diário de bordo (APÊNDICE 5).

3.2 – Do locus da pesquisa e histórico da instituição pesquisada

O espaço no qual foi realizada a pesquisa é a Universidade Sem Fronteiras – UNISF, localizada à Rua Nunes Valente, 919, Aldeota, na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará.

A pesquisa compreendeu o período de fevereiro a dezembro de 2017, nas dependências da UNISF, no horário de trabalho, mas sem prejuízo educacional e nem laborativo para os participantes da pesquisa, incluindo os mais diversos atores que fazem parte da instituição pesquisada.

Entretanto, percebeu-se a necessidade de voltar à instituição após o recesso das festas do final de ano de 2017, para poder colher algumas informações a mais, já que no trilhar da transcrição das falas colhidas ao longo da pesquisa foi observada a necessidade de maiores esclarecimentos sobre determinados pontos para uma melhor interpretação dos dados. O período se deu entre fevereiro e abril de 2018. Ao todo, foram feitas, durante todo o percurso da pesquisa, um total de 92 visitas/observações na instituição.

Histórico da instituição Universidade Sem Fronteiras

Para poder entender o que era e é a instituição pesquisada, foi necessário saber qual a história da mesma. Como foi o seu trilhar até aqui, já que a Universidade Sem Fronteiras – UNISF estava próxima de completar 30 anos de existência, em novembro de 2018.

Então, tudo começou no ano de 1978. Quando realizava seus estudos de doutorado em Gerontologia Social, na Europa, a professora Zilma Gurgel Cavalcante teve oportunidade de conhecer, intensamente, o projeto inovador na área de apoio às pessoas no processo de maturidade. Para realizá-lo, foi necessário percorrer etapas marcantes, que ao mesmo tempo eram desafios e momentos de reflexão. O caminhar foi longo.

No ano de 1983, a professora Zilma Gurgel apresentou o “Projeto da Universidade Sem Fronteiras” à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Como não houve receptividade por parte da universidade, foi então criado um “Grupo de Estudo em Gerontologia”.

Essa foi à estratégia adotada para vencer as resistências do meio universitário. Durante cinco anos, saíram os primeiros professores da Universidade Sem Fronteiras, bem como os futuros professores da Pós-Graduação em Gerontologia.

Em 1988, foi realizada uma ampla pesquisa junto aos aposentados da cidade de Fortaleza com o objetivo de verificar quais eram os seus maiores interesses e necessidades. Dessa forma, configurou-se o programa Universidade Sem Fronteiras, de forma democrática e com respeito ao cidadão.

Ainda no ano de 1988, mais precisamente no mês de setembro, foi proposta e aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Estadual do Ceará, a criação do programa Universidade Sem Fronteiras. O Centro de Humanidades – CH da Universidade Estadual do Ceará foi escolhido como sede-piloto do programa.

Já no mês de março de 1989, a proposta da Universidade Sem Fronteiras foi um grande acontecimento para a cidade. O pioneirismo surpreendeu a sociedade fortalezense. A imprensa abriu espaço para noticiar essa iniciativa, que propunha integrar gerações. O mundo acadêmico ficou perplexo pela presença daqueles alunos de cabelos brancos. Nesse ano, foram oferecidos sete cursos aos 50 alunos matriculados. Um marco para a época.

Em 1991, a Universidade Sem Fronteiras atingiu a marca de 300 alunos matriculados, sendo necessária a realização dos cursos fora do campus da Universidade Estadual do Ceará.

No ano de 1992, a professora Zilma Gurgel criou e coordenou o primeiro Curso de Especialização em Gerontologia Social, na Universidade Estadual do Ceará, totalizando 67 profissionais formados.

Em 1998, a Universidade Sem Fronteiras atingiu sua maturidade. Sendo, dessa forma, necessário deixar as dependências da Universidade Estadual do Ceará. Todos os cursos passaram a ser então realizados na nova sede, na Rua Nunes Valente, tornando-se, assim, uma instituição de cunho privado.

Desde 1997 a UNISF oferece cursos e grupos de estudo para a inclusão digital a quem deseja dar os primeiros passos ou a quem já possui algum conhecimento e deseja avançar. O curso conta com três profissionais que atuam, de forma participativa, no campo da tecnologia, são eles: professor Ricardo Temóteo, pedagogo e gerontólogo; auxiliar Letícia, aluna do curso de Análise de Sistemas da Universidade Federal do Ceará - UFC; e o professor Wilson Neto, com formação em Tecnologia da Informação – TI. Conta também com a professora assistente Larissa, que trabalha com mídias digitais atendendo apenas às demandas da instituição.

Em 1999, a Universidade Sem Fronteiras contou com uma nova mudança na sua forma de administrar, já que, com a entrada de Maria Cecília, a mesma trouxe consigo uma nova forma de gerenciar a instituição, implantando várias alterações, abraçando-a com eficiência e responsabilidade. O setor Administrativo e Financeiro ganhou nova versatilidade, criando também novos espaços de educação na UNISF. Nesse mesmo ano, foram feitas diversas implementações. São elas:

- Criação do Programa de Terapia Ocupacional para as pessoas que possuem deficiência cognitiva;

- Convênios com instituições públicas e privadas com o Programa de Preparação para a Aposentadoria – PPA;
- Novo quadro de professores da UNISF, com formação e especialização em Gerontologia;
- Criação dos cursos noturnos.

No ano 2000, a Universidade Sem Fronteiras participou do Congresso Internacional das Universidades de 3ª Idade em Québec, no Canadá. Foi apresentado um trabalho sobre o Método de Informática para Pessoas na Terceira Idade, método usado há mais de 11 anos no curso de Alfabetização Digital.

Em 2013, a Universidade Sem Fronteiras, pioneira no Brasil, celebrou seu Jubileu de Prata, tendo se firmado como uma instituição de credibilidade junto à sociedade. Dando continuidade a suas atividades e sempre na vanguarda da Gerontologia, revendo sua missão e se propondo a ajudar a todos na construção de longevidade saudável.

Ainda no ano de 2013, Maria Izabel (Bebel) juntou-se à equipe da UNISF, dando um novo formato à organização, já que a mesma trouxe consigo um novo ânimo, introduzindo novas opções de lazer para os alunos da terceira idade que estudam na instituição. As ações são as seguintes:

- Sessão de cinema da UNISF, que acontece uma vez por mês nas salas VIP de cinema do Shopping RioMar;
- Viagens nacionais e internacionais, que contemplam passeios culturais, shows musicais e peças de teatro.

A instituição tem como premissas três grandes pontos:

1. Estímulo: levar o idoso a sair de casa para ter contato social e fazer novos amigos;
2. Motivação: cursos que atualizam o conhecimento para aprimorar a vivência no mundo de hoje;
3. Autoestima: conquista de novas experiências, que contribuem para a construção de uma velhice mais integrada com a família, com os amigos e com a sociedade.

A missão da Universidade Sem Fronteiras – UNISF é a de educar, continuamente, através de ações conscientes, desenvolvendo o bem-estar, o crescimento pessoal e a integração de todas as gerações na sociedade. O lema central é que a aprendizagem é para servir e transformar. Sendo que seus princípios partem de que toda a realidade é modificável, para isso, é necessário ter: vontade, perseverança e esperança. Nunca é tarde para conhecer, aprender e

amar. Ninguém cresce sozinho. Nós precisamos do outro para crescer, desenvolver e realizar sonhos. Os valores da organização se baseiam em fé, cooperação, comunicação, ética, criatividade, inovação, amor e flexibilidade.

A longevidade é um fenômeno que está beneficiando nossa geração e as futuras. Os cuidados com a saúde, a tecnologia e a busca por uma qualidade de vida contribuíram para alongar o tempo de nossa existência. Precisamos, pois, nos prepararmos para viver de uma maneira saudável este longo ciclo.

A maturidade é a fase mais longa da evolução humana e, naturalmente, plena de desafios. Por isso, é tão importante aprender a amar-se, saber estruturar o tempo e a liberdade com a chegada dessa nova fase de vida. Reservar momentos para cuidar do corpo por meio da alimentação saudável e de exercícios físicos. Saber, com carinho e delicadeza, cultivar bons relacionamentos com a família e os amigos, sem esquecer a construção de novas amizades. Quebrar a rotina. A vida se torna mais colorida, mais alegre e tem mais sabor.

A Universidade Sem Fronteiras – UNISF, pioneira no Brasil em Educação Contínua na Maturidade, tem orgulho de partilhar sua capacidade de inovação. Em cada novo período, a instituição procura apresentar propostas inovadoras, para tornar a vida dos seus aprendizes mais suave e prazerosa. A UNISF está sempre a procurar criar um ambiente de integração e de inclusão entre as gerações, em que o desafio de vivermos bem e melhor é uma busca contínua.

Atualmente, a instituição conta com vários cursos divididos por áreas. De acordo com a Carta aos Alunos para o Novo Programa de 2017, as áreas contempladas são as seguintes:

- Área do Corpo: Circuito de exercícios físicos; condicionamento físico e alongamento; dança de salão; yoga e meditação; zumba;
- Área da Mente: canto e teclado individual; desafiando a memória; fortaleça seu cérebro; ginástica cerebral: ative sua memória; grupo de convivência; treino de concentração e memória;
- Área de Informática: computador de mesa e notebook; aperfeiçoamento; *smartphone* (celular inteligente) básico: comunicação e foto digital; aplicativos essenciais; *smartphone*, computador e cia;
- Área de Idiomas: inglês; francês; espanhol;
- Área da Alma: no princípio era a relação; vivendo a vida com positividade – e você, é positivo?; cantar é viver: canto de coral; como viver o tempo com sentido e plenitude;

- Cursos noturnos e minicursos: ética da virtude.

Vale ressaltar que a instituição desde o ano de 2001 dispõe, de forma gratuita para os adultos que não tiveram acesso à escola, a oportunidade de aprender a ler e escrever, proporcionando um espaço de aprendizagem e convívio de amizade.

A Universidade Sem Fronteiras – UNISF conta, hoje, com um total de 400 aprendizes, divididos da seguinte maneira:

- Na área do corpo: são 50 aprendizes no total, sendo nove participantes do curso de circuito de exercícios físicos; seis indivíduos que frequentam o curso de condicionamento físico e alongamento; 15 sujeitos que participam da aula de dança de salão; e 20 aprendizes que praticam zumba;
- Na área da mente: temos um total de 95 aprendizes, que se dividem da seguinte forma: cinco sujeitos que realizam atividade no curso de canto e teclado individual; 20 participantes que aprendem atividades no curso desafiando a memória; 30 aprendizes que estão matriculados no curso fortaleça seu cérebro; 19 alunos que estão matriculados no curso de ginástica cerebral: ative sua memória; 16 aprendizes que frequentam o grupo de convivência; cinco pessoas que estão frequentando o curso de treino de concentração e memória;
- Na área de informática existe um total de 98 aprendizes matriculados, divididos da seguinte maneira: nove alunos matriculados no curso de computador de mesa e notebook – primeiros passos; 30 aprendizes que frequentam o curso de aperfeiçoamento; nove indivíduos que estão matriculados no curso de *smartphone* (celular inteligente) básico: comunicação e foto digital; oito indivíduos que frequentam o curso de aplicativos essenciais; e, por fim, 42 estão matriculados no curso de *smartphone*, computador e cia;
- Na área de idiomas: temos um total de 73 sujeitos matriculados nos cursos de idioma. Os mesmos estão divididos da seguinte maneira: são 38 alunos matriculados no curso de inglês no turno da manhã e 16 no turno da tarde, totalizando 54 aprendizes; no curso de francês, existem 11 indivíduos matriculados; e no curso de espanhol existem 11 sujeitos frequentando;
- Na área da alma: temos um total de 78 alunos, divididos da seguinte forma: 22 aprendizes matriculados no curso no princípio era a relação; nove indivíduos frequentando o curso vivendo a vida com positividade – e você, é positivo?; 17 pessoas matriculadas no curso cantar é viver: canto de coral; 30 aprendizes frequentam o curso como viver o tempo com sentido e plenitude.

- Na área de curso noturno e minicursos: existem 16 aprendizes que frequentam o curso de ética da virtude.

Atualmente, a UNISF conta em suas fileiras com um total de 27 funcionários, que estão divididos da seguinte maneira:

- Na direção da instituição: existem três diretorias, contando com uma diretora geral, uma diretora administrativa/financeira e uma diretora comercial;
- Na área administrativa/financeira: conta com três profissionais, na qual temos uma técnica administrativa; uma gerente financeira; e uma assessora de mídias sociais;
- Na área de coordenações: temos dois coordenadores, sendo um coordenador de informática e uma coordenadora pedagógica;
- Equipe multidisciplinar: 15 professores/mediadores atuando nas áreas de corpo, mente, informática, idiomas, alma e curso noturno e minicursos;
- Serviços de portaria: dois funcionários que cuidam da entrada e saída das pessoas, auxiliando, em muitos momentos, o deslocamento dos aprendizes com algum tipo de mobilidade comprometida;
- Serviços de limpeza: dois auxiliares de serviços de limpeza, que cuidam da manutenção da instituição (DADOS FORNECIDOS PELO SETOR DE RECURSOS HUMANOS DA UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRAS, 2017).

De acordo com o Setor de Recursos Humanos da UNISF (2017), a diretora geral e o coordenador da área de informática exercem também a função de professores da instituição.

Todas as informações sobre o processo histórico da instituição foram retiradas da Carta aos Alunos para o Novo Programa de 2017, bem como do acervo pessoal da professora Zilma Gurgel, que cedeu, de forma muito gentil, para que a tese em questão pudesse ser a mais informativa e fiel possível. Porém, para ter dados mais precisos e atualizados, foi também utilizada a Carta aos Alunos para o Novo Programa de 2018, para uma maior fidelidade da pesquisa.

Como bem indica a Carta aos Alunos para o Novo Programa de 2018 da UNISF, toda ação social precisa, de tempos em tempos, fazer uma autoavaliação de todo o seu processo e ações. É necessário se reavaliar, refletir sobre as possíveis inovações e mudanças que ocorrem a todo instante no mundo e na nossa vida. Não é possível ficar imune e estático em um mundo

que se torna cada vez mais dinâmico, bem como complexo e cheio de mistérios a serem desvendados.

3.3 – Dos sujeitos e caracterização dos participantes da pesquisa

Os sujeitos participantes da pesquisa são os discentes da terceira idade que frequentam e estudam na UNISF e que estão a utilizar as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC como processo de aprendizagem. Os mesmos foram representados apenas pela sigla I, que significa idoso, acompanhada de uma numeração em ordem crescente, no intuito de facilitar o controle da participação de cada aprendiz da terceira idade, na qual fosse possível reconhecer o mesmo, caso alguma resposta viesse de encontro ao que realmente foi dito pelos alunos pesquisados.

Fazem parte da pesquisa um total de 35 alunos da terceira idade, sendo sete homens e 28 mulheres.

Informamos também que três professores/mediadores que atuavam dentro de sala de aula também fizeram parte importante da pesquisa, haja vista que os mesmos possuíam uma intermediação de suma importância para o aprendizado, além de manterem uma relação afetiva e de confiança com o seu alunado. Foram dois homens e uma mulher.

Fez-se necessário também conversar com a coordenadora pedagógica da instituição, a Sra. E., que mantém contato direto com os aprendizes, além de ser o elo entre a direção da instituição, professores, funcionários dos mais diversos escalões, bem como tem trânsito muito bom com os alunos, já que a mesma é uma peça de muito valor para entender a instituição como um todo, facilitando, dessa forma, o olhar sobre o lugar em que a pesquisa aconteceu.

Indicamos que o número total de participantes da pesquisa foi de 38 pesquisados, sendo distribuídos da seguinte maneira: 35 alunos idosos e três professores. Afirmo que a participação de todos foi de grande importância para o desenvolvimento do estudo.

Para descrever os discentes e os docentes participantes da pesquisa, consideramos variáveis como: sexo, idade, nível de escolaridade e estado civil.

Os professores/mediadores são descritos através da sigla P/M, seguida de uma numeração. Os aprendizes utilizam a sigla I (Idoso) também com uma numeração específica,

dando assim um caráter sigiloso à identificação, já que no Termo de Consentimento (APÊNDICE 2) foi garantida essa característica de confidencialidade. Abaixo seguem dois quadros com as características acima descritas.

É bom lembrar que o foco do estudo são os alunos idosos. Porém, entende-se que, para melhor compreender as histórias, falas, respostas dos mesmos, se fez necessário verificar o que os professores/mediadores falam a respeito da aprendizagem dos seus aprendizes, de como é, para eles, essa relação com a população da terceira idade e a construção do conhecimento.

QUADRO 06 – CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS PROFESSORES/MEDIADORES

PROFESSOR(A)/MEDIADOR(A)	GÊNERO	IDADE	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL
P/M-01	Homem	49anos	Superior Completo	Casado
P/M-02	Mulher	21 anos	Superior Incompleto - Cursando	Solteira
P/M-03	Homem	41 anos	Superior Completo	Casado

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

QUADRO 07 – CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS APRENDIZES IDOSOS

IDOSO	SEXO	IDADE	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL
I-01	Mulher	75 anos	Superior Completo	Casada
I-02	Mulher	87 anos	Superior Completo	Casada
I-03	Homem	84 anos	Superior Completo	Casado
I-04	Mulher	80 anos	Ensino Médio Completo	Viúva
I-05	Mulher	76 anos	Superior Completo	Casada
I-06	Mulher	73 anos	Superior Completo	Viúva
I-07	Mulher	71 anos	Superior Completo	Casada
I-08	Homem	78 anos	Superior Completo	Casado
I-09	Mulher	60 anos	Superior Completo	Casada
I-10	Homem	74 anos	Superior Completo	Casado
I-11	Mulher	71 anos	Ensino Médio Completo	Casada
I-12	Mulher	72 anos	Ensino Médio Completo	Casada
I-13	Mulher	70 anos	Superior Completo	Viúva
I-14	Mulher	67 anos	Superior Completo	Casada
I-15	Mulher	63 anos	Ensino Médio Completo	Viúva
I-16	Homem	74 anos	Superior Completo	Casado
I-17	Homem	75 anos	Superior Completo	Casado
I-18	Mulher	72 anos	Superior Completo	Casada
I-19	Mulher	65 anos	Ensino Médio Técnico Completo	Casada
I-20	Mulher	70 anos	Ensino Médio Completo	Viúva
I-21	Mulher	70 anos	Superior Incompleto	Divorciada
I-22	Mulher	70 anos	Superior Completo	Solteira
I-23	Mulher	72 anos	Superior Completo	Viúva
I-24	Mulher	70 anos	Superior Completo	Casada
I-25	Mulher	66 anos	Superior Completo	Solteira
I-26	Mulher	73 anos	Primário Completo	Casada
I-27	Mulher	73 anos	Primário Completo	Casada
I-28	Mulher	80 anos	Superior Completo	Casada
I-29	Mulher	78 anos	Superior Completo	Viúva

I-30	Mulher	78 anos	Superior Completo	Viúva
I-31	Homem	78 anos	Superior Completo	Casado
I-32	Homem	73 anos	Ensino Médio Completo	Viúvo
I-33	Mulher	73 anos	Superior Completo	Casada
I-34	Mulher	81 anos	Superior Completo	Casada
I-35	Mulher	80 anos	Superior Completo	Casada

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

3.4 – Dos instrumentos para coleta de dados

A pesquisa foi conduzida da seguinte forma: inicialmente, foi feita uma análise bibliográfica, a qual consistiu no levantamento e exame de fontes teóricas mais atualizadas sobre o tema em questão; e também uma análise documental, que se assemelha à bibliográfica e que tem como ponto fundamental se debruçar sobre as fontes, que são documentos primários ou não.

Ressalte-se que a análise documental tem a função de subsidiar a pesquisa, revelando assim aspectos mais aprofundados possíveis. Para Yin (2010, p. 107): “esse tipo de informação pode assumir muitas formas e deve ser o objeto de planos explícitos de coleta de dados”.

A pesquisa documental possui uma série de vantagens por retratar fonte fidedigna, não ter custo e evitar o contato com os pesquisados, porém vale ressaltar que a subjetividade ou a objetividade nas análises podem não serem totalmente corretas. É importante que o pesquisador considere as mais diversas implicações relativas aos documentos antes de formular uma conclusão definitiva (GIL, 2007, p. 47).

Nesse sentido, entende-se que os documentos são de grande auxílio. Entretanto, o pesquisador deve não colocar tamanha confiança nos mesmos, já que eles podem traduzir uma realidade não condizente com o que é vivido. Yin (2010) alerta para o fato de julgar a veracidade dos documentos, bem como a maneira como os mesmos foram produzidos, além do grau de precisão deles.

No segundo momento, foi necessário realizar uma observação participante, que, no entendimento de André (2010, p. 29), se dá seguinte maneira:

Para que se torne um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisa ser antes de tudo controlada e sistemática. Isso implica a existência de um planejamento cuidadoso do trabalho e uma preparação rigorosa do observador.

Analisando a citação acima, não é possível sair para observar. É necessário, antes de tudo, planejar a observação. Saber o que se deseja e o que se vai observar. A observação não pode ser aleatória. A mesma deve seguir um roteiro previamente elaborado. Porém, vale ressaltar que as anotações sobre toda e qualquer observação vai depender da pesquisa e dos objetivos do pesquisador. Ainda para Lüdke e André (1986, p. 30-31), a observação tem de seguir alguns conteúdos, são eles:

1. *Descrição dos sujeitos* – sua aparência física, seus maneirismos, seu modo de vestir, e falar e de agir. Os aspectos que os distinguem dos outros devem ser também enfatizados;
2. *Reconstrução de diálogos* – as palavras, os gestos, os depoimentos, as observações feitas entre os sujeitos ou entre estes e o pesquisador devem ser registrados. Na medida do possível devem-se utilizar as suas próprias palavras. As citações são extremamente úteis para analisar, interpretar e apresentar os dados;
3. *Descrição de locais* – o ambiente onde é feita a observação deve ser descrito. O uso de desenhos ilustrando a disposição dos móveis, o espaço físico, a apresentação visual do quadro de giz, dos cartazes, dos materiais de classe podem também ser elementos importantes a serem registrados;
4. *Descrição de eventos especiais* – as anotações devem incluir o que ocorreu, que estava envolvido e como se deu esse envolvimento;
5. *Descrição das atividades* – devem ser descritas as atividades gerais e os comportamentos das pessoas observadas, se deixar de registrar a sequência em que ambos ocorrem;
6. *Os comportamentos do observador* - sendo o principal instrumento da pesquisa, é importante que o observador inclua nas suas anotações as suas atitudes, ações e conversas com os participantes durante o estudo.

Lüdke e André (1986, p. 31) indicam que o pesquisador, ao refletir sobre sua pesquisa, suas observações, deve levar em conta os seguintes pontos:

1. *Reflexões analíticas* – referem-se ao que está sendo “aprendido” no estudo, isto é, temas que estão emergindo, associações e relações entre partes, novas ideias surgidas;
2. *Reflexões metodológicas* – nestas estão envolvidos os procedimentos e estratégias metodológicas utilizadas, as decisões sobre o delineamento (design) do estudo, os problemas encontrados na obtenção dos dados e a forma de resolvê-los;
3. *Dilemas éticos e conflitos* – aqui entram as questões surgidas no relacionamento com os informantes, quando podem surgir conflitos entre a responsabilidade profissional do pesquisador e o compromisso com os sujeitos;
4. *Mudanças perspectiva do observador* – é importante que sejam anotadas as expectativas, opiniões, preconceitos e conjecturas do observador e sua evolução durante o estudo;
5. *Esclarecimentos necessários* – as anotações devem também conter pontos a serem esclarecidos aspectos que parecem confusos, relações a serem explicitadas, elementos que necessitam de maior explanação.

Vale ressaltar que a observação participante foi importante, já que o pesquisador não fazia parte do universo pesquisado; ao mesmo tempo em que o uso do diário de bordo (APÊNDICE 5) foi necessário para relatar os acontecimentos ocorridos em sala de aula, bem

como em todo o espaço da instituição pesquisada, já que foi permitido circular livremente por todas as dependências da UNISF com o intuito de observar melhor a dinâmica educacional de aprendizagem. Porém, é bom frisar que ficou acordado entre o pesquisador e a direção da organização institucional que, em nenhum momento, o investigador iria atrapalhar ou interromper as atividades realizadas em suas dependências.

Entende-se que na observação participante não se faz apenas anotações, pois, a partir do momento do ato de observar, é possível obter as mais diversas informações, ao mesmo tempo em que o pesquisador está inserido de forma presente para não perder seu foco, levando o mesmo a construir uma relação de confiança, empatia e respeito, interagindo de forma a ficar no espaço pesquisado o maior tempo possível.

A observação participante nos remete um trabalho de campo desde o seu primeiro momento, que é a chegada do pesquisador ao campo de investigação, até o fim do seu estudo, após uma longa estadia no local pesquisado (LAPASSADE, 2001).

E, por fim, como instrumento metodológico, a entrevista etnobiográfica assumiu, na pesquisa um papel de grande importância, pelo fato de que a conversa entre investigador e investigado teve por objetivo produzir uma narrativa biográfica que buscou compreender o processo de aprendizagem ao longo da vida (VIEIRA, 2013).

É como diz André (2010, p. 28): “as entrevistas têm a finalidade de aprofundar e esclarecer os problemas observados”. Diante da citação abordada pela autora, percebe-se que as entrevistas se fazem presente para esclarecer melhor alguns dos mais diversos acontecimentos que são registrados no diário de bordo (APÊNDICE 05) e que podem contribuir para um melhor entendimento de toda a situação vivida, influenciando, de forma direta e indiretamente, o processo de estudo.

Nos escritos de Lapassade (2005, p. 148), o autor se refere da seguinte forma à entrevista etnográfica:

[...] é um dispositivo no interior do qual há uma troca que não é, como a conversação denominada de campo, espontânea e ditada pelas circunstâncias. Ela põe face a face duas pessoas cujos papéis são definidos e dissimétricos: o que conduz a entrevista e o que é convidado a responder, a falar de si.

Dialogando com a citação do autor acima, o termo etnografia remete à situação de um povo, de uma cultura específica. Para ele, a etnografia, além de ser considerada uma disciplina, é também uma técnica de trabalho, na qual o objetivo maior é colher todos os dados ao longo de toda a pesquisa.

Woods (1993, p. 31) aponta em sua *La escuela por dentro – La etnografía en la investigación educativa*: “[...] una investigación requiere una actitud mental y psicológica adecuada. La investigación es una indagación, una busca de nuevo conocimiento y de nueva comprensión”⁴⁰.

Chizzotti (2006) assegura que a etnografia em educação funciona como marca da descrição de pequenos grupos, na qual predomina o ensino e a aprendizagem dentro de um cenário mais completo, utilizando-se das mais diversas metodologias para coletar os dados, tentando, dessa forma, descrever as situações vividas de acordo como que elas se comportam.

De acordo com a maneira em que a entrevista etnográfica se desenvolve, é possível afirmar que a mesma tem certa semelhança com a observação participante, já que, em um primeiro momento, o pesquisador necessita construir um relacionamento com o indivíduo, no qual a tônica maior seja uma relação de confiança, no qual a mesma possa possibilitar ao estudioso obter informações relevantes de sua fonte (BOGDAN & BIKLEN, 1982; MACEDO, 2010).

No geral as entrevistas constituem uma fonte essencial de evidências para o estudo de caso, já que a maioria delas trata questões humanas. Essas questões deveriam ser registradas e interpretadas através dos olhos de entrevistadores específicos e respondentes bem informados (YIN, 2010, p. 115).

Yin (2010) elenca que a entrevista é uma fonte de grande importância, já que a mesma pode ser realizada de maneira espontânea, se assumindo como uma conversa informal. Porém, vale ressaltar que o pesquisador não pode se desviar do seu processo de pesquisa. Para isso, é necessário que o mesmo tenha em mente o objetivo a ser cumprido, procurando sempre fontes que possam fornecer dados com a maior precisão possível.

Entretanto, vale registrar que o roteiro de entrevista, em um primeiro momento, pode parecer estruturado, mas salientamos que o entrevistado teve toda a liberdade para

⁴⁰ “[...] uma pesquisa requer uma atitude mental e psicológica adequada. A investigação é uma indagação, uma busca de novo conhecimento e nova compreensão” (TRADUÇÃO LIVRE DO AUTOR).

desenvolver a entrevista de acordo com a sua disponibilidade e de como o mesmo se sentiu à vontade.

3.5 – Dos procedimentos para participação na pesquisa

Consideramos aqui os seguintes critérios, que foram necessários para participação da pesquisa. São eles:

- 1º. foi garantida a participação de quatro turmas que estivessem em momentos diferentes no processo de aprendizagem através do uso das TIC, sendo duas turmas iniciais e duas turmas mais avançadas e que as mesmas estivessem iniciando no mesmo período;
- 2º. considerou-se a disponibilidade de tempo dos participantes para serem entrevistados;
- 3º. foi considerada a participação dos professores/mediadores que atuavam nas quatro turmas;
- 4º. solicitou-se a autorização de todos os participantes para que as informações e reflexões colhidas ao longo da pesquisa pudessem ser utilizadas para esta pesquisa mais à frente (APÊNDICE 2).

Foi considerada ainda junto à pesquisa de natureza etnográfica a observação participante, uma vez que a mesma foi de grande valia para ajudar na aproximação com os sujeitos da investigação. A mesma foi realizada junto à comunidade pesquisada, ao mesmo tempo em que se deu a construção de um diário de bordo (APÊNDICE 5), no qual ficaram registradas todas as observações para compreender melhor a investigação. Saliente-se que o diário consta na tese como parte integrante da análise dos resultados.

3.6 – Dos procedimentos para identificação, categorização e análise dos dados

Os dados obtidos foram relatados através de observação participante, diário de bordo (APÊNDICE 5) e entrevista etnobiográfica, que foram transcritas para identificação, categorização e análise dos dados. Ressalte-se ainda que a tese é de natureza qualitativa (LÜDKE; ANDRÉ, 1986) e a análise dos dados foi elaborada de acordo com a análise do conteúdo (BARDIN, 2009), presente na pesquisa documental.

Nesse sentido, buscou-se nos estudos de Lüdke e André (1986, p. 45) um conceito de real significância para a análise dos dados, no qual as autoras assim esclarecem:

Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis. A tarefa de análise implica, num

primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado.

Após organizar todo o material colhido, inclusive diário de bordo (APÊNDICE 5) e entrevistas, se fez necessário ler e reler, muitas vezes, o material para que não fosse possível se desviar do caminho do estudo em questão. Lapassade (2017) nos lembra que o material colhido ao longo de todo processo permite ao estudioso avançar na sua análise, produzindo, assim, um trabalho com qualidade e robustez.

Fino (2008a) aponta que não é fácil validar uma pesquisa, pois a mesma está cheia de significados que são ricos em sua essência e que, ao longo do trabalho investigativo, se faz necessário ao investigador habilidade, disciplina e sagacidade para realizar a tarefa de observar, já que a mesma representa não apenas uma riqueza, mas também uma fraqueza para o pesquisador, devido ao grande número de informações.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DE RESULTADOS: RELATO DE UMA AVENTURA PELA APRENDIZAGEM NA UNISF ATRAVÉS DO DIÁRIO DE BORDO

“Existe apenas uma idade para sermos felizes, apenas uma época da vida de cada pessoa em que é possível sonhar, fazer planos e ter energia suficiente para os realizar apesar de todas as dificuldades e todos os obstáculos. Uma só idade para nos encantarmos com a vida para vivermos apaixonadamente e aproveitarmos tudo com toda a intensidade, sem medo nem culpa de sentir prazer. Fase dourada em que podemos criar e recriar a vida à nossa própria imagem e semelhança, vestirmo-nos de todas as cores, experimentar todos os sabores e entregarmos-nos a todos os amores sem preconceitos nem pudor. Tempo de entusiasmo e coragem em que toda a disposição de tentar algo de novo e de novo quantas vezes for preciso. Essa idade tão fugaz na nossa vida chama-se presente e tem a duração do instante que passa...”

(Mario Quintana)

As análises dos resultados encontrados ao longo da pesquisa foram fruto de uma observação participante, bem como da construção de diário de bordo (APÊNDICE 5), no qual foram relatadas importantes informações que fazem parte desta tese, ao longo da escrita deste capítulo, já que o mesmo passa a ser o ponto de partida para entender toda a construção de aprendizagem na Universidade Sem Fronteiras – UNISF.

Diante do exposto acima, ficou decidido que os resultados encontrados serão apresentados através de três das cinco tipologias existentes dentro da produção textual. Serão utilizados, ao longo do capítulo, textos de cunho narrativo, descritivo e dissertativo.

Ressalte-se ainda que a apresentação das muitas narrativas dos idosos pesquisados será explanada em quadros, levando em consideração o diário de bordo (APÊNDICE 5), observações, conversas informais e aplicação de questionários, para que se possa entender o que foi o estudo em si, bem como compreender as falas elucidativas dos atores que se fazem presentes dentro da UNISF.

4.1 – O início: o processo em busca do estudo para o doutorado

Antes de finalizar o mestrado, já vinha pensando em um tema para desenvolver em um possível doutorado. Nem sei se conseguiria chegar ao fim da minha jornada estudantil

escrevendo a dissertação e já estava a pensar em um possível tema para poder ir maturando ao longo do caminho.

É claro que, em determinado momento, deixei o assunto adormecido na memória e fui tratar de escrever e pesquisar o assunto tema da dissertação do mestrado (INTRODUÇÃO), já que, para mim, era um estudo que sempre me fascinou, além de ter todo o meu respeito.

Depois de escrito e defendido meu mestrado, fui em busca de me aventurar pelo Velho Continente. Resolvi conhecer um pouco de alguns países europeus, suas culturas, gastronomia, religiosidade, o seu viver no dia a dia, entre outros. Ou seja, me abri para as mais diversas possibilidades. E foi nesse exato momento que me dei conta de existir uma população que está o tempo todo a envelhecer e que faz uso das mais diversas formas de aprendizagem.

Maturei por um bom tempo se o tema teria impacto importante para mim, pois, antes de saber se era um tema bom para desenvolvimento, precisava saber se teria paixão em desenvolvê-lo, já que a jornada ao longo do caminho poderia ser árdua e espinhosa em determinados momentos, o que pude comprovar durante todo o processo do mestrado.

Após ter realmente me decidido pelo tema da aprendizagem na terceira idade, resolvi procurar uma instituição que me acolhesse e, ao mesmo tempo, que eu pudesse acolhê-la dentro de mim.

Depois de muito perambular de instituição em instituição, fui informado por uma pessoa conhecida que seria possível realizar minha pesquisa na Universidade Sem Fronteiras – UNISF. De posse do endereço da instituição, me encaminhei até a mesma.

Meu primeiro contato

Mantive meu primeiro contato junto à UNISF no dia 24 de janeiro de 2017, quando fui muito bem recebido na portaria e encaminhado para falar com a coordenadora pedagógica, a Sra. E. Ao ter contato inicial com a mesma, relatei o porquê da minha ida até a instituição, ela ouviu tudo e disse que iria falar com a diretora administrativa/financeira a Sra. M^a. C.

Após esperar uns poucos minutos, fui acompanhado até a sala da diretora, que me recebeu de forma muito afetuosa. Novamente, expus minha solicitação, a mesma ouviu tudo de forma muito atenta, sem interromper em nenhum momento minha fala.

Depois de relatar o que eu desejava, a diretora M^a. C. informou que seria viável desenvolver meu estudo na instituição. Entretanto, foi solicitada por ela uma cópia do meu projeto para que o mesmo fosse lido pelos membros da UNISF e, depois, fosse dado parecer final sobre meu pedido.

Antes de sair da sala, informei que iria providenciar uma cópia do meu projeto para entregar. Ficamos acordados que o dia 31 de janeiro de 2017 seria a data limite para a entrega, já que tinha de realizar pequenos ajustes no meu projeto inicial.

Fiz os consertos necessários dentro do prazo estabelecido e, no dia 31 de janeiro, como inicialmente combinado, fui até a sede da UNISF e entreguei uma cópia do projeto. Após a entrega do mesmo, fui informado que até o dia 08 de fevereiro teria o resultado final do meu pleito. Indiquei ainda que, se o projeto fosse aceito pela instituição, iria submetê-lo a um Comitê de Ética para que tudo ficasse documentado, favorecendo não apenas a pesquisa, mas a mim como pesquisador, os sujeitos que iriam fazer parte da pesquisa, bem como a própria instituição. Isso fez com que a diretora administrativa/financeira louvasse minha iniciativa. Depois de todo esse diálogo, fui embora com a esperança de que tudo daria certo.

Chegado o dia 08 de fevereiro, compareci à UNISF para receber o indicativo final. Estava um pouco apreensivo, mas fui me tranquilizando aos poucos, principalmente por que a coordenadora pedagógica, a Sra. E., disse que tudo sairia da melhor forma possível. Achei isso um indicativo muito bom. Então, fui conduzido até a sala da Sra. M^a. C., que me cumprimentou e me parabenizou pela aprovação do meu projeto para a realização da pesquisa na organização. Fiquei muito contente com o veredito final, pois, lá no fundo do meu ser, já existia uma centelha de carinho pela instituição, mesmo tendo vivido poucos momentos na instituição. A diretora me entregou a Carta de Anuência (APÊNDICE 1) e me desejou boa sorte na empreitada.

Passado o momento de euforia, fui conduzido pela Sra. E., que me felicitou pela aprovação, até o professor/mediador R., para que pudéssemos conversar e traçar um plano de ação para o melhor desenvolvimento da pesquisa.

Chegando à sala do professor/mediador R., fui apresentado ao mesmo, que me acolheu de forma muito tranquila, com um semblante muito sereno, transmitindo muita confiança. Após o primeiro contato, ele me convidou para sentar e contar sobre o estudo. Antes de relatar sobre a pesquisa, fiz questão de entregar a ele uma cópia do projeto, para que ficasse a par do teor do meu estudo. Relatei o que pretendia pesquisar. O professor/mediador R. me

ouviu atentamente. Depois de ter feito minha explanação, ele indicou que seria interessante fazer minha observação em quatro turmas diferentes, que estivessem em momentos distintos em relação à aprendizagem com o uso das TIC.

Ficamos certo tempo maturando sobre como ia se dar a pesquisa em si, até que entramos em um consenso final. Concordamos que quatro turmas seriam investigadas, sendo duas turmas que estivessem iniciando na instituição e duas que estivessem mais avançadas nos cursos da área de tecnologia e que fazem uso das TIC.

Definimos que as turmas pesquisadas seriam as de terça-feira pela manhã, a primeira turma no horário das 08h30 às 10h; e a segunda turma no período das 10h20 às 11h50. Na quarta-feira, seriam observadas mais duas turmas no horário da tarde, sendo a primeira no horário das 14h às 15h; e a outra turma das 15h20 às 16h50. Marcamos, então, para nos vermos após eu dar entrada no Comitê de Ética, conforme o que ficou acertado com a direção da UNISF.

Depois de tudo acertado, me despedi do professor/mediador R. e fui para casa fazer um planejamento mais elaborado, para que eu pudesse pesquisar sem grandes sobressaltos, ao mesmo tempo que tivesse no mínimo um total de 60 visitas.

Antes de começar a pesquisa propriamente dita, dei entrada, no dia 17 de fevereiro de 2017 (ANEXO 1), na Plataforma Brasil, para submissão do projeto ao Comitê de Ética. Após ter preenchido todos os campos, fui até a UNISF informar e mostrar o documento de submissão à direção da instituição para comprovar todo meu caminhar no estudo em questão.

A diretora administrativa/financeira disse que tudo estava legalizado e me permitiu começar a pesquisa antes mesmo do parecer do Comitê de Ética. Isso me fez ficar muito contente, haja vista que iria dar maior subsídio para o meu estudo, já que poderia iniciá-lo logo. Conversei novamente com o professor/mediador R. e entramos em acordo para começar a pesquisa a partir do dia 21 de fevereiro, o que foi prontamente aceito por ele.

Após sair da sala do professor/mediador R, fui até a sala da coordenadora pedagógica, a Sra. E., para que ela pudesse me mostrar todo o interior da UNISF, me explicando todo o funcionamento da mesma e sua dinâmica. Ela se mostrou muito interessada e eufórica. Pediu apenas alguns minutos para realizar algumas demandas de trabalho e que logo me acompanharia. Ressalto que entre mim e a Sra. E. existiu uma afinidade muito grande desde o

primeiro momento. Isso foi percebido pela diretora administrativa/financeira, bem como os outros funcionários da instituição.

Descrevendo o espaço físico da UNISF

Ao percorrer o espaço físico da UNISF juntamente com a Sra. E., foi possível perceber que a instituição é bem espaçosa e bem planejada. Deixei-me conduzir por uma Sra. E. muito eufórica e que, a cada momento, irradiava mais contentamento em poder ajudar na pesquisa, ao mesmo tempo em que explicava o funcionamento da organização.

A incursão pela instituição começou pela entrada, onde a Sra. E. explicou que existiam duas entradas. A primeira era a entrada principal, bem estruturada, que dá acesso a carros, caso o aprendiz tenha a necessidade de descer próximo às salas de aula, bem como rampa com barras de ferro nas laterais para uma melhor locomoção de todas as pessoas, sejam elas alunos, acompanhantes ou visitantes. Tem um jardim muito bem cuidado, bastante arborizado, com bancos para os alunos ficarem à vontade. Posso afirmar que o local descrito era muito acolhedor (FOTO 01).

A outra entrada, conforme explicou minha guia, a Sra. E., era a entrada do estacionamento (FOTO 02). Era um espaço amplo e bem cuidado, que comportava em torno de 30 carros, sem causar nenhum tipo de desconforto. Tanto na entrada do estacionamento quanto na entrada principal, fomos recebidos por funcionários aptos a prestarem informações claras, para que pudéssemos nos locomover com rapidez e nos direcionar para as pessoas certas, facilitando, dessa forma, o tempo de todos. De acordo com o que foi visto e colhido, essa atitude dos colaboradores facilitava muito o trânsito de todos, pois o acesso a respostas rápidas traz credibilidade e eficiência para a instituição e, em especial, para aqueles que estão em busca de soluções para suas demandas. Principalmente o público da terceira idade, que, em muitos momentos na sociedade, se vê alijado de seus direitos.

Depois de conhecer com mais precisão o espaço externo da UNISF, a Sra. E. me levou para conhecer as outras áreas e as salas da organização. Assim que entramos no ambiente interno, pude me deparar com um pequeno corredor, que dava para um espaço onde fica a recepção da UNISF, na qual estão localizadas duas mesas, com duas cadeiras, dois aparelhos telefônicos de mesa; ao lado de uma das mesas, havia uma copiadora multifuncional. Fui informado de que eram as mesas ocupadas pela Sra. E. e a outra pela Sra. A., que tinha o cargo de técnica administrativa e era bastante ágil em suas atividades (FOTO 03).

Foi possível perceber na sala a existência de quatro cadeiras disponíveis, sendo duas à frente de cada mesa para receber e atender as pessoas. Existia também um sofá, que servia para acomodar os possíveis acompanhantes dos alunos da terceira idade que necessitam de cuidados mais específicos. Na frente do sofá, havia uma televisão de 40 polegadas, que podia ser acessada de acordo com a vontade de quem estava à espera de ser atendido, podendo assistir algum tipo de jornal, novela, filme ou entretenimento, de acordo com o horário. Ainda no mesmo espaço, encontramos um gelágua com copos descartáveis e que estavam à disposição do público. Existia também um pequeno santuário, com a imagem da Virgem Maria, onde, diversas vezes, vi alunos de diferentes turmas fazendo suas orações (FOTOS 04 e 05); as mulheres eram as maiores frequentadoras desse local de oração.

Ainda na mesma sala, existia um painel grande com as mais diversas informações sobre os eventos promovidos pela UNISF. O último informe afixado tratava de uma viagem para Nova York, para qual, segundo a Sra E., a procura já havia começado e a tendência era fechar o grupo antes do previsto, já que a procura por viagens pelos alunos era uma constante. Ressalte-se que a população idosa que frequenta a instituição é de um poder aquisitivo muito maior do que a média brasileira e em especial a cearense. Assunto que abordarei mais à frente, com maior ênfase (FOTO 06). Vale também mencionar a existência de dois banheiros, sendo um para homens e outros para mulheres, de fácil acesso e disponibilizados para atendimento aos diversos públicos.

À frente das mesas onde estava localizada a recepção, havia duas salas: a primeira ocupada por duas diretoras, sendo uma a diretora administrativa/financeira e outra pela diretora comercial, ambas irmãs. Vale ressaltar que a UNISF é uma organização de cunho familiar. Em alguns momentos, no final do dia, a mesma sala era ocupada pela diretora geral, a professora Dra. Z. G., que realizava alguns despachos, já que a mesma estava mais inserida no contexto educacional (FOTOS 07).

A outra sala era ocupada pela gerente financeira da instituição, que ficava em um espaço pequeno se comparado ao outro espaço. Todos os ambientes acima descritos eram espaços bem climatizados, com cores sóbrias, decoração simples, mas de bom gosto (FOTO 08).

Em relação às salas de aula, existiam seis salas, todas elas muito bem climatizadas, seguindo o mesmo padrão de cores sóbrias, espaçosas e com bom acesso para todos. Cada sala

possuía característica própria, já que as mesmas atendem os mais diversos públicos, de acordo com o curso a ser ministrado em determinado momento. Todas tinham mesa e cadeira para os professores/mediadores, e carteiras para os aprendizes da terceira idade. Todos os equipamentos utilizados tanto pelos docentes quanto pelos alunos eram bem confortáveis. A Sra. E. informou que cinco salas eram reversíveis, com apenas uma fixa.

Conforme explicação da Sra. E., nas salas reversíveis funcionam cursos como: dança de salão (FOTO 09), coral (FOTO 10), ao mesmo tempo em que abrigam cursos de línguas (FOTO 11), de ginástica cerebral (FOTO 12), entre outras.

A sala onde funcionam os cursos da área de informática conta com uma mesa e duas cadeiras para os professores/mediadores, bem como 12 computadores com suas respectivas cadeiras. Todo o equipamento é moderno, utilizando programas atuais. O espaço é bem climatizado. Novamente, o uso de cores sóbrias é uma constante também nesse ambiente (FOTO 13).

Em determinado momento, o cansaço tomou conta de mim. Mas o entusiasmo da Sra. E. foi contagiante e, novamente, me deixei conduzir para outros locais da UNISF. É notório o carinho que minha guia tem pela instituição e pelos alunos que nela se encontram. Posso afirmar que a mesma é um daqueles seres humanos que deveriam ser mais constantes no mundo, já que ela tem carinho e cuidado para com o outro. É um ser que sabe ouvir, respeitar e acolher o outro. Em diversas ocasiões, pude comprovar que a empatia é algo muito notório na mesma. Arrisco dizer que faz parte da sua personalidade.

Ao me deixar conduzir por ela, fomos à sala onde funciona a Terapia Ocupacional (FOTO 14), que atende em média 16 alunos. Dentro da mesma, existem dois banheiros, sendo um masculino e outro feminino. Há também duas salas de Pilates, que atendem em torno de 30 sujeitos. Os dois espaços possuem armário para guardar os equipamentos que são utilizados pelos aprendizes, quando os mesmos estão a realizar suas atividades (FOTO 15).

Depois de muito caminhar pela UNISF, foi possível considerar que o espaço físico da instituição é bastante grande, contando, além do que está descrito acima, com uma sala de arquivo, sala de material de consumo e um refeitório para atender os funcionários.

Para atender os alunos da terceira idade, há uma cantina com cinco mesas e quatro cadeiras para cada mesa, podendo assim atender 20 indivíduos ao mesmo tempo, de forma

muito confortável. Todas as mesas possuíam vasos com flores artificiais pequenas, colocadas sobre toalhas quadriculadas, dando um ar aconchegante ao ambiente (FOTO 16). Havia uma diversidade de lanches, todos servidos de forma muito caprichada, zelo e limpeza. Ressalte-se que o local é visto pelos discentes como um espaço de convivência, já que muitos esperam o horário dos seus cursos começarem gerando assim uma sinergia muito boa de troca de informações, ao mesmo tempo em que se abrem caminhos para conhecer novas pessoas e as mais diversas possibilidades.

Não se pode esquecer que a UNISF conta também com um auditório, que pode acomodar de forma muito tranquila 120 pessoas, sendo esse mesmo espaço reversível para atender a outras demandas, se necessário for (FOTO 17).

Pude observar que todos os espaços físicos da instituição são bem cuidados. A limpeza está presente em tudo. As cores que estão presentes em todos os ambientes são claras e de muita sobriedade, colaborando, assim, para que o local seja bastante sereno.

É necessário enfatizar que todos os funcionários, independentemente dos cargos e/ funções que exercem ou ocupam, estão sempre disponíveis para resolver os problemas que venham a surgir. Todos estão ali para colaborar com que o ambiente seja o mais harmonioso possível não só para os aprendizes da terceira idade, mas também para todos que fazem parte da organização.

Tudo que está acima descrito é uma leitura do que vi e ouvi, e que dialoga com meu diário de bordo (APÊNDICE 5), traduzido nesta descrição, além de contar com uma guia sem igual, que conseguiu imprimir sua marca em mim. Nesse sentido, vamos adiante, pois existe ainda muita história a ser contada ao longo do percurso.

4.2 – Descrevendo os sujeitos que frequentam e trabalham na UNISF

Desde o meu primeiro contato com a UNISF, pude observar que os funcionários que lá atuam se vestem de forma padronizada. Ou seja, utilizam fardas.

Caracterizando cada um dos grupos, temos, em um primeiro momento, os trabalhadores da portaria. Todos eles eram do sexo masculino, a vestimenta do dia a dia era bem básica. Usavam sapatos pretos, calça preta e camisa azul. Já os da limpeza também eram todos do gênero masculino. Usavam fardas mais simples, calça de elástico, com camisa padrão, estavam sempre de chinelos de dedo. Em um ou outro momento, usavam sapatos. Através do

meu contato com esses funcionários menos graduados, pude perceber que eram pessoas de falas e modos serenos. Eram indivíduos tranquilos, dando a entender que eram introspectivos, bem-educados e muito prestativos no que diz respeito a ajudar todos.

Em relação aos funcionários da área administrativa/financeira, tínhamos apenas mulheres trabalhando no setor. As mesmas usavam duas fardas, sendo uma caracterizada por uma calça preta com blusa azul marinho; a outra farda era composta por calça preta e blusa de cor nude. Ambas as fardas eram de muito bom gosto, além de serem funcionais e muito bem adaptadas ao clima da cidade. De forma geral, as mesmas se comportavam de maneira discreta, falavam baixo, não se utilizavam de nenhum tipo de maneirismo.

Pude observar, ao longo das minhas visitas, que a Sra. E. era a pessoa que estava mais em contato com os diversos tipos de público, bem como era o elo entre os aprendizes da terceira idade e a instituição, facilitando, assim, esse diálogo entre todos. Isso fazia com que seu trabalho aparecesse, ao mesmo tempo em que facilitava a inclusão de todos nas mais diversas searas. A Sra. E. ocupava o cargo de coordenadora pedagógica, no qual vale ressaltar que a mesma desempenhava sua função com muita maestria, trabalhando de forma séria, competente e com equilíbrio para que todos ficassem satisfeitos.

Com exceção dos professores/mediadores que atuavam na área do corpo e que se vestiam de forma muito informal, usando shorts e camiseta e roupas de ginástica, a maioria dos professores/mediadores se vestia de maneira muito sóbria. Eram roupas simples, mas funcionais. Eram sujeitos de fala mansa, gestos comedidos e de fácil convivência.

Em se tratando dos professores/mediadores da área de informática, havia três professores/mediadores, que usavam roupas comuns e de muita funcionalidade. O P/M-01 era extrovertido, tinha muito senso de responsabilidade com os alunos, conseguia trabalhar de maneira muito tranquila com todos. Era um docente que tinha como característica principal a busca por estar sempre se atualizando, para proporcionar ao seu alunado as melhores possibilidades de aprendizagem. Ressalte-se ainda que o mesmo estimulava seus aprendizes a uma prática que podia proporcionar a construção de um conhecimento sólido e contínuo. Era perceptível o quanto o mesmo amava seu ofício.

P/M-02 apresentava um comportamento mais introvertido. Buscava sempre ajudar os aprendizes quando os mesmos se encontravam em dificuldade. Já o P/M-03 era muito extrovertido, costumava brincar de maneira muito saudável com os alunos. Estava sempre

auxiliando os discentes, mas também os incentivava a tentar achar soluções para um melhor desenvolvimento do trabalho.

Já em relação aos aprendizes, havia as mais diversas maneiras de se vestirem, principalmente no que diz respeito aos cursos frequentados por aqueles que estavam matriculados nas áreas em que o corpo é exigido. Geralmente, utilizavam roupas de ginástica, o uso de toalhas de rosto era uma constante para enxugar o suor. Ao observar a sala de Pilates e de dança de salão, pude perceber que todos realizavam as atividades de forma bastante prazerosa. O divertimento era uma constante.

No que diz respeito aos outros aprendizes que estão a frequentar os outros cursos, a vestimenta usada era geralmente muito leve, funcional e discreta. Um ou outro discente aparecia com uma roupa mais chamativa.

Foi possível perceber que, ao estarem sozinhos, os alunos idosos falavam de forma discreta, sem nenhum tipo de maneirismo, além de se comportarem de maneira mais introspectiva. Entretanto, percebi que, quando os mesmos estavam em grupo, falavam alto, riam de forma bastante efusiva; eram dados a assumir comportamentos típicos dos adolescentes. Em conversa informal com vários deles, ouvi por diversas vezes que os mesmos estavam querendo mais era aproveitar o resto de tempo de vida que lhes restavam. Essa foi uma fala muito recorrente ao longo de todo o processo de observação. Posso afirmar que eles estavam a aproveitar suas vidas da melhor maneira possível e, principalmente, quando estavam diante dos seus pares.

Em relação à observação realizada nas turmas escolhidas de forma compartilhada por mim e pelo professor/mediador R., os quatro grupos se vestiam de maneira muito clássica. Eram roupas de cores primárias, leves, devido ao calor que se fazia constante na cidade de Fortaleza. Fazendo uma analogia com os trabalhadores que saem todos os dias para o trabalho, percebi que todos usavam suas roupas como quem vai para o trabalho. Comportavam-se de maneira muito peculiar, já que, quando estavam juntos em suas respectivas turmas, tendiam a repetir comportamentos já vistos em outras ocasiões. Ou seja, quando sozinhos, eram mais retraídos, em grupo se comportavam de forma muito ruidosa.

De todas as quatro turmas, apenas uma em relação às outras três foi a mais tranquila, isso era bem perceptível, já que todos eram mais comedidos. Porém, isso não significa dizer que, em determinados momentos, não fosse também tão barulhenta quanto às outras. Presenciei,

em determinados momentos, o P/M-01 usar de um artifício nada inovador, muito pelo contrário. Quando os aprendizes idosos estavam bem agitados, o referido docente se utilizava de um sino para pedir silêncio, levando muitas vezes os discentes a darem bastantes gargalhadas, inclusive da minha parte, já que me encontrava bem acolhido pelas turmas, gerando, assim, uma cena muitas vezes burlesca. Vale ressaltar que, mesmo sendo uma cena não muito comum, é possível afirmar que era apenas uma maneira de descontrair o ambiente, sem acarretar nenhum tipo de constrangimento ou algo negativo dentro de sala de aula, já que o P/M-01 carregava consigo um profundo respeito pelo seu alunado e eles em relação ao docente.

Um dos fatos que me chamou bastante a atenção e que foi muito recorrente em praticamente todas as visitas que fiz à instituição era que, em uma determinada turma, algumas alunas iam muito bem produzidas, geralmente com cabelos bem penteados, adereços vistosos, grandes e brilhantes, ao mesmo tempo em que usavam roupas mais bem elaboradas. Ao conversar com essas determinadas discentes, ouvi relatos de que as mesmas não perderam seu lado vaidoso de mulher, que precisavam ser vistas e que se sentiam muito bem em se arrumar, já que era algo que fazia parte do dia a dia das mesmas.

É muito interessante saber que, apesar de terem envelhecido, muitas dessas mulheres não deixaram de lado sua vaidade. Algumas relataram que estavam até mais vaidosas do que eram quando mais novas e que se abriram para maiores possibilidades após terem começado a frequentar a UNISF.

Diante do exposto acima, segue adiante meu diálogo com o diário de bordo (APÊNDICE 05), no qual farei uma exposição sobre tudo o que vivi e ouvi entre os professores/mediadores, tentando traduzir, da forma mais clara possível, um entendimento para todos que estão a ler esta tese.

4.3 – Analisando e teorizando os questionários, as falas e observações dos professores/mediadores à luz do diário de bordo

Conforme minha estadia na UNISF se prolongava, mais eu ia percebendo que os professores/mediadores tinham muito a contribuir para um melhor entendimento não só da pesquisa, mas também entender como cada profissional contribuía para que o processo de aprendizagem na terceira idade fosse algo bastante efetivo.

Pensando nisso, lembrei, logo, de Papert (2008) e de sua obra intitulada *A máquina das crianças*, na qual o estudioso faz questão de dedicar um capítulo aos professores, que são de grande importância para o processo de aprendizagem. Nesse sentido, resolvi também me debruçar sobre esses profissionais que tanto colaboram para mediar a construção do conhecimento dos aprendizes na UNISF.

De acordo com tudo que vivi e ouvi dos professores/mediadores ao longo do percurso do estudo, ficou definido que, ao escrever sobre os mesmos nas análises de resultados, se fez mais interessante apresentar minhas observações/vivências em quadros, já que, dessa forma, acredito que o leitor terá uma visão holística dos docentes e suas características no processo de aprendizagem na terceira idade.

No quadro a seguir, representamos as impressões sobre como são os trabalhos/ações de ensino com a terceira idade. Nas falas dos professores/mediadores, estão presentes o que os levaram a trabalhar com o idoso e suas implicações dentro do processo de construção de conhecimento por uma população tão específica.

QUADRO 08 – O TRABALHO COM A TERCEIRA IDADE

P/M-01	Com a chegada da Internet, percebi o fenômeno da exclusão digital. E em relação à terceira idade soma-se a isso preconceitos que levam à exclusão social. Assim que recebi um convite da Universidade Sem Fronteiras para criar um curso de informática voltado para idosos, visualizei que era uma grande oportunidade de dar minha contribuição em favor da inclusão social e digital do idoso.
P/M-02	Estudo sistemas e mídias digitais, minha formação consiste em analisar a interação entre usuários e as tecnologias. Buscamos sempre suprir a necessidade de todos os usuários, porém, as especificidades do público da terceira idade constantemente são desconsideradas. Observando esse meio, percebi a necessidade de interferir e tornar as tecnologias mais acessíveis a esse público crescente, e o primeiro passo para que essa interação seja bem-sucedida é o ensino eficiente das novas tecnologias.
P/M-03	Foi uma oportunidade que surgiu para atuar profissionalmente como professor e, quando descobri que era com idosos, percebi a grande oportunidade de desenvolver o trabalho com alunos interessados e com sede de aprender.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

Nas falas apontadas pelos professores/mediadores, fica claro que a percepção do trabalho por eles é algo que tem como característica principal o querer fazer algo diferente, que venha a contribuir para uma melhor qualidade de vida para os idosos. Buscam um aprendizado mais efetivo num mundo mais dinâmico e tecnológico, que, em diversos momentos, se

apresenta como um “monstro”⁴¹ para a população da terceira idade e que está prestes a devorar aquele que não domina o que hoje aí se encontra.

Isso ficou muito claro principalmente nas minhas conversas informais com o P/M-01, que, em diversos momentos, relatou muita preocupação com a população idosa, já que o mesmo tem uma visão global de que também vai envelhecer e que, ao trabalhar de forma efetiva para os que frequentam a UNISF, está, de certa forma, favorecendo seu próprio envelhecimento. Ressalte-se ainda que o docente em questão também atua em outras instituições, além de ser bastante requisitado para trabalhar com a terceira idade no uso das TIC e suas aplicações no dia a dia dessa população.

É preciso destacar que o docente em questão sempre é procurado pela mídia para falar sobre o envolvimento dos idosos com o uso das tecnologias no dia a dia. Isso foi comprovado por mim quando da sua entrevista dada à TV Assembleia, canal de televisão que pertence à Assembleia Legislativa do Estado do Ceará.

Nesse sentido, Brasil/Declaração de Brasília sobre Envelhecimento (1996, p. 1) corrobora com as afirmações dos professores/mediadores, em especial o P/M-01, apontando a seguinte afirmação:

O envelhecimento é um processo normal, dinâmico, e não uma doença. Enquanto o envelhecimento é um processo inevitável e irreversível, as condições crônicas e incapacitantes que frequentemente acompanham o envelhecimento podem ser prevenidas ou retardadas, não só por intervenções médicas, mas também por intervenções sociais, econômicas e ambientais (BRASIL/DECLARAÇÃO DE BRASÍLIA SOBRE ENVELHECIMENTO, 1996, p. 1).

A citação acima corrobora com as afirmações dos professores/mediadores, em especial o P/M-01. Entende-se que o trabalho realizado pelos mestres é o de garantir intervenções para que os idosos tenham, realmente, atitudes de construir seus próprios caminhos. Que possam trilhar seu percurso de forma a serem sujeitos mais críticos, reflexivos e que possam tomar decisões sempre pautadas na construção da sua aprendizagem.

Apresentamos a seguir no quadro 09 um demonstrativo das vantagens e desvantagens em relação ao ensino e à aprendizagem na terceira idade, conforme as falas dos professores/mediadores.

⁴¹ Grifo do autor.

QUADRO 09 – VANTAGENS E DESVANTAGENS EM RELAÇÃO AO ENSINO E À APRENDIZAGEM NA TERCEIRA IDADE

P/M-01	Há diversas vantagens em se trabalhar com educação de idosos; a maioria é muito interessada, pois não tem tempo a perder; são exigentes e possuem experiência de vida, levando o educador a se aperfeiçoar nas estratégias pedagógicas para que as aulas semanais tenham resultado; são sinceros e, quando gostam das aulas, evitam falar. A desvantagem é que o professor tem que trabalhar a sua própria formação, pois há pouco material a respeito da gerontologia, ou seja, do estudo da interface Gerontologia/Educação.
P/M-02	As vantagens são várias. As principais são dar independência tecnológica aos idosos, muito dependentes de familiares para atividades, desde postar uma foto em redes sociais até fazer uma transação online por internet banking. E exercitar as funções cognitivas e motoras, muito essenciais na terceira idade, em que a mente deve trabalhar mais fortemente para manter-se em forma. A única possível desvantagem seria a formação de um vício no idoso, porém, todos estamos sujeitos a esse mal do século XXI.
P/M-03	Não vejo nenhuma desvantagem, vejo a grande oportunidade de ensinar quem quer aprender e, assim, exercitar a paciência e o amor à profissão.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

Existia uma preocupação constante dos professores/mediadores em auxiliar os discentes na busca pelo conhecimento. Os mesmos informavam tudo de forma muito compassada e de maneira direta, através de uma linguagem acessível. Os docentes pesquisados levavam em consideração, também, o que os aprendizes traziam consigo ao longo da sua jornada de vida.

Uma das falas que traduz muito bem o que acima está descrito ao longo da pesquisa foi a do P/M-01, que relata, de forma muito clara, que “o intuito de aprendizagem aqui na UNISF é possibilitar a autonomia do aluno, no sentido de ele produzir algo, de acordo com a sua necessidade”.

Ao longo das minhas observações e vivências, foi possível observar o quanto os docentes estavam presentes no aprendizado do aluno. Havia um comprometimento muito grande dos mesmos em fazer com que os discentes realizassem as atividades propostas de forma efetiva. Os estudantes eram levados a questionar o porquê da sua aprendizagem. Não existe um currículo engessado seguindo um modelo pronto e acabado. O processo de ensino e de aprendizagem se dá através do acesso às informações produzidas por todos. Muitas vezes, fui um observador participante, que os professores/mediadores fizeram questão de incluir nos debates realizados em sala de aula. Ao mesmo tempo em que fui incentivado pelos alunos a contribuir para o desenvolvimento da aula. Isso trouxe um ganho muito grande para mim enquanto pessoa, bem como para a pesquisa, já que a troca de informações foi de uma riqueza sem igual para as minhas elucubrações, favorecendo, assim, um melhor entendimento do estudo realizado.

Em relação ao processo de desvantagem, percebeu-se que os professores/mediadores insistiam em dizer que não havia nenhuma, o que fica muito evidente na conversa com todos, algo enfatizado de forma veemente pelo P/M-03. É possível vislumbrar, no entanto, que isso não é tão fácil como todos apresentam, já que existe a necessidade de amadurecimento de cada discente.

Essa presença do idoso nas universidades vem rompendo, de alguma forma, com uma educação circunscrita à periodizações da vida, como privilegiamentos para determinadas etapas, da mesma forma que questiona a hierarquização ou, até mesmo, a concentração das oportunidades de conhecimento produzido pela sociedade. Não é demais lembrar que a educação tem sido considerada como instrumento de reprodução, quando distribui de modo desigual o conhecimento, sendo mantenedora de exclusões e marginalidade social. Desconcentrar conhecimento, “distribuí-lo” também para os idosos, tem sido a mais nova demanda desse segmento, em vários espaços, e o mais novo desafio para organizações de ensino e profissionais da educação (D’ALENCAR, 2002, p. 67).

Ao analisar a citação acima, verifica-se que Universidade Sem Fronteiras – UNISF não é uma universidade na acepção da palavra, muito pelo contrário, é uma instituição que, apesar de ter em suas fileiras um currículo para ser cumprido, o mesmo não é tão obrigatório assim, já que o que interessa para a instituição é que seu alunado sinta-se bem, que consiga realizar suas atividades da melhor maneira possível. É ele o grande protagonista da história. Quem tem de brilhar é a população da terceira idade. A essa população é dada a grande possibilidade de construir seu conhecimento, de acordo com suas possibilidades e desejos.

Dialogando com o diário de bordo (APÊNDICE 5), entendemos que o processo de ensino e aprendizagem é flexível, contempla uma série de situações, na qual o idoso possa ter autonomia para questionar, que o mesmo tenha consciência de si enquanto sujeito que carrega consigo não apenas marcas de um tempo que não volta mais, mas também um conhecimento que pode ser dialogado e trocado com seus pares, inclusive compartilhando com os professores/mediadores, bem como com todos que fazem parte da instituição.

No quadro 10, destacamos algumas narrativas dos professores/mediadores sobre como é ser um professor para alunos idosos.

QUADRO 10 – COMO É SER UM PROFESSOR/MEDIADOR PARA ALUNOS IDOSOS

P/M-01	Eu exercito a empatia o tempo todo, pois colocar-se no lugar do aluno é um passo importante para a compreensão das eventuais dificuldades de aprendizagem e também de sua relação com as mudanças do mundo, tão intensas. Eu também sou aprendiz e os considero mestres, exercito a escuta atenta sempre em meu trabalho cotidiano.
P/M-02	É extremamente gratificante, os alunos idosos respeitam muito a figura do professor, por isso se esforçam bastante em prestar atenção, praticar os exercícios e não tem medo de tirar dúvidas. É bonito ver uma pessoa ultrapassar os limites da sociedade e buscar aprender algo completamente novo, em uma idade em que muitos acreditam não servir mais para nada. O aprendizado acontece em qualquer idade, acredito nisso, e ver alunos motivados a aprender é o maior incentivo para um professor.
P/M-03	É ser um profissional de educação realizado, pois o sonho de um educador é ensinar a quem quer aprender, uma característica quase unânime entre os idosos.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

É interessante notar que nas narrativas produzidas pelos docentes trazem, em suas falas, o sentimento de honra em trabalhar com um público bastante específico. Isso demonstra o quanto é importante para se entender que o processo educativo perpassa toda e qualquer barreira. É apenas se permitir realizar sonhos, como bem explica o P/M-03.

A fala da P/M-02 traz consigo algo muito comum, já que uma grande parcela da sociedade acredita que, ao chegar à terceira idade, a pessoa não tem mais nada o que aprender. Porém, isso não é verdade, pois, conforme a própria docente, ela aponta que se sente extremamente gratificada em participar do processo de aprendizagem dos idosos que frequentam a UNISF. Essa motivação é algo que faz a diferença no fazer pedagógico da referida docente.

Conforme o que está descrito acima, entendo que, às vezes, a gente precisa de um interlocutor para que o processo de aprendizagem aconteça de forma firme e prazerosa. Entendo que a figura de um professor é necessária para mediar o conhecimento, já que existem diversas coisas na vida que a gente não aprende sozinho. É preciso do outro para que tudo possa fluir de forma mais harmônica. Às vezes, apenas você com você mesmo não teria como descobrir as milhares de ferramentas de aprendizagem que estão disponíveis no dia a dia. Vale salientar que cada ser é único na sua essência, na sua auto-observação, no seu autoconhecimento, na sua evolução de vida.

Para que tudo seja efetivo, se faz presente um bom interlocutor, um bom professor, um bom mestre, que possa nos levar à reflexão, que nos remeta a uma consciência maior de nós mesmos e do mundo que nos cerca.

É importante destacar a participação dos professores/mediadores em cursos sobre educação para idosos. No quadro 11, apresentamos as narrativas dos três docentes e suas elucubrações acerca do tema em questão.

QUADRO 11 – PARTICIPAÇÃO EM CURSOS SOBRE EDUCAÇÃO PARA IDOSOS

P/M-01	Desde que iniciei meu trabalho com idosos, busquei formação na área, mas até hoje não conheço nenhum curso de formação. Para me qualificar como professor, fiz o curso de Pedagogia. E, para entender a complexidade do envelhecimento, me especializei em Gerontologia. E procurei sempre participar dos encontros pedagógicos realizados pela Universidade Sem Fronteiras.
P/M-02	Infelizmente não, o que aprendi foi através de leituras e na experiência prática.
P/M-03	Não

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

A interpretação dos professores/mediadores sobre o processo educativo para idosos é vista de forma muito particular, pois, enquanto o P/M-01 procurou se especializar para melhor compreender o público que atende e que dedica uma boa parte do seu tempo, e continuar a estudar no intuito de aprimorar seus conhecimentos. P/M-02 indica apenas leituras pontuais para entender quem é essa população. O destaque negativo fica por conta de P/M-03, que nunca fez ou participou de algum tipo de curso ou estudo voltado para a educação de idosos.

Em conversa informal com esses participantes, foi possível perceber que apenas o P/M-01 tem realmente vontade de continuar a empreender esforços para garantir sua participação em formações que lhe assegurem a construção do seu conhecimento para o público da terceira idade. Isso favorece, de forma muito segura, o aprendizado para os aprendizes que estão a se tornar velhos a cada momento que passa.

Ao discorrer sobre a formação dos professores/mediadores que atuam na educação dos idosos, recorreremos às palavras de Sá (2013), que aponta que os mesmos tenham competência teórico-metodológico para enfrentar os desafios da terceira idade. Profissionais que sejam especializados e capazes de aprender o processo de envelhecimento não só do ponto de vista da saúde, mas que compreendam o contexto global e possam construir, conjuntamente com o idoso, uma aprendizagem que leve esses sujeitos a serem questionadores e a estarem em sintonia com o mundo atual.

Através das falas acima, podemos considerar que os educadores não são preparados para trabalhar com um público tão específico, como o da terceira idade. A vivência se dá muito mais pela prática do dia a dia, pela troca de experiências, pelo estudo realizado por cada colega de profissão. Isso ficou claro, principalmente em conversas realizadas por mim na instituição

com outros professores/mediadores, que indicam que a própria academia não está preparada para trabalhar com disciplinas que contemplem esse público, bem como o envelhecimento da população do país.

As narrativas apresentadas no quadro 12 são referentes ao processo de aprendizagem na terceira idade e o que eles necessitam aprender.

QUADRO 12 – PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA TERCEIRA IDADE E O QUE ESSA POPULAÇÃO NECESSITA APRENDER

P/M-01	<p>Há alguns pontos que acho fundamentais:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aprender que errar não é um problema. Problema é alimentar o medo de errar. - Aprender a não se comparar com outras pessoas, sejam elas mais novas ou não. - Aprender a aprender. Em relação a tecnologias digitais, quanto mais se pratica mais se aprende, mais se exercita a atenção e se facilita a memorização de comandos e modos diferentes de se realizar tarefas. - Aprender que, quando você ensina ao colega da turma, você também aprende. A troca de saberes é muito importante. - Aprender a se automotivar, a cultivar seus interesses e a estar atento às próprias necessidades. Isso aumenta a autonomia e favorece a interação social. <p>No primeiro dia de aula de cada turma, sempre destaco a importância do interesse do idoso em aprender e da necessidade de se praticar os exercícios propostos. É necessário aplicar um método de ensino adequado e ainda estratégias que levem a uma aprendizagem progressiva. O professor deve sempre refletir sobre sua práxis, ser um pesquisador no sentido de observar as mudanças no perfil, interesses e motivações dos alunos no decorrer do tempo. E deve haver um ambiente de trocas, de amizade, de cumplicidade. Em relação à estrutura da sala de aula, deve dispor de ar climatizado, rampas, iluminação, mesas e cadeiras adequadas, a fim de proporcionar conforto ao aluno. O ambiente deve ser acolhedor.</p> <p>Há um desvelar de novas possibilidades, pois muitos não tiveram possibilidade de estudar devido à cultura de que as mulheres deveriam se preparar para serem donas de casa. Reencontram velhas amizades, fazem outras novas amizades e gostam de se sentir acolhidas. Descobrem que a idade não é um fator impeditivo para o aprendizado e para a construção de novos projetos de vida. E pode significar uma oportunidade para a reforma íntima, mudança de crenças, comportamentos e projeto de vida.</p> <p>A população idosa é heterogênea. Costumo trabalhar as turmas na Universidade Sem Fronteiras considerando que 20% são pessoas muito ansiosas, que tem facilidade de aprender e querem acelerar. Outros 20% possuem dificuldades de aprendizagem ou ritmo lento e querem fazer diversos exercícios de revisão. E os outros 60% gostam de rever o que foi aprendido, pois confessam que não reservam tempo para estudar em casa, mas gostam de sentir que estão progredindo, que o conteúdo está avançando. Já trabalhei em outras instituições observando que o perfil das turmas varia de acordo com a renda e o nível de escolaridade.</p>
--------	---

P/M-02	<p>Não é por ter vivido sua juventude em outra época que o idoso deve manter-se preso ao passado. Com acompanhamento correto e muita prática, o idoso pode aprender o que quiser. Mas, antes de tudo, é preciso aprender que errar é normal e que cada um tem seu tempo de aprendizagem, não podemos nos comparar aos outros.</p> <p>O idoso precisa de um acompanhamento individualizado, para que ele tenha o tempo que for necessário para aprender. É imprescindível que o idoso não seja humilhado nem apressado, erros comuns cometidos por pessoas sem o preparo para o ensino da terceira idade. Além disso, é necessário que o professor transmita segurança e domínio para que o conteúdo seja passado da forma mais adequada ao público.</p> <p>É rejuvenescedor, como crianças eles sentem medo e insegurança no início, mas, com o passar do tempo, vão ganhando confiança e o fluxo do aprendizado melhora. A interação social entre os estudantes é muito valiosa também, facilitando a integração e o aprendizado da turma.</p> <p>Por terem passado por uma formação menos tolerante ao erro, normalmente, eles possuem uma dificuldade maior em experimentar e explorar novos conhecimentos, por isso a aprendizagem se dá em um período mais longo. Mas isso não os impossibilita de aprender, são apenas gerações diferentes com tempos diferentes.</p>
P/M-03	<p>Não há limites para o idoso aprender, desde que respeite suas limitações físicas.</p> <p>Uma grande oportunidade de se sentir ativo, produtivo e inserido nas revoluções de tecnologia. Vejo que, com boa vontade e um curso direcionado a eles, vão aprender como qualquer outro aluno, desde que pratiquem as atividades estudadas rotineiramente.</p>

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

Ao interpretar as falas dos professores/mediadores sobre o processo de aprendizagem na terceira idade e sobre o que essa população necessita aprender, descobrimos que, na visão dos docentes, os idosos têm vontade de aprender, de estar conectados com o mundo atual, mas ao mesmo tempo não desejam perder as raízes que eles carregam junto de si. Isso ficou muito presente nas conversas com os aprendizes idosos ao longo do estudo, o que veremos mais à frente.

Através das respostas acima, a ideia que temos é de que a educação permanente deve ser uma constante para a população idosa, que a mesma não tenha medo de enfrentar as situações que ocorrem no seu cotidiano. Que possam desenvolver suas potencialidades muitas vezes adormecidas.

Entendo ainda que a necessidade de estimular o diálogo que possibilite que os discentes da UNISF defendam, discutam seus pontos de vista e que possam formular, de forma reflexiva e consciente, argumentos a partir das interlocuções dos próprios colegas e que sejam partilhados por todos, para a construção de uma aprendizagem onde todos possam se ver como protagonistas.

O processo educativo se torna cada vez mais presente em todos os momentos da vida do indivíduo, principalmente porque vivemos em uma sociedade globalizada. Como estamos a viver em uma sociedade amplamente dinâmica, o processo educativo se torna cada vez mais presente em todas as searas. Nesse sentido, Santos (2002, p. 149) afirma que:

[...] a educação deve ser concebida para atender, ao mesmo tempo, ao interesse social e ao interesse do indivíduo. É da combinação desses interesses que emergem os seus princípios fundamentais e, são estes que devem nortear a elaboração do conteúdo do ensino, as práticas pedagógicas e a relação da escola com a comunidade e com o mundo.

Faz-se necessário ter consciência de que o processo educativo para a terceira idade seja algo construído de forma conjunta, que leve esse sujeito a se sentir capaz de aprender, apesar de muitas vezes o mesmo apresentar dificuldades. O P/M-01 traz, em suas falas, explicações muito positivas para exemplificar que o acesso à educação deve ser algo livre de qualquer amarra, favorecendo, assim, a democratização do saber, na qual a aprendizagem possa ser compartilhada entre as gerações. Independentemente desse mundo globalizado que aí se encontra. O que interessa é a construção de pontes através da essência do conhecimento humano.

Fica muito claro, para mim, que o idoso tem um conhecimento bastante amplo, pois carrega consigo muitos aprendizados que foram incorporados ao longo da vida. Nesse sentido, vejo mais os docentes como mediadores de um conhecimento que se transforma o tempo todo. Fazendo assim com que população idosa ressignifique sua aprendizagem, mostrando que eles são capazes de se verem como construtores do seu próprio conhecimento. É trazer para o seu mundo um empoderamento que traz em seu bojo processos estimulantes, que possam gerar ações transformadoras, apesar das conjunturas socioeconômico-cultural.

Entendo ainda que os trabalhos em grupo que são realizados na instituição são muitos incentivados pelos professores/mediadores, pois as trocas de conhecimentos, emoções, sentimentos e informações são de grande benefício, já que, quando os pares se veem como iguais, o processo de construção da aprendizagem se dá de maneira que os mesmos possam avançar juntos.

No quadro 13, destacamos as referências sobre as práticas pedagógicas inovadoras na visão dos professores/mediadores do processo de aprendizagem na terceira idade. São narrativas que apontam para o cotidiano da prática do docente, numa perspectiva de favorecer um caminho de descoberta.

QUADRO 13 – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS NA VISÃO DOS PROFESSORES/MEDIADORES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA TERCEIRA IDADE

P/M-01	Considero uma prática inovadora a definição de um conteúdo programático voltado para os interesses e motivações dos alunos, mas que seja também um caminho para a descoberta de novos usos da tecnologia no cotidiano. No lugar de uma proposta tecnicista, a abordagem humanista dá vez e voz aos idosos, favorecendo o empoderamento. Outra prática inovadora para a educação tecnológica do idoso é favorecer os detalhes visuais na tela do aparelho na hora de realizar um procedimento. Então, o procedimento de clicar no ícone Google Chrome torna-se “clicar no ícone vermelho, verde e amarelo”. Depois é que o aluno se apropria da linguagem técnica. Mesmo tendo a proposta de estimular a autonomia, o senso crítico e o empoderamento do idoso, a aula ofertada tem um formato em que o professor apresenta a tarefa ou a informação e o aluno procura aprender o passo a passo. Para evitar o tecnicismo, procuramos apresentar a utilidade de cada aplicativo ou dispositivo no dia a dia do idoso e evitamos a linguagem técnica. A partir da prática, é que a linguagem técnica é assimilada. Há alunos que solicitam “tarefa de casa”, pois, do contrário, não conseguem sistematizar o estudo em casa.
P/M-02	A turma com professores para atendimento individualizado é muito importante no processo de aprendizado, pois o convívio em grupo não é perdido e ao mesmo tempo cada aluno é acompanhado pelo professor de maneira mais próxima, assim o professor pode identificar, com mais precisão, as dificuldades e necessidades especiais de cada aluno e ditar um ritmo para a aula de forma que ninguém fique para trás. Valorizo cada aprendizado, por menor que seja, cada um tem seu tempo de assimilação. Nivelar não é a solução.
P/M-03	Cursos com uma proposta de passo a passo, com material dessa forma; com repetição e treinamento, para não fugir do que eles já se acostumaram em métodos anteriores, assim mesclando com novas práticas.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

A educação tem sido fator primordial e importante para a formação e o desenvolvimento do indivíduo, e não só a cognição tem sido o foco principal para impulsionar as reais competências exigidas na atual conjuntura, mas, sim, o estímulo pelo desempenho ativo no desenvolvimento de pessoas que privilegiem atitudes, posturas e habilidades.

Ao trabalhar com uma forma de inovação pedagógica, devemos estar atentos às novas experiências inovadoras, procurando romper com as tradicionais formas de ensinar e de aprender, buscando, dessa forma, uma gestão compartilhada entre todos que fazem parte da comunidade escolar.

A inovação pedagógica deve se manifestar pela sensibilidade de mediar uma nova forma de avaliar e tratar todo o processo de ensino e aprendizagem, assumindo, assim, uma nova forma no trato entre professor e aluno, que devem buscar relações socioafetivas para uma aprendizagem mais significativa.

Fino (2008a, p. 2-3) aponta que existem pontos essenciais no processo de inovação pedagógica, são eles:

- A educação institucionalizada preserva as práticas tradicionais, encontrando sempre pretextos para a ortodoxia;
- A inovação pedagógica não é o resultado da formação de professores, ainda que a (boa formação seja determinante);
- A inovação pedagógica não é induzida *de fora*, mas um processo *de dentro*, que implica reflexão, criatividade e sentido crítico e autocrítico;
- A inovação pedagógica, ainda que inspira ou estimulada por ideias ou movimentos, que extravasam do âmbito local, é sempre uma opção individual e local;
- A inovação pedagógica dentro da escola envolve sempre o risco de esbarrar contra o currículo;
- A inovação pedagógica nestes dias de desenvolvimento exponencial da ciência e da tecnologia não é sinónima de inovação pedagógica.

A mediação na inovação pedagógica deve fazer uma ponte entre o mundo afetivo e o mundo do conhecimento, levando em consideração a parte individual de cada ser. Em que tanto o professor quanto o aluno assumem o papel de protagonistas, na qual a participação dos alunos é tão importante quanto a do professor na prática pedagógica.

Papert (2008, p. 70) aponta que “todo professor deveria ser encorajado a ir tão longe quanto possível de desenvolver um estilo pessoal de ensinar”.

Verificamos que muitos professores rumam em direção à procura de práticas educacionais inovadoras, buscando, assim, soluções para as mais diversas situações-problema, que geram uma situação nada confortável na prática pedagógica até então vivida pelo professor. Ao compreender a divergência existente na prática pedagógica, o mestre se dá conta de uma ação reflexiva e percebe que, ao tentar mudar essa ação docente, ele já está inovando.

Ao tentar romper uma estrutura paradigmática a muito arraigada, o docente dá um passo extremamente importante na busca pela construção de um contexto educacional inovador, almejando, assim, uma pedagogia compartilhada, em que seja possível construir ambientes em que todos possam estar inseridos, na busca por um conhecimento tanto individual quanto coletivo.

Para que haja inovação pedagógica, é preciso que haja mudanças, significando, assim, que as mesmas aconteçam nos ambientes físicos ou virtuais da aprendizagem; e que deve implicar, diretamente, nas práticas pedagógicas e não se ater às mudanças curriculares ou aos conteúdos programáticos. Ao partir para o ato de inovar, o professor age em âmbito local e de forma individual, no qual o movimento inovador se dá de dentro para fora, e o mesmo é levado a refletir, criar, usar de sua criticidade e sua autocriticidade, favorecendo a busca por uma inovação pedagógica de qualidade, que atinja a todos.

Sousa & Fino (2008, p. 09) explicitam que: “[...] o próximo paradigma educacional não cairá do céu, como do céu não caiu o anterior”.

O processo de ensino e de aprendizagem deve sensibilizar o aluno para a construção do conhecimento, levando em consideração os desejos do mesmo. Mas também requer uma transformação interna do docente, que leve o mesmo a se tornar um elemento facilitador para levar o educando ao desenvolvimento da percepção do mundo e do outro.

Tanto as instituições acadêmicas quanto os professores devem ter em mente que sua profissão compreende que seu papel de mediador dos estudantes serve de conquista para os conhecimentos e sua aplicação deve contemplar o dia a dia de todos.

Para Fino (2011), encontrar inovação pedagógica nas instituições educacionais não é tarefa fácil. Pois se faz preciso realizar um trabalho de garimpeiro, no qual é preciso saber distinguir aquilo que se procura daquilo que não serve. O que, diga-se de passagem, não é nada fácil.

As narrativas do quadro 14 reforçam a ideia da importância do próprio trabalho para a população idosa e a instituição na visão dos professores. Destaco essas falas como uma estratégia de perceber a avaliação que o próprio docente faz do seu fazer laborativo.

QUADRO 14 – AVALIAÇÃO DO PRÓPRIO TRABALHO

P/M-01	É um trabalho desafiador e tenho consciência da impossibilidade de acompanhar o ritmo das mudanças das tecnologias digitais. Na hora de selecionar o conteúdo a ser ministrado, procuro me colocar no lugar do aluno para avaliar se o aplicativo ou tarefa é interessante e útil. Procuro aplicativos e ferramentas em português e o mais simples possível, mas a indústria da tecnologia não considera o segmento idoso. O teclado possui teclas em inglês e o controle remoto das TVs também está em inglês. Avalio que tenho êxito na construção do conteúdo, pois tenho colhido muitos frutos do trabalho desenvolvido ao longo dos anos.
P/M-02	Muito bom, é uma troca muito boa. Acredito que consigo transmitir a maior parte do conteúdo de forma clara e simples de ser compreendida. Em cada turma, um novo desafio surge, então, é um aprendizado constante também para o professor acompanhar as necessidades e sempre se adaptar ao novo.
P/M-03	Avalio como um aprendizado contínuo, mas procuro me atualizar e trazer sempre conteúdos interessantes.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

As falas dos docentes trazem consigo algo muito significativo, que é o de se darem conta de que é um trabalho desafiador, ao mesmo tempo em que procuram desenvolver suas atividades da forma mais clara possível.

Destacamos que esses profissionais da educação estão em busca de conteúdos que sejam interessantes para a aprendizagem do alunado idoso, levando-o a ter consciência de que nem sempre é possível realizar seu fazer laborativo de forma mais satisfatória, pois, como outras falas colhidas nos mais diversos momentos, a P/M-02 reforça a ideia de que “é necessário treinar o tempo todo para que a aprendizagem se torne presente no dia a dia”. “Se isso não acontece, o aluno não vai aprender”.

Porém, o intuito da construção do conhecimento não é fazer com que o alunado da terceira idade treine a atividade, muito pelo contrário. O mesmo tem de perceber que o processo de aprendizagem é algo seu e que o professor está ali como um mediador, um facilitador.

Vivenciar as práticas pedagógicas dos profissionais da educação na UNISF me fez enxergar que existem as mais diversas possibilidades para que se possa construir um caminho para o conhecimento. Porém, percebo, claramente, que o P/M-01 é um indivíduo que traz no seu interior uma chama muito grande de senso de responsabilidade, amor ao seu fazer pedagógico, não o considero apenas um professor, ele é muito maior que esse título, é um ser que busca contemplar o outro, que se vê no outro, se deixa levar nas possibilidades que sejam mais gratificantes e mais fáceis para que o seu alunado idoso possa aprender. Todos os meus encontros com P/M-01 me modificaram ao longo de todo o trajeto da pesquisa.

Finalizo essa parte acreditando que tenha sido de grande valia para a compreensão de quem são os professores/mediadores que atuam na instituição pesquisada. Dando continuidade ao caminhar da tese, vamos adiante, já que existe ainda muita história a ser explorada.

4.4. Analisando e teorizando os questionários, as falas e observações dos aprendizes da terceira idade à luz do diário de bordo

Seguindo meu diálogo com o diário de bordo, passo a relatar, a partir desse momento, minha incursão com as turmas por mim pesquisadas e que me trouxeram uma série de informações, mudanças de posicionamentos, questionamentos nunca levantados por mim. Foi um aprendizado constante com um público que, inicialmente, não era da minha convivência e que passou a ser uma construção de outras possibilidades, que passou a ser um novo olhar no entendimento do que é aprendizagem e vida. Melhor se deixar levar pelas narrativas de personagens tão ricos em suas andanças pela longa estrada da vida.

Adiante segue meu diálogo com o diário de bordo, no qual, abaixo, farei uma exposição sobre tudo que vivi e ouvi entre a população da terceira idade, inclusive daqueles que fazem parte de forma indireta do trabalho e que me deram a grande oportunidade de explorar um mundo tão vasto e com pouco conhecimento, não apenas só meu como também do grande público, já que, como já foi relatado anteriormente, ser velho significa o final da vida. Além do que os estudos voltados para a área de velhice contemplam mais a área de saúde. Desta forma, tento traduzir, da forma mais clara possível, um entendimento para todos que estão a ler esta tese.

Antes de teorizar sobre minhas análises de resultados em relação a tudo que foi vivido por mim nas dependências da UNISF, em especial na sala de aula do curso de informática, vale relatar um pouco da história vivida por mim e como fui acolhido pelos alunos idosos.

Logo no meu primeiro dia de pesquisa, cheguei cedo à UNISF, queria causar boa impressão, bem como tentar me acalmar, pois me senti como um verdadeiro garoto que está indo pela primeira vez a uma escola. Esse sentimento era de nervosismo, que me trouxe inicialmente uma insegurança, já que tinha mil perguntas sobre o assunto que iria pesquisar, ao mesmo tempo em que existia em mim uma preocupação se seria aceito ou não pelas turmas que iria investigar. Um público novo, com outras peculiaridades e nuances.

Mesmo passando por todo esse caos emocional inicialmente, cheguei à sala de aula com passos trêmulos, mas tentando me acalmar. Respirei fundo e entrei. Ao entrar, percebi que existiam apenas cinco alunos, sendo dois homens e três mulheres. Ao abrir a porta, todos me encararam, mas logo voltaram a fazer o que estavam fazendo antes da minha entrada. Dei bom dia a todos e me sentei em um lugarzinho no fim da sala, próximo da porta de entrada. Local esse por mim escolhido por ter uma visão completa da sala de aula e ao mesmo tempo para evitar o máximo de transtorno que minha presença poderia causar a todos. Passados uns três ou quatro minutos, chegaram P/M-01 e P/M-02 juntamente com mais três alunos.

Antes de iniciar a aula propriamente dita, o P/M-01 solicitou minha presença à frente de todos. Fez uma breve preleção da minha presença em sala de aula, depois passou a palavra para mim. Expliquei a todos o teor da pesquisa e depois fui questionado se poderia existir a possibilidade de não participar do estudo. Disse que sim. Tudo foi respondido de forma muito objetiva, clara e com tranquilidade. Após esse primeiro momento de grande nervosismo,

foi possível perceber que estava a me tranquilizar. Aos poucos, a calma foi tomando conta de mim. Entreguei a todos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE 2). Fiz também questão de passar, de mão em mão, a Carta de Anuência (APÊNDICE 1) assinada pela direção da instituição, para deixá-los cientes de que tudo tinha um caráter muito profissional, bem como que todos os resultados encontrados, todas as conversas que tínhamos ao longo do percurso, entre outras coisas, seriam tratadas com o maior sigilo e com a máxima discrição possível, ao mesmo tempo em que suas identidades também seriam preservadas.

Ressalto que todo esse procedimento foi realizado em todas as turmas que pesquisei, bem como fui levado a verificar outras salas de aula, às quais, em muitos casos, fui convidado a conhecer. Algo que trouxe um benefício muito bom para a pesquisa, pois possibilitou ter um conhecimento mais amplo da instituição, ao mesmo tempo em que pude compreender, de forma mais holística, o que é a população da terceira idade.

Depois de tudo explicado, voltei ao lugar que eu escolhi para observar as turmas. É um lugar perfeito, pois foi possível ter uma visão da sala toda sem comprometer minha observação e muito menos perder alguma interlocução importante.

Percebi que minha fala foi muito bem recebida pelos alunos de todas as turmas, num primeiro momento, alguns alunos relataram que estavam dispostos a participar da pesquisa. Outros resolveram que iriam ler primeiro o Termo de Consentimento e, posteriormente, dariam suas respostas. É claro que os mesmos se sentiram desconfiados, mas, com a minha explicação e também um reforço de extrema importância do P/M-01, os alunos idosos que até então estavam em dúvida se iriam ou não participar da pesquisa aceitaram prontamente participar da mesma. Isso facilitou muito meu trabalho, bem como me deixou confiante sobre o percurso que teria que percorrer. Mal sabia que muita coisa iria acontecer ao longo da jornada em busca do Santo Graal do conhecimento sobre a aprendizagem na terceira idade.

Após duas semanas de observações, já estava bem familiarizado com as turmas. Os alunos me deixaram bastante à vontade. Sempre que possível estavam a perguntar sobre como foi que tomei conhecimento da UNISF, como estava a escrita da tese, se tudo estava saindo do jeito que eu planejei. Respondi as perguntas de forma muito clara, para deixá-los a par de tudo, queria compartilhar com eles os resultados encontrados a todo instante. Isso me fez vislumbrar a possibilidade de apresentar todo o trabalho (tese) na instituição, favorecendo não apenas a

organização, mas, principalmente, aqueles que fizeram parte da pesquisa, ao mesmo tempo em que seria muito lógico apresentar não só para a população que fez parte do estudo, mas contemplar todo o público da UNISF e, se possível, outros públicos que estão a trabalhar/atender a terceira idade. Para mim, essa devolutiva é de vital importância, haja vista favorecer um entendimento daqueles que participaram da pesquisa e que sempre estão desejosos de saber o que foi encontrado como resultado.

É claro que conversei com a coordenadora pedagógica, a Sra. E., e ela disse que seria perfeito. A direção também aprovou a ideia. Depois, veiculei a notícia nas turmas que estava a pesquisar. Além de ser uma grande chance de apresentar e obter um resultado prévio da mesma antes da defesa final, podendo dessa forma cortar excessos, aprimorar pontos que porventura eu não teria dado a devida importância, entre outros. Acenando com a possibilidade de ser objetivo e preciso na explanação da tese.

Muito rapidamente, me tornei não só um observador participante na sala de aula, mas também um ávido aluno, tentando compreender tudo que lhes era apresentado, como os mais diversos tipos de problemas, para que os mesmos estivessem a buscar soluções. Estava bem envolvido com os estudantes. Os mesmos sempre pediam minha participação. É claro que tinha turma em que a minha presença era mais marcante que outras. Porém, posso atestar que, em que todas elas, sempre me pautei de forma ética e respeitosa para com todos e fiz todo o possível para não atrapalhar o andamento da aula. Acredito que tenha desempenhado meu papel com disciplina, pois, em nenhum momento, tive algum ato que desabonasse minha conduta, muito pelo contrário. Em diversos momentos, pude receber muitos incentivos do P/M-01. Isso foi de muita importância, já que, de vez em quando, o docente solicitava, em determinados momentos, minha participação na aula.

Posso relatar que cada turma tinha um perfil bem definido de padrão comportamental. As duas turmas iniciais eram oriundas de uma companhia energética, que disponibilizou parte do recurso financeiro para o pagamento de 50% do curso, os funcionários recém-aposentados entraram com os outros 50%. A grande maioria deles já se conhecia, mas, mesmo assim, não existia uma proximidade. Eram apenas conhecidos. Muitos deles começaram a desenvolver um laço maior de amizade a partir do momento em que começaram a frequentar o curso.

As outras duas turmas já estavam na UNISF há muito tempo. Muitos deles há mais de 10 anos frequentavam a instituição. Ao mesmo tempo em que laços de amizades se tornaram bem maiores, levando essas relações para além dos muros da organização.

De acordo com minhas vivências na UNISF, descrevo, a partir desse momento, o que ouvi dos alunos idosos que frequentavam a instituição e de como eles se apresentavam diante das mais diversas indagações que surgiram ao longo da pesquisa. Assim, como foi definido nas análises de resultados dos professores/mediadores, resolvi também apresentar as resoluções em quadros, de forma a favorecer uma visão mais próxima daquilo tudo que foi vivido e ouvido por mim nas turmas da terceira idade.

Apresentamos a seguir o quadro sobre as impressões de como, por que e o interesse em frequentar a Universidade Sem Fronteiras – UNISF. As falas dos estudantes idosos são visões de muita importância para o estudo, já que elas representam muito a forma de como se posicionam perante as mais diversas possibilidades e de serem eles os protagonistas do estudo em questão. Salientamos que nem todas as falas foram colocadas em questão, já que o intuito foi o de trabalhar com aquelas que eram mais elucidativas.

QUADRO 15 – COMO, POR QUE E INTERESSE EM FREQUENTAR A UNISF

I-02	Conheci a Unisf quando ela começou a receber alunos, alguém me falou sobre ela e eu procurei conhecê-la, gostei e entrei para aprender inglês porque foi a língua que sempre gostei e já havia estudado antes no instituto Brazil-Estados Unidos, isso há muitos anos.
I-04	Após a minha aposentadoria, fiquei sem rumo, então precisava de alguma atividade extra serviços domésticos.
I-05	Meu interesse inicial foi através de informações em conversas entre amigos. Há aproximadamente oito anos, fiz dois módulos de “computador de mesa” e um semestre de canto, posteriormente.
I-06	Quando me aposentei, o uso do computador estava em plena evidência, então, eu estava escutando o rádio e ouvi a entrevista na qual a Dra. Zilma falava sobre a existência da Universidade Sem Fronteiras. Então, eu e minha irmã fomos nos matricular.
I-07	Ao longo da minha vida, sempre a minha meta foi buscar novos conhecimentos por curiosidade, como também estar atualizada em tudo. A Universidade Sem Fronteiras chegou no meu dia a dia acrescentando essa minha constante busca, principalmente em se tratando do assunto informática.
I-08	Eu já tinha algumas informações sobre a UNISF, do seu trabalho junto à 3ª idade e colegas, então, comecei a participar de alguns cursos por ela administrados.
I-09	No ano de 2016, estava com o tempo disponível. Tive conhecimento de que era um ensino voltado mais para pessoas de mais idade. Vi a divulgação no muro, além de indicação.
I-10	Informação de amigos. Em 2008, resolvi tentar algo na área de informática.
I-12	Através de amigos e por meio da Faelce – Fundação Coelce de Seguridade Social, da qual faço parte.
I-14	Através da Fundação Coelce de Seguridade, que firmou um convênio com a Universidade Sem Fronteiras, que nos possibilitou fazer o curso de computação e smartphone.
I-15	A partir do momento em que percebi que não podia ficar tão limitada às ações indispensáveis do dia a dia. Foi em 2013, sendo sabedora da parceria Faelce e Universidade Sem Fronteiras.
I-16	Há dois anos atrás, tomei conhecimento de que a Faelce – Fundação Coelce de Seguridade Social, que congrega ex-funcionários da Coelce, tinha firmado um convênio com a Universidade Sem Fronteiras,

	cujo objetivo era que seus segurados tivessem a oportunidade de participar de alguns cursos que eles tivessem interesse.
I-18	O meu ingresso na Unisf começou após minha aposentadoria, por necessidade de ocupar meu tempo livre e convívio social.
I-20	Por causa do meu filho.
I-21	Em 2004, após mudança para Fortaleza, visto que sou do Estado do Amazonas. Fiquei sabendo da existência dessa escola e decidi voltar a estudar.
I-22	Foi uma colega de serviço que me informou. Isso aconteceu há mais ou menos 18 anos atrás. Eu estava perto de me aposentar e, como eu gosto de palestras e cursos, resolvi conhecer a Universidade Sem Fronteiras. Passei a me dedicar a querer aprender cada vez mais. A Unisf me trouxe um conhecimento muito grande de muitas coisas.
I-23	Ano passado, 2017. Através de uma amiga que falou sobre o curso de smartphone.
I-24	Conheci a Unisf através de um jornal há uns 10 anos. Me oferece uma melhor qualidade de vida.
I-25	Após me aposentar e pela necessidade de acompanhar a evolução da Internet e das mídias sociais tive que buscar um estabelecimento que tivesse a minha faixa etária, ou quase, para entender e manusear um smarhphone, tablet, computador. Fui recomendada a procurar a Unisf.
I-26	Pela Internet. Em 2017, por necessidade de me familiarizar com as ações do celular.
I-28	Já frequentei um curso de dança há vários anos na Unisf.
I-29	Há bastante tempo. Foi por conta de um curso de Terapia Ocupacional.
I-30	Após a morte do meu marido, num momento muito difícil e baixo astral.
I-31	Comecei a frequentar a Universidade Sem Fronteiras em janeiro de 2018. Minha esposa já frequentava e sempre me fazia boas referências do conteúdo da matéria ministrada e didática dos professores. Eu já conhecia alguma coisa de informática, mas superficialmente, para uso no trabalho. Após me aposentar, tive interesse em me aprofundar na informática e, para a finalidade que desejava, a melhor opção era a Universidade Sem Fronteiras, que está atendendo plenamente aos meus objetivos.
I-33	Comecei a me interessar pela Unisf objetivando conhecer novos amigos e adquirir conhecimento.
I-34	Vi um neto meu de uns 10 anos usando o computador para fazer pesquisas, jogos, fotos e outras coisas. Fiquei interessada e procurei onde aprender. Foi aí que soube da Unisf.
I-35	Tinha muita vontade de estudar informática e me informaram que na Faculdade de Filosofia, na Av. Luciano Carneiro, tinha um curso ministrado pelo Sigma. Fui atrás e comecei a estudar. Concluí com 10 na prova final. Depois, lá também fiz o curso de concentração e memória, com a professora Alcione. Fiz também relações interpessoais com a professora Zilma Cavalcante. Isto era por volta de 1999 mais ou menos. Era o início da Universidade sem Fronteiras. Depois, fomos para a Fundação Valdemar de Alcântara. Acho que lá começamos um curso de decoração de interiores com a professora Emília Porto e de religião, estudando os Evangelhos com o professor Carlos Tursi.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

As falas nos mostram o quão diversificadas são as respostas que temos, indicando o porquê das pessoas se interessarem a frequentar a UNISF. Percebe-se, claramente, que o processo de aposentadoria é a porta inicial para a entrada na instituição, já que a grande maioria relata esse evento como ponto de partida para voltar aos meios acadêmicos. Entretanto, alguns dos discursos reportam outras características, como é relatada pela I-34, que traz no seu depoimento que seu incentivo foi o neto, pois observou o mesmo a manusear o computador e suas mais diversas possibilidades, despertando nela um interesse em aprender a lidar com a ferramenta e a descobrir um mundo completamente diferente.

Muitos dos estudantes da terceira idade também indicam que frequentam a UNISF por anos, como é o caso da I-22, que está na instituição a mais de 18 anos, o que me fez perceber que a mesma é bastante conhecida, está matriculada em outros cursos, gosta de se fazer presente

na organização. Em outras conversas que tive com a mesma, ela afirma que aprendeu muita coisa desde que entrou. Para ela, não importa apenas frequentar, é preciso “gostar de estar aqui”. “Eu venho para cá para aprender e ao mesmo tempo me divertir. Aqui é meu trabalho. É aqui que eu venho me realizar”.

A fala de I-22 deixa evidente o quanto a mesma é consciente em saber que o seu processo de aprendizagem se deu ao longo da vida. Viveu muitas mudanças desde o primeiro momento em que entrou na Universidade Sem Fronteiras e isto a levou a ter um afeto para com o estabelecimento. Posso afirmar, sem sombra de dúvida, que essa aprendiz realmente está na instituição para construir seu conhecimento. Ela incorpora dentro de si o espírito de uma aprendizagem significativa e que vem sendo construída ao longo de toda a sua vida, e que a instituição, na figura de seus professores/mediadores, contribui e continua a contribuir para o seu legado de eterna discente.

Percebi que todas as narrativas dos idosos participantes da pesquisa apontam que a escolha de um curso voltado para a área de informática tem como base a necessidade de os mesmos se fazerem presentes em um mundo mais dinâmico, mais rápido e que se altera a todo o momento. Novas possibilidades e ferramentas surgem a cada instante.

Muitos apontam que, através do processo de aposentadoria, foram impulsionados a preencher certo vazio que ficou após seu desligamento do trabalho. I-04 indica que ficou sem rumo após sua aposentadoria. Isso fez com que procurasse algo para passar o tempo. Outros foram levados impulsionados pela família, como um filho ou esposo/esposa, como indicam I-20 e I-31, respectivamente.

A fala de I-30 carrega no seu interior que a mesma só se fez presente na UNISF após um momento de luto, de perda familiar, e, já que a mesma se encontrava entristecida, conforme relato da mesma, a instituição foi uma válvula de escape para sua recuperação.

Cada um dos discentes idosos que frequentam o estabelecimento tem o seu próprio interesse e os motivos que o levaram até lá. Porém, é preciso entender que, independente das mais diversas intenções que cada um teve para poder frequentar e estar na organização, a vontade de se apropriar de uma aprendizagem efetiva fica evidente, já que a maioria buscou um curso que envolve o uso das TIC, no intuito de se apoderar de novos conhecimentos.

É interessante notar que o querer aprender a navegar pelo mundo tecnológico é recorrente na maioria das falas, já que, para entender o que essa tecnologia traz para todos, é necessário tentar entender o que é a mesma, ao mesmo tempo em que é preciso aprender o que ela traz de benefício para a população idosa.

Ressalte-se ainda que a própria instituição tem como objetivo principal um processo de inclusão social, levando o seu público da terceira idade a se sentir realmente acolhido. Acredito que, por essa razão, os discursos dos alunos apontem para a satisfação de se fazerem presentes dentro do estabelecimento.

Diante disso, Sasaki (1997) assevera que a inclusão social é o caminho ideal para se construir uma sociedade voltada para todos e que juntos todos possamos lutar por ela. E que, apesar da diversidade humana, possamos cumprir nossos deveres de cidadania, ao mesmo tempo em que gozamos dos direitos civis, políticos, econômicos, sociais, culturais, entre outros.

A inclusão social é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade, através das transformações, pequenas e grandes, nos mais diversos espaços, bem como através das reflexões e conscientizações dos indivíduos.

Entendemos que, para existir a verdadeira inclusão social, é necessária uma modificação nas pessoas, para, só assim, podermos dar oportunidade para todos. Sasaki aponta (1997, p. 34) que:

A inclusão é uma proposta, um ideal. Se quisermos que a sociedade seja acessível e que dela todas as pessoas possam participar, em igualdade de oportunidade, é preciso fazer desse ideal uma realidade a cada dia. As ações de cada indivíduo, das instituições e dos órgãos públicos, deve ser pensada e executada no sentido de divulgar os direitos, a legislação e programar ações que garantam o acesso de todas as pessoas, a todos os seus direitos. Sabe-se que mudar o contexto de uma hora para outra é impossível.

A inclusão é um trabalho longo e desafiador, pois envolve mudanças em todas as pessoas. Cabe tanto aos professores/mediadores quanto a instituição humanizar a educação, no sentido de favorecer a diversidade, que nos traz a possibilidade de quebra de paradigmas, ao mesmo tempo em que o verdadeiro sentido de uma educação inclusiva é aprender com todos os alunos, mesmo que o outro não carregue consigo aquilo que temos como parâmetro.

Nesse sentido, acredito que a UNISF traz no seu interior a busca pela valorização do outro, que o processo de ensino e de aprendizagem é compartilhado por todos, onde cada

um é responsável pelo outro e isso se faz muito presente dentro da instituição, levando o seu alunado a querer sempre estar inserido nas mais diversas áreas que o estabelecimento oferece.

Continuando as análises dos resultados, temos em seguida o quadro 16, que traz no seu interior falas representativas sobre as impressões do primeiro dia de estadia na UNISF.

QUADRO 16 – IMPRESSÕES SOBRE O PRIMEIRO DIA DE ESTADIA NA UNISF

I-02	Como todo mundo, o 1º dia na Unisf é de surpresa, a pessoa descobre que ainda é tempo de aprender, melhorar e sentir-se parte de um todo, e saber que também é importante está na “universidade”.
I-03	Um estranho no ninho. Não conhecia ninguém e não sabia nada de informática.
I-04	Me senti como um peixe fora d’água, depois de tanto tempo fora de uma sala de aula, o recomeço não foi fácil.
I-05	Como já havia participado anteriormente, me senti como que numa atividade tranquila, ambiente aconchegante etc.
I-06	Muito ansiosa e curiosa, pois sentia dificuldade até de pegar no mouse.
I-08	Senti muita vontade, porque vi que tinha um campo bastante fértil para continuar e aperfeiçoar ainda mais meus conhecimentos.
I-10	Totalmente curioso e em busca de aprendizado.
I-11	Me senti muito esperançosa e com muita vontade de aprender
I-12	Bem à vontade, devido ao bom acolhimento.
I-13	Muito bem, encontrei amigos da empresa que trabalhei e estamos juntos até agora.
I-14	Houve muita receptividade do professor, que nos deixou confiante.
I-15	Como um peixe fora d’água. Mas logo me adaptei pelo contágio da acolhida e interação.
I-16	Meio estranho. Mas logo vendo quando a turma começou a chegar. Os outros alunos foram chegando, observei que muitos eram companheiros da Coelce. A Unisf colocou todas as pessoas da Coelce na mesma sala.
I-17	Bem à vontade, devido ao bom acolhimento.
I-18	No início, me senti um pouco constrangida e com receio de não acompanhar o processo de aprendizagem de informática, mais logo foi aumentando minha concentração, raciocínio, memorização, com ajuda de excelente professor.
I-19	Como todo começo... nervosa, inibida.
I-21	Me senti bem acolhida.
I-22	Muito bem, porque a professora Zilma é excelente! O primeiro curso que fiz na Unisf foi com ela. Um curso sobre autoestima.
I-24	Eu me senti muito deslocada no primeiro momento. Mais, depois de ter passado umas duas semanas mais ou menos, já estava bem enturmada.
I-25	Não conhecia ninguém na classe, no início, me senti um pouco só. Mas fui vencendo. E hoje gosto muito de estar aqui. Gosto muito da classe, dos colegas afetuoso, da paciência e didática do professor.
I-28	Ansiosa e ao mesmo tempo curiosa.
I-29	Senti-me muito bem.
I-30	Faz tanto tempo e estava num momento ruim de minha vida.
I-31	Fui muito bem acolhido e me senti confortável.
I-34	Sinto-me muito bem por ter sido tão bem acolhida.
I-35	Já faz tempo que nem me lembro.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

No quadro acima, temos falas muito elucidativas, já que existem as mais diversas impressões sobre o primeiro momento em que começaram a frequentar a UNISF. Para muitos dos estudantes da terceira idade, o sentimento de maior ênfase foi o de curiosidade, algo muito comum a todas as pessoas.

Ao mesmo tempo em que a curiosidade estava presente, muitos dos aprendizes indicaram, em suas narrativas, que acompanhado a esse sentimento outra expressão que muito se fez presente foi o de “acolhida”, que carrega consigo uma sensibilidade muito presente em todas as dependências da UNISF e dos colaboradores que lá estão para doar o melhor de si. Posso até mesmo afirmar que também me senti muito acolhido não apenas pela instituição, mas também pelos professores/mediadores e mais ainda pelos discentes idosos, principalmente pelas duas turmas que estavam a iniciar seu curso. Acredito que, por isso, a acolhida foi tão especial e conseguiram imprimir um sentimento de empatia pela minha estadia naquele momento, já que estávamos a iniciar essa longa jornada. Eles querendo construir o próprio conhecimento e eu, enquanto pesquisador, querendo obter respostas para minhas inquietações.

Ressalto ainda que as duas turmas que estavam mais avançadas em sua construção de conhecimento também me receberam de uma forma muito afetuosa no meu primeiro momento na instituição, mas, por já fazerem parte de laços afetivos já muito solidificados, ficou a impressão de que a cortesia foi a melhor maneira de receber um estranho naquele momento. Porém, ao longo da minha estadia, isso tudo mudou, gerando uma proximidade bastante grande com alguns membros pesquisados.

Nas respostas dadas pelo alunado, mesmo tendo uma acolhida, o fato de se sentirem um estranho no ninho, como indica I-03 ou I-04, que afirmam ter se sentido um peixe fora d'água, isso é muito mais comum do que se imagina, pois os mesmos estavam saindo de suas zonas de conforto e enveredando por um mundo desconhecido até então. O medo estava presente nesse momento, já que tudo é novo e carrega consigo algo assustador. Uma série de inquietações, que vão desde não se sentirem incluídos juntos aos seus pares, ao mesmo tempo em que sentiram que não iam conseguir realizar as atividades desenvolvidas dentro da instituição; ou ainda por causa do preconceito social, já que temos turmas que possuem condição financeira menor do que a que normalmente está inserida na UNISF.

Entretanto, não podemos deixar de citar aqui a oportunidade, que é a de frequentar um espaço que tem no seu interior a premissa de que o processo de aprendizagem é algo que deve e pode ser valorizado na terceira idade, que tem como um dos objetivos principais o de valorizar cada conquista dos seus aprendizes, que está sempre preocupada com todos e aposta muito nas vivências e experiências que cada um dos estudantes traz consigo. Valorizando, assim, o que cada discente tem a dizer.

De acordo com minhas observações e conversas, chego à conclusão que os discentes idosos, num primeiro momento, antes de frequentarem a instituição, se sentem muitas vezes inseguros, que não terão condições de acompanhar e aprender tudo o que será colocado como aprendizagem no curso em que ele/ela escolher; mas isso logo se esvai, pois, com a convivência, percebemos que os mesmos começam a se sentir capazes e, a partir dessa constatação, começam a ampliar suas relações de estudo, se estendendo para além dos muros da instituição.

É interessante notar que o primeiro dia é sempre cheio de medo. Isso faz parte tanto de crianças que entram pela primeira vez nas escolas, quanto de adolescentes que mudam de organização educacional, e, quiçá, pela população de idosos que está a entrar pela primeira vez em um espaço acadêmico, já que tudo é novo, tem outro significado, gera expectativas, mas também possibilidades. O que importa é que esse aluno se permita fazer parte do meio acadêmico, que o mesmo possa perceber que o seu primeiro momento na UNISF é algo que vem para contribuir para o seu engrandecimento não apenas como um educando, mas também como um sujeito social.

As mais diversas expressões colhidas no quadro 17 são referentes ao significado do que seja o processo de aprendizagem na terceira idade, incluindo percepções de outros idosos que, em determinados momentos, se aproximavam para conversar, sendo possível entender esse processo vivido por essa população.

QUADRO 17 – SIGNIFICADO DO QUE SEJA APRENDER NA TERCEIRA IDADE

I-02	Tenho 87 (oitenta e sete) anos, sou curiosa e gosto de saber tudo que aparece de novidade sobre saúde e novidade de descobertas sobre tudo e sobre o mundo. Então aprender para é uma constante. Acho que a terceira idade é uma idade como as outras que vivi. Naturalmente há algumas diferenças, ou melhor, deficiências porque o esquecimento de algumas palavras quando quero me expressar naquele momento não veem à tona, mas só depois de alguns segundos, e, isso atrapalha um pouco. Mas a vontade de saber o que está ao nosso redor me impulsiona a querer aprender sempre mais.
I-04	Aprender significa viver melhor e conhecer novos horizontes e me sentir viva. Significa atualização. Novas amizades e afastamento de alguma demência mental. É a melhor coisa, bem digo até hoje quem criou esta Universidade. Me fez sair da rotina caseira e vivenciar coisas novas. Minha saúde melhorou e também minha autoestima.
I-05	Uma necessidade constante, que devemos manter ao longo da vida. Manter-me atualizada, estimular nossos sentidos para prolongar a vitalidade e assim, nós conviveremos entre amigos e socialmente
I-07	É uma busca constante de apreender conhecimentos. Muitas pessoas acham que na terceira idade é o fim da vida, nada deve ser estudado e conseqüentemente, esperar a morte chegar. Na minha visão, é o tempo em que devemos preencher esse tempo vazio para não adoecer.
I-08	É quando você nota mudança de seu comportamento e passa a praticar e a ensinar coisas que aprendeu e vivenciou nos cursos que frequentou. Para mim trouxe muitas perspectivas, aprendi coisas novas de relacionamento com pessoas e tive oportunidade de aprender novas teorias modernas para minha geração.
	Aprender para mim é a capacidade de adquirir conhecimentos de estudo e habilidade prática.

I-14	Acho que a idade não é problema para quem quer aprender, especialmente na Universidade Sem Fronteiras que tem professores qualificados.
I-16	Aprender é estar sempre acompanhando as inovações, as novas tecnologias que estavam surgindo agregando mais conhecimentos. É ter contato com novas inovações que sempre evoluindo tanto nas tecnologias com novas formas de comunicação.
I-18	O processo de aprendizagem é muito importante em nossa vida, não podemos parar, precisamos acompanhar a evolução dos tempos. Considero muito importante esta nova fase da minha vida, reservo momentos para cuidar do meu corpo através de exercícios físicos e da minha mente. Tenho tido oportunidade de adquirir novos conhecimentos, cultivar bons relacionamentos. A vida se torna mais alegre, e sinto-me realizada e feliz.
I-21	Aprender significa evoluir como pessoa e atualizar conhecimentos. É um desafio, pois envolve esforço, capacidade mental, porém, perfeitamente possível.
I-24	Melhor entrosamento com os mais jovens. Significa está atualizada. É poder conhecer muita coisa. Descobrir um mundo novo que está o tempo todo se modificando. Tudo é muito rápido. Eu fico abismada com muita tecnologia que tem aí. Não sei se dou conta de aprender tudo. Mas sei que já aprendi um pouquinho. Isso faz com que eu possa trocar conhecimento com as pessoas que frequentam o curso comigo, mas também com o povo da minha casa. Meus netos ficam admirados com o meu conhecimento. Eles dizem que achavam que eu não tinha mais como aprender. Eu digo que eles estavam errados, pois todos os dias estou mostrando algo novo que aprendi para eles. Isso mudou muito a minha relação com os meus netos e também com meus filhos. Eles não me olham como a coitadinha. Já disse para o meu marido me acompanhar, pois, senão, ele fica pra trás e eu muito moderna.
I-25	É ampliar os conhecimentos ou mesmo adquirir habilidades no que você se propôs a aprender. Faz um diferencial muito grande. O aprendizado se torna mais lento, mas não inacessível. Não quer dizer que não se irá alcançar. Mas é preciso paciência determinação, esforço e boa vontade para não desistir.
I-28	Aprender significa algo importante para pessoas da terceira idade, abrindo novos horizontes e ter participação nas “redes sociais”, e não ter que ficar tão alienada. Na terceira idade, qualquer curso de conhecimento é para aprimorar a aprendizagem. Como é bom se atualizar em todas as idades.
I-30	É algo que tento fazer ao longo de toda minha vida. Acredito que vou morrer aprendendo. Acho muito importante aprender. Algo muito importante. Sinto que posso continuar aprendendo, apesar da idade.
I-31	Aprender a fazer uso da Tecnologia da Informação e da Comunicação e aprender a linguagem do mundo moderno. Sem essa aprendizagem as pessoas ao meu redor estarão falando uma linguagem que desconheço. Pelas características e condições do velho, a tendência é o isolamento, entretanto, com o uso das TIC isso poderá ser evitado ou minimizado. Além das comunicações que facilitam nossas condições de vida, podemos ainda efetuar pesquisas e obter novos conhecimentos em áreas de nosso interesse. Aprender na terceira idade significa ter entusiasmo pela vida e ter coragem para se deslocar e enfrentar a insegurança atual. É preciso uma motivação para sair de nossa zona de conforto.
I-33	Para mim, aprender significa adquirir conhecimentos. O que deveria ser uma constante em nossas vidas. Aprender na terceira idade significa se inserir no mundo atual e poder dele participar com segurança.
I-35	É estar em atualidade. Conhecer coisas novas, interagir com as pessoas, ser moderna e não se preocupar com a idade. Cabeça e corpo acompanhando, vamos em frente. Fazia condicionamento físico e alongamento duas vezes por semana. Zumba duas vezes por semana. Estou suspensa, atualmente, por causa de uma queda. Faço informática uma vez por semana, já estou no nível mais adiantado. Fiz História da Arte por uns seis ou mais semestres, com a professora Sandra Viana. Fiz Decoração de Interiores com a professora Emília Porto, por uns quatro semestres. Para aprender não é preciso pensar na idade. É levar a vida normalmente, não se preocupando com os anos que tem nos ombros e procurar estar na realidade dos acontecimentos.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

Através das explicações recolhidas, os idosos participantes da pesquisa apontam para a importância que a aprendizagem tem na vida de cada uma delas. Não são apenas as falas descritas acima, mas também as narrativas de cada estudante que conversei dentro da UNISF ao longo do estudo; são falas que foram interpretadas e que, de alguma forma, estão citadas de forma indireta dentro do contexto do trabalho.

É importante entender que a aprendizagem tem, por excelência, levar as pessoas a “aprenderem a aprender, exercitando a atenção, a memória e o pensamento” (DELORS *et al.* 1999, p, 92), no sentido de ampliar seus próprios saberes, para que esses sujeitos compreendam melhor as mais diversas condições do que pode acontecer.

Delors *et al.* (1999, p. 99) apontam ainda que “a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa – espírito e corpo, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, espiritualidade”.

A citação acima corrobora com todas as falas do quadro 16, pois cada uma delas indica que o processo de aprendizagem é algo constante, que não tem um fim em si. Muito pelo contrário. Está o tempo todo a se reinventar, pois significa um movimento que leva o indivíduo a uma transformação de si próprio e do lugar onde se encontra. É uma aprendizagem significativa que, além de envolver o aprendiz idoso, envolve também o lugar em que esse aprendiz se encontra (ROGERS, 1969).

Isso demonstra que a aprendizagem se dá em qualquer lugar, bem como em qualquer momento da vida, seja ela do aprendiz da terceira idade ou, quiçá, de qualquer indivíduo que tenha motivação e desejo para aprender.

As falas apresentadas por I-02, I-04, I-14, I-18, I-24, I-31 e I-35 apontam para uma ação consciente de suas aprendizagens, elaborando e reelaborando novas ideias, reflexões do mundo em que estão inseridos. Nesse contexto, Fazenda (2002, p. 34) afirma que: “[...] amplia a consciência humana para que possamos perceber que o futuro está embutido no presente, que o tempo é construção e que sempre haverá um espaço para a utopia, para sonhos [...] e que ainda é tempo de reencantar a educação”.

Tudo o que se aprende está relacionado ao sistema referencial da realidade. Aprende-se com a própria experiência. Indagação e sede de saber fazem parte da natureza humana. É necessário apenas acionar a capacidade de sentir para que se aprenda com satisfação. Ao aumentar a capacidade de absorver novas informações, estimula-se a percepção das relações entre um conjunto de dados e as estruturas pessoais, interiores e exteriores. Desse modo, cada fragmento de informação encontra o seu lugar adequado e amplia a integração do todo (RIBEIRO, 1997, p. 25).

Entendo que toda e qualquer realidade humana, por mais simples que pareça, tende a ser complexa por natureza e o processo educativo não foge a esse estereótipo. Pois é

necessário construir um conhecimento pautado na coletividade, ao mesmo tempo em que se aceita a aprendizagem que cada aprendiz idoso carrega consigo desde a mais tenra idade.

A fala de I-24 é muito fácil de interpretar, ao mesmo tempo em que é possível se sentir gratificado com os relatos da mesma, pois, de acordo com as narrativas da interlocutora, seus netos ficaram admirados com sua aprendizagem, os mesmos tinham como certo e líquido que os idosos não têm mais o que aprender na vida. E essa aluna faz essa constatação ir por água abaixo. Ela desconstrói tudo que se tem como algo que é verdadeiramente absoluto. Percebi que ela faz questão de dizer que “aprender é algo que não para, é um processo que acontece a todo o momento”. Seu discurso é carregado de orgulho e tem toda importância, ao mesmo tempo em que tem um significado sem igual para ela.

Por sua vez, tanto I-18 quanto I-35 fazem do ato de aprender algo holístico, o cuidar de si, contemplando o físico, o cognitivo, a saúde. Isso traz um ganho muito grande para a população da terceira idade, em especial nas narrativas das duas aprendizes, pois nos remetem à plena consciência de que somos seres plurais, que necessitamos ser cuidados como um organismo único e não apenas sermos visto como partes de um mesmo todo.

Verifica-se que o significado de aprendizagem para os discentes da terceira idade da UNISF vem indicar que os mesmos procuram preencher um vazio seja por não mais estarem engajados no dia a dia do mundo do trabalho, seja por que um dos companheiros tenha vindo a óbito ou outro motivo. O que interessa é que a construção do conhecimento tem em si uma dimensão que ultrapassa os resultados que as aulas da área de informática poderiam proporcionar inicialmente, já que, em muitos momentos, vi e ouvi relatos de que os mesmos estão conseguindo realizar atividades que, para alguns, seria impossível de realizar, ao mesmo tempo em que os familiares percebem que mudanças aconteceram em suas atitudes, bem como uma aproximação maior com o mundo tecnológico e com os mais jovens. Ou seja, a distância entre as gerações diminuiu, conforme está explicitado na fala de I-24.

O fator afetivo é muito importante para o desenvolvimento humano e para a construção do conhecimento como um todo. É por meio das relações afetivas que o aluno se desenvolve, aprende e adquire mais e novos conhecimentos que o ajudarão no seu desempenho acadêmico. Vale mencionar que o vínculo afetivo entre o docente e os discentes deve se basear na amizade, no carinho, no respeito e na solidariedade entre todos os envolvidos, pois não há aprendizagem em um ambiente sem afeto, ou seja, um ambiente hostil. Daí a necessidade de

um trabalho de conscientização do professor, no sentido de compreender a afetividade e sua importância juntamente com o diálogo para o desenvolvimento escolar e para o aprendizado do seu alunado.

A aprendizagem não se transmite por hereditariedade. É um processo pessoal porque depende do envolvimento de cada um, de seu esforço e de sua capacidade. É um processo gradual porque se aprende aos poucos e cada um tem ritmo próprio. É também um processo cumulativo, pois, em cada nova aquisição, se adiciona algo (FALCÃO, 1991).

O idoso é capaz de aprender, pois o ser humano aprende até a morte, e, como aprendiz, ele pode viver melhor participando em grupo, de sua própria aprendizagem e da construção da aprendizagem dos outros, com dignidade, autoestima elevada, autoconfiança recuperada ou afirmada na busca constante de sua completude (PEREIRA, 2018, p. 13).

Entendemos que o processo de aprendizagem se faz em todo o desenvolvimento humano, ou seja, desde o nascimento do sujeito até sua finitude. Nem tudo o que aprendemos ao longo da nossa trajetória é o aprender que trazemos da escola. Muito pelo contrário. Aprendemos muitas coisas através das nossas relações pessoais, vividas de forma individual ou coletivamente. Vamos nos moldando no caminhar da nossa própria história.

Diante disso, é possível afirmar que o ato de aprender é um processo que se faz de forma constante e que está a acontecer o tempo todo. Porém, é preciso entender que cada sujeito tem seu próprio tempo de amadurecimento e também de aprender. Drovét (1990) aponta que as diferenças individuais são de grande valia para compreender o processo de aprendizagem, já que existem sujeitos que são mais lentos para aprender, enquanto outros possuem maior rapidez para construir seu conhecimento.

Diante do acima descrito, é possível constatar que a aprendizagem é um processo que se realiza de forma individual, além de ser pessoal. É possível ainda indicar que tem um fundo genético e que fatores diversos podem influenciar nesse aprender. Como exemplo é possível citar os esquemas de ação inatos do indivíduo, da maturação do seu sistema nervoso, do grau de seu envolvimento, seu esforço e interesse, entre outros (DROVET, 1990).

Neste sentido, os alunos idosos, em suas narrativas, interpretam a questão do aprender como algo muito positivo e identificam ainda uma necessidade de estarem em consonância com o mundo moderno, que passa pelas mais diversas mudanças, inclusive na

questão tecnológica. Percebemos, de forma muito clara, que os mesmos se sentem ávidos em obter o máximo de conhecimento que puderem, já que a sociedade atual é um estado gregário que se voltou para o acúmulo de informação e que os leva a estarem preocupados com as constantes substituições que acontecem o tempo todo, e, principalmente, no que diz respeito ao uso da tecnologia.

Foi muito bom observar que o processo de aprendizagem dentro da UNISF é algo feito para um público que se vê realmente capaz de aprender, que tem sede de novidade, que deseja estar atualizado, mesmo apresentando, em alguns momentos, dificuldade de reter determinadas informações, como é explicitado pela participante I-02. O aprendiz I-03 acredita que o ato de aprender tem a ver com o afastamento de alguma demência mental.

É necessário salientar que o processo de aprendizagem realizado na terceira idade não é apenas um ato qualquer, mas, sim, indicar que se constrói conhecimento para a vida, que se está o tempo inteiro a aprender qualquer coisa, por menor que ela pareça. É importante valorizar o que cada sujeito traz consigo, pois o intuito maior de se construir uma aprendizagem significativa é saber que cada ser tem habilidade e competência para se tornar o melhor aprendiz, no intuito de desenvolver seu potencial, ao mesmo tempo em que ele possa compreender o mundo atual (CLAXTON, 2005).

Muitos mitos foram perpetuados ao longo da história da humanidade e fizeram parte do dia a dia dos idosos, como: “as pessoas mais velhas não mais conseguem aprender e jamais mudam de opinião”⁴². Porém, indo de encontro a essa assertiva, Ramos (2008) aponta que os idosos que fazem a opção pela educação, pelo ato de aprender, são vistos como transgressores e estão a quebrar as barreiras sociais que os impedem de exercer sua cidadania.

Corroborando com o acima descrito, Paiva (1985, p. 40) assevera que:

A educação constitui um processo em que cada ser humano aprende a se formar, a se informar a fim de transformar-se e transformar o seu contexto. O homem é um ser inacabado e será através da educação visto como um processo contínuo que só termina com a morte.

Pode-se constatar que os alunos da terceira idade estão a buscar um aprendizado, que tem como objetivo continuar a aprender durante toda a sua vida. É notório perceber que cada um deles tem como ponto de partida o querer saber mais, obter mais informação, que estão

⁴² Grifo do autor.

na instituição também para se manterem atualizados. Faço-me valer das palavras de José Saramago⁴³ quando diz que: “Qualquer idade é boa para aprender. Muito do que sei aprendi-o já na idade madura e, hoje, com 86 anos, continuo a aprender com o mesmo apetite”.

Interpretando a fala de Saramago, é perceptível que o escritor, poeta e ensaísta tem como ponto de partida que sua aprendizagem se deu em uma idade mais madura, na qual me permito afirmar que, após sua maturação, o entendimento da vida e de mundo se fez mais presente. Ao mesmo tempo o mesmo afirma que, apesar da idade já mais avançada, continua a aprender.

De acordo com os discursos de cada um dos entrevistados que compõem o quadro 16, mas também daqueles que, por ventura, não foram selecionados para compor o mesmo, além dos diversos relatos que ouvi dentro da instituição, foi possível identificar que o conhecimento, para a população pesquisada, é algo que tem um verdadeiro significado na sua vida, não só no que diz respeito àquilo que é novo, mas também no sentido de recordar aquele aprendizado que está adormecido e que necessita ser despertado.

Delors *et al.* (1999, p. 11) têm uma visão muito ampliada sobre o processo de educação na velhice e corrobora com a minha própria forma de pensar essa educação não apenas para a terceira idade, mas também de uma forma mais holística; o autor revela que:

Frente aos múltiplos desafios do futuro, a educação surge como um trunfo indispensável na sua construção dos ideais de paz, contínuo, tanto das pessoas como das sociedades. Não como um remédio milagroso, não como uma “abre-te sésamo” de um mundo que atingiu a realização de todos os seus ideais, mas, entre outros caminhos e para além deles, como uma via que conduza a um desenvolvimento mais harmonioso, mais autêntico, de modo a fazer recuar a pobreza, a exclusão social, as incompreensões, as opressões e as guerras.

Percebi, muitas vezes, que esses sujeitos querem se incluir dentro dessa nova realidade que os cerca, estar inseridos em um mundo globalizado, e buscam, na sua essência,

⁴³ José de Sousa Saramago, nascido em 16 de novembro de 1922 e morto a 18 de junho de 2010, aos 87 anos. Foi um escritor, argumentista, teatrólogo, ensaísta, jornalista, dramaturgo, contista, romancista e poeta português.

uma renovação do seu ser, na tentativa de serem mais reflexivos e críticos da sociedade em que estão inseridos.

Esses sujeitos estão a buscar uma educação permanente, que não se prenda à questão etária, mas que seja um processo que busque acompanhar as mais diversas e profundas transformações que estão a ocorrer não só mundo, mas também na sua vida individual, por conta das mudanças que não param de acontecer.

O que se viu ao longo desse quadro temático é que os estudantes da terceira idade estão comprometidos a adquirir novos conhecimentos, não apenas aqueles que tratam do uso da tecnologia, mas também a oportunidade de enveredar por outras informações, já que a instituição em que a pesquisa foi conduzida oferece uma gama enorme para compreender uma cultura de construção do próprio eu.

As narrativas no decorrer do trabalho se repetiram de maneira, muitas vezes, contumaz, já que cada um dos participantes se sentiu muito livre para expor suas opiniões, ideias e reflexões. Ressalte-se que essa possibilidade sempre esteve muito presente desde o primeiro momento em que comecei a pesquisa, favorecendo, assim, uma série de informações que fizeram parte do diário de bordo e que subsidiaram esse dialogar com os quadros temáticos.

Diante de tudo isso, o quadro 18 aponta as questões relativas à frequência, relações entre os aprendizes e o sentimento existente nas aulas na área de tecnologia, dentro da UNISF.

QUADRO 18 – FREQUÊNCIA, RELAÇÕES ENTRE OS APRENDIZES, SENTIMENTOS E EXPERIÊNCIAS NAS AULAS DA ÁREA DE TECNOLOGIA

I-01	Estimular a convivência com o grupo, sentir que ainda temos muito potencial humano a ser trabalhado. Que me trouxesse o estímulo para continuar ativando meu cérebro e, graças a Deus, continuo motivada. Muito feliz em poder acompanhar o desenvolvimento tecnológico. Facilitou a comunicação através da tecnologia. Antes, eu tinha dificuldades. Hoje, dei um salto de qualidade para contactar as pessoas. É muito gratificante. Gosto muito de aprender e essa experiência me enriquece.
I-02	Frequentar a Unisf é uma fonte de informações que estamos recebendo para nossos conhecimentos e para aproveitar o tempo, conhecer pessoas da nossa idade que falam dos nossos interesses na idade madura. Gostamos de tudo – por exemplo, falamos em ficar mais bonitas – de roupas – famílias – comidas e, sobretudo, das pessoas que gostamos. O amor, conhecimento, é gostoso quando estamos juntas ou juntos. Conclusão: a Unisf é um bem para a terceira idade. Nós precisamos ficar a par do uso da tecnologia e a Unisf nos ajuda a ficarmos atualizadas com as inovações do nosso país e do mundo. Claro que meu relacionamento mudou depois que entrei na Unisf. Aumentaram os amigos, aumentei meus conhecimentos e até já melhorei meu físico com Pilates e R.P.G (Reeducação Postural Geral), que também faço na Unisf.

I-05	<p>Um recinto que nos deixa relaxado, pois convivemos com pessoas de nossa faixa etária, com as mesmas dificuldades físicas e intelectuais. Tinha a ideia de que era um lugar antiquado, ultrapassado... Me sinto feliz e estimulada a aprender; vejo que a didática empregada é adequada e de cunho científico. Neste curso de <i>smartphone</i>, me senti vaidosa e integrada na era da comunicação. Antes, me julgava ultrapassada, envergonhada...</p> <p>É vantajoso, pois ao ver alguém melhor do que nós, sentimos que podemos evoluir também. Se, por ventura, convivemos com pessoas aquém da nossa atividade, nos policiamos para melhorar de atitude etc... É gratificante; ao mesmo tempo um grande estímulo para nos integrarmos socialmente.</p>
I-06	<p>Sempre trabalhei os dois expedientes, então, resolvi preencher meu tempo frequentando a Unisf, pois, além de me distrair com as colegas, exercito meu raciocínio. Claro que imaginei uma escola para idosos e o melhor é que não temos obrigação de fazer provas.</p> <p>Me sinto bem como uma verdadeira aprendiz, pois sempre tem assunto diferente, inovações. O professor Ricardo usa exemplos do nosso dia a dia, ensina jogos, alerta também para os perigos que podem ocorrer etc.</p> <p>Conhecemos outras pessoas, temos novos amigos, já podemos falar com certa segurança das tecnologias, conversar com familiares que moram em outros estados através do <i>smartphone</i>, no whatsapp, youtube e outros aplicativos. É normal, pois temos problemas parecidos, como assuntos relativos a filhos, marido etc. Uma experiência ótima e o contato com os funcionários atenciosos. O aprendizado com a tecnologia.</p>
I-08	<p>Significou, para mim, uma grande oportunidade, principalmente o relacionamento com novas técnicas modernas que a ciência nos apresenta dia a dia, na nossa era. Imaginava encontrar pessoas com muita idade e manias sem nenhuma esperança e vi que estavam com fome de aprender coisas novas.</p> <p>Eu me sinto muito importante em ser apresentado às novas tecnologias, que me proporcionaram ter uma vida mais saudável.</p> <p>Alguma coisa mudou, como o relacionamento com as pessoas com quem convivo e ao mesmo tempo me sinto uma pessoa mais humana e procurando coisas que tenham utilidade nessa terceira idade. Às vezes, a convivência ficava difícil, pois alguns deles tinham hábitos estranhos, mas, com o tempo, a convivência torna-se até agradável.</p> <p>O aprender traz muita expectativa. Traz muitas recordações boas, vivenciadas em épocas em que a responsabilidade de cumprir tarefas era importante e, agora, ao aprender técnicas novas, sinto que a vida continua.</p>
I-11	<p>Participar ativamente dos programas oferecidos pela Unisf. Pensei que aqui fosse um ambiente somente para intelectuais. Me sinto aqui como se fosse uma adolescente. Me relaciono bastante com meus colegas. É como se fosse uma turma de adolescentes. Uma experiência saudável. Me sinto mais jovem. (sic)</p>
I-16	<p>É o momento que tenho para mostrar interesse em aprender para, efetivamente, realizar o meu desejo de aprender e ficar apto ao tomar conhecimento de novidades e inovações.</p> <p>Antes, eu pensava que a Universidade Sem Fronteira era uma escola que promovia somente atividades para a terceira idade.</p> <p>Eu me sinto muito à vontade, pude comprovar que é bastante presente o uso de tecnologia nos ensinamentos da universidade. Eu me sinto um garoto com todo esse processo todo de aprendizagem. É uma descoberta atrás da outra.</p> <p>Minhas relações mudaram muito. Atualmente, eu me comunico facilmente através do que aprendi pelo <i>smartphone</i> e com mais frequência. É muito bom porque todos que formam as turmas são sempre os mesmos alunos, são ex-funcionários da Coelce.</p> <p>É uma experiência muito bacana na minha vida porque nunca esperei que surgisse uma oportunidade dessa.</p>
I-18	<p>A Unisf estimula as pessoas a saírem de sua zona de conforto, nos dá oportunidade de adquirir novos conhecimentos, fazer novas amizades, participar de eventos culturais, viajar, dançar e curtir a vida em sua plenitude.</p> <p>Imaginava que a Unisf tivesse preocupação apenas em ocupar o idoso através de cursos. As aulas de informática me ajudaram a conhecer o mundo digital, aperfeiçoar nas comunicações, enviar e-mail, realizar pesquisa digital com mais facilidade, praticar técnicas fotográficas e explorar recursos dos aplicativos WhatsApp, Facebook etc.</p> <p>Minhas relações mudaram através da construção de um relacionamento saudável, tenho feito novas amizades tanto nos cursos como no convívio social através das viagens e dos eventos promovidos pela Unisf. Não tenho nenhuma dificuldade, tenho facilidade de conviver com as pessoas independente de idade, respeitando as diferenças individuais.</p> <p>É uma nova experiência de aprendizado, sem muita exigência, tornando-nos mais autônomos e saudáveis.</p>

I-22	<p>Liberdade. Faço novas amizades, adquiro conhecimento e não tenho obrigação de fazer provas e ter notas. Eu não imaginava a Unisf assim como é. Eu cheguei, escolhi um curso, gostei da professora e fui ficando.</p> <p>Eu me sinto curiosa e admirada com tanta tecnologia. Através do curso de <i>smartphone</i> aprendi a me comunicar com parentes e amigos pelo whatsapp.</p> <p>Acho ótima essa convivência com as outras pessoas. Pensam parecido comigo. Temos muitas lembranças parecidas. Eu esqueço minha idade. Não lembro que tenho 70 anos.</p>
I-25	<p>Tem um significado especial. Você está lidando com profissionais especializados, de longa experiência no mercado. Preocupados com seus alunos em todas as áreas. O idoso é bem valorizado na Unisf. Há uma equipe voltada para os anseios dessa faixa etária.</p> <p>É um estabelecimento voltado para agregar, agrupar idosos com interesses em vários assuntos, como: informática, idiomas, exercícios de memória e atividades variadas. O que eu imaginava não ficou distante do real. A Unisf se volta para os anseios da terceira idade.</p> <p>Integrada, valorizada. Estou na terceira idade, mas tenho condições de lidar com a tecnologia de um computador, tablet, <i>smartphone</i>, sem ficar alheia a esse bem-vindo ao “mundo” do conhecimento e da informação.</p> <p>Sei que não estou “para trás”. Posso, na medida do possível, conversar e dizer o que eu quero quando entro numa loja com os vendedores. Conversar com as pessoas nas redes sociais. Transferir arquivos e não ficar esperando por alguém, como filhos ou netos.</p> <p>Posso fazer alguma coisa. Ainda tenho cérebro funcionando. Isso agrega! É social! É uma satisfação. Pessoas de 60, 70, 80 anos conversando, dando opiniões sobre compras, modelos, marcas etc. Sinto-me tão bem que não me lembro da faixa etária desses alunos.</p> <p>É como se tivesse entrado pela 1ª vez na faculdade. Resguardando-se os devidos tempos, é claro! (risos).</p> <p>Orgulhosa! Tenho um lugar onde posso perguntar sem receio de ser considerada ultrapassada. Estou com meus colegas que não viveram essa época tão avançada. Estamos praticamente no mesmo nível de conhecimento.</p>
I-31	<p>Me sinto como aluno e com muita vontade de aprender com mais profundidade sobre o uso do computador e do <i>smartphone</i>. Minha esposa já estudava na Unisf e já tinha me relatado a real situação que vivenciava. Como tenho sede de novos conhecimentos resolvi vir participar também.</p> <p>Tenho melhorado meu relacionamento através do whatsapp, principalmente com a troca de mensagens.</p> <p>É preciso ter paciência e tolerância. Sente-se que existe uma vontade muito grande de conversar. Eles têm muita experiência de vida e muita história para contar. Isso é normal nesta faixa de idade.</p> <p>Sempre gostei muito de estudar, frequentar cursos, de modo que me sinto um aluno em constante aprendizagem.</p>
I-33	<p>Frequentar a Unisf, além de atualizar conhecimentos, amplia nosso círculo de amizades. Eu não tinha nenhuma imagem da Unisf antes de começar a frequentá-la.</p> <p>Estou muito confortável por estar tentando conviver em harmonia com a modernidade.</p> <p>Minha vida mudou no sentido de ter contato com pessoas no mundo virtual e com fatos que, às vezes, só estão presentes on-line.</p> <p>Considero esta a melhor parte de se frequentar a Unisf. Vejo essa experiência de forma muito positiva, pois nos acrescenta aprendizado e amigos.</p>

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

Analisando o quadro com as falas dos participantes, verifica-se que a população da terceira idade que frequenta a UNISF se sente muito à vontade nas dependências da instituição. Existe, nessas narrativas, uma clara intenção de verbalizar o carinho que os mesmos têm para com o estabelecimento.

Muitos relembram que, por estarem afastados de sua vida laborativa, se viram impulsionados a frequentar o lugar, mesmo não sabendo do que se tratava. Alguns tinham uma visão muito preconceituosa do mesmo, como atestam os discursos de I-05 e I-08. Porém, ao perceberem o funcionamento de toda a engrenagem, mudaram de opinião e, hoje, são grandes

defensores do espaço que frequentam, isso faz uma grande diferença no processo de aprendizagem. Isso nos leva aos estudos de Vellas (1997), que propõe que as universidades abertas à terceira idade são ambientes inovadores e de inclusão, favorecendo, além da ocupação do tempo livre do aprendiz, a percepção dos sujeitos como seres com grandes possibilidades de aprender, de forma coletiva e individual.

É perceptível que, além de construírem suas aprendizagens com seus pares, os aprendizes se mostram muito felizes em trocar informações com seus colegas de sala, já que o fato de estarem juntos os leva a serem totalmente abertos.

Diante disso, me lembro de um fato muito particular que chamou minha atenção de forma muito peculiar, já que, depois, comentei o fato com outras pessoas e me indicaram que deveria ser mencionada na tese. Observei que os idosos quando estão sozinhos possuem comportamentos mais introspectivos, como ombros mais caídos, olhar mais fixado para baixo, falam de forma baixa, comportamentos físicos mais comedidos.

Por outro lado, quando estão em grupo, geralmente, falam alto, gargalham com maior frequência, são mais receptivos, possuem maneirismos físicos, gesticulando os membros superiores com mais assiduidade. Isso me fez lembrar dos comportamentos bem próximos de adolescentes quando estão reunidos. E a descrição feita por I-11 remete a essa concepção de adolescência. I-06 aponta para a grande vantagem de não existir a cobrança de notas e isso faz uma grande diferença no aprendizado, já que, pela interpretação da fala da mesma, entende-se que, por não haver um processo avaliativo, a aprendizagem se dá de forma mais tranquila, sem nenhum tipo de imposição e cobrança.

Um dos pontos altos nessa empreitada foi que, ao conversar com I-16, sua percepção de se sentir um garoto é notório. O mesmo diz que aprende muito na UNISF, suas conquistas são motivos de vitória, ao mesmo tempo em que o leva a buscar, cada vez mais, novidades na área tecnológica, algo que, para ele, é de grande importância. Sua motivação é testada por ele todos os dias, quando da sua troca de mensagens com outras pessoas, pagamentos bancários realizados por aplicativos, entre outros. Para ele, isso fez com que se comunicasse mais facilmente, ao mesmo tempo em que o levou a agarrar a oportunidade de alavancar sua própria construção de saber.

Alguns alunos se mostram bem antenados com o mundo virtual. Mesmo com o pouco conhecimento que têm, dão suporte a outros discentes que apresentam mais dificuldade

de aprender a lidar com a tecnologia. Percebe-se que a aprendizagem se dá de forma mais tranquila, já que o processo de interação que se produz em sala faz com que o ato de aprender seja mais dinâmico, no qual cada aprendiz pode participar sem nenhum tipo de constrangimento e cada um é parte importante de todo o processo. Isso é algo que ocorre em todas as turmas. Há um clima de muita camaradagem entre os pares. O que deu para compreender é que o processo de aprendizagem se dá de forma a favorecer a coletividade, é algo compartilhado por todos.

Foi possível notar que, ao longo de todo o percurso, as conversas em sala de aula sempre foram bem animadas entre todos os envolvidos – aprendizes e professores/mediadores –, vindo a facilitar o envolvimento de todos e gerando um ambiente muito afetivo, no qual os sentimentos que afloram são o de sempre colaborar para um aprendizado com significação e ao mesmo tempo coletivo. Há sempre muitas perguntas sendo feitas pelos estudantes da terceira idade, mas não existem respostas prontas e acabadas para as perguntas feitas. Muito pelo contrário, o próprio alunado é estimulado a achar uma resposta. É levado a refletir sobre o que é preciso para conquistar seu aprendizado.

Diante disso, se pode fazer a seguinte constatação: quanto mais conhecimento se acumula mais é possível entender que temos muito a aprender.

A comunidade da terceira idade indica, claramente, que a grande percepção é a de se trabalhar em conjunto, dessa forma, a aprendizagem se faz mais presente de maneira humanizada, solidária, ética e, acima de tudo, com muito respeito, no qual o intuito maior é favorecer a construção de um conhecimento reflexivo, crítico, em que a fala do aprendiz seja muito bem acolhida, que suas experiências possam ser compartilhadas por todos; lembrando que cada idoso está sempre disposto a se manifestar, o que leva o mesmo a ser um aprendiz mais participante, ao mesmo tempo em que possa se sentir incluído na sociedade.

Nesse sentido, vários participantes da pesquisa indicaram que, ao frequentarem a UNISF, seus processos de comunicação com o mundo externo, bem como virtual, causaram mudanças significativas intensas. Muitos relataram que, antes muito tímidos, se tornaram mais comunicativos. Deram-se conta de novas formas de se fazer presentes, mesmo não estando no lugar fisicamente. Conseguiram também dar saltos de qualidade no sentido de favorecerem uma série de situações que são vividas no dia a dia, como, por exemplo, ir às compras, falar com outras pessoas, se comunicarem usando aplicativos, coisa que, para muitos, era completamente inacessível, barreiras foram ultrapassadas etc. Acredito que seja um indicador muito positivo

que nos leva a crer que o uso das TIC dentro da instituição pesquisada é muito estimulado pelos professores/mediadores, em especial o P/M-01, que passa o tempo todo a favorecer um conhecimento voltado para que o aluno da terceira idade seja o protagonista dessa aprendizagem. Indico ainda que esses alunos da terceira idade já não são mais os mesmos que entraram na instituição. Todos mudaram. Ninguém ficou imune ao processo de construir o seu próprio conhecimento. Nada é estático, tudo se transforma ao longo do caminho.

No decorrer de toda a pesquisa, foi notório tomar consciência de que a imagem que a sociedade tem da velhice é que são pessoas sem nenhuma perspectiva, que estão apenas à espera de dormirem profundamente nos braços de Tânatos⁴⁴ e que não têm nada para contribuir. Porém, pude observar que isso não condiz com a realidade, já que essa população, hoje, começa a desbravar o mundo tecnológico com muito mais propriedade, levando a mesma a se reencontrar consigo mesma. Que traz em seu interior as mais diversas possibilidades. Isso se fez presente não apenas na instituição em que a pesquisa se deu, mas também em todos os outros locais onde a população idosa se faz presente no dia a dia e que passei a observar com mais atenção.

Seguindo adiante, temos, no quadro 19, uma mostra de como são as narrativas produzidas pelos idosos em relação ao processo avaliativo do trabalho realizado pelos professores/mediadores dentro da sala de aula.

QUADRO 19 – AVALIAÇÃO DO TRABALHO DOS PROFESSORES/MEDIADORES NA SALA DE AULA

I-02	Tenho gostado de todos os professores que tive na Unisf. Competentes, pacientes com nossas falhas. Preparados para esse mister de ensinar a idosos. É uma missão de paciência e educação que assume esse mister.
I-03	É dedicado e sempre procurando ensinar as novas tecnologias de informática. Com paciência de Jó. Vasto conhecimento e didática compatível com a turma.
I-04	O professor é de vital importância, principalmente pela maneira carinhosa e paciente com que trata os alunos.
I-05	Importantíssimo! Imprescindível!
I-06	Muito bom. Explica bem e nos ajuda bastante, tirando nossas dúvidas.
I-07	A dedicação do professor de informática em transmitir conhecimentos às pessoas idosas é de suma importância na aprendizagem, bem como a paciência que ele mostra ter com os mais velhos.
I-09	Excelente. O professor Ricardo é paciente, com uma didática apropriada para os alunos com nível de aprendizado mais lento. Muito bem preparado.
I-10	Um excelente comunicador e instrutor.
I-11	É um comunicador formidável, que sabe transmitir seus ensinamentos com muita facilidade.
I-12	Ótimos. São profissionais de alto conhecimento didático.
I-13	Profissionais preparados, respeitadores e cuidadosos com seus alunos.

⁴⁴Deus da morte na mitologia grega. ALMEIDA, R. M. de. **Eros e Tânatos**: a vida, a morte, o desejo. São Paulo: Loyola, 2007.

I-14	O professor desenvolveu um curso adequado, diferente dos cursos tradicionais para a terceira idade.
I-15	Ótimo. Voltado para isso, trabalhar com a terceira idade, bem como capacitado para tal.
I-16	O trabalho do professor no acompanhamento é muito presente. O assunto é feito com boa didática e sempre tem um objetivo determinado para que nós alunos tenhamos um aprendizado em conformidade com o que está estabelecido.
I-17	Ótimos. São profissionais de alto conhecimento didático.
I-18	Os professores são capacitados e tem muita habilidade com os alunos da terceira idade.
I-19	Grandes profissionais, além de nos deixar bem atentos, ainda brincamos e nos divertimos.
I-21	Excelente, pois tem me ajudado a desenvolver todas as capacidades na área de informática, principalmente o que, para mim, era praticamente impossível se desenvolver, pois tinha grande resistência na área.
I-22	O professor é excelente. Tem muita didática e interage muito bem com a turma.
I-23	Didática excelente e interage com os alunos.
I-24	O professor Ricardo, juntamente com o professor Wilson, conseguem trabalhar de forma muito boa dentro da sala. <u>Explicam tudo muito bem direitinho. Ele tem muita paciência com a gente.</u>
I-25	Excelente! Paciência, controle emocional e didática são atribuições fundamentais para um professor que se dispõe a ensinar para a terceira idade. Entender que ele vai precisar repetir várias vezes o mesmo assunto para alguns. Um bom exemplo é o nosso professor Ricardo e os que substituem ele. Têm demonstrado esses valores,
I-28	O perfil do professor é excelente, tranquilo, atencioso, tem uma ética exemplar e é amigo da turma.
I-29	O professor, no caso, é alguém altamente qualificado.
I-30	Muito bom. São pessoas especializadas e acostumadas a viver com a terceira idade.
I-31	Excelente a ideia de colocar na sala de aula um professor e um auxiliar. Não há condições do professor atender todos em um só tempo, e o auxiliar complementa as funções do professor titular.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

O processo de avaliação deve ser visto com o maior cuidado possível, para que possa evitar algum tipo de erro ou equívoco, no intuito de proporcionar uma apreciação de forma crítica e mais reflexiva, principalmente no que diz respeito ao avaliar pessoas, já que, ao se avaliar seres humanos e sua forma de desenvolver determinado tipo de trabalho, é necessário levar em conta quem está avaliando, por que estão inseridos nesse processo informações pessoais, como: empatia para com quem está sendo avaliado, momento de vida, entre outros.

O processo de avaliação está relacionado à própria importância e concepção de fazer educação. Nesse sentido, Luckesi (1997, p. 174) admite que “a avaliação, [...], apresenta-se como meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesmo como sujeito existencial e como cidadão”.

Dialogando com a citação, o processo avaliativo tem de se envolver ao longo de toda a ação continuada do ensino e da aprendizagem, exigindo assim um maior comportamento não só docente, mas também um envolvimento mais preciso por parte do alunado idoso, já que o intuito é o de contribuir para uma construção e compreensão por meio da razão do seu próprio conhecimento.

Ao se avaliar o trabalho de alguém, em especial, aqui, os professores/mediadores, os aprendizes da terceira idade, por mais que tentem ser imparciais nas suas apreciações, trazem nas suas narrativas uma afetividade muito grande. Existe um processo de confiança muito grande envolvido dentro do processo de aprendizagem na UNISF e isso nos mostra o quão benéfica é essa aproximação entre discentes e docentes.

Ao longo da pesquisa, foi possível verificar que, nas diversas conversas entre o pesquisador e os discentes, os mesmos afirmaram, em muitas das ocasiões, que, mesmo não tendo uma avaliação como ocorre em ambientes formais, eles entendem que os professores/mediadores necessitam de algum parâmetro para poderem saber se os alunos estão ou não aprendendo.

Porém, fica bastante claro que esses discentes acreditam que, ao recapitular a aula que foi ministrada anteriormente, os docentes estão a realizar suas análises de como está o andamento do ato de aprender das turmas.

Novamente, recorro aos escritos de Luckesi (1997, p. 175), que nos remete para uma prática de amor ao se avaliar:

A avaliação [...] é um ato amoroso, na medida em que inclui o educando no seu curso de aprendizagem, cada vez com qualidade mais satisfatória, assim como na medida em que o inclui entre os bem-sucedidos, devido ao fato de que esse processo de ensino-aprendizagem (o sucesso não vem de graça). A construção, para efetivamente ser construção, necessita incluir, seja do ponto de vista individual, integrando a aprendizagem e o desenvolvimento do educando, seja do ponto de vista coletivo, integrando o educando num grupo de iguais, o todo da sociedade.

Ao avaliar os profissionais da educação, devemos nos despir das subjetividades e sermos realmente práticos no ato de avaliar, levando em consideração apenas detalhes meramente técnicos e educacionais. Tentar de todas as formas realizar uma avaliação justa e imparcial para um melhor andamento do processo de ensino e de aprendizagem.

Diante do fato acima, é preciso, realmente, saber o que, como e para que serve um processo em que se avalia os professores/mediadores, já que é necessário estar preparado para lidar com estimativas o tempo todo, pois habitamos um mundo em que o ato de analisar faz parte do dia a dia de cada um de nós.

Piaget (1987, p. 55) assevera que “o conhecimento se constrói essencialmente na interação do sujeito com o objeto”.

Nessa visão, entendemos que a atividade hoje planejada pelo professor não é mais o ponto de partida. O sujeito idoso tem sua própria história e sua percepção de um objeto ou situação, que serão ressignificados ao longo da sua história de vida. Não se tem mais a figura do professor como o centro do processo de aprendizagem, a prática pedagógica será basicamente relacional, levando o docente a ser um problematizador da ação conhecedora do alunado da terceira idade. O que exigirá desse educador conhecer as mais diversas tentativas, limites e possibilidades, planejando uma ação pedagógica a partir das suas observações e reflexões.

Sabe-se que é de suma importância sempre avaliar não apenas os professores/mediadores, mas também as instituições e, quiçá, até mesmo as práticas pedagógicas apresentadas pelos docentes, para que seja possível, quando da não efetivação dessas práticas, ser solicitado a esses mestres que possam rever suas ações, tentando, assim, uma proposta educativa reflexiva, solidária e crítica, e buscando, dessa forma, um fazer pedagógico bem avaliado, no qual se busca destinar um ensino e uma aprendizagem a que se propõem.

Diante de tudo, a avaliação assume um papel de compromisso, que envolve o respeito e um comprometimento dos mestres para com os educandos da terceira idade, assumindo uma prática pedagógica que gera uma mudança na ação educativa e que se faz presente nas narrativas dos aprendizes pesquisados e nas demonstrações de carinho, no bem falar sobre os docentes que fazem parte da UNISF; em especial o P/M-01, que é tido, por unanimidade, como um profissional que realmente faz a diferença em sua prática educativa, de forma tão bem avaliada pelos alunos, já que o mesmo encontra-se há muito tempo na instituição.

Os aprendizes participantes da pesquisa relataram que o P/M-01 é um professor/mediador que realmente faz a diferença na visão dos estudantes, já que as palavras mais usuais encontradas nas falas dos discentes é a de que esse docente age com muita educação, tranquilidade, simpatia, consegue se colocar no lugar do outro, usando de toda a empatia que lhe é familiar, coisa que pude presenciar ao longo da minha estadia na instituição e que está relatado no diário de bordo. Outras palavras que também tiveram grande recorrência foram paciência, controle emocional, atencioso, amigo da turma, entre outras em menores proporções.

Vale ressaltar que alguns participantes da pesquisa indicaram um processo avaliativo, inserindo no contexto outros profissionais que atuam como professores/mediadores que se encontram na UNISF, já que muitos dos aprendizes da terceira idade frequentam mais de um curso na instituição. Levando em consideração esses pontos, o que ficou muito presente, para mim, é que os professores/mediadores que lá atuam são muito bem preparados para lidarem com o público em questão, já que, além de facilitarem a aprendizagem dos alunos, conseguem estimulá-los a se fazerem mais presentes no dia em que ocorre o curso, colaborando para uma aprendizagem mais participativa e significativa.

A avaliação conduz os discentes a perceberem os seus aprendizados, sem a qual se torna impossível a tentativa de sanar suas dificuldades, permitindo, assim, a retomada e a recondução da aprendizagem. De nada adianta somente o professor perceber as dificuldades ou o que os alunos aprenderam. Os estudantes, como sujeitos do processo de avaliação, devem ter consciência e reconhecer suas dificuldades, erros e acertos, bem como trocar informações com o docente, para que, em conjunto, consigam então retornar ao aprendizado.

A avaliação pode ser útil para orientar tanto o alunado como o professor: fornece informações aos estudantes para melhorar sua atuação e dá elementos ao mestre para aperfeiçoar seus procedimentos didáticos. A avaliação deve ser um processo contínuo e progressivo, que subsidie o replanejamento por meio de uma análise da situação vivenciada.

Seria importante lembrar que a mudança de mentalidade se dá pela mudança da prática. Se o discurso resolvesse, não teríamos mais problemas com a avaliação, pois qual o professor não sabe que “a avaliação é um processo contínuo que visa um diagnóstico [...] ou ainda, que já não disse “n” vezes para seus alunos que “o importante não é a nota, mas sim a aprendizagem [...]” (VASCONCELOS, 1995, p. 51).

Independente da modalidade de avaliação que se possa estar desenvolvendo, transparece a figura do docente mediador, próximo, atento, perguntando, acompanhando, substituindo o conceito de avaliação como controle pelo de avaliação como diálogo reflexivo, de ajuda e de compreensão. O conteúdo desse diálogo trata de resultados e de caminhos percorridos, de dificuldades encontradas e de tomada de decisões.

Isso demonstra que quanto maior é a participação do alunado no processo educacional mais facilmente será a aprendizagem, já que os mesmos poderão sempre participar de forma crítica e reflexiva, para dialogar com os diversos docentes que fazem parte do

estabelecimento, na busca de construir um conhecimento em que todos possam realmente dialogar, de forma coletiva. Acredito que é por isso que as respostas para o processo avaliativo do conhecimento, desempenho e tratamento dentro da sala de aula pelos mestres seja visto de forma muito positiva, o que me faz indicar que tudo isso tem a ver também com a questão de que não existe nenhum tipo de cobrança para que esse público da terceira idade aprenda. Muito pelo contrário, é dado a ele a possibilidade de aprender de acordo com o seu jeito, sua forma e maneira de fazer as coisas, e isso se traduz de forma lúdica no aprender das turmas pesquisadas, o que ficou bastante notório nas minhas diversas visitas e observações.

O quadro 20 traz os diversos relatos que foram selecionados, por serem mais contundentes sobre o que é voltar a estudar para esses discentes idosos e suas principais características.

QUADRO 20 – SIGNIFICADO DE VOLTAR A ESTUDAR NA TERCEIRA IDADE

I-02	Voltar a estudar rejuvenesce, abre caminhos, ajuda os neurônios e dá alegria.
I-04	Voltar a estudar é viver com dignidade novas experiências e acreditar que a vida vale a pena.
I-05	Um renascimento. Uma maneira de sairmos da ociosidade; às vezes, das depressões circunstanciais...
I-06	É uma experiência agradável, me sinto até jovem, pois esse estudo não é obrigatório em busca de um diploma, como antes. Somos livres para acompanhar a tecnologia.
I-07	Sempre estou ocupando o meu tempo nos estudos. Durante a minha trajetória de vida como professora, busquei estudos que me faziam falta. Ainda hoje, estudo gerontologia para conhecer os meus direitos e deveres, finalizarei em janeiro.
I-08	Significa muito, pois tive a oportunidade de conhecer outras pessoas e de me atualizar com novas técnicas, pois, antigamente, eram mais difíceis essas atualizações.
I-10	Me sinto um garoto, com muita alegria.
I-11	Significa voltar aos meus tempos de criança.
I-13	Nunca deixei de estudar, me formei com 45 anos, sempre fiz cursos e agora estou aqui.
I-14	Significa integração entre gerações e método de ensino adequado para a terceira idade.
I-15	Uma renovação. Um estímulo para viver melhor.
I-16	É muito bom e estou satisfeito porque mantenho uma aproximação com as tecnologias e também com as inovações que sempre ocorrem.
I-18	Na realidade, eu nunca deixei de estudar, logo que me aposentei ingressei no curso de informática. E sempre gostei de adquirir novos conhecimentos.
I-21	Sinto que essa geração, ao trazer escolas como essa, perceberam que não somos apenas pessoas que estão aposentadas e sem maiores necessidades. Ao estudar, sinto que desenvolvo todas as capacidades, como qualquer outra pessoa, em qualquer fase da vida.
I-22	Eu nunca parei de estudar. Estou sempre lendo e aprendendo coisas novas.
I-23	Não é novidade, sempre estou fazendo cursos.
I-24	Para mim, tem muito significado, pois, agora, consigo acompanhar os meus netos e o que eles estão fazendo.
I-25	Necessário! Inclusão nesses tempos ultramodernos. Bom seria se os idosos pudessem voltar a estudar. Também independência! Fazer o cérebro funcionar. Se sentir útil, valorizada! Respeito! Eu estudo o que a grande maioria já domina. Quem sabe eu não chego lá!
I-28	No momento, sinto-me privilegiada.
I-30	Sinto-me jovem novamente. Sempre aprendendo.
I-31	Nunca parei de estudar, de modo que, para mim, é uma continuidade de meus estudos.

I-34	Eu nunca deixei de estudar, sempre gostei muito de aprender coisas novas, fiz cursos de línguas, como francês na Aliança Francesa e inglês no IBEU. Também fiz um curso de pós-graduação em matemática pura e aplicada, que é a minha graduação universitária.
I-35	Uma coisa maravilhosa. Parece que voltamos a ser adolescentes novamente. Principalmente quando alguns professores nos chamam de meninas. Vamos meninas (risos).

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

Conforme o que ficou percebido nas narrativas colhidas, o ato de voltar a estudar tem a ver com a questão de rejuvenescimento, do ato de renascer, de se sentir vivo, podendo, assim, aprender cada vez mais. Implica afirmar que todo o conhecimento que é aprendido ao longo da vida é válido e que nunca é tarde para se aprender.

Entendo que as falas produzidas pelos idosos aprendizes têm muito a ver com uma educação que se faz emancipatória, que traz consigo uma ação libertadora, levando-os a se tornarem mais conscientes de si, mais humanizados e livres. Nesse sentido, Streck, Redin & Zitzoski (2010, p. 13-4) apontam para a seguinte informação:

[...] a educação é [processo] dialógico-dialético, porque é uma relação entre educando, educador e o mundo, no círculo de cultura [...] é ainda práxis, isto é uma profunda interação necessária entre prática e teoria, nesta ordem [...] a prática precede e se constitui como princípio fundante ad teoria. Esta, por sua vez, dialeticamente, dá novo sentido à prática, especialmente se for uma teoria crítica, ou seja, resultante de uma leitura consciente do mundo e de suas relações naturais e sociais.

É necessário entender que o processo de voltar a estudar dos alunos da terceira idade deve ser entendido de forma que contemple um processo contínuo, dinâmico, ao mesmo tempo que se faça voltado para a emancipação desse sujeito, no qual o diálogo esteja presente a todo instante, no intuito de construir e reconstruir relações em que todos os indivíduos possam ter voz, participando ativamente da construção da aprendizagem.

Percebi, ao longo da investigação, que nos relatos produzidos pelos entrevistados a ideia de aprender sempre esteve presente dentro de cada um que resolveu voltar a estudar. Mesmo tendo dado por finalizada sua jornada laborativa, não se importaram, em nenhum momento, com suas limitações e nem tão pouco se limitaram a impor um limite na sua aprendizagem por serem mais maduros, muito pelo contrário, se deixaram levar pela possibilidade de que é possível aprender. Ou seja, não deram nenhuma desculpa fajuta para limitar suas potencialidades. Se isso viesse a acontecer com essa população pesquisada, poderíamos afirmar que quem sairia perdendo seria ela, já que deixou de aprender, ao mesmo tempo em que a sociedade perde alguém que tem muito a contribuir, com suas ideias, opiniões e conhecimentos.

Não é à toa que os relatos produzidos pelos pesquisados nos mostra, claramente, que o ato de voltar a estudar é se sentir verdadeiramente útil, que revigora o seu viver, que possibilita mostrar a todos, em especial à família, que ele ou ela estão vivos, que podem muito bem aprender, apesar da idade já tão avançada, apesar das limitações impostas pelo físico, pelo cognitivo, bem como pela sociedade, que vê o velho como algo que não aparece como consumidor.

Os idosos, assim como qualquer ser humano devem estar sempre em constante evolução, ou seja, exercer plenamente uma atividade, em que se possam manter na ativa, no sentido de se sentirem amplamente capazes de aprenderem aquilo que desejam e que ao mesmo tempo seja algo transformador na sua vida.

É necessário que, ao voltar a estudar, o idoso tenha em mente que a aprendizagem é possível em qualquer idade. Porém, não é só ele que tem de entender isso. Vale também para a própria sociedade. Freire (1993, p. 16) aponta que:

[...] crianças e adultos se envolvem em processos educativos de alfabetização com palavras pertencentes à sua experiência profissional, palavras grávidas de mundo. [...] Isso significa ser o ser humano, enquanto histórico, um ser finito, limitado, inconcluso, mas consciente de sua inconclusão. Por isso, um ser ininterruptamente em busca, naturalmente em processo.

O autor da citação acima nos mostra que o mundo está sempre em plena transformação e que a educação tem de acompanhar essa constante mudança. É preciso perceber que, ao voltar a estudar, a população da terceira idade nos faz ver que o ato de aprender é algo que vai além do processo comum de estudo da infância, adolescência e juventude, ele se estende ao longo de toda vida. É ver que o aprendiz idoso que deseja voltar aos bancos escolares deve ser estimulado a se fazer presente, levando-o a se ver como um protagonista do processo educacional.

Um bom exemplo de que a volta aos estudos favorece os idosos se faz presente nos escritos de Sena (2013, p. 58), que assevera:

[...] conscientizar sobre as alterações cognitivas que podem surgir com o envelhecimento, melhorar a atenção e concentração; trabalhar a criatividade e a expressão verbal (oral e escrita) e não verbal (comunicação de sentimentos e emoções); promover a socialização; trabalhar aspectos relacionados à saúde; melhorar a autoestima a partir do resgate de histórias individuais e coletivas e estimular a adoção de estratégias de estímulo e cognição.

Dialogando com a citação de Sena (2013), percebe-se que é necessário trabalhar a cognição dos idosos, levando os mesmos a se apropriarem do seu processo de envelhecimento, considerando, ao longo de tudo, suas histórias, suas percepções, sua própria biografia.

Interpreto aqui que as falas da população pesquisada se dão de forma a querer se atualizar, renovar os seus conhecimentos, estar inseridos em uma sociedade onde a máxima é obter o máximo de conhecimento possível; isso faz com que a mesma se sinta compelida a querer voltar a estudar. O intuito é aprender.

Muitas vezes, as pessoas são forçadas a abandonar sua aprendizagem no meio da vida e, quando percebem que podem retomar esse abandono, se agarram com força e vontade para voltarem aos meios acadêmicos. Na maioria das vezes, esse retorno é visto como algo prazeroso, já que é possível resgatar seus sonhos, que foram deixados de lado para dar lugar a outras atividades que, de certa forma, foram escolhidas em função de tempo, dinheiro, maternidade, entre outros, deixando o estudo como uma opção que podia ser relegada a um plano qualquer.

É preciso fazer dessa volta ao estudo algo que seja muito alegre, que realmente a população que faz parte da terceira idade se sinta capaz de querer aprender, que deseje fazer algo transformador, que, ao ouvir suas próprias histórias, seu relato seja a peça chave para um processo de mudança, buscando, assim, produzir conhecimento como algo que tenha significado essa sua volta ao ato de estudar.

Percebi que o desejo de construir seu próprio conhecimento sempre esteve presente durante toda a vida da população pesquisada, como é possível concluir através das falas dos mesmos. Mesmo sabendo de suas limitações físicas, da consciência que a idade lhes impõe, eles querem aproveitar cada momento de vida, realizando as mais diversas atividades, projetos que, muitas vezes, foram dando lugar a outras realizações e deixados para trás. O que se busca, então, é uma velhice mais saudável, mais feliz.

O ato de estudar tem um significado muito grande para I-05, I-07, I-10, I-11, I-13 e I-25, que se sentem como desbravadores, que buscam o tempo todo um algo a mais. Estudar não é nenhum fardo, muito pelo contrário. É algo comemorado, que tem a ver com felicidade, que está inserido em cada um, é o aprender sem a questão da imposição de ser avaliado, é apenas o aprender de forma tranquila e lúdica. Sonham em construir seus saberes cada vez mais, já que

se sentem como crianças, como é o caso I-02, I-10 e I-11. Para corroborar com a importância de sonhar, Freire (2001, p. 13) afirma que:

Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma boa conotação da forma histórico-social de estar no mundo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história se acha em permanente processo de tornar-se [...] não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança [...].

O ato de sonhar faz parte da natureza humana e nos impulsiona a viver. Os sonhos, independentemente de suas idades, são sempre necessários. Eles nos motivam a realizar nossos desejos. E a terceira idade também continua a ter seus sonhos, buscando sempre um objetivo na vida, para poder garantir não apenas a realização do seu sonho, mas também poder se sentir vivo, garantindo, dessa forma, uma maneira de viver.

Vejo que é de fundamental importância uma mudança de pensamento e de postura de toda a sociedade, quando encontra os idosos inseridos nos meios acadêmicos, pois são sujeitos que continuam o tempo todo seu processo de aprendizagem. E, nesse sentido, é necessário garantir a eles uma educação de qualidade, que seja adequada a um público muito específico, como é o da terceira idade.

Em seguida, apresento o quadro 21, que aborda o tema sobre o que a população da terceira idade da UNISF tem aprendido até o presente momento com o uso das TIC na sua vida, e a forma como a ela faz uso das mesmas.

QUADRO 21 – O QUE SE TEM APRENDIDO ATÉ O PRESENTE MOMENTO ATRAVÉS DO USO DAS TIC E A FORMA DE COMO ELA FAZ USO DAS MESMAS

I-01	Comecei a partilhar coisas que antes tinha dificuldade e até ensinar para amigas jovens que eu imaginava já dominar toda a tecnologia. Tem ajudado muito na comunicação com os familiares. Através do whatsapp, onde troco mensagens com meus familiares e pessoas amigas. Também pesquisa de endereços através de mapas.
I-03	Maior facilidade em comunicação. Resolução de problemas com o auxílio do computador e do <i>smartphone</i> . Mudou muito. Pesquisas, lazer, notícias, músicas e comunicação.
I-04	É difícil imaginar o quanto me fez bem. O que tenho aprendido não tem preço. Claro que mudou, hoje tenho segurança de me comunicar com amigos, através de e-mails e whatsapp e fazer meus pagamentos pela Internet. Acho isso uma evolução. Uso para muitas coisas, uso o banco para pagamentos, verificar extratos e outros. Gosto de jogar, pois é um ótimo relaxante.
I-05	Todo aprendizado é gratificante. No meu caso: telecomunicação através do <i>smartphone</i> , é por demais estimulante. Aprendemos coisas úteis e que jamais seriam adquiridas fora do curso. Pois é assunto inovador e requer professor de conhecimento especializado.

	Interação com familiares e amigos através do “zap”. Sendo um facilitador e economizador de tempo. Tem a parte recreativa, necessária em alguns momentos (TOM falante). Vejo também pesquisa no Google (palavras, assuntos diversos). O uso da fotografia é outra coisa gratificante e necessária...
I-06	Mudou para melhor. Sim, muito. Porque me distraio com jogos, às vezes digito, pesquiso no Wikipédia, Youtube etc. Vou vivendo o meu presente, procurando aplicar o que já aprendi. Também sempre tenho um livro ao meu alcance para lê-lo nas horas vagas, e o meu futuro só Deus sabe. Ouvir música. Estou sempre em contato com a família toda, mesmo os que moram em outros estados através do whatsapp, até saber do evangelho do dia você pesquisa no Google.
I-07	Tudo que aprendi até o momento trouxe grandes descobertas. Com certeza. Devemos ter em mente que as tecnologias surgiram para melhorar o dia a dia das pessoas, mas não podemos nos enganar, pois é faca de dois gumes. Vai depender de quem as utiliza. Atualmente, utilizo para os meus trabalhos de pós-graduação, bancos etc.
I-08	Claro, foi de grande valia, pois já posso me relacionar com outras pessoas em outros idiomas e operar computadores, impressoras e principalmente <i>smartphones</i> . Como mudou, pois já me sinto mais seguro quando opero as máquinas modernas que usam (TIC). Uso TIC para me comunicar com meus familiares aqui no Brasil e no exterior, para me deslocar, chamar um táxi, baixar apps, fazer exame para saber como está minha saúde.
I-09	Passsei a lidar com coisas que tinha vontade de saber e não sabia. Porque, hoje em dia, quem não está por dentro da tecnologia fica muito difícil de viver. Conversar com amigos, tirar fotos, pesquisar...
I-10	Até o presente momento, o que tenho aprendido é de muito valor porque não sou mais alheio à tecnologia. Mudou completamente. Hoje, tenho noção da tecnologia e sei me comunicar com as pessoas. Através do celular e do computador.
I-11	Tem sido de grande valia porque estou me libertando de todas aquelas a quem eu procurava ajuda. Mudou muito porque deixei de ter receio das coisas que eu não sabia e, agora, eu sei fazê-las sozinha. Usando as redes sociais.
I-12	Os conhecimentos ministrados nos cursos. O aprendizado é sempre útil. Tudo mudou na comunicação, elaboração de tarefas e resoluções de atividades do dia a dia.
I-13	Trabalhar com mais conhecimento no computador de mesa, TV, <i>smartphone</i> , tablet e notebook são de grande valia na vida moderna. Em alguns aspectos sim. De toda forma possível, pagamentos, impressão de documentos, atualizações de informações, troca de conversas etc. É um campo vasto pra quem gosta.
I-14	Aprendi a utilizar o <i>smartphone</i> para ligações, facebook, “zapzap” e também computador, Internet, jogos, música etc. Com certeza, atualmente, utilizo muito o <i>smartphone</i> , o que facilita a nossa vida.
I-15	Usar melhor o <i>smartphone</i> , que me leva a comunicar-me com o mundo, bem como o uso dos aplicativos, que facilitam a perder menos tempo. Sim, para melhor. Comunicação ampliada do whatsapp. O google para pesquisa; youtube.
I-16	A utilizar um <i>smartphone</i> , iphone e computador de mesa. Meus conhecimentos em relação aos equipamentos citados foram maiores e pude assim desenvolver vários trabalhos. Mudou bastante. Hoje, utilizo os equipamentos sozinho e faço quase tudo pelo telefone, me comunicando e fornecendo informações. Utilizando o <i>smartphone</i> e o computador, que facilitam as minhas necessidades do dia a dia.
I-17	Os conhecimentos ministrados nos cursos. O aprendizado é sempre útil. Mudou a minha comunicação, elaboração de tarefas e resoluções de atividades do dia a dia.
I-18	Fiz todos os cursos de informática desde o início oferecidos pela Unisf em convênio com a Faelce, que me ajudaram muito no mundo virtual, hoje, praticamente, sou independente para resolver meus problemas pessoais via Internet. Consideravelmente, estes recursos tem facilitado minha vida. Faço uso do que aprendi: digito textos, e-mail, tiro cópias de documentos, planilha etc.
I-19	Vários benefícios, que nos faz ficar de bem com o nosso dia a dia. Notícias, pesquisas e convivência com pessoas da mesma faixa de idade. Mudou muito e para melhor! Além das aulas, as notícias, os eventos, agendamentos, fotos, jogos etc.
I-21	Excelente, pois tem me ajudado a desenvolver todas as capacidades na área de informática, principalmente que, para mim, era praticamente impossível me desenvolver, pois tinha grande resistência na área. Hoje, as TIC me ajudam em várias áreas da vida, desde uma receita de bolo até o desenvolvimento mental próprio da minha idade, com jogos apropriados.
I-22	Estou aprendendo a utilizar o celular. Me sinto atualizada sim. Porque agora não sou mais uma analfabeta digital.

	Enviando fotos e mensagens para a família e pessoas do meu círculo de amizades. E buscando informações no Google.
I-23	Sim. Porque fiquei independente no uso do <i>smartphone</i> . Tenho segurança em manusear o celular. Comunicar com as pessoas.
I-24	Minha vida mudou bastante. Consigo estar atualizada, ao mesmo tempo em que aprendendo coisas novas. Sim. Hoje, sei mexer na tecnologia. Acesso às redes sócias. Uso do whatsapp.
I-25	Falo da informática: comecei com as aulas de informática no computador, depois tablet e com a abrangência do <i>smartphone</i> este tem sido de grande valia. Quem consegue ficar sem um celular? É primordial saber mexer, utilizar, pelo menos o básico. É muito importante a pessoa da terceira idade ter seu celular e mostrar que ele ou ela também é capaz de manuseá-lo. Mudou a vida de todo o mundo. É extremamente necessário. É comunicação. É segurança! E o idoso não poderia ficar de fora. Alheio! Em quase todas as áreas possíveis, como o laptop, tablet, <i>smartphone</i> . Procuo fazer tudo sozinha e, quando tenho dúvidas, recorro aos professores, as pessoas de casa. Consulto também o Google. Não há que ter temores. Se tiver, não vai evoluir, crescer, e o mundo não vai esperar. Aliás, ele não espera por ninguém.
I-27	Tudo mudou na minha vida. Hoje, eu posso me comunicar com as pessoas. Posso resolver algumas coisas sem nem sair de casa. Tudo ficou mais fácil. Ao mesmo tempo em que eu posso procurar diversos assuntos e, num toque, tudo vem com mais facilidade. A vida ficou mais rápida e sem me cansar. Olha que coisa boa.
I-28	Já aprendi novos conceitos do uso da tecnologia (TIC), sei manusear com mais confiança o que aprendi. Estou mais segura, pretendo melhorar até o final do curso. Descobrimos cada dia uma novidade.
I-30	Além de ter amadurecido cronologicamente, também emocionalmente. Aprendi a dar valor a essa idade, mesmo com relutância, pois bom mesmo seria ser jovem com o conhecimento e experiência que vamos conquistando. Mudei em vários sentidos. É bom porque, diferentemente do jovem, sabemos separar o útil do prejudicial. Para me divertir com jogos, através de sites de informação, notícias. Procurar conhecimento sobre algo que não sei.
I-31	Tem sido de grande valia para mim, pois aprendi a pesquisar com mais maestria no computador e no <i>smartphone</i> , como também melhorei meu nível de relacionamento com as pessoas. No dia a dia uso as TIC pesquisando um universo de informações, aprofundamento de algumas matérias, envio e leitura de mensagens, uso de agenda, despertador, tradução de textos etc. Não mudou minha vida, mas melhorou, em muito, minha habilidade no uso das TIC.
I-32	De grande valia a minha independência tecnológica. Tudo mudou para melhor. Estou mais independente. Sei como navegar e procurar aquilo que eu quero. Leio notícias, uso as redes sociais, principalmente o whatsapp. Consigo me comunicar com amigos e familiares.
I-33	Tenho aprendido coisas de muita valia, pois sabemos que a informação comanda o mundo moderno. Sim, pois me inseriu no mundo virtual. Através de leitura ou mesmo do contato com amigos e parentes.
I-34	Todos os cursos são muito bons, servem de suporte para acompanharmos o que está acontecendo no mundo. O uso das TIC deu-me mais segurança para o desempenho de todas as minhas atividades. Comunico-me com familiares e amigos em outro estado e no exterior. Faço pesquisas, tiro dúvidas em assuntos variados. Faço viagens virtuais por todos os lugares do mundo.
I-35	Nada é difícil e impossível. Basta um pouco de boa vontade e paciência que tudo se consegue. Mudou sim. Tudo se tornou mais rápido e fácil. Comunicação com os amigos, informações necessárias no dia a dia, pagamentos, saldos bancários, transferências bancárias, notícias, uso de pendrive, músicas, revendo fotos, assistindo filmes, facebook, youtube, instagram, fazendo cartões comemorativos etc.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

Nas narrativas produzidas pelos participantes da pesquisa, fica evidente que os mesmos aprenderam muito ao longo da sua permanência na instituição. Houve muitos relatos indicando que o processo de aprendizagem trouxe consigo uma melhora muito grande na qualidade de vida dos envolvidos, produzindo um grande ganho para todos os alunos, pois,

além de favorecer ao aprendizado, oportunizou aos discentes tomarem conhecimento de novas ferramentas, que ajudaram a desenvolver as capacidades da população idosa que está a frequentar a UNISF.

Outro dado que também chama a atenção é o fato de que o processo de comunicação se faz bem mais presente no dia a dia de todos os envolvidos, haja vista que, com o uso do telemóvel (celular) como instrumento para alavancar a aprendizagem, o mesmo trouxe consigo uma nova forma de comunicar-se com mais facilidade; ao mesmo tempo em que possibilitou ganhos consideráveis no que diz respeito a uma independência e um navegar no mundo virtual sem a necessidade de ter o tempo inteiro alguém do seu lado, lhe direcionando para onde deve ir, o que fazer, como fazer e por que fazer, já que, ao se tornarem mais autônomos, os mesmos podem escolher, de forma mais livre, aquilo que desejam aprender.

As falas dos idosos carregam consigo bastante positividade e trazem em si o fato de que o que foi aprendido desde o primeiro momento em que entraram no estabelecimento é algo que não tem preço, conforme relato de I-04.

Todas as descrições dos entrevistados apontam para um aproveitamento, por menor que seja, dessa aprendizagem. E isso se traduz de forma perceptível quando, nas conversas, alguns dos alunos reportam que usam o whatsapp para conversar com os parentes e amigos que se encontram na mesma cidade ou que moram em outros lugares, inclusive em outros países.

Coloco ainda em questão a aprendizagem bastante significativa para os idosos, pois a qualidade de vida perpassa os muros da UNISF, já que o ato de aprender trouxe consigo o despertar de novas experiências sociais, as quais, em muitos momentos, serviram de enfrentamento para perdas, o que é algo muito comum, principalmente nessa fase da vida; ao mesmo tempo em que os participantes se sentem mais seguros para voos mais altos.

É necessário fazer com que a população da terceira idade, em especial a que foi pesquisada, aprenda a desaprender, para que possa construir novos conhecimentos. Isso não significa dizer que é preciso eliminar tudo o que foi aprendido ao longo da vida, muito pelo contrário, é essencial que os mesmos se vejam aptos a olhar o mundo com outras perspectivas, com novos olhares, buscando um novo conhecimento. Nesse sentido, Vygotsky (1987, p. 129) assevera que:

O pensamento tem que passar primeiro pelos significados e depois pelas palavras [...] é gerado pela motivação, isto é, pelos nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções [...]. Para compreender a fala outrem não basta entender suas palavras – temos que compreender o seu pensamento.

Vivemos em um mundo tecnológico que não para de crescer, de se dinamizar. O uso de ferramentas tecnológicas, a cada dia que passa, se torna cada vez maior. O acesso à Internet se amplia a passos vistos. Ao mesmo tempo em que favorece a qualquer indivíduo aprender onde quer que esteja. Nesse sentido, os espaços de aprendizagem, sejam eles ambientes formais ou não formais, podem ser de grande importância para mudanças significativas no ato de aprender, principalmente no que diz respeito ao uso das novas ferramentas tecnológicas, nos quais se busca por uma qualidade educacional. Diante disso, Freire (1994, p. 42) indica:

[...] não nos deixemos cair nesse sonho do chamado pragmatismo, de achar que o que serve é dar um pouco de conhecimento técnico ao trabalhador para que ele consiga um emprego melhor. Isso não basta, e é cientificamente um absurdo, porque na medida em que a gente se pergunta o que significa o processo de conhecer, do qual somos sujeitos e objetos – afinal de contas o que é a curiosidade, para o conhecimento? – percebemos que uma das grandes invenções das mulheres e dos homens, ao longo da história, foi exatamente transformar a vida em existência - e a existência não se faria jamais em linguagem, sem produção de conhecimento, sem transformação. Mas jamais com transferência de conhecimento. Conhecimento não se transfere, conhecimento se discute. Implica uma curiosidade que me abre, sempre fazendo perguntas ao mundo. Nunca demasiado satisfeito, ou em paz com a própria certeza.

Com o uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação – TIC no dia a dia das pessoas, o processo de aprendizagem se torna cada vez mais dinâmico, bem como mais democrático, levando o acesso a lugares, muitas vezes, remotos.

Vejo que a UNISF não só se apropria, de forma eficiente, do uso das TIC, como também reforça a busca por aprender com qualidade, pela transformação do seu alunado, levando-os a refletirem sobre suas ações, conscientizando-os de seus papéis na sociedade, além de estar sempre na vanguarda do processo de aprendizagem.

Nas mais diversas narrativas dos idosos pesquisados, os mesmos foram unânimes em apontar que muita coisa mudou após o uso das TIC no dia a dia de cada um deles, já que o processo de se comunicar foi aprimorado. As informações se tornaram mais amplas e dinâmicas. Posso afirmar que a aprendizagem sempre esteve voltada para que os discentes se sentissem confortáveis e confiantes, sem medo das mudanças que ocorrem no mundo.

O uso constante do *smartphone* na sala de aula nos leva a pensar, em um primeiro momento, que estamos diante de uma aprendizagem instrucionista. Porém, esse pensamento se mostra totalmente errôneo, já que os professores/mediadores apenas apresentam problemas aos alunos e os deixam pensar, levando-os a buscarem soluções para os problemas apresentados. É claro que, em determinados momentos, os mesmos necessitam da participação dos docentes, sendo prontamente atendidos. Mas isso não indica que são dadas respostas prontas e acabadas. O grande diferencial é que é possível trabalhar de forma conjunta, para que todos os alunos possam participar das decisões. Fino (2008a, p. 278) indica que o maior desafio é:

Passa por proporcionar aos alunos meios de aprendizagem que valorizem a construção mental e (re)construam o seu próprio conhecimento, num ambiente interativo com uma ampla diversidade de informações, em que o aluno possui autonomia e desenvolve a criatividade e o professor inovador desempenha a função de agente mediador do conhecimento.

Corroborando com a visão de Fino (2008a), Papert (2008) aponta que os computadores pessoais nasceram com o conceito de serem instrumentos de aprendizagem e de trabalho para a sala de aula, defendendo que os alunos teriam, com isso, autonomia intelectual, promovendo a criatividade individual como protagonista da sua própria aprendizagem. E esse é um grande legado para que o ato de aprender seja algo sublime.

As diversas possibilidades de usar as TIC no cotidiano apontam para uma propagação do conhecimento das novas tecnologias, que vêm a favorecer não apenas o processo educacional do idoso, mas também ultrapassar fronteiras, ampliando seus horizontes, que passam a ter um novo significado, como bem exposto pelos pesquisados, já que os mesmos afirmam que, através do uso das TIC, tudo mudou e para melhor.

Mesmo sabendo que as respostas dadas pelos investigados foram muito positivas, é necessário frisar que as novas tecnologias devem favorecer uma aprendizagem reflexiva, que leve o alunado a se questionar, mesmo sendo um público específico, como o da terceira idade, que, teoricamente, poderíamos dizer que já viveram tudo o que tinham de viver. Porém, o que importa é que esses discentes possam se utilizar de uma aprendizagem mais ativa e que os faça ir em busca de respostas. Que tenham em seu âmago a certeza de que ele/ela é o protagonista central do ato de aprender.

[...] é preciso substituir os processos de ensino que priorizam a exposição, que levam a um receber passivo do conteúdo, através de processos que não estimulem os alunos à participação. É preciso que eles deixem de ver a “ciência” como um produto

acabado, cuja transmissão de conteúdos é vista como um conjunto estático de conhecimentos e técnicas (D'AMBRÓSIO, 2002, p. 19).

Dialogando com a citação acima, vejo que a UNISF tem preparado muito bem os seus estudantes, levando cada um deles a se valerem do uso das TIC, no intuito de valorizarem o conhecimento aprendido, de maneira que os mesmos se vejam impulsionados a explorar o mundo que aí se encontra. E isso fez e continua fazendo parte da sua vida diária, já que o uso dos diversos aplicativos não só favorecem o diálogo entre os idosos e outros indivíduos, mas também facilitam a vida cotidiana, como o pagamento de contas através de programas disponibilizados por instituições financeiras e até mesmo informações diversas sobre saúde, viagem, educação, lazer, entre outras.

Percebi que todos os entrevistados informaram acreditar que o uso das novas tecnologias teve um impacto muito grande em suas vidas. Todos, mesmos aqueles em que suas narrativas não se encontram no quadro 21, e, de forma indireta, aqueles que frequentam o espaço educacional em que a pesquisa se deu, afirmam, de forma muito veemente, que o processo de aprendizagem através das TIC é realmente algo muito singular e que trouxe e traz novas possibilidades para construir um conhecimento pautado em uma aprendizagem compartilhada.

No quadro 22, destacamos os temas que mais interessam à população da terceira idade. Nas narrativas, os assuntos que mais se sobressaem são aqueles que facilitam a vida desse alunado.

QUADRO 22 – TEMAS COM MAIOR INTERESSE NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

I-01	Escutar música, fazer pesquisa no google, tirar fotos, procurar receitas etc.
I-03	Pesquisas, lazer, notícias, músicas e comunicação.
I-05	Além do conhecimento básico imprescindível, quero dominar melhor o que iniciei agora (fotografia). Tenho pretensão de pesquisar assuntos científicos (na área médica), do que vivo e tenho necessidade constantemente.
I-06	Gosto de pesquisar sites referentes à terceira idade, como velhos amigos, porque há uma variedade de assuntos, digitar alguma coisa.
I-07	Tudo me chama atenção e que eu tenho interesse. Gosto de passatempos, conversar através de vídeo, whatsapp, facebook, jogos etc.
I-08	Os temas que mais me interessam são: ecologia, técnicas avançadas de saúde, novas técnicas no melhoramento do ensino e novas técnicas ligadas à comunicação.
I-09	Fazer pesquisas utilizando o google. Aprendendo inglês e tudo mais de aprendizado útil, além de aprender artesanato.
I-11	É se comunicar através das redes sociais até fazer compras pela Internet.
I-12	Notícias, comunicação, diversão, pesquisa, organizar tarefas e compromissos. O uso das TIC facilita.
I-14	Através da construção do meu conhecimento utilizo sempre a tecnologia para acompanhar a evolução que vem surgindo.

I-16	Nesses processos de construção do meu conhecimento, a comunicação e informações que posso fazer ou receber dos amigos, familiares etc.
I-17	Notícias, comunicação, diversão, pesquisa, organização de tarefas e compromissos. O uso das TIC facilita.
I-18	Tenho mais interesse em realizar pesquisas diversas, escanear documentos, me comunicar através de e-mail, tirar segunda via de fatura para pagamento, efetuar jogos e outras coisas que facilitem a minha vida.
I-19	Notícias, pesquisas, músicas, pagamentos de boletos pela Internet, enfim, interagir com o mundo.
I-25	Acho todos importantes. Gosto muito do meu computador, das redes sociais, facebook. O <i>smartphone</i> veio com muita força e é de fácil condução. Leva para todos os lugares. Sem dúvida, o whatsapp e o Instagram são os mais usados por mim. Depois, o facebook. Mas não abandono o e-mail.
I-31	Os temas de meu maior interesse são: religião, filosofia, teologia, agricultura, jardinagem, enxertias, adubação, conserto de equipamentos e jornal. Quanto ao porquê, esclareço: religião, filosofia e teologia porque acredito em vida eterna e com o aprofundamento desses temas acredito no provérbio: “A boca fala aquilo de que o coração está cheio”. As demais matérias são em razão de gostar e praticar algumas dessas coisas.
I-34	Pesquisa de qualquer assunto: músicas com letras, cópias em CDs e pendrive, armazenamento em nuvem, antivírus, filmagens e vídeos de viagens.
I-35	Gosto muito de fazer pesquisa sobre temas variados, muito tendente para a área da saúde, porque nos deixa atualizada sobre que está acontecendo no mundo.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

As falas indicam que vários são os assuntos que fazem parte do interesse do aluno idoso, o que demonstra, claramente, que num mundo digital, em que as possibilidades são muitas, o foco acaba sendo diluído. Entretanto, podemos verificar que a existência de alguns pontos em comum, como é o caso de ouvir música, buscar informações variadas na Internet, pagamentos de boletos bancários, é muito recorrente nas interlocuções dos pesquisados.

Em conversa com a entrevistada I-11, a mesma ressaltou que, depois de descobrir que pode comprar pela Internet, sua vida se transformou. A mesma relata que, para ela, é uma facilidade imensa. Não há mais necessidade de se deslocar para algum lugar para realizar uma compra. Evitando, assim, trânsito engarrafado, filas para pagar. Um desperdício de vida, como ela mesma afirma. Ao ser perguntada o que faz com esse “tempo livre”⁴⁵, diz que é um tempo para ela, que disponibiliza para aprender algo, se divertir com o marido, que já está aposentado e também frequenta a UNISF.

É interessante que cada um dos pesquisados tem um tema que é mais do seu agrado, pois, conforme ficou constatado na pesquisa, os temas que aparecem são diversos. Essa gama de assuntos favorece uma visão mais holística do que seja o processo de aprendizagem através do uso das TIC. Quanto maior a diversificação melhor é a possibilidade do aprendiz se inserir

⁴⁵ Grifo do autor.

num mundo em que a descoberta se faz presente o tempo inteiro, já que um assunto pode levar a outro e assim sucessivamente.

Outro dado muito importante é que o uso das TIC é cada vez mais comum na terceira idade, não apenas nas turmas pesquisadas, mas também através das minhas observações nas dependências da instituição, como também no meu cotidiano, já que, para uma melhor compreensão do próprio estudo, passei a me interessar mais pela população idosa e seu desenvolvimento no uso das novas tecnologias.

É comum notar pelas narrativas do quadro 22 que cada um dos aprendizes tem seu interesse voltado para o dia a dia, os mesmos desejam se aprimorar cada vez mais nos assuntos escolhidos por eles e isso faz uma diferença imensa no processo de construção do conhecimento de cada sujeito.

As narrativas do quadro 23 reforçam a ideia de planos para o futuro e que, apesar de seres aprendizes idosos, ainda pensam no futuro, e isso se traduz nas suas mais diversas interpretações.

QUADRO 23 – PLANOS PARA O FUTURO

I-06	Vou vivendo o meu presente, procurando aplicar o que já aprendi. Também sempre tenho um livro ao meu alcance para lê-lo nas horas vagas, e o meu futuro só Deus sabe.
I-07	Continuar buscando conhecimento através da tecnologia avançada, pois sei que essa busca nunca cessa.
I-08	São muitos planos: usar os novos conhecimentos em novos cursos que pretendo fazer, repassar para familiares e amigos essas novas tecnologias de TIC, facilitando a eles uma vida melhor.
I-12	Fazer uso do que aprendi e prosseguir sempre estudando. Pois eu ainda tenho muita vitalidade. Se Deus permitir, ainda vou viver durante muito tempo. E posso continuar aprendendo o tempo todo, já que tudo muda e eu quero acompanhar essas mudanças. Sei que, às vezes, as coisas vão ficar mais difíceis por conta da minha locomoção, mas como tudo tem jeito, só não para a morte (risos), vou levando tudo de forma muito tranquila e me preparando para o futuro. Não o futuro que é daqui a cinco ou 10 anos, meu futuro é o dia seguinte. Como já sou mais velho, tudo pode acontecer (risos).
I-13	Continuar pondo em prática o que já aprendi e continuar acompanhando o desenvolvimento da tecnologia. Nunca desistir ou parar.
I-16	Os meus planos para o futuro é que eu tenho que acompanhar sempre essa tecnologia e as inovações que estão sempre surgindo numa grande velocidade.
I-17	Fazer uso do que aprendi e prosseguir sempre estudando. Eu acho que ainda tenho uns bons anos pela frente (risos). Ainda vou aprender muito. Realizar muitas coisas que ainda não fiz.
I-18	Utilizar os conhecimentos adquiridos na minha vida, pois temos conhecimento de que em nosso futuro tudo vai ser informatizado.
I-19	Voltar a estudar, fazer uma faculdade ou aprender outro idioma. Eu ainda tenho muito tempo pela frente. Tenho vários planos para o futuro. Acho um desperdício morrer agora sem realizar tudo o que eu quero (risos).
I-21	Continuar buscando conhecimento através da Unisf e de outros meios, como a Internet, uma vez que, ao fazer cursos com técnicas voltadas para minha idade, estou conseguindo cada vez mais conhecimento nessa área. Assim, desejo evoluir cada vez mais.
I-24	Continuar estudando, já que tudo muda todos os dias. Já que tudo muda muito rápido. Eu também quero mudar. Quero viver muito para poder realizar vários planos. Sei que o futuro só a Deus pertence, mas,

	se depender de mim, quero partir daqui a muitos anos. Quero assistir às mudanças que vão ainda acontecer no mundo.
I-25	Continuar frequentando os lugares que se dediquem à terceira idade para não ficar ultrapassada. Não há mais tempo nem motivos para parar. Se tiver que repassar para alguém que precise e não possa frequentar um curso, gostaria de repassar o que aprendi.
I-31	Praticar o que estou aprendendo e talvez aprender uma língua estrangeira. Se eu viver por um bom tempo, eu acho que, além da língua estrangeira, vou pensar em outros cursos. Quero viajar também, conhecer novas culturas, novos lugares.
I-32	Fazer um curso de idiomas na Unisf. Tenho ainda muito o que aprender, meu futuro é longo (risos). Quero ver o que vai acontecer no futuro. Tenho que estar vivo para comprovar as mudanças (risos).
I-33	Procurar sempre atualizar os meus conhecimentos, pois o mundo atual exige tal posicionamento. E eu não posso ficar para trás. Vou viver ainda durante muito tempo.
I-34	Continuar aprimorando meus conhecimentos adquiridos para poder acompanhar as TIC, que estão sempre se atualizando.
I-35	Procurar me inteirar do que está acontecendo nas diversas áreas do conhecimento, para estar sempre atualizada. Se Deus assim permitir.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

Pelas narrativas produzidas pelos entrevistados, todos ainda têm planos para futuro. Ou seja, ainda têm muito que realizar. Porém, alguns dos aprendizes idosos participantes da pesquisa, como I-19, I-31 e I-32, querem estudar uma língua estrangeira. Isso é muito bom, pois indica que esses alunos ainda estão dispostos a continuar construindo seus conhecimentos independentemente da idade. I-19 ainda aponta que pretende realizar o desejo de fazer um curso superior. Esses estudantes demonstram que ainda se encontram motivados para aprender e isso faz toda a diferença.

Apesar de saberem que já estão com uma idade de certa forma avançada, os mesmos se sentem confortáveis em apontar que ainda têm planos para o futuro, mesmo sabendo que o caminhar daqui pra frente será mais duro. Porém, isso não é um obstáculo intransponível. Muito pelo contrário. Cada um deles sente-se seguro em querer ver o que os aguarda no futuro, como bem explicitado pelos pesquisados I-12, I-24, I-32.

Ressalto ainda que um ponto muito comum é que a questão de planejar o futuro está atrelada ao divino, conforme as frases mais recorrentes que são: “Se Deus permitir; se Deus quiser; o futuro só a Deus pertence”. Isso demonstra que os idosos entrevistados possuem, em seu interior, um forte apego à religião.

As falas dos interlocutores são bem expostas em relação aos planos para o futuro, já que todos relatam que o uso da tecnologia só tende a crescer daqui para a frente. Eles percebem que não querem apenas preencher o tempo ocioso. Muito pelo contrário. O que fica claro é que antes de preencher o tempo eles querem realmente é construir um conhecimento

para suas vidas. É ocupar a mente, no intuito de exercitar a memória, poder compartilhar aquilo que aprenderam, buscando se apoderar cada vez mais do processo de aprendizagem.

Corroborando com meu entendimento, Bobbio (1997, p. 49) faz a seguinte assertiva: “enquanto o ritmo da vida do velho fica cada vez mais lento, o tempo que tem pela frente fica dia a dia mais curto” Os aprendizes da UNISF que fizeram parte da pesquisa têm consciência de suas vidas, de suas limitações. Vivem suas vidas não só no presente, mas também com um olhar voltado para o futuro, para a realização de projetos pessoais. Leva-nos a entender que estão sempre a evoluir no seu desenvolvimento humano, que estão a trilhar seus caminhos, mesmo sabendo que no percurso da jornada de vida podem ver que não atingiram os sonhos almejados.

Vejo-os ampliarem suas opções, suas expectativas iniciais foram superadas. Agora, o céu é o limite. Estão a buscar realizações que, para qualquer um, seria apenas mais uma etapa a cumprir; para a população da terceira idade, é algo maior, que tem um significado muito importante para o indivíduo. O que vale é continuar lutando pelos seus sonhos e ideais. Parafraseando Beauvoir (1990), é preciso buscar algo que dê sentido à vida desse idoso, para que o mesmo não sinta a velhice como algo duro de suportar.

Mesmo sabendo que cada um dos discentes das turmas pesquisadas tem planos para seu futuro, percebo que nem tudo é tarefa tão simples assim, pois estamos a lidar com várias situações que podem surgir, como um problema para que eles possam concretizar seus planos. Porém, isso não impede que cada um deles possa contornar as situações problemas, buscando, assim, atingir seus objetivos. No meu íntimo, desejo vivamente que cada um possa realmente realizar seus objetivos.

No quadro 24, destaco algumas narrativas que apresentam o posicionamento sobre a possibilidade de indicar a UNISF como local de aprendizado.

QUADRO 24 – INCENTIVOS PARA OUTRAS PESSOAS FREQUENTAREM A UNISF

I-01	Venha! Não perca tempo! Existe um mundo de conhecimento que nos espera.
I-02	Espero que qualquer idoso, de qualquer idade, que deseje melhorar sua vida, sentir-se mais feliz e alegre, venha para juntar-se a nós na Universidade Sem Fronteiras.
I-03	Boas referências. Recomendaria qualquer dos cursos.
I-04	Diria que é o melhor investimento que se pode fazer, o retorno é maravilhoso.
I-05	Sem sombras de dúvida, estimularia. Temos, porém, que avaliar a saúde e alguns defeitos físicos que acompanham a 3ª idade...
I-06	Daria a sugestão para ela ingressar na UNISF, coisa que já fiz com várias pessoas, falando do bem que ela faz aos idosos.

I-07	O convite que sempre faço aos colegas em ingressar à Unisf, incentivando o estudo contínuo e cativante das novas tecnologias.
I-08	Aconselharia fazer cursos sobre TIC, de memória e de língua estrangeira, para que tenham uma visão melhor da vida na 3ª idade.
I-09	É maravilhoso. Um ambiente acolhedor.
I-10	Os incentivaria a entrar logo e se tornar um futuro conhecedor da tecnologia
I-11	Diria que ela está perdendo tempo em não vir logo para UNISF.
I-13	Diria para fazer parte, pois aqui, além do aprendizado, passamos a conhecer várias outras pessoas e novos cursos.
I-14	Diria que existem vários cursos na Unisf e que os professores têm muita habilidade para com a terceira idade.
I-18	Iria incentivar minhas amigas aposentadas a ingressarem na Unisf, pois, pela minha experiência, minha vida mudou, tornei-me uma pessoa mais saudável e feliz.
I-19	Venha pra Unisf descobrir como é bom viver e estar na “melhor idade”.
I-21	Diria que deve fazer o quanto antes sua inscrição no curso de seu interesse, pois é bom e prazeroso.
I-23	Espaço ideal para adquirir conhecimentos e fazer amizades.
I-25	Dou o maior apoio. Já indiquei algumas pessoas que se matricularam, outras retornaram e outras ficaram muito interessadas. Digo que a Unisf tem bons cursos, diversificados e que ele ou ela vai gostar muito.
I-28	Convido pessoas da terceira idade para conhecerem e comparecerem à Universidade Sem Fronteiras.
I-30	Que procure conhecer o sentido da Unisf, frequentando uma aula experimental.
I-31	Eu recomendaria a Universidade Sem Fronteiras, esclarecendo a ela os benefícios que trará para a vida idosa.
I-32	Diria que é o melhor local de ensino para a terceira idade.
I-33	Que a Unisf é um excelente lugar para atualizar o aprendizado e obter novas amizades.
I-34	Diria que frequente a Unisf porque todos os cursos são muito importantes para o nosso crescimento global na terceira idade.
I-35	Eu iria dizer que os cursos na Unisf são muito bons.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

As falas destacadas relatam qual é a posição que cada um tem sobre a UNISF e se indicariam a mesma para outras pessoas. Podemos verificar que cada um dos que foram selecionados para representar essa interlocução tem uma experiência muito positiva com a instituição.

Interpretando as narrativas, todos apontam para uma experiência sem igual dentro do espaço que frequentam. É um lugar que promove o desenvolvimento social, motor e cognitivo. Cada um tem um sentimento diferente para contemplar seu envolvimento com o estabelecimento.

É claro que cada um tem uma maneira muito particular de interpretar o que diria para outras pessoas, já que o que ficou mais em evidência é que a Universidade Sem Fronteiras é sempre lembrada por promover a aprendizagem, a interação entre as pessoas que lá se matriculam.

É possível verificar também que alguns alunos já fazem o papel de divulgar e ao mesmo tempo conduzir um novo aluno para frequentar o local, nos passando a ideia de credibilidade que a instituição tem junto ao seu alunado.

Ressalto que essa confiança não é realizada de um momento para o outro, levou tempo para se firmar. Mas, conforme minhas conversas com membros da direção, funcionários e professores/mediadores, essa segurança se dá pela forma com que a direção conduz a organização, pelos profissionais que, além de zelarem pelo local de trabalho, são também trabalhadores que realizam seu ofício com muita garra, empatia, eficiência e eficácia. Sendo, dessa forma, traduzido no impacto positivo que todos têm do estabelecimento.

Ao serem questionados sobre as ferramentas mais utilizadas no seu cotidiano, tivemos algumas respostas que foram elencadas no quadro 25.

QUADRO 25 – FERRAMENTAS MAIS UTILIZADAS NO DIA A DIA DAS PESSOAS DA TERCEIRA IDADE

I-01	Ouvir minhas músicas preferidas e o whatsapp para me comunicar.
I-03	<i>Smartphone.</i>
I-04	Gosto muito de ler, escrever, fazer artesanato e jogar no computador.
I-05	<i>Smartphone</i> e computador de mesa.
I-06	O <i>smartphone</i> .
I-08	Eu uso computador, notebook, tablet e TV.
I-09	<i>Smartphone</i> , computador.
I-10	O <i>smartphone</i> e o computador.
I-11	O notebook e o <i>smartphone</i> .
I-12	<i>Smartphone</i> , computador de mesa.
I-13	<i>Smartphone</i> , TV, tablet
I-14	Computador de mesa e também <i>smartphone</i> .
I-15	<i>Smartphone</i> .
I-16	Nós usamos como ferramenta o computador de mesa, o <i>smartphone</i> e aulas práticas.
I-17	<i>Smartphone</i> .
I-18	Tenho posto em prática as ferramentas que aprendi, principalmente na informática.
I-19	Computador de mesa e celular.
I-20	Celular.
I-21	Utilizo muito o computador e o tablet. Assim, me mantenho atualizada tanto com as redes sociais como no aprendizado da Unisf.
I-22	Televisão digital, notebook, <i>smartphone</i> .
I-23	<i>Smartphone</i> .
I-24	Amo na navegar na Internet, pesquisar sobre artesanato etc. Dessa forma, eu me sinto mais independente. É claro que eu filtro muitas das informações, pois nem sempre tudo me serve. Tenho que usar de critério.
I-25	Os que se encontra e se acha em todos os lugares: laptop, tablet e <i>smartphone</i> .
I-28	Uso diversas ferramentas. Tiro dúvidas com os professores, faço consulta nos livros aos quais tenho acesso e uso meu caderno de aluna exemplar.
I-29	<i>Smartphone</i> , computador, tablet.
I-30	Livros em primeiro lugar, computador, revistas, TV, com notícias e documentários, e o que me traga algo de informação verdadeira e útil para o conhecimento.
I-33	Sempre que posso a leitura. Teatro e cinema também fazem parte da minha vida.

I-34	O whatsapp, youtube, google, facebook, docs, power point, google play, word, agenda, tradutor, maps, sites de mensagens.
I-35	Uso o facebook e principalmente o whatsapp.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

As narrativas destacadas indicam a pluralidade das experiências em utilizar as ferramentas tecnológicas no dia a dia. O uso das TIC é muito presente em todas as falas. Através dos relatos, interpreto que o uso de qualquer instrumento necessário à prática profissional ou mesmo de forma informal, como é o caso dos alunos da UNISF, traz consigo uma série de vantagens para o cotidiano dos mesmos, favorecendo um aprendizado que se estende além dos muros da instituição.

De acordo com o objetivo de cada discente, os mesmos buscam se apropriar do instrumento que mais tem afinidade. Porém, com a disseminação dos *smartphones*, percebe-se através de suas falas que os telemóveis (celulares) são usados com frequência. Corroborando com as narrativas dos idosos pesquisados, Doll e Machado (2013, p. 2288) apontam:

O avanço rápido e a miniaturização da tecnologia digital possibilitaram o desenvolvimento de uma série de recursos que podem ser utilizados em casa ou em instituições de longa permanência para tornar o ambiente mais agradável e mais seguro para pessoas idosas que já têm certo comprometimento das suas capacidades físicas e/ou cognitivas.

Pode-se afirmar que isso se dá pela possibilidade de carregá-lo para todo lugar, bem como manusear a qualquer momento, gerando, assim, uma facilidade imensa para o usuário, ao mesmo tempo em que favorece a aprendizagem em qualquer local. Levando-me a afirmar que, hoje, a aprendizagem está ao alcance de um simples toque.

O uso cada vez mais frequente de aparelhos de *smathphones* pode, muito bem, proporcionar ao público da terceira idade grandiosas vantagens, possibilitando uma autonomia maior na vida deles, já que existe um crescente número de idosos que estão a morar sozinhos. Ao se apropriar cada vez mais das tecnologias, esse alunado pode, de acordo com os recursos técnicos utilizados no seu aparelho, ser monitorado pela família e cuidador, favorecendo, assim, não um controle sobre o indivíduo, mas podem possibilitar uma autonomia maior na vida deles, ao mesmo tempo um melhor cuidado desse sujeito (DOLL, MACHADO, 2013).

No quadro 26, destaco algumas narrativas sobre a utilização de jogos educativos como ferramenta de aprendizagem na terceira idade.

QUADRO 26 – UTILIZAÇÃO DE JOGOS EDUCATIVOS COMO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

I-01	Jogos que desenvolvem o raciocínio, como letra (palavras cruzadas), e outros que nos ajudam a melhorar as atividades cerebrais.
I-03	Sim. Vários. Jogos de memória, passatempo e outros. Todos esses jogos servem para eu aprender e melhorar minha forma de pensar.
I-04	Sim. Usamos alguns jogos em aplicativos no celular. O bom é que sempre estou exercitando a memória. Consigo aliar a brincadeira com algo sério, que é o de ficar melhorando a minha mente.
I-06	Sim, são utilizados jogos digitais para exercitar o cérebro, tais como: um gato divertido, jogos de cartas, letra (palavras cruzadas).
I-07	Sim, eles estão sempre surgindo novos jogos e sou interessadíssima. Através da AppStore escolho jogos bem interessantes.
I-08	Usamos jogos que exercitam a memória, WhatsApp, site de letras de música, site de culinária, jogos como Pyramid, Spider, Tripeaks e Paciência.
I-12	Sim. Todos os disponíveis. Os jogos são muito bons, pois, além de me divertir, eu sei que estou melhorando cada vez mais meu raciocínio. Não esqueço as coisas facilmente. Até para eu jogar uso a minha mente, de acordo com o jogo. Eu consigo pensar mais rápido. Usando os jogos eu fiquei mais atento.
I-13	Através desses jogos de memorização, eu consegui ficar mais rápida de raciocínio. Consigo, agora, guardar as coisas com mais facilidade. Eu aprendo brincando e isso é muito bom.
I-14	Além do currículo do curso, também praticamos alguns jogos educativos, como Letra, Paciência etc.
I-15	Não.
I-16	Fazem muito trabalho prático, as formas como devemos utilizar as ferramentas para que tornem mais facilitadas as nossas vidas.
I-17	Eu estou sempre fazendo uso de jogos, como o de memória, caça palavras. Eu sempre digo que estou aprendendo brincando. Parece coisa de criança, mas isso sério.
I-18	Coloco mais em prática os jogos que aprendi através das aulas de informática. Os jogos educativos são usados mais nas aulas do curso de Ginástica Cerebral, mas já tenho alguns conhecimentos nos cursos que ministrava na Coelce como professora de Recursos Humanos.
I-19	Eu uso vários jogos, como: caça palavras, 4 fotos, 1 palavra, palavras cruzadas etc. São jogos que eu pratico tanto dentro da sala de aula, quanto em casa ou até mesmo quando estou em algum lugar. Não é só um passatempo, é uma aprendizagem mesmo. Serve para turbinar minha inteligência.
I-21	No momento, ainda estou aprendendo as principais funções do aparelho de tablet. O professor nos incentiva a baixar alguns jogos para desenvolvimento da mente. O que mais utilizo no momento, indicado pelo professor, é o FITZ.
I-25	Sim. Os que estão disponíveis para serem baixados. Os aplicativos que eles julgam importantes para nós.
I-27	Não.
I-28	Sim. São jogos maravilhosos para a memória. Já exercitei bastante o flow free.
I-30	Sim. Principalmente os jogos de memória.
I-31	Ainda não chegou nessa matéria e também esse assunto não me apetece. Tenho tantas outras coisas para usar meu tempo e, por isso, o tema não é relevante para mim, entretanto, vou aprender também essa matéria.
I-32	Esses jogos são ótimos para a gente exercitar a memória. Eu fico muito concentrado quando estou jogando. Eu não jogo por jogar. Eu realmente quero aprender o funcionamento do jogo. Eu prefiro jogar mais pelo <i>smartphone</i> .
I-33	Os jogos fazem eu aprender melhor tudo. Os jogos pelos quais eu mais me interessos são: letra, palavras cruzadas, flow free etc.
I-34	Eu jogo os jogos que exercitam o cérebro, a memória e a criatividade, como: caça palavras, paciência, klondike, spider, freecell, pyramid, tripeaks. Esses fazem parte da coleção de jogos Microsoft Solitarie. Tem também outro como Majong, que exercita a nossa memória.
I-35	Não sou muito de usar os jogos educativos. De vez em quando, jogo paciência.

Fonte: Dados do Pesquisador, 2017/2018.

Desde as épocas mais remotas, o homem joga. Como a linguagem e a escrita, o jogo também é uma criação humana. O jogo gera prazer, equilíbrio emocional, leva o indivíduo à

autonomia sobre seus atos e pensamentos e contribui para o desenvolvimento social. Os jogos estão em correspondência direta com o pensamento matemático.

O cerne do pensamento cotidiano do homem é constituído de situações problemáticas, com as quais ele se defronta seja ao atravessar uma rua de tráfego intenso, seja na ida ao supermercado para fazer compras diversas ou na realização de uma atividade dentro de um espaço de tempo determinado. Assim, o ser humano é levado a jogar, resolver problemas nas mais diversas situações e é, por se sentir problematizado e desafiado a todo instante, que produz conhecimento.

Ao usar o lúdico como estratégia de aprendizagem, contribui-se, efetivamente, para o desenvolvimento do pensamento analítico-sintético do aluno, bem como sua participação ativa na aprendizagem, possibilitando avançar no processo de aprendizagem e na consolidação das habilidades e competências. Dessa forma, há uma construção do conhecimento através do respeito à liberdade de pensar, do incentivo à descoberta e do encorajamento à criatividade.

Diante do acima descrito, a grande maioria dos discentes da terceira idade da UNISF demonstrou nas suas narrativas que o uso dos jogos proporciona muito a questão da memorização, bem como uma rapidez maior no raciocínio. E isso, para essa população, é de grande importância, pois, segundo minha interpretação, entendo que o mesmo está atrelado à questão da aprendizagem.

Entretanto, os entrevistados I-15, I-27 e I-35 não associam o uso de jogos educativos como ferramenta para que o processo de aprendizagem se efetive. É claro que cada um tem uma maneira de interpretar tal assertiva.

Nos importantes trabalhos de Piaget (1990) a propósito da utilização de jogos e dentro de uma perspectiva genética, encontram-se as diversas fases do seu aparecimento e, a seguir, as adaptações puramente reflexas até no momento em que o indivíduo se submete sozinho às regras estabelecidas previamente ou inventadas por elas. Jean Château apud Gadotti *et al* (2000) se envolve com a importância pedagógica dos jogos e estimula sua utilização em sala de aula, visto que o jogo surge cedo e espontaneamente na vida de uma criança, e que o adulto o investiga cada vez mais.

O lugar e o valor do jogo na existência humana são insubstituíveis e, de acordo com Wallon apud Gadotti *et al* (2000), é preciso vê-lo como exploração jubilosa e apaixonante.

Ao traçar uma análise feita de todos os teóricos, percebe-se uma grande preocupação no tocante à aprendizagem significativa. Cada estudioso, com seu próprio estilo, busca atingir, pedagogicamente, o educando de uma forma incondicional.

Os jogos, então, constituem um contexto rico para o desenvolvimento e a aprendizagem, uma vez que colocam os jogadores em constante situação de resolução de problemas. Para resolvê-los, é necessário que o jogador realize antecipações, faça inferências, coloque-se na perspectiva do outro, faça escolhas e tome decisões. Nesse sentido, os jogos, sobretudo aqueles realizados em grupos, possuem um grande valor educativo, podendo promover avanços importantes tanto na esfera social quanto cognitiva e afetiva.

Nas aulas em que o uso das TIC são uma constante, as mesmas podem ser usadas como uma importante ferramenta de ensino, pois existe uma variada gama de jogos que envolvem atividades de comparação, classificação, contagem, cálculo e que exigem a realização de notações numéricas. Ao contrário de muitas das atividades que são propostas aos alunos dentro de um ambiente formal, cuja necessidade de solução está fora do sujeito, os problemas que enfrentam ao jogar se constituem em desafios genuínos, sendo, assim, muito mais significativos. É necessário resolvê-los para continuar participando da atividade, para fazer mais pontos, para controlar a pontuação, para ganhar do adversário.

A relação entre o jogo e as TIC constitui-se numa abordagem significativa, principalmente na educação voltada para a terceira idade, pois é possível proporcionar aos idosos a possibilidade de encontrar espaço para explorar e descobrir elementos da realidade que os cerca. O aluno da terceira idade deve ter oportunidade de vivenciar situações ricas e desafiadoras, que são proporcionadas pela utilização dos jogos como recurso pedagógico.

A seguir, faço as considerações finais sobre minha incursão no ambiente da Universidade Sem Fronteiras, bem como na relação com os docentes e discentes que fazem parte não só da pesquisa, mas também do lugar onde ela se deu.

4.5 – Considerações finais sobre as observações do pesquisador à luz do diário de bordo

Ao analisar o diário de bordo (APÊNDICE 5) como ferramenta de pesquisa etnográfica, foi possível perceber o quanto este instrumento facilitou a pesquisa, já que possibilitou colher os dados através das observações participantes, bem como compreender as narrativas dos diversos atores pesquisados, em especial a população da terceira idade da UNISF.

O estudo etnográfico como preferência metodológica teve como ponto de partida o uso do diário de bordo, no sentido de compreender as características de uma possível prática inovadora na Universidade Sem Fronteiras – UNISF.

Hammersley e Atkinson (1994) apontam que a etnografia é um método de investigação social. Uma maneira de entender novas culturas e seus significados, através das descrições detalhadas das experiências concretas no cotidiano da sociedade.

O diário de bordo diz respeito à observação participante na instituição acima citada, onde a minha presença, desde o primeiro momento, foi recebida de forma muito cordial, ao mesmo tempo em que foi possível transitar livremente por todas as dependências da mesma, sem nenhum tipo de prejuízo tanto para a organização quanto para os alunos, gerando, assim, uma melhor vivência do cotidiano do estabelecimento.

Foi possível identificar ao longo da pesquisa que os profissionais que fazem parte da UNISF procuram sempre a melhor maneira de atender o público idoso que lá frequenta, no intuito de favorecer não apenas um serviço de qualidade, mas, acima de tudo, garantir que o processo de aprendizagem seja a peça fundamental para uma melhor qualidade de vida e autonomia do indivíduo na terceira idade.

A instituição é muito adequada para receber seu público, ao mesmo tempo em que suas dependências são sempre bem estruturadas e bem projetadas para o fim a que se destina. Relato ainda que, por ser um ambiente não formal de aprendizagem, não existe um currículo pronto e acabado para ser cumprido à risca, sendo assim uma vantagem, já que, como relatam os próprios alunos da terceira idade, não há necessidade de fazer prova. Dessa maneira, posso concluir que a aprendizagem é algo mais prazeroso, sem a preocupação de, realmente, ter a obrigação de memorizar os conteúdos. O ato de aprender é algo mais lúdico e sem pressão.

Vejo a educação não formal, realizada nos ambientes do local pesquisado, como um caráter universal, que acolhe e abarca todos os que ali se encontram, independente de sexo, raça, cor, classe social, idade – mesmo sendo voltada para um público específico, como é o da terceira idade -, religião, entre outros. Após muitas visitas e observações, entendo que é um lugar que tem, no seu âmago, a formação de sujeitos que são livres, emancipados, que buscam conhecimento, que são portadores também de conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, que possuem direitos e deveres para consigo e para com os outros.

Diante disso, a educação não formal na UNISF se dá para além dos muros da organização. Nesse sentido, Gohn (2010, p. 36) assevera que:

As práticas da educação não formal se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos sociais, nas associações comunitárias, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. Elas estão no centro das atividades das ONGs nos programas de inclusão social, especialmente no campo das artes, educação e cultura. A música tem sido, por suas características de ser uma linguagem universal, e de atrair a atenção de todas as faixas etárias, o grande espaço de desenvolvimento da educação não formal. E as práticas não formais desenvolvem-se também no exercício de participação, nas formas colegiadas e conselhos gestores institucionalizados de representantes da sociedade civil. Em síntese, a educação não formal se desenvolve via ou com o apoio de organizações (institucionalizadas ou não), movimentos e outras formas de ações coletivas; utiliza meios e recursos educativos específicos.

Entendo que a educação não formal vivida por mim na longa jornada da pesquisa me fez entender que a Universidade Sem Fronteiras tem um papel de formar um cidadão voltado para sua emancipação social, cognitiva, cultural, entre outras. Que sua atuação é além do que realmente consta nos anais. Ela tem como princípio norteador uma convivência justa e solidária, não apenas dentro do seu espaço, mas também além dos seus muros.

Em se tratando dos professores/mediadores que atuam na área de tecnologia, os mesmos acenam com a possibilidade de crescimento dos alunos, não apenas no sentido de favorecer a aprendizagem, mas também para o seu dia a dia, suas relações sociais.

Dialogando com o diário de bordo, a ação pedagógica existente nas salas de aula pesquisadas, bem como as que são realizadas nas dependências do estabelecimento nos mostra, claramente, o quanto a estruturação processo é inovadora. Tanto os docentes quanto os alunos da terceira idade estabelecem uma relação voltada para o crescimento de todos os envolvidos, não apenas nos cursos da área de tecnologia, mas também em outros cursos ministrados na Universidade Sem Fronteiras, na qual o docente tem como principal característica ser mediador do conhecimento, levando o seu alunado a buscar as mais diversas soluções para um mesmo problema.

Observou-se que o conteúdo ministrado em sala de aula é algo construído de forma muito coletiva, em que a participação de todos é sempre muito bem-vinda. Permito-me indicar que é uma prática voltada para as experiências de cada aluno e isso faz uma diferença gigantesca ao construir um conhecimento sólido, já que cada indivíduo é valorizado em sua essência.

Ainda discorrendo sobre os professores/mediadores, entendemos que cada um dos três que foram entrevistados vai de encontro à prática tradicional. Porém, o P/M-01 carrega consigo uma ruptura com o que aí está, ele questiona o tempo inteiro essa prática, em que o docente é que sabe tudo e o discente apenas aceita o que foi transmitido. Ele leva os seus alunos a se verem como seres humanos, leva-os a pensar, a tomarem consciência de si e do mundo que os cerca. A tentativa de buscar inovação pedagógica o tempo todo é algo comovente, já que o mesmo procura sempre se superar no seu ofício. E isso faz toda a diferença no processo de aprendizagem. É como argumenta Fino (2010, p. 5):

A inovação pedagógica só se pode colocar em termos de mudança e de transformação. Transformação da escola e dos seus pressupostos fabris, pelo menos a nível micro, ou seja, no espaço onde se movimentam aprendizes concretos, assessorados por professores que estão empenhados em garantir, [...], o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino. Por outras palavras, a inovação pedagógica passa por uma mudança de atitude do professor, que presta muito maior atenção à criação dos contextos da aprendizagem para os seus alunos do que aquela que é tradicionalmente comum, centrado neles, e na atividade deles, o essencial dos processos. E perguntando, evidentemente, o que é que a incorporação de nova tecnologia pode fazer para ampliar o poder dos alunos, enquanto aprendizes, ao invés de conjecturar a exploração da tecnologia para reforçar o seu controlo sobre a turma, em atividades estritamente curriculares, num processo em que é o principal agente.

A ação pedagógica dos professores/mediadores e em especial o P/M-01 nos mostra que é possível a busca por um fazer diferente. Quando o mesmo estimula seus alunos a se sentirem responsáveis pelo seu conhecimento, ele demonstra, claramente, que posição tomar, corroborando, assim, com o argumento de Fino, citado acima.

Analisando os discentes, percebi que os mesmos estão sempre em busca de tentarem se atualizar, querem o tempo todo estar antenados com o mundo tecnológico que muda constantemente. Muitas vezes, sugerem o que desejam aprender. E isso colabora para uma aprendizagem significativa, que é feita de forma participativa, em que cada um dos sujeitos pesquisados podem contribuir para o crescimento dos seus pares, inclusive do próprio professor.

Muitas vezes, me vi sendo questionado pelos estudantes idosos, o que trouxe uma imensa troca de informações e experiências de todos os lados, colaborando, assim, para uma maior proximidade minha enquanto pesquisador e meus interlocutores, facilitando, de forma inexorável, meu entendimento sobre a velhice e suas mais diversas maneiras de se apresentar.

Observando os alunos da terceira idade em suas salas de aula, trabalhando com o uso de ferramentas tecnológicas, é perceptível perceber que os mesmos estão à vontade para aprender, sentem-se gratificados por poderem aprender e também ajudar seus pares, não só aqueles que se encontram na UNISF, mas também aqueles que, por um motivo ou outro, não fazem parte do contingente da instituição.

Pude verificar que os alunos são bem alegres em seu conviver. Tratam-se de maneira muito cordial, ao mesmo tempo em que, nas diversas conversas informais, muitos relatam que o ambiente da Sem Fronteiras⁴⁶ é muito acolhedor, que no tempo em que estão na instituição são bem felizes. O grau de intimidade entre os pares é muito notório. Em determinados momentos, os mesmos fazem grupinhos, característica própria dos adolescentes.

Nas mais diversas conversas ao longo de toda a pesquisa, os alunos idosos sempre estavam desejosos em saber como estava o andamento da tese; se tudo estava correndo da melhor maneira possível. Sempre tentei responder a todos com muita cordialidade e indicar como estava o estudo. A relação entre a minha figura enquanto pesquisador e o alunado sempre foi de muita tranquilidade, mantivemos, desde nosso primeiro contato, uma confiança mútua, que foi muito favorecida pela direção da instituição, pelo envolvimento dos professores/mediadores, em especial o P/M-01, e, particularmente, pelos documentos oficiais que fazem parte do anexo desta tese e que demonstraram o caráter oficial e profissional da pesquisa.

Nas narrativas produzidas pelos idosos que participaram do estudo, pude constatar que, nos dias atuais, a construção do conhecimento está em todo o lugar, seja ele construído na UNISF, que considero um ambiente não formal de aprendizagem, seja em um consultório médico, seja mesmo em casa; o acesso à aprendizagem está a um apertar de tecla, conforme depoimentos colhidos por mim. Muitos sujeitos indicaram que, hoje, conseguem realizar atividades com muita rapidez, mesmo que, em determinados momentos, acabem esquecendo alguma coisa. Mas o que importa é que conseguem ainda aprender, mesmo sendo dito por outras pessoas, inclusive pela família, a vários deles que não teriam o que aprender, percebendo, assim, que ainda se sentem motivados a aprender cada vez mais.

⁴⁶ Muitos se referem à Universidade Sem Fronteiras, como Sem Fronteiras. De acordo com os alunos maneira carinhosa de se referir a instituição.

Uma das minhas interlocutoras me disse que o mais importante, hoje, é que, a cada vez que está na UNISF, aprende algo novo. Porém, a construção do conhecimento dela se faz todos os dias, quando acaba descobrindo novas maneiras de fazer o que já fazia, quando viaja pelo mundo virtual tentando aprender algo que até então desconhecia. Essa curiosidade traz uma maneira diferente de se ver e enxergar a vida. É como diz essa mesma entrevistada: “se eu não estiver em busca de procurar o saber das coisas, não me sinto viva”. Isso demonstra, de forma muito clara, que o que interessa para a população idosa é buscar o conhecimento em todos os lugares e que ele se faça presente no seu dia a dia, facilitando, assim, sua qualidade de vida e sua própria aprendizagem.

Em se tratando da questão da avaliação, vejo que a mesma, na UNISF, é efetivada como uma mediação, na qual existe um elo significativo entre as ações cotidianas; e é imprescindível para o professor/mediador refletir, permanentemente, sobre as ações e aprendizagens da população da terceira idade. Por outro lado, os rumos do trabalho pedagógico precisam mostrar-se flexíveis, para absorver novas temáticas, diferentes atividades, outras posturas pedagógicas norteadas pela análise teórica de tais observações.

Neste sentido, Hoffmann (2009) assevera que, quando o professor não acompanha efetivamente o processo de aprendizagem dos alunos da terceira idade, fica muito difícil dialogar com seu público. Existe a necessidade de uma ação avaliativa mediadora, em que todos os envolvidos possam dialogar em conjunto e ao mesmo tempo que seja possível sugerir novos temas, novas propostas educativas em que todos se vejam incluídos; bem como que o processo de aprendizagem seja algo realmente efetivo, apesar das diferenças que se fazem presente na sala de aula, dentro da UNISF.

A ação mediadora do educador resulta, igualmente, num trabalho pedagógico que valoriza as experiências de vida [...], suas vivências culturais, raciais, religiosas, etc., como elementos constitutivos do espaço institucional, ao mesmo tempo em que percebe [...] sofrendo as influências desse meio e constituindo-se como sujeito a partir dessa interação (HOFFMANN, 2009, p. 37).

Corroborando com a citação acima, a instituição pesquisada tem como princípio norteador uma avaliação e uma ação mediadora, nas quais não é só realizar uma tarefa/atividade dentro da sala de aula, mas, sim, proporcionar à população da terceira idade um ambiente para o seu desenvolvimento intelectual e social. Que a mesma possa alcançar mais autonomia, desenvolva suas imaginações, trabalhe mais os lados criativos, se veja cada vez mais capaz de descobrir o mundo por meio de suas próprias ações.

Vejo o espaço pesquisado como um local que respeita e valoriza o público idoso no seu próprio tempo, é um ambiente espontâneo, seguro e desafiador. Espontâneo no sentido de favorecer a exploração livre dos objetos, da vivência de situações adequadas ao tempo de cada sujeito, sem que haja pressões e expectativas a serem cumpridas. É um ambiente acolhedor porque compreende e ampara seu alunado, trata de forma carinhosa, orienta de forma a conscientizar esses discentes a se tornarem mais conscientes de si. É desafiador porque busca, o tempo todo, desenvolver um ser humano com a capacidade de agir, questionar e fazer descobertas sobre o mundo onde vive, o que faz com que o processo de aprendizagem seja algo bastante efetivo.

Foi possível identificar que a troca de saberes entre os professores/mediadores e a população da terceira idade é de uma riqueza sem igual para todos os envolvidos com o processo de aprendizagem, já que, através dos docentes, existe a possibilidade de desmitificar o que se apregoa o tempo todo: que o sujeito idoso não tem mais o que aprender. Por outro lado, os discentes se mostram capazes de uma maior conscientização de que o processo de aprendizagem não está apenas restrito a um lugar formal, como o meio acadêmico, mas que pode ser construído em lugares os mais díspares possíveis; bem como entender que a construção do conhecimento pode se estender por toda vida, até a finitude.

Foi uma grata surpresa verificar que as relações interpessoais entre os alunos da terceira idade e os professores/mediadores se dá de maneira muito marcante para todos os envolvidos, já que a troca de saberes é realizada de forma coletiva, em que todos têm vez e voz para se manifestarem. A volta aos meios acadêmicos, mesmo sendo esse meio um espaço não formal de aprendizagem, como a UNISF, pode significar um reencontro com novas possibilidades, novos prazeres, onde o meio em si tende a ser um novo recomeçar, não apenas de construir seu conhecimento enquanto aluno, mas também o de poder encontrar e formar laços de amizade, gerando, assim, uma nova dimensão para a vida desse alunado.

Percebi, em praticamente todas as minhas visitas, que a instituição faz todo o possível para que o idoso se sinta realmente incluído, não só dentro da instituição, mas também fora dela, já que busca, em diversos momentos, favorecer uma aproximação entre o alunado e a sociedade, promovendo passeios culturais, idas a shoppings da cidade, viagens nacionais e internacionais, festas em datas comemorativas. Todos os eventos são muito concorridos, com uma rápida adesão da população matriculada na instituição.

É muito bom perceber que a UNISF tem em seu interior essa vontade de trabalhar com o processo de inclusão de sua população. Isso favorece demais o trabalhar com todos os públicos, além de ser a favor de que todos possam se sentir realmente incluídos.

Padilha (2007) aponta para a necessidade de se realmente incluir, para que esse processo seja o mais assertivo possível, principalmente para a população idosa, que há muito tempo se vê alijada de necessidades básicas. É preciso que os docentes, não apenas os da instituição pesquisada, mas todos aqueles que venham a trabalhar com um público tão específico como é o da terceira idade, estejam preparados para as profundas transformações que o tema merece, haja vista que é imprescindível professores/mediadores bem preparados, física, social, cultural e psicologicamente; que exista reflexão crítica sobre o currículo, adequação dos espaços, aceitação do outro como ele se apresenta, entre outras.

Mantoan (2003) apregoa algumas medidas necessárias para que a inclusão aconteça. Destacamos as seguintes prerrogativas: planejamento coletivo, no qual a participação dos profissionais seja benéfica para acompanhar os docentes na construção do conhecimento; projeto político pedagógico elaborado de preferência com todos o que fazem parte da instituição; autonomia para buscar as mais diversas possibilidades para uma aprendizagem significativa e coletiva, no intuito de favorecer a participação de todos os envolvidos.

Ainda para Mantoan (2006), a busca por um projeto que possa incluir o aluno deve abranger os mais diversos meios sociais e culturais, levando o alunado a refletir e entender o mundo que o cerca, e que, ao mesmo tempo, possa compreender a existência das mais diversas possibilidades para alcançar o conhecimento. Nesse sentido, o currículo adotado tem de respeitar o tempo e o ritmo de cada aluno, substituindo, então, a avaliação classificatória por um processo que deve ser contínuo e qualitativo.

É necessário ressaltar a importância e a necessidade da formação de um professor voltado para o público da terceira idade; bem como sua efetivação para o processo de inclusão dessa população num mundo que, na maioria das vezes, relega a um segundo plano aqueles que já não mais interessam ao mercado. Vale lembrar que muitos dos participantes da pesquisa revelaram que, em muitos momentos, se veem à margem da sociedade. Vistos como os coitadinhos, que não servem mais para nada, estão apenas à espera da morte.

Muitas vezes, presenciei rodas de conversa entre os alunos e os professores/mediadores, em especial P/M-01, que sempre primou para que seus discentes

tivessem uma atitude de interesse no curso, que os mesmos pudessem se apoderar de suas habilidades e competências, favorecendo uma aprendizagem colaborativa, na qual a diversidade de opiniões faz a diferença na construção de ideias. Isso é fazer inclusão.

Mesmo a UNISF, com suas práticas de incluir cada vez mais os idosos na sociedade, assiste-se ainda certo preconceito contra os velhos. As pessoas esquecem que a tendência é que venhamos a envelhecer, isso se não acontecer nenhum acidente no percurso da vida. Para se trabalhar com a questão da inclusão, é necessário mudar hábitos, culturas e, sobretudo, a maneira de olhar nossos baluartes, que tanto já fizeram em prol da coletividade, mesmo que esse fazer não represente algo heroico e decisivo para a história da humanidade.

É preciso se despir de preconceitos e estigmas que carregamos ao longo da vida para que possamos ter um mundo onde possamos realmente respeitar as diferenças que se fazem presente em nossas vidas e que foi vista por mim nas minhas observações.

Nas muitas das conversas que mantive com P/M-01, o mesmo tem uma fala que, pra mim, é muito elucidativa: “A educação é capaz de transformar a vida do idoso em diversos aspectos e ainda valorizar a sua participação social enquanto cidadão. E, se realizada de forma reflexiva, altera a vida do professor, que passa a compreender e a intervir em seu próprio processo de envelhecimento”.

A narrativa de P/M-01 traz uma carga emocional muito forte, ao mesmo tempo em que entende que o processo educativo gera uma série de mudanças benéficas para a terceira idade. As ações educativas do mesmo têm como premissa fortalecer os laços afetivos, tentando, sempre, encantar o aluno para que o mesmo se sinta, realmente, parte do processo de aprendizagem, que ele é a estrela principal de tudo isso.

O uso dos jogos educativos em sala de aula, além de ser algo lúdico, tem um lado também de explorar o processo de aprendizagem, que visa à construção do conhecimento por parte do aluno, levando o mesmo a perceber que é uma ferramenta de grande importância no trilhar de suas experiências.

Vejo a utilização dos jogos como uma atividade pedagógica, que pode se constituir de elementos estimuladores do desenvolvimento, haja vista que vivemos em um mundo globalizado, competitivo e que vem exigindo que as pessoas pensem, questionem, objetivando o encontro de soluções aos vários desafios que surgem no trabalho ou na vida cotidiana.

Entendo ainda que o sujeito, ao jogar, busca respostas para suas ansiedades, além de proporcionar diversão e estar presente na interação com o meio, revelando uma lógica diferente do racional, a lógica de subjetividade, tão necessária à estruturação da personalidade humana e à formação das estruturas cognitivas.

Diante disso, percebo que, na minha incursão dentro das dependências da instituição pesquisada, muitos idosos ainda se percebem excluídos, não só por conta da questão tecnológica, mas por serem considerados velhos. Mas há uma luz no fim do túnel, que indica existir uma maior visibilidade para a questão da velhice. Quando a UNISF abre suas portas para os meios de comunicação, ela indica que as pessoas estão ali, são sujeitos que continuam a aprender, que estão sedentos de conhecimento e que podem contribuir para uma melhor convivência entre todos, inclusive colaborando com uma biblioteca viva, que pode ser consultada pelas gerações vindouras, trazendo, assim, a possibilidade de que os saberes se perpetuem através dos tempos. Isso faz uma grande diferença.

Foi possível perceber, através das observações feitas por mim, que os idosos que participaram da pesquisa se dirigem à Universidade Sem Fronteiras não apenas para se apropriarem de novos conhecimentos, mas também para se sentirem em sintonia com seus pares. A ida deles se dá com o intuito de lazer, prazer, onde a velhice é deixada de lado, o que importa é construir relações e novos saberes. Vejo que todos estão a querer compartilhar momentos sociais mais prazerosos e isso a UNISF proporciona com grande maestria. Ressalto ainda que o processo de aprendizagem tem, para a população da terceira idade, a oportunidade de manter a mente ativa e as atividades educativas colaboram para um aprendizado mais efetivo, que se faz presente como instrumento que serve para dinamizar as atividades cognitivas.

Termino meu relato de diário de bordo com o sentimento de dever cumprido, pois viver uma experiência como a que foi vivida por mim na UNISF possibilitou mudanças significativas em meu interior. Percebi que a aprendizagem não se encerra quando damos por encerrada nossa carreira acadêmica, que o processo de aprendizagem continua até o fim da nossa jornada na Terra. Foi possível compreender que os aprendizes da terceira idade colaboraram, e muito, para minha pesquisa, ao mesmo tempo em que me senti, por diversas vezes, sem nenhuma motivação para continuar, coisa também sentida por mim no decorrer do estudo do mestrado. Porém, apesar das mais diversas intempéries, acredito que o dialogar com o diário de bordo se deu de forma muito satisfatória e plena, na qual foi possível ultrapassar as

minhas expectativas. Para mim, foi um grande aprendizado, bem como uma experiência sem igual em minha vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM BREVE FINALIZAR E UM RECOMEÇAR LOGO ALI NA ESQUINA

“Mesmo quando tudo parece desabar cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir”.

Cora Coralina

Atualmente, podemos observar que a população de pessoas na terceira idade atinge patamares preocupantes, acompanhando uma tendência extensiva a muitos países. O envelhecimento é um processo contínuo, durante o qual ocorre declínio progressivo de todos os processos fisiológicos. As atenções dispensadas às políticas públicas, aliadas à imagem cultural do idoso em nossa sociedade, tornam o quadro ainda mais agravante. Envelhecer faz parte do ciclo natural da vida, trazendo consigo todos os percalços orgânicos e psicoafetivos. Mas, depreciativamente, o velho está associado ao conceito de degradação física e psíquica.

O surgimento e desenvolvimento das TIC, assim como suas especificidades, trouxeram uma nova página a ser preenchida na vida desse segmento populacional. A acessibilidade digital possibilitou a construção do conhecimento na terceira idade. No limiar do século XXI, os meios de comunicação até então vigentes já permitiam processos de interação bem menos dinâmicos, dadas as limitações tecnológicas. Num ambiente de cibercultura, trabalha-se com “troca, diálogo, fazer junto⁴⁷”. As possibilidades de aprendizagem ocorrerão à medida em que forem criadas situações adequadas ao perfil desse público-alvo, tão diferenciado por suas especificidades.

Não obstante as inesgotáveis vantagens do uso das TIC no plano educacional, lúdico e terapêutico, com base no seu aspecto de universalidade e interatividade, há que se ponderar o risco que essas mesmas tecnologias têm de isolar o indivíduo das relações interpessoais. Torna-se paradoxal haver tanta facilidade de aproximação virtual com quem está a inúmeros quilômetros de distância, ao mesmo tempo em que se ignora quem está a poucos metros. A universalidade e interatividade possibilitadas pela tecnologia, ao mesmo tempo em que possibilitam a integração global da raça humana, precarizam as relações interpessoais.

Chegou-se a um nível em que é impensável prescindir das novas tecnologias em qualquer esfera educacional, seja presencial, semipresencial e à distância. Toda a sociedade tem

⁴⁷ Grifo do autor.

de estar preparada para essa nova era, uma vez que não se pode excluir dessa realidade. Papert (2008) se refere a esse fenômeno como uma transformação em todas as searas, devido ao uso do computador no dia a dia, ou seja, uma revolução no estilo de vida das pessoas. As TIC impulsionaram o conhecimento em todas as áreas da cultura humana, promovendo mudanças comportamentais e atitudinais, mobilizando a sociedade a adotar uma postura crítica e proativa diante dos problemas sociais e humanos.

É sabido que idosos com pouca ou nenhuma escolaridade, geralmente, possuem uma carga expressiva de conhecimentos empíricos, cujas fontes são as experiências de vida ao longo de suas existências. A inclusão escolar na terceira idade reafirma a identidade, contribui para elevação da autoestima e proporciona autonomia e independência, justamente numa fase da vida em que a tendência é se tornar cada vez mais dependente de familiares e de terceiros, com o passar dos anos. Há que se considerar que, no contexto socioeconômico de nosso país, a maioria dos aposentados padece da precarização salarial, para fazer frente aos altos custos com despesas relacionadas à saúde (consultas médicas, medicações, tratamentos, exames clínicos, planos de saúde, entre outros).

A ousadia de planejar o mundo, o desenvolvimento de coisas novas já estão na natureza humana, estão em nosso modo de ser. Essa necessidade de inovar vem da vontade de passar valores e de que esses valores passem de geração a geração.

Nesse sentido, o processo educacional voltado para a população da terceira idade pode ajudar a mesma a conquistar novos espaços sociais, através de lutas e reivindicações por melhores condições de vida, na sociedade da qual participou e ainda continua a participar, já que ainda não findou seu tempo no planeta.

O objetivo e conteúdo primordial de uma educação voltada para a velhice são: proporcionar ao idoso uma melhor qualidade de vida, resgatar o sentido de ser perceber velho, despertando-o, desenvolvendo-o e estimulando-o, segundo sua capacidade, suas aptidões esquecidas, para lembrar que é um cidadão e uma cidadã competentes.

Mas o que é ser um idoso numa sociedade atrelada às novas tecnologias e à construção do saber?

Antes de responder a pergunta acima, é preciso que esses sujeitos se reconheçam com direitos e deveres, percebam que o passado deve ser incorporado ao presente e não

substituí-lo. O que importa e o que se deseja é que a população idosa se sinta, novamente, como pessoas plenas, úteis, capazes de administrar sua própria vida, de construir seu próprio aprendizado, tentando, dessa forma, se apropriar dos novos conhecimentos tecnológicos que se descortinam à sua frente. E, aí sim, será possível responder a pergunta feita anteriormente.

Ao se trabalhar com o idoso, necessitamos estar preparados e atentos, pois estamos lidando com pessoas com experiências sólidas. É importante compreender que é fundamental exercer a paciência, haja vista que a mesma chega aos mais diversos locais de ensino e de aprendizagem com vícios, bem como com uma atitude própria e que nem sempre está preparada para mudanças em suas vidas.

Nem sempre queremos mudar. Nem sempre desejamos mudar. Mudar leva tempo, predisposição, vontade. Entretanto, toda mudança gera medo, angústia. Para que a mudança ocorra, se faz necessária atitude, se resgatar como um sujeito que tem dentro de si a vontade e o anseio por mudanças, por novas descobertas.

O processo motivacional é de fundamental importância para que o idoso construa seu próprio conhecimento, pois é necessário que o desejo esteja dentro de cada indivíduo. O processo de mudança tem de partir de dentro para fora.

O ponto de partida de toda aprendizagem é uma necessidade, um desejo ou um motivo por parte de quem está aprendendo. Os motivos constituem o aspecto dinâmico do processo educacional, representando um dos pré-requisitos básicos de toda aprendizagem formal.

É de fundamental importância que trabalhar com a população da terceira idade é de grande valia, haja vista que poderá favorecer a autonomia em todas as áreas, já que a possibilidade é a de estimular seu crescimento, levando-a a tomar consciência de si e dos outros. É fazê-la refletir sobre sua aprendizagem ao longo da sua evolução.

Através deste trabalho, foi possível reconhecer a existência de inovação pedagógica na aprendizagem da terceira idade e a contribuição do uso das TIC, na Universidade Sem Fronteiras, para o processo de aprendizagem dos idosos. Utilizou-se, durante o decorrer do estudo, uma abordagem de cunho qualitativo e interpretativo, cujo resultado pode trazer uma contribuição para a academia e para as instituições que lidam com o público da terceira idade.

Após a consolidação, análise e interpretação dos achados, foi possível responder à questão central da pesquisa, bem como os objetivos do estudo em si.

Acreditamos que todas as indagações foram respondidas, de acordo com o que foi proposto no início da investigação. Nesse sentido, entendo que existe, sim, inovação pedagógica na UNISF e que o uso das TIC pela população que participou da pesquisa se faz presente de forma a colaborar, de maneira muito positiva, para a efetivação do processo de aprendizagem, já que este foi o ponto central do objetivo do estudo.

Em relação aos objetivos específicos, admitimos que os mesmos foram plenamente alcançados, já que: 1) conseguimos caracterizar o histórico da terceira idade ao longo da história da humanidade e do desenvolvimento humano, através dos aspectos físicos, psicológicos, culturais, sociais e motivacionais; 2) foi possível identificar uma aprendizagem significativa na terceira idade através do uso das TIC e como esse uso tem sido de grande importância para a inclusão dos aprendizes idosos na sociedade; 3) verificou-se que a Universidade Sem Fronteiras, por ser um ambiente não formal de aprendizagem, consegue trabalhar de forma a contribuir para que a construção do conhecimento seja o mais pleno possível; 4) por fim, percebemos que a instituição em que a pesquisa ocorreu conduz o processo de aprendizagem de forma muito tranquila, sem pressão, com afetividade, além de imprimir nos discentes uma maneira lúdica de aprender.

A pesquisa de campo, de caráter qualitativo, teve como ponto de partida um processo etnográfico, com o objetivo de realizar uma observação participante por meio do diário de bordo, na qual se buscou estudar a realidade local dos aprendizes da terceira idade. O estudo abordou a história da UNISF ao longo da sua existência, bem como foi possível conviver, durante o período de fevereiro de 2017 a abril de 2018, com todos que fazem parte da instituição. Ao longo de toda a investigação, foi possível navegar pelos mais diversos assuntos com os alunos que participaram da pesquisa, além de também poder compartilhar com os professores/mediadores as minhas indagações.

Os diálogos que foram vividos por mim durante todo o percurso e que fazem parte do estudo facilitaram muito meu entendimento sobre o mundo da terceira idade. Além de tirarem minhas dúvidas, aguçaram, de forma muito eloquente, minha curiosidade sobre o tema, ao mesmo tempo em que me pus a estudar com mais profundidade sobre o processo de envelhecimento e a questão da aprendizagem.

Dada a importância do assunto, como é de conhecimento dos mais diversos organismos municipais, estaduais, nacionais e internacionais, a população está a envelhecer e se fazem necessárias mudanças e políticas públicas para que possamos enxergar a velhice de outra maneira.

Nesse sentido, é preciso criar políticas públicas que permitam que todas as pessoas que já se encontram na terceira idade possam ter acesso aos mais diversos materiais educativos, que podem e visam a favorecer uma aprendizagem efetiva e eficaz. Entretanto, não é possível esquecer que essa população, na grande maioria das vezes, se encontra desfavorecida financeiramente, haja vista que o gasto com saúde e alimentação, às vezes, não comporta gastos que, em muitos momentos, são considerados supérfluos.

Ao se trabalhar com a população idosa, é importante que possamos oferecer a todos eles autonomia, bem como estimulá-la na sua aprendizagem, fazer com que ela tome consciência do seu papel na sociedade e que possa ser de grande importância nas mais diversas searas da aprendizagem, já que a experiência da mesma pode ser de grande valia para a população mais jovem.

Ressalte-se, ainda, que são sujeitos que estão sempre dispostos a ajudar aqueles que necessitam, papel este que já fazem ou exercem na família e na comunidade onde vivem e frequentam.

Também é uma responsabilidade importante dos professores/mediadores favorecer o acesso dos idosos a materiais educativos, como livros, jornais, revistas, cartazes, textos, apostilas, vídeos, entre outros.

Este trabalho se constitui como uma proposta de política pública que vem a contemplar a terceira idade no processo de aprendizagem, no sentido de favorecer a mesma quanto ao uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação – TIC, num mundo em que as mudanças ocorrem constantemente e as novas tecnologias que aí estão têm um papel fundamental nessas mudanças.

Para que essas políticas públicas para a terceira idade aconteçam, se faz necessário indicar diretrizes que promovam o processo educacional para essa comunidade. São elas:

- Considerar o processo de aprendizagem de acordo com a especificidade desse público;
- Assegurar o acesso ao conhecimento produzido pela sociedade, inclusive com o uso das TIC;

- Ampliar a oferta de atendimento ao público idoso dentro dos espaços educativos, sejam eles em ambientes formais ou não formais;
- Formar profissionais que possam atender as pessoas com mais de 60 anos, de forma a contemplar uma educação de qualidade.

O objetivo principal dessa política pública é o de identificar a condução da aprendizagem na terceira idade através do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação – TIC e sua contribuição para a inclusão da mesma no mundo contemporâneo.

Como estratégias para garantir que a política pública possa ser efetivada, temos os seguintes pontos:

- Implementar ações que possam promover a oferta, o acesso, a permanência e a continuidade da aprendizagem pela população idosa;
- Promover o acompanhamento da aprendizagem na terceira idade, em parceria com as áreas de saúde e assistência social;
- Assegurar o atendimento ao público idoso em qualquer turno, para que todos possam ser contemplados, de acordo com suas possibilidades de frequentarem o turno que melhor lhe convém;
- Garantir à população da terceira idade o acompanhamento de uma aprendizagem efetiva e autônoma através do uso das TIC.

É necessário criar metas que possam, realmente, ser alcançadas, bem como um processo avaliativo de uma política pública posta em prática e se a mesma está a atender a população idosa, já que, em muitos momentos, as políticas públicas são efetivadas, mas nem sempre são cumpridas à risca.

Entendemos que as políticas públicas para a população da terceira idade não contemplam a educação voltada para esse público, já que, muitas vezes, os mesmos não veem suas necessidades educacionais serem acolhidas. O que temos assistido ao longo do caminho é uma inclusão do idoso dentro da Educação de Jovens e Adultos - EJA, na qual não estão inseridas suas especificidades.

Ao longo dos tempos, a terceira idade despertou e ainda desperta, para muitos, sentimentos negativos, como piedade, medo e constrangimento. Por isso, o desejo de controlar o envelhecimento é um anseio legítimo de muitas pessoas em fase de envelhecimento e sem dúvida faz parte da sua busca pela felicidade. A decadência do corpo pode trazer a infelicidade,

uma vez que a consciência de sua condição pode gerar depressão. Talvez seja por isso que a rejeição à terceira idade seja um mecanismo de defesa natural do homem.

Porém, a aceitação da terceira idade como uma realidade e a compreensão de que se pode ser plenamente feliz em qualquer idade é o caminho mais correto para se evitar a infelicidade. Faz-se necessário manter o idoso em atividade na sociedade, promovendo seu desenvolvimento intelectual com as mais diversas atividades, preparando-o para um mundo novo que se descortina à sua frente, em que o uso da tecnologia se faz presente com toda a sua máxima. É preciso ainda incluí-lo em um contexto social que o veja como detentor de sabedoria, que ainda pode contribuir, de forma significativa, para a construção do conhecimento humano, em todas as searas.

Em alguns momentos, me veio um cansaço por ser um estudo muito longo, bateu uma desesperança em não conseguir chegar ao fim dessa jornada, que teve seu momento certo para iniciar e que acaba de forma muito tranquila, mudando muito minha forma de entender as mais diversas atitudes da população pesquisada por mim. Saio de cena de um modo a compreender outras situações, outros momentos. Consegui, de certa forma, evoluir e aceitar, de forma mais serena, o que a passagem do tempo me trouxe ao longo da minha vida. Isso foi muito revigorante, pois entendi que estamos aqui para aprender tudo aquilo que pudermos acumular como construção de conhecimento.

Com essa tese, meu desejo é que todos os sujeitos que se encontram e aqueles que ainda virão nas próximas gerações a fazerem parte do contingente de idosos possam se orgulhar daquilo que foram, são e continuarão a ser ao longo da jornada da vida, sujeitos construtores do seu conhecimento. E eu, como indivíduo, seja capaz de ver as faces que não são vistas – daqueles que não procuram fama e nem glória, que, silenciosamente, cumprem o papel que lhes foi destinado pela vida. Porque a coisa mais importante da nossa existência é aquela que nos constroem como seres humanos e jamais mostra suas faces.

Desejo ainda que homens e mulheres que se encaminham para a terceira idade possam construir suas próprias identidades, seu processo de aprendizagem e que, ao longo da jornada de vida de cada um, possam compartilhar o conhecimento de maneira ética, solidária, responsável, com autonomia e fraternidade. Espero, sinceramente, que este estudo possa contribuir, de forma muito tranquila, e que seja um instrumento para que o sujeito que venha a

lê-lo reflita sobre o que é navegar no processo de aprendizagem na terceira idade através do uso da tecnologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRACHES, C. Inclusão no trabalho. In: ABRANCHES, C. *et al.* **Inclusão dá trabalho**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2000.

ADLER, E. Aspectos emocionais da aposentadoria. In: VERAS, R. P. Veras (Org.). **Terceira idade: alternativas para uma sociedade em transição**. p. 143-148. Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1999.

ALBA, V. **História social de la vejez**. Barcelona: Laertes, 1992.

ALEMANHA. **Declaração de Hamburgo sobre Educação de Adultos: V Confinteá**. Hamburgo: jul. 1997. Disponível em: www.cefetop.edu.br/codajoia/proeja-programa-nacional-de-integracao-da-educacaoprofissional-com-a-educacao-basica-na-modalidade-de-educacao-de-jovens-e-adultos/VConfinteá_Hamburgo_1997.pdf/at_download/file declaração de Hamburgo. Acesso em: 28 out. 2017.

ALHEIT, P.; DAUSIEN, B. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, n. 1, p. 177-197, jan./abr. 2006. Traduzido por Teresa Van Acker, a partir da versão francesa de Christine Delory-Momberger “Processus de formation et apprentissages tout ao long de lavie”, publicada em *Orientation Scolaire et Professionnelle*, 2005, n. 1.

ALONSO, F. **Fundamentos da la psiquiatria actual**. Madrid, Editorial Paz Montalvo, 1982.

ALONSO, F. R. B. **Envelhecendo com Dignidade: O Direito dos Idosos como o Caminho para a Construção de uma Sociedade para Todas as Idades**. Dissertação (Mestrado em Ciências Jurídicas e Sociais) - Universidade Federal Fluminense. 2005.

ALMEIDA, S. F. C. de. A motivação da aprendizagem no adulto jovem. **Revista de Psicologia**. v. 4. n. 1. Jan/Jul. Fortaleza, 1986.

ALVES, S.; MOREIRA, C.; NOGUEIRA, S. **Relações Sociais, Estereótipos e Envelhecimento**. v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Pictures/Artigos%20para%20o%20tcc%3B/esteriotipos%20da%20velhic e.pdf> . Acesso em: 17 abr. 2017.

ANCIÃOS transmitem cultura indígena. Disponível em: <http://www.comciencia.br>. Acesso em 22 out. 2017.

ANDER-EGG, E. **Introducción a lãs técnicas de investigación social: para trabajadores sociales**. 7. ed. Buenos Aires: Humanitas, 1978.

ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: JZE, 1999.

_____. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, E. & GENTILI, P. (Orgs.). **Pós-neoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Papirus: São Paulo, 2010.

ANDREWS, G. A. Los desafios del proceso de envejecimiento em las sociedades de hoy y del futuro. In: **ENCUENTRO LATINOAMERICANO Y CARIBE - O SOBRE LAS PERSONAS DE EDAD**, 1999, Santiago. Anais... Santiago: CELADE, 2000. p. 247-256. (Seminarios y Conferencias - CEPAL, 2).

APPLE, M. W. **Poder, significado e identidade**: ensaios de estudos educacionais críticos. Porto: Porto Editora. 1999.

ARANHA, M. L. **Filosofia da educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ARIANO, S. **O processo de Bolonha**: O que é isso? Para quem é isso? Disponível em: <https://universidadeparaquem.wordpress.com/2009/07/02/o-processo-de-bolonha-o-que-e-isso-para-quem-e-isso/> Acesso em: 11. mar. 2018.

ASSIS, M. Aspectos sociais do envelhecimento. In: SALDANHA, A. L.; CALDAS, C. P. (Orgs.). **Saúde do idoso**: a arte de cuidar. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, p. 11-21, 2004.

ASSIS, M. G.; DIAS, R. C.; NECHA, R. M. A universidade aberta para a terceira idade na construção da cidadania da pessoa idosa. p. 199-299. In: ALCÂNTARA, A. de O.; CAMARANO, A. A.; GIACOMIN, K. C. **Política nacional do idoso**: velhas e novas questões. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

ASTI VERA, A. **Metodologia da pesquisa científica**. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D., HANESIAN, H. Psicología Educativa: um punto de vista cognoscitivo. México: Trillas, 1983.

AZPITARTE, E. L. **Idade inútil? Como se preparar para tirar proveito da velhice**. São Paulo: Paulinas, 1995.

BARBOSA, M^a. L. de O.; QUINTANEIRO, T. Max Weber. QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M^a. L. de O.; OLIVEIRA, M. G. de. **Um toque de clássicos**: Marx, Durkheim e Weber. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Portugal. Edições 70, LDA, 2009.

BARROS, H. Políticas do Ministério da Justiça. **A Terceira Idade SESC**, n. 17, ago./1999.

BASTOS, J. A. de S. L. de A. **O papel dos centros tecnológicos na formação de docentes e alunos e em sua vinculação com o setor produtivo**. Trabalho apresentado no IV Congresso de Educación Tecnológica de los Países del MERCOSUR, Montivideo, 1996.

BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELO, I. **Vejez y acción política**: surge um nuevo movimiento social? Tese (Doutorado em Ciências Sociais e Saúde) - Universidade de Barcelona, 2002.

BENEDICT, R. **O crisântemo e a espada**. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BERQUÓ, E. S. Algumas considerações demográficas sobre o Envelhecimento da População no Brasil. In: **Anais da 49ª Reunião da SBPC**. São Paulo, 1996.

BEZ, M. R.; PASQUALOTTI, P. R.; PASSERINO, L. M. Inclusão Digital da Terceira Idade no Centro Universitário Feevale. Brasília – DF. In: Workshop em Informática na Educação (sbie). **Anais... XVII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**, SBIE, UNB/UCB. 2006, v. 6, p.61-70.

BIASUS, F. Reflexões sobre o envelhecimento humano: aspectos psicológicos e relacionamento familiar. **Perspectiva**. Erechim, n. 40, n. 152, p. 55-63, dezembro/2016.

BOBBIO, N. **O Tempo da Memória**: de senectute e outros escritos autobiográficos. 6. Ed. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1997.

BOCK, F. T. **Uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.

BOFF, L. **A Águia e a Galinha** – uma metáfora da condição humana. 23. ed. Petrópolis, editora Vozes, 1997.

BOGDAN, R.; BIKLEN. S. K. **Qualitative Research for Education: na introduction to theory and methods**. Boston: Allyn and Bacon, Inc., 1982.

BOLIGIAN, L. e ALVES, A. T. **Geografia**: espaço e vivência. Volume único. Ensino Médio. São Paulo: Atual, 2004.

BORBA, F. S. (org). **Dicionário UNESP do Português Contemporâneo**. São Paulo: UNESP, 2004.

BOURDIEU, P. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRAGA, A. M., GENRO, M. E.; LEITE, D. Universidade futurante: inovação entre certezas do passado e incertezas do futuro. In: LEITE, D., MOROSINI, M. (Orgs.). **Universidade futurante**: produção do ensino e inovação. Campinas, SP: Papyrus. p. 21-38. 1997.

BRANDÃO, C. R. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis. RJ. Vozes, 2002.

_____. **O que é educação**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. **Educação Capes**. Portal Brasil. Disponível em: www.brasil.gov.br/educacao/2011/02/capes. Acesso em: 02 jun. 2017.

_____. **Estatuto do Idoso**. Legislação sobre o idoso: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2013.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. **Educação para jovens e adultos**. Brasília: MEC, 2001.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Declaração de Brasília sobre Envelhecimento**. IN: SEMINÁRIO MUNDIAL DO ENVELHECIMENTO: uma agenda para o século XXI, 1 a 3 de julho de 1996, Brasília. Disponível em: <http://www.ufsm.br/antartica/Palestra%206.htm>. Acesso em: 22.abr.2018.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 05 de outubro de 1988.

BRUNER, J. S. **Uma nova teoria de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Bloch Editora, 1969.

BUENO, S. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.

BZUNECK, J. A. A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: BORICHOVITCH, E.; BZUNECK, J. A. (Orgs.). **A motivação do aluno**. 3. ed., p. 9-36. Petrópolis: Vozes. 2004.

CACHIONI, M. Universidade da terceira idade: história e pesquisa. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 15, n. 7, p. 1-8, dez. 2012.

_____. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. São Paulo: Editora Alínea. 2003.

_____. Universidade da terceira idade: das origens à experiência brasileira. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Org.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, p. 141-178. 1999.

CALADO, K. R. M. **Aluno deficiente visual na escola: lembranças e depoimentos**. São Paulo: Autores Associados, 2003.

CALDAS, C. P. *et al.* Conversando com idosos: o cuidar/pesquisar dialógico e sociopoético. **Ver. Enf. UERJ**. V. 11, p. 308-316, 2003.

CAMARANO, A. A. (Org.). **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, A. A.; PASINATO, M. T. O envelhecimento populacional na agenda das políticas públicas. In: CAMARANO, A. A. **Os Novos Idosos Brasileiros: Muito Além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, p. 253-292. 2004.

CANÁRIO, R. A Escola: o lugar onde os professores aprendem. *Psicologia da Educação*. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia da Educação**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 6, p. 9-27. 1998.

CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

CARTA AOS ALUNOS PARA O NOVO PROGRAMA DE 2018. Universidade Sem Fronteiras (UNISF). Fortaleza-CE, 2018.

CARTA AOS ALUNOS PARA O NOVO PROGRAMA DE 2017. Universidade Sem Fronteiras (UNISF). Fortaleza-CE, 2017.

CHACON, A. P. V.; MEJIA, D. P. M. **Os benefícios da atividade física na terceira idade.** p. 1-13. Disponível em: http://portalbiocursos.com.br/ohs/data/docs/198/2-Os_Beneficios_da_Atividade_FYsica_na_Terceira_Idade.pdf. Acesso em: 17 abr. 2017.

CHARLOT, B. **Da Relação com o Saber:** elementos para uma teoria. Tradução de B. Magne Porto Alegre: ArtMed, 2000.

CHASSOT, A. **Alfabetização Científica:** questões e desafios para a educação. 5. ed. Revisada. Ijuí: Unijuí, 2010.

CHAUÍ, M. **Cultura e Democracia:** o discurso competente e outras falas. 2. ed. São Paulo: Ed. Moderna. (Coleção Contemporânea), 1981.

CÍCERO, M. T. **De Senectude.** Tradução e comentários de José Ewaldo Sheid. Canoas: Ulbra, 1999.

CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. **Noções sobre Educação Física e Esporte para Pessoas Portadoras de Deficiência.** Uberlândia, 1997.

CLAXTON, G. **O desafio de aprender ao longo da vida.** ArtMed Editora. 2005.

COELHO FILHO, J. M. Desafios e possibilidades de viver mais. **Jornal Diário do Nordeste.** Tempo de Memória – Doc. p. 3, Fortaleza-CE. Sábado e Domingo. 01 e 02.10.2016.

COHN, A. A questão social no Brasil: a difícil construção da cidadania. In: MOTA, C. (org.). **Viagem incompleta:** a experiência brasileira (1500-2000): a grande transação. São Paulo: SENAC, 2000.

COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS. **Tornar o espaço europeu de aprendizagem ao longo da vida uma realidade.** Bruxelas. p. 1-50. Novembro/2001.

_____. **Memorando sobre aprendizagem ao longo da vida.** Bruxelas. p. 1-42. Outubro/2000.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS (VI CONFINTEA). **Marco de Ação de Belém.** Brasília: UNESCO, 2010.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS (V CONFINTEA). **Declaração de Hamburgo:** agenda para o futuro. Brasília: UNESCO, 1997.

CORREIA, F. L. de S. **Internet – sala de estudo virtual.** Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Universidade da Madeira (UMa). Funchal-PT, 2011.

COSTA, M. **Cuidar idosos:** formação, práticas e competências dos enfermeiros. Portugal: Coimbra. Editora Formasau. 2002.

CUNHA, M^a. I. da. Inovações: conceitos e práticas. In: CASTANHO, S., CASTANHO, M^a. E. (Orgs.). **Temas e textos em metodologia do ensino superior.** Campinas, SP: Papyrus, 2001.

D'ALENCAR, R. S. Ensinar a viver, ensinar a envelhecer: desafios para a educação de idosos. **Estud. interdiscip. envelhec.**, Porto Alegre, v. 4, p. 61-83, 2002.

D'AMBRÓSIO, U. **Etnomatemática: elo entre as tradições e a modernidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DAL RIO, M^a. C. Construção de novas formas de sociabilidade no processo de envelhecimento e na velhice. p. 11-27. In: DAL RIO, M^a. C. *et al.* **Perspectiva social do envelhecimento**. São Paulo: Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social: Fundação Padre Anchieta, p. 1-47. 2009.

DAVIDOF, L. L. **Introdução à psicologia**. 3. ed. São Paulo: Makron Books; 2001.

DEBERT, G. G. **A Reinvenção da Velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Universidade de São Paulo, FAPESP, 2004.

_____. A construção e a reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, A. L.; DEBERT G. G. (Org). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.

DEBERT, G. G. A invenção da terceira idade e a rearticulação de formas de consumo e demandas políticas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol. 12, n. 34, p. 39-56, jun./1997.

DECLARAÇÃO DE INCHEON. **Marco de Ação da Educação**. Rumo a uma educação de qualidade inclusiva e à educação ao longo da vida para todos. 53 p. Brasília: UNESCO, 2016.

DELORS, J. *et. al.* **Educação um tesouro a descobrir**. 2^a. ed. Cortez Editora. Brasília-DF, MEC. UNESCO. 1999.

DE MASI, D. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2000.

DOLL, J.; MACHADO, L. R. O idoso e as novas tecnologias. In: FREITAS, E. V. de [et al.]. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. Ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. Cap. 153, p. 2284-2294. 2013.

DROVET, R. C. da R. **Distúrbios de aprendizagem**. São Paulo: Editora Cortez, 1990.

DRUCKER, P. A Nova sociedade das organizações. In: HOWARD, R. (Org.). **Aprendizado organizacional**. Rio de Janeiro: Campus, p.1-7. 2000.

DUARTE, L. T. **Envelhecimento: processo biopsicossocial** Disponível em: <http://www.psicomca.com/psimed/mês/velhice.html>. Acesso em 30 ago. 2016.

DURKHEIM, È. **A Divisão do Trabalho Social**. Lisboa: Ed. Presença, 1977.

DWECK, A. S. **Self-theories: their role in motivation, personality and development**. Lillington: Edwards Brothers. 1999.

EAGLETON, T. **A idéia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2003.

ELIOPOULOS, C. **Enfermagem Gerontológica**. 5. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

EVANS-PRITCHARD, E. Lessystèmes de classe d'âge chez les Nuer. In: SANTERRE, R.; LETOURNEAU, G. **Vieillir à Traversle Monde**. Sainte-Foy: Les Presses de L'Université Laval, p. 125-131, 1989.

FALCÃO, G. **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

FARIAS, I. M. S. de. **Inovação, mudança e cultura docente**. Brasília: Liber Livro, 2006.

FARIAS, J. S.; VÍTOR, T. da L.; LINS, P. V.; PEDROZA FILHO, L. E. A. Inclusão digital na terceira idade: um estudo sobre a propensão de idosos a adoção de tecnologias da informação e comunicação (TICs). **Revista Gestão & Tecnologia**, Pedro Leopoldo, v. 150, n. 3, p. 164-188, set./dez. 2015.

FAZENDA, I. C. A. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FEATHERSTONE, M. A velhice e o envelhecimento na pós-modernidade. **Revista A Terceira Idade**. Ano X. n. 14, p. 5-18, Agosto 1998.

FERNANDES, B. L. V. Atividade Física no Processo de Envelhecimento. **Revista Portal de Divulgação**. n. 40, ano IV, p. 43-48, Mar/Abr/Mai. 2014.

FERNANDES, C.; GRILLO, M. C. (Orgs.). Currículo e prática pedagógica da educação superior. In: MOROSINI, M. C. (Org.) *et al.* **Enciclopédia de Pedagogia Universitária**. Glossário vol. 2. Brasília: INEP/RIES, p. 441-457, 2006.

FERNANDES, M. R. **Mudança e Inovação na Pós-modernidade**. Perspectivas curriculares. Coleção Ciências da Educação Séc. XXI. Porto Editora, Portugal, Porto, 2000.

FERNANDES, M^a. T. de O.; SOARES, S. M^a. O desenvolvimento de política de atenção ao idoso no Brasil. **Rev. Esc. Enferm. USP**. 46(6): 1494-1502, 2012.

FERRARI, M. A. C. O envelhecer no Brasil. **O Mundo da Saúde**. São Paulo. v. 23, n. 4, jul./ago., p. 197-203, 1999.

FERRIGNO, J. C. **Conflitos e cooperação entre gerações**. São Paulo: Edições Sesc-SP, 2013.

FIGEL, J. Sem título. Comunicação apresentada na **Conferência de Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da aprendizagem ao longo da vida**. p. 17-20. 2007. Disponível em: www.dgrhe.min-edu.pt/Portal/Webforms/Docentes/PDF/Docente/formacao/Comunicacoes.pdf. Acesso em: 02 nov. 2017.

FINO, C. N. Inovação Pedagógica, Etnografia, Distânciação. In: FINO, C. N. **Etnografia da Educação**. Funchal. Universidade da Madeira – CIE – UMa, pp. 99-118. 2011.

_____. Investigação e inovação (em educação). In: FINO, C. N.; SOUSA, J. M^a. (Orgs.). **Pesquisar para mudar (a educação)**. Funchal: Universidade da Madeira, 2010.

FINO, C. N. Inovação Pedagógica: significado e campo (de investigação). In: MENDONÇA, A. & BENTO, A. V. (Org.). **Educação em Tempo de Mudança**. Funchal: Grafimadeira, 2008a.

_____. A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais. In: ESCALLIER, C.; VERÍSSIMO, N. (Org.). **Educação e Cultura**. Funchal: DCE-Universidade da Madeira. P. 43-53. 2008b.

_____. O Futuro da Escola do Passado. In: SOUSA, J. M^a.; FINO, C. N. (Org.). **A Escola Sob Suspeita**. Porto: ASA. 2007.

FINO, C. N.; SOUSA, J. M^a. As TIC redesenhando as fronteiras do currículo. **Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación**. 8(10), p. 2051-2063. Departamento de Ciências da Educação da Universidade da Madeira. Portugal. 2003.

FISCHER, B. Será possível envelhecer com saúde? **Boletim do CREA**. Centro de Referência ao Envelhecimento, n. 5, São Paulo, 2006.

FISCHER, R. M. **Televisão & educação: fluir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOGAÇA, M^a. C. C. B. H. **Cabe também ao idoso a mudança da imagem sobre o velho**. Disponível em: <http://www.ptbnumer.org.br/noticias/idoso.html>. Acesso em 30 ago. 2016.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002. Apostila.

FONSECA, M^a. N. S. Velho e velhice nas literaturas africanas de língua portuguesa. In: FONSECA, M^a. N. S. **Literaturas Africanas de Língua Portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos**. 1. ed. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, p. 131-149, 2008.

FORRESTER, V. **O Horror Econômico**. São Paulo. 4. ed. Unesp. 1997.

FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANÇA, L. S. **Quando o entardecer chega...**o envelhecimento ainda surpreende muitos. Disponível em: <http://www.guiarh.com.br/pp46.html>. Acesso em 01 set. 2016.

FREIRE, A. M^a. A. (Org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: UNESP, 2001.

FREIRE, A. M^a. A. **Utopias provisórias: as pedagogias críticas num cenário pós-colonial**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. [s.l.]: Sabotagem, 2006. Arquivo PDF. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf/pedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf. Acesso em 08 dez. 2017.

FREIRE, P. A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua; compreensão de sua visão crítica. In: **Ação Cultural para a Liberdade: e outros escritos**. Rio de Janeiro: paz e Terra, 2003.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. Novos Tempos, Velhos Problemas. **In: III Congresso Estadual Paulista Sobre a Formação de Educadores**, São Paulo: Unesp, p. 37-44. 1994.

_____. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1993.

FULLAN, M. **The new meaning of educational change**. 2. ed. London: Cassell Educational, 1991.

FURTER, P. **Educação e vida**. Petrópolis: Vozes, 1976.

GADOTTI, M. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. **A educação contra a educação**: o esquecimento da educação e a educação permanente. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra, 1981.

GADOTTI, M.; FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Pedagogia**: diálogo e conflito. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

GARCÍA, C. M. **Formação de Professores** – para uma mudança educativa. Tradução: Isabel Narciso. Porto: Porto Editora, 1999.

GAVIÃO, A. C. D. **Envelhecimento e psicoterapia psicanalítica**: um estudo piloto através do Método de Rorschach. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo. 1996.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GLAT, R. (Org.). **Educação Inclusiva**: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro: 7letras. 2007.

GLOVER, I. **Ageism in work and employment**. Burlington: Ashgate Publishing Company, 2001.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social**. 3. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional. 1969.

GOHN, M^a. da G. **Educação não formal e o educador social**: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo no terceiro setor. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

GOHN, M^a. da G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio:** aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GONÇALVES, L. G. Práticas não-escolares e inclusão. Educação ao longo da vida. p. 20-28. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Salto para o futuro.** Educação ao longo da vida. Ano XIX, nº. 11, p. 1-38, setembro/2009.

GREEN, L. **How Popular Musicians Learn.** London: Ashgate, 2001.

HADDAD, E. G. de M. **O direito à velhice:** os aposentados e a previdência social. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

HAMMERSLEY, M; ATKINSON, P. **Etnografia:** métodos de investigación. 2. Ed. Barcelona: Paidós, 1994.

HANNAN, A.; SILVER, H. **LA innovación en la enseñanza superior:** enseñanza, aprendizaje y culturas institucionales. Madrid: Narcea, 2006.

HELMAN, C.G. **Cultura, saúde e sociedade.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HERNÁNDEZ, F.; SANCHO, J. M.; CARBONELL, J.; SIMÓ, N.; SANCHES-CORTÉS, E. **Aprendendo com as Inovações nas Escolas.** Porto Alegre: ARTMED, 2000.

HERÉDIA, V. B. M. A família, a educação e o envelhecimento humano: desafios para a sociedade. In: CASARA, M. B.; CORTELLETTI, I. A.; BOTH, A. **Educação e envelhecimento humano.** Caxias do Sul: EDUCS, 2006. p. 109-132.

HOFFMANN, J. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança.** Cadernos Educação Infantil – 3, Porto Alegre: Editora Mediação, 15^a ed., 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Projeção da População do Brasil por Sexo e Idade para o Período 1980-2050 – Revisão 2008.** Coordenação de População e Indicadores Sociais. Gerência de estudos e Análises da Dinâmica Demográfica. Rio de Janeiro, 2008.

JACOB, L. K. **Diferenças Motivacionais e suas Implicações no Processo de Ensino/Aprendizagem de Espanhol como Língua Estrangeira.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto: UNESP, 2002.

JACOBUCCI, D. F. C. **Contribuições dos espaços não-formais de educação para a formação científica.** EM EXTENSÃO. Uberlândia-MG, v. 7, p. 55-66, 2008.

JORNAL DIÁRIO DO NORDESTE. Conheça os seis tipos de motivação. **Caderno Empregos.** Fortaleza, Ceará. Sábado e Domingo, 25 e 26 de fevereiro de 2017. p. 1-8.

KAMII, C. **A criança e o número.** Campinas: Papyrus, 1992.

KASTENBAUN, R. (Org.). **Velhice:** anos de plenitude. São Paulo: Harper e Rom do Brasil Ltda. 1981.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

KUZNIER, T. P. **O significado do envelhecimento e do cuidado para o idoso hospitalizado e as possibilidades do cuidado de si**. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Paraná. Setor de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Curitiba-PR, 2007.

LAPASSADE, G. L. **La méthode ethnographique**. Disponível em: <http://www.vadeker.net/corpus/lapassade/ethngrso.htm>. Acesso em 11 dez. 2017.

_____. **As Microsociologias**. Série Pesquisa em Educação. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

_____. Observation Participante. **Revista Europeia de Etnografia da Educação**. 1. ed. 2001.

LARA, T. A. **Caminhos da razão no Ocidente**: a filosofia nas suas origens gregas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **A inteligência colectiva**: para uma antropologia do ciberespaço. Lisboa: Gradiva, 1997.

LIEURY, A. & FENOUILLET, F. **Motivação e aproveitamento escolar**. Tradução de Y. M. C. T. Silva. São Paulo: Loyola. 2000.

LIMA C. R. V. **Políticas públicas para idosos**: a realidade das instituições de longa permanência para idosos no Distrito Federal. Monografia (Especialização em Legislativo e Políticas Públicas) - Câmara dos Deputados. Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento (Cefor). Brasília. 2011.

LIMA, M. F. de; JIMENEZ, S. V. O complexo da educação em Lukács: uma análise à luz das categorias trabalho e reprodução social. **Educação em Revista**. Belo Horizonte. V. 27, n.02, p. 73-94, Agosto/2011.

LIMA, P. S. R.; PEREIRA, E. C. B. Grupo de educação na terceira idade da UFPA: atividades físicas como possibilidade de melhoria na qualidade de vida dos idosos. In: II Congresso Norte Brasileiro de Ciências do Esporte, 2009. Belém. **Anais do II Congresso Norte Brasileiro de Ciências do Esporte**. v. 02, 2009.

LINTON, R. **O homem** – uma introdução à antropologia. Tradução: Lavínia Vilela. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

LUO, X.; LI, H.; ZHANG, J. & SHIM, J. P. Examining multi-dimensional trust and multi-faceted risk in initial acceptance of emerging technologies: An empirical study of mobile banking services. **Decision Support Systems**, 49, 222-234. 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas Básicos de Educação e Ensino).

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2. ed. 2010.

_____. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2004.

MACEDO, R. S.; GALEFFI, D.; PIMENTEL, A. **Um rigor outro: sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MAIA, M. & ALBUQUERQUE, A. Get there now! Cultura contemporânea, imediatismo e desamparo. **Pulsional: revista de psicanálise**. Ano XIII, nº. 132, 81-88, 2000.

MAKARENKO, A. S. **Poema Pedagógico**. Editora Brasiliense. São Paulo, 1985.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril, 1976.

MANTOAN, M^a. T. E. O direito de ser, sendo diferente, na escola. In: RODRIGUES, D. (Org.). **Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo: Summus, 2006.

_____. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2003.

MARCONI, M. D. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARCONI, M. A.; PRESSOTO, Z. M. N. **Antropologia: uma introdução**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

MASCARO, S. A. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense. 2004.

MATOS, C. L. A. Envelhecimento, Terceira Idade e Consumo Cultural. **III Encontro Baiano de Estudos em Cultura – III EBECULT**. Disponível em: www.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/Envelhecimento-terceira-idade-e-consumo-cultural.pdf. Acesso em 22 abr. 2017.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: edição compacta**. São Paulo: Atlas, 1996.

MENDONÇA, J. Políticas do Ministério da Previdência e Assistência Social. **A Terceira Idade SESC**, n. 17, 1999.

MINAYO, M^a. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MINAYO, M^a. C. de S.; COIMBRA JR, C. E. A. Entre a Liberdade e a Dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. p. 11-24. In: MINAYO, M^a. C. de S. (org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, Coleção Antropologia & Saúde, 2002.

MINOIS, G. **Historia de la vejez**. De la Antigüedad al renacimiento. Madrid: Nerea. 1987.

MOLINA, M. C.; SÁ, L. M. Escola do Campo. In: CALDART, R. S. *et. al.* **Dicionário da educação do campo**. 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

MOODY, H. R. The new aging enterprise. **Occasional papers**. Washington, Academic Affairs, n. 4, p. 1-50. may. 2008.

MORAES, M^a. C. Sistêmico. FAZENDA, I. C. A. (org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, p. 33-34, 2002.

MORAES, M^a. C. O Paradigma Educacional Emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. **Revista Em Aberto**, Brasília, ano 16. N. 70, abr./jun. p. 57-69. 1996.

MORAGAS, R. M. **Gerontologia social: envelhecimento e qualidade de vida**. São Paulo: Paulinas, 1997.

MORAN, J. M. **Desafios da Internet para o Professor**. 2005. Disponível em: <http://www.serprofessorunivesitario.pro.br/ler.php?modulo=18&texto=1025>. Acesso em: 12.03.2018.

MOREIRA, A. F. B. e CANDAU, V. M^a. Educação escolar e cultura(s):construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Ago. n. 23, 2003.

MOREIRA, V.; NOGUEIRA, F. N. N. Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. **Psicol. USP**. vol. 19, n. 1. São Paulo. Jan/Mar. 2008.

MOURA, G. Escolarização e Educação: da convergência e divergência. **Rio Eletrônica – Revista Científica da FASETE**. Ano 1, n. 01, Agosto/2007.

MYERHOFF, B.; SIMIC, A. (Orgs.). **Life's career-aging-cultural variations on growing old**. Beverly Hills: Sage, 1978.

NASCIMENTO, L. A. do; RAMOS, M. M. A memória dos velhos e a valorização da tradição na literatura africana: algumas leituras. **Crítica Cultural (Critic)**. Palhoça, SC, v. 6, n. 2, p. 453-467, jul./dez. 2011.

NERI, A. L. (Org.). **Psicologia do envelhecimento: temas selecionados na perspectiva do curso de vida**. Campinas: Papirus, (Coleção Viva Idade). 1995.

NERI, A. L. & FREIRE, S. A. (Orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas – São Paulo: Papirus, 2000.

NOVAES, M^a. H. **Psicologia da terceira idade: conquistas possíveis e rupturas necessárias**. 2. ed. Aumentada. Rio de Janeiro: NAU, 2000.

NÓVOA, A. **As Organizações Escolares em Análise**. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

_____. Inovação e História da Educação. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, Pannonica Editora, 1992.

OLIVEIRA, I. A. de. Educação ao longo da vida. p. 5-13. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Salto para o futuro**. Educação ao longo da vida. Ano XIX, nº. 11, p. 1-38, setembro/2009.

_____. Educação de jovens e adultos e idosos: aprendizagem ao longo da vida. p. 14-19. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. **Salto para o futuro**. Educação ao longo da vida. Ano XIX, nº 11, p. 1-38, setembro/2009.

OLIVEIRA, R. C. S. O processo histórico do estatuto do idoso e a inserção pedagógica na universidade aberta. **Revista HISTEDBR Online**, 28: 278-86, dezembro, 2007.

OLIVEIRA, R. C. S.; OLIVEIRA, F. S.; SCORTEGAGNA, P. A. Universidades abertas para a terceira idade: a construção de saberes para um novo olhar sobre a velhice. *In*: TONI, I. M.; VIEIRA, C. M. S. S.; D'ALENCAR, R. S. (Orgs.). **Dossiê: experiências de educação para velhice – universidades abertas à terceira idade**. Ilhéus: Editus, p. 101-136. 2004.

OMORI, M. T. & FELINTO, A. S. Analysis of Motivational Elements of Social Games: A PuzzleMatch 3-Games Study Case. Hindawi Publishing Corporation. **International Journal of Computer Games Technology**. Article ID 640725, 10 pages, DOI:10.1155/2012/640725. 2012.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Cúpula da ONU discute envelhecimento populacional e desenvolvimento sustentável. p. 1-2. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/cupula-da-onu-discute-envelhecimento-populacional-e-desenvolvimento-sustentavel.pdf>. Acesso em 11 abr. 2017. 2017a.

_____. **Mundo terá 2 bilhões de idosos em 2050; OMS diz que ‘envelhecer bem deve ser prioridade global’**. Disponível em: <http://nacoesunidas.org/mundo-tera-2-bilhoes-de-idosos-em-2050-oms-diz-que-envelhecer-bem-deve-ser-prioridade-global>. Acesso em 17 abr. 2017. 2017b.

_____. **Indicadores demográficos populacionais**. Revisão 2008.

_____. **Plano de ação internacional contra o envelhecimento**. Tradução de Arlene Santos. — Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos – 49p. Série Institucional em Direitos Humanos. v. 1. 2002.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Princípios das Nações Unidas para o Idoso**. Resolução 46/91. Aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas 16/12/1991. Disponível em: http://www.fbb.pt/sos/wp-content/uploads/sites/10/2014/05/principios_das_nacoes_unidas_para_o_idoso.pdf. Acesso em 12.05,2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Fórum Mundial de Educação 2015**. Declaração de Incheon. Educação 2030: Rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos. Brasília: UNESCO, 2015.

_____. **Sexta Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA VI)**. Marco de Ação de Belém. Brasília, Abril/2010.

_____. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948. Brasília, 1998.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **The world health report**. Genebra, 2001.

OTTONI, M. A. M. **A trajetória das políticas públicas de amparo ao idoso no Brasil**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Social – PPGDS. Montes Claros – MG, 2012.

PADILHA, P. R. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

PAIVA, T. D.; SANTOS, C. F.; SILVA, E. M. da; SILVA, E. R. da; SILVA, K. R.; BORRAGINE, S. de O. F. Exercício resistido e a saúde do idoso. EFDeportes.com, **Revista Digital**. Buenos Aires, ano 17, n. 167, p. 1-13, Abril/2012.

PAIVA, V. **Educação permanente e capitalismo tardio**. São Paulo: Cortez Editora, 1985.

PAIVA, V. M. B. A velhice como fase do desenvolvimento humano. **Revista de Psicologia**. v. 4, n. 1, Edições Universidade Federal do Ceará. Jan/Jun. Fortaleza. 1986.

PALÁCIOS, A. da R. J. Velhice Palavra Quase Proibida; Terceira Idade, Expressão Quase Hegemônica. In: COUTO, E. S.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpos Mutantes: Ensaio sobre Novas (D)eficiências Corporais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PALMA, L. A.; CACHIONI, M. Educação permanente: perspectiva para o trabalho educacional com o adulto maduro e com o idoso. In: FREITAS, E.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; GORZONI, M. L.; ROCHA, S. M. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 2-12, 2002.

PALMA, L. T. S. **Educação permanente e qualidade de vida: indicativos para uma velhice bem-sucedida**. Passo Fundo: UPF. 2000.

PAPALÉO NETTO, M. O estudo da velhice no séc. XX: histórico, definição do campo e termos básicos. In: FREITAS, E. *et al.* (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Kroogan, p. 2-12. 2002.

PAPERT, S. **A Máquina das Crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre: Artes Médicas. Tradução: Sandra Costa, 2008.

_____. **A Família em Rede: ultrapassando a barreira digital entre gerações**. Trad. Fernando Augusto Bensabat Lacerda e Melo. Lisboa: Relógio D'Água Editores. 1996.

_____. **Logo, computadores e educação**. São Paulo: Braziliense, 1980.

PASCHOAL, G. **Anciãos transmitem cultura indígena**. Disponível em: www.comciencia.br/dossies-172/reportagens/envelhecikmento/texto/envo6.htm. Acesso em: 17.07.2017.

PÁTARO, C. S. **Cultura e sujeito: o papel das crenças na organização do pensamento humano**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação: Unicamp, 2006.

PAULON, S. M. **Documento subsidiário à política de inclusão**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. 2005.

PAZ, S. F. **Dramas, Cenas e Tramas: a situação de Fóruns e Conselhos de Idosos no Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. Campinas. São Paulo, 2001.

PEIXOTO, C. E.; CLAVAIROLLE, F. **Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2005.

PEPPE, A. Políticas do Ministério do Trabalho e Emprego. **A Terceira Idade SESC**. n. 17, ago./1999.

PEREIRA, E. T. **A terceira idade na universidade aberta: navegando, buscando, aprendendo em um mar sem fim**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. São Paulo, 2009.

PEREIRA, L. G. P. **A importância da aprendizagem na terceira idade**. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/N204140.pdf. Acesso em: 07.05.2018.

PERES, M. A. de C. **Velhice, Trabalho e Cidadania: as políticas da terceira idade e a resistência dos trabalhadores idosos à exclusão social**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2007.

PETERSEN, D. A. W.; KALEMPA, V. C.; PYSOKZ, L. C. Envelhecimento e Inclusão Digital. **Extensio**. v. 10, n. 15, p. 120-128, 1º semestre 2013.

PETROIANU, A; PIMENTA, L. **Cirurgia geriátrica**. Rio de Janeiro: MÉDSI, 1998.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. 3. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

_____. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PINHEIRO JÚNIOR, G. **Sobre alguns conceitos e características de velhice e terceira idade: uma abordagem sociológica**. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/artricle/download/1255/1067>. Acesso em 17 abr. 2017.

PINTO, L. C. Sobre educação não formal. **Cadernos d'inducar**. Maio/2005. Disponível em www.inducarpt/webpage/contents/pt/cad/sobreEducacaoNF.pdf. Acesso em 22 ago. 2017.

PLATÃO. **A República**. Livro VII. Trad. Elza Moreira Marcelina. Brasília: UnB, 1995.

PONTAROLO, R. S.; OLIVEIRA, R. de C. da S. Terceira idade: uma breve discussão. **Publ. UEPG Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes**. Ponta Grossa, 16 (1) 115-123, jun. 2008.

PONTE, J. P da. Tecnologias de informação e comunicação na formação de professor: que desafios? **Revista Ibero Americana de Educación**. n. 24, p. 63-90, 2000.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Plano Municipal da Educação de Fortaleza (2015-2025)**. Secretaria Municipal da Educação (SME). Fortaleza, junho de 2015, p. 1-134.

RAIÇA, D. (Org.). **Tecnologias para a Educação Inclusiva**. São Paulo: Avercamp, 2008.

REBELATTO, J. R.; CALVO, J. I.; OREJUELA, J. R.; PORTILLO, J. C. Influência de um Programa de atividade física de longa duração sobre a força manual muscular e a flexibilidade corporal de mulheres idosas. **Revista Brasileira de Fisioterapia**. v. 10, n. 01, 2006, p.127-132.

REBELO, J. M. **Motivação e Envelhecimento**. Disponível em: www.astrologosastrologia.com.pt/saude=psicologia_idosos/saude&psicologia=3=psi-idosos=motivacao_e_envelhecimento.html. Acesso em 13 mai. 2017.

REFERENCIAL DE FORMAÇÃO. **Cidadania e Diversidade Cultural nas Práticas Profissionais**. Disponível em: https://elearning.iefp.pt/pluginfile.php/47405/mod_resource/content/0/referencial.pdf. Acesso em 18 nov. 2017.

RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO. **Sustentar o Progresso Humano: Reduzir as Vulnerabilidades e Reforçar a Resiliência**. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Camões - Instituto da Cooperação e da Língua. Ministério dos Negócios Estrangeiros. Portugal. 2014.

RIBEIRO, A. E. A. Educação: ampliando possibilidades de entendimento. **Revista Saúde, Sexo e Educação**. Rio de Janeiro, ano 5, n. 10, p. 24-28, abr.-jun. 1997.

RIBEIRO, M. L.; MUSSI, A. de A.; FARIAS, I. M^a. S. de. **Práticas pedagógicas inovadoras no contexto da educação superior.** Disponível em: www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro4/26.PRATICASPEDAGOGICASINOVADORAS.pdf Acesso em 29 nov. 2017.

ROCHA, S. C. B. da; FACHÍN-TERÁN, A. F. **O uso de espaços não formais como estratégia para o ensino de ciências.** Manaus: UEA/Escola Normal Superior/PPGEECA, 2010.

RODRIGUES, A. M. S. M. **O medo de envelhecer** (e o papel do gerontólogo). Monografia (Licenciatura em Gerontologia Social) - Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, 2012.

ROGERS, C. **Liberdade para aprender.** Belo Horizonte-MG: Interlivros. 1969.

ROGERS, S.; LUDINGTON, J. & GRAHAM, S. **Motivation & learning: A teacher's guide to building excitement for learning & igniting the drive for quality.** 3th Ed. Evergreen: Peak Learning Systems. 1997.

RUIZ, J. A. **Metodologia Científica: guia para eficiência nos estudos.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SABIRÓN, F. Estructura de un proyecto de investigación em Etnografía de la Educación (I). **Revista Europeia de Etnografia da Educação.** 1. p. 27-42, 2001.

SALGADO, M. A. **Conceituação de velhice.** Disponível em: <http://www.intelecto.net/cidadania/marcelo.html>. Acesso em 06 dez. 2016.

SÁ, J. L. M. de. A formação do profissional em Gerontologia. In: FREITAS, E. V. de. [et al.]. **Tratado de geriatria e gerontologia.** 3.ed. [Reimpr.]. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 2305-2330, 2013.

_____. Da Universidade da Terceira Idade para a comunidade: Educação Popular X Educação Acadêmica. **Cadernos de Serviço Social.** PUCCamp. Ano VIII, p. 12-39, 1998.

SAMULSKI, D. M. M. **Psicologia do esporte.** São Paulo: Ed. Manole, 2002.

SANTOMÉ, J. T. **Educación em Tiempos de Neoliberalismo.** Madrid: Morata, 2001.

SANTOS, G. A. dos. **O envelhecimento bem sucedido.** Disponível em: http://www.annex.com.br/colunas/comportamento/gerardemer_imp.asp. Acesso em: 08 set. 2016.

SANTOS, M. **O país distorcido: o Brasil, a globalização e a cidadania.** São Paulo: Publifolha, 2002.

SANTOS, M^a. F. S. **Identidade e Aposentadoria.** São Paulo: EPU, 1991.

SANTOS, S. dos.; TORRES-MORALES, O. E. **Idosos Indígenas e Comunicação: olhares e aproximações.** Disponível em: http://encipecom.metodista.br/mediawiki/imagens/5/5c/Idosos_Indigenas.pdf. Acesso em 17 jul. 2017.

SANTOS, S. S. C. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília. nov-dez; 63(6): 1035-9, 2010.

_____. Envelhecimento: visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental. **Rev. RENE.** Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 9-14, jan./jul. 2001.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro. Ed. VWA, 1997.

SCORALICK-LEMPKE, N. N.; BARBOSA, A. J. G. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva *Life-Span*. **Estudos de Psicologia.** Campinas. 29(Supl.). 647s-655s. outubro-dezembro, 2012.

SCORTEGAGNA, P. A.; OLIVEIRA, R. de C. da S. Idoso: um novo ator social. **IX ANPED SUL.** Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012.

SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA DO BRASIL. **Dados sobre o envelhecimento no Brasil.** p. 1-9. Disponível em: www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa/dados-estatisticos/DadossobreoenvelhementonoBrasil.pdf. Acesso em 17 abr. 2017.

SELLTIZ, C. et al. **Métodos de pesquisa nas relações sociais.** São Paulo: Herder, 1965.

SENA, T. C. C. B. **Memórias de uma prática: experiência em oficina cognitiva para idosos.** Dissertação (Mestrado em Gerontologia Social). PUC/SP, 2013.

SEVERINO, A. J. Educação, Trabalho e Cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. **São Paulo em Perspectiva.** 14(2). p. 65-71. São Paulo: Fundação Seade. 2000.

SILVA, E. B. DO N. e; NERI, A. L. Questões geradas pela convivência com idosos: indicações para programas de suporte familiar. In: NERI, A. L. (Org.). **Qualidade de vida e idade madura.** Campinas-SP: Papyrus, 1993 (Coleção Vivacidade). p. 213-236.

SILVA, E. M. M; SILVA FILHO, C. E.; FAJARDO, R. S.; FERNANDES, A. U. R.; MARCHIORI, A. V. Mudanças Fisiológicas e Psicológicas na Velhice Relevantes no Tratamento Odontológico. **Revista Ciência em Extensão.** v. 2, n. 1, p. 62-74, 2005.

SILVA, J. C. Velhos ou Idosos? **Revista A Terceira Idade.** v. 14, n. 26. P. 94-111, São Paulo: SESC, jan. 2003.

SILVEIRA.; D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. p. 31-42. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Orgs.). **Métodos de pesquisa.** Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS. Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SIMONDON, G. **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris: Aubier, 2001.

SOUSA, J. M^a.; FINO, C. N. As TIC abrindo caminho a um novo paradigma educacional. **Educação e Cultura Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 11-26, jan./jun. 2008.

_____. N. Um Mestrado em Inovação Pedagógica. **Tribuna da Madeira**. Sexta feira, 24 de junho de 2005. Educação.

SOUZA, V. L. P. de. **A pessoa idosa na sociedade africana e nosso país Brasil**. Disponível em: <http://envolverde.com.br/poprtal/wp-content/uploads/2012/10/so3.jpg>. Acesso em 17 jul. 2017.

SOUZA JÚNIOR, M. de. A aprendizagem na Terceira Idade Através do Uso das TIC. In: III Seminário Estadual de Práticas Educativas, Memórias e Oralidades. 2016. Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: EdUECE, p. 21-30. 2016.

_____. **Inovação Pedagógica: o uso de TIC na inclusão sócio-laborativa de pessoa com necessidade especial**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade da Madeira - UMa. Funchal-PT, 2015.

SPRADLEY, J. **The Ethnographic Interview**. NEW YORK: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

STRECK, D. R.; REDIN, E. & ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. 2^a ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TARTUCI, D. A Inclusão das Crianças com Necessidades Educacionais Especiais na Educação Infantil. In: **Anais do 9º Encontro de Pesquisa em Educação da Anped – Centro Oeste**. Educação: tendências e desafios de um campo em movimento. Taguatinga, DF, 2008.

TAVARES, C. F. Novas competências para ensinar, mais caminhos a percorrer um percurso. In: ROLDÃO, M^a. do C.; RAMIRO, M. (Orgs.). **Inovação, currículo e formação**. Porto: Porto Editora, 2000.

TAVARES, M. **Universidades abraçam a causa da longevidade**. Disponível em: https://g1.globo.com/bemestar/blog/longeviade-modo-de-usar/post/universidades-abracam-a-causa-da-longevidade.ghtml?utm_source=facebook&utm_medium=share-bar-smart&utm_campaign=share-bar Acesso em 28.02.2018.

THURLER, M. G.; PERRENOUD, P. **A escola e a mudança: contributos Sociológicos**. Lisboa: Editora Escolar, 1994.

TOFFLER, A. **A Terceira Onda**. Tradução de João Távora. 29. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **O choque do futuro**. Tradução de Eduardo Francisco Alves. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

TONET, I. **Método científico, uma abordagem ontológica**. 2. ed. Macéio: Coletivo Veredas, 2016.

TONI, I. M. Educação e psicologia: interações e estratégias para uma velhice bem sucedida. In: CASARA, M. B.; CORTELLETTI, I. A.; BOTH, A. **Educação e envelhecimento humano**. Caxias do Sul: EDUCS, 2006. p. 133-150.

TRILLA, J. (Org.). **Educação formal e não formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

UCHÔA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. **Cadernos de Saúde Pública**. 9(3), p. 849-853. 2003.

ULLMAN, R.A. **Antropologia: o homem e a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1991.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). **Universidade Aberta para a Terceira Idade** – projeto Maioridade. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 85 p. 1994.

VALENTE, J. A. (Org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: Unicamp, 1999.

VARGAS, H. S. Aspectos psicológicos e psicopatológicos do envelhecimento. **Semina**, 8(2): 203-207, 1981.

VASCONCELOS, Celso S. **Concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar**. 5ª ed., São Paulo: Libertad, 1995.

VÁSQUEZ, G. **La educación no formal y otros conceptos próximos**. In: SARRAMONA, J.; VÁSQUEZ, G.; COLOM, A. J. Educación no formal. Barcelona: Editorial Ariel, S.A., p. 11-25, 1998.

VEIGA JÚNIOR, C. L. **O estatuto do idoso comentado**. São Paulo: LTr, 2005.

VELLAS, P. **Le troisième souffle**. Paris: Grasset. 1997.

VERAS, R. P.; CALDAS, C. P. Promoting elderly health and citizenship: the U3A (University of Third Age) movement. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 2, p. 423-432, 2004 (On-line).

VERNON, M. D. **Motivação humana**. Tradução de L. C. Lucchetti. Petrópolis: Vozes, 1973.

VIEIRA, R. Etnobiografias e descoberta de si: uma proposta da Antropologia da Educação para a formação de professores para a diversidade cultural. **Pro-Posições**. v. 24, n. 2 (71) p. 109-123. maio/ago. 2013.

VITAL, S. S. **Afetividade e prática docente com idosos**. São Paulo: Editora Setembro. 2005.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e palavra. In: VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. Cap. 7, p. 103-132, 1987.

WHITE, L. The symbol: the origin and basis of humans behavior. In: MORBEL; LENNINGS; SMITH (orgs). **Readings of anthropology**. Nova York: Mcgraw-Hill Book, 1955.

WIMMER, R. D.; DOMINICK, J. R. **La investigación científica de los medios de comunicación:** una introducción a sus métodos. Barcelona: Bosch, 1969.

WOODS, P. **La escuela por dentro – La etnografía en la investigación educativa.** 3 ed. Madrid: Ediciones Paidós. 1993.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e método. Tradução Ana Thorell. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZABALA, A. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZIMERMAN, G. I. **Aspectos físicos, psicológicos e sociais do envelhecimento.** p. 21-25. Disponível em: http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagensExtra/legado/Z/ZIMERMAN_Guite_I/Velhice_Aspectos_Biopsicossociais/Liberado/Cap_02.pdf. Acesso em 15 abr. 2017.

ZMORZYNSKI, M. N. A Motivação do Idoso em Programas Intergeracionais de Atividades Físicas. **Revista A Terceira Idade.** SESC-SP. vol. 17, n. 36, p. 53-60, junho de 2006.

ANEXOS

ANEXO 1

HOSPITAL GERAL DR. CÉSAR
CAL/S/SES/SUS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: NAVEGANDO NO MAR SEM FIM DA APRENDIZAGEM NA TERCEIRA IDADE: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DO USO DAS TIC E DA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

Pesquisador: MOACIR DE SOUZA JUNIOR

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65899817.0.0000.5041

Instituição Proponente: Hospital Geral Dr. César Cals/SES/SUS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.017.080

Apresentação do Projeto:

Atualmente no Brasil assistimos uma preocupação crescente com o aumento da população idosa. Tanto órgãos governamentais quanto a iniciativa privada voltam sua atenção para esse grande número de sujeitos e a cada dia que passa se torna maior, constituindo um universo que só tende a crescer não apenas no Brasil como em todo o mundo. E, com o advento do uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) nos dias atuais, a população denominada terceira idade se vê como indivíduos que estão a se apropriar desse novo conhecimento; se bem que não tão novo assim. A metodologia de trabalho, de base qualitativa utiliza-se do estudo etnográfico para conhecer a realidade e a temática investigada. Neste sentido selecionamos a Universidade Sem Fronteiras (UNISF) localizada no município de Fortaleza-CE, e que atende alunos oriundos da terceira idade.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar a existência de inovação pedagógica no processo de aprendizagem das TIC na

Endereço: Av. Imperador, nº 372

Bairro: Centro

CEP: 60.015-052

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-5354

Fax: (85)3101-5354

E-mail: ceap@hgcc.ce.gov.br

HOSPITAL GERAL DR. CÉSAR
CAL/S/S/SUS



Continuação do Parecer: 2.017.080

Outros	Roteiro_Entrevista_Professores.pdf	17/02/2017 10:24:15	MOACIR DE SOUZA JUNIOR	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	17/02/2017 10:21:48	MOACIR DE SOUZA JUNIOR	Aceito
Outros	Roteiro_Entrevista_Alunos_Terceira_Ida de.pdf	17/02/2017 10:14:34	MOACIR DE SOUZA JUNIOR	Aceito
Outros	Identidade_frente_e_verso.pdf	17/02/2017 10:13:45	MOACIR DE SOUZA JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_escla recido.pdf	17/02/2017 10:13:05	MOACIR DE SOUZA JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Carta_de_Anuencia.pdf	17/02/2017 10:12:32	MOACIR DE SOUZA JUNIOR	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Avaliação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 17 de Abril de 2017

Assinado por:

ANTONIO LUIZ CARNEIRO JERONIMO
(Coordenador)

Endereço: Av. Imperador, nº 372

Bairro: Centro

CEP: 60.015-052

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-5354

Fax: (85)3101-5354

E-mail: ceap@hgcc.ce.gov.br

ANEXO 2

12/01/2018

Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES

BRASIL Serviços Barra GovBr
(HTTP://BRASIL.GOV.BR)

(http://www.1

(http://www.capes.gov.br/)

Fale conosco (http://mec.cube.callsp.inf.br/auth-web/login?
redirect_uri=http%3A%2F%2Fmec.cube.callsp.inf.br%2Fauto-atendimento%2Fauth-
callback&token_aplicacao=e3lhqm5IVYbc0EfxMMvpBw&balcao_redirect_uri=%2Fauto-
atendimento%2Fnavegacao-informacoes%2F#MjMtc2U=)

Dúvidas frequentes (http://www.capes.gov.br/aceso-ainformacao/perguntas-frequentes)

Serviço de informação ao cidadão - SIC (http://www.capes.gov.br/aceso-ainformacao/servico-de-
informacao-ao-cidadao-sic)



Busca

idoso -aprendizagem -TIC

Buscar

Painel de informações quantitativas (teses e dissertações) (http://analisevisual.capes.gov.br/SASVisualAnalyticsViewer/VisualAnalyticsViewer_guest.jsp?reportName=Banco+de+Teses+e+Dissertações+Informações+quantitativas&reportPath=/DTI/Banco_de_teses_e_dissertacoes/Relatorios&reportViewOnly=false&appSwitcherDisabled=true)

Início (index.html) > Busca

7 resultados para idoso -aprendizagem -TIC

Exibindo 1-20 de 7

<< () < () 10 > () >> ()

Refinar meus resultados

Tipo: 1 opções

Doutorado (Tese) 7

Ano: 3 opções

2016 4

2014 2

2015 1

Autor: 7 opções

ANA LUISA MADRUGA DE RODRIGUES 1

ANACIREMA DA SILVA PORCIUNCULA 1

DORIS FIRMINO RABELO 1

LEANDRA COSTA DA COSTA 1

MARCIA MARIA DROPA 1

Orientador: 6 opções

RITA DE CASSIA DA SILVA OLIVEIRA 2

ANITA LIBERALESSO NERI 1

IVALINA PORTO 1

MALVINA DO AMARAL DORNELES 1

12/01/2018

Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES

<input type="checkbox"/> MARIA APARECIDA BERGAMASCHI	1
Banca: 20 opções	
<input type="checkbox"/> MARIANGELA DA ROSA AFONSO	2
<input type="checkbox"/> MAURO JOSE FERREIRA CURY	2
<input type="checkbox"/> ALFREDO GUILLERMO MARTIN	1
<input type="checkbox"/> ANA LUIZA RUSCHEL NUNES	1
<input type="checkbox"/> CARLA WITTER	1
Grande Área Conhecimento: 1 opções	
<input checked="" type="checkbox"/> CIÊNCIAS HUMANAS	7
Área Conhecimento: 1 opções	
<input checked="" type="checkbox"/> EDUCAÇÃO	7
Área Avaliação: 1 opções	
<input type="checkbox"/> EDUCAÇÃO	7
Área Concentração: 2 opções	
<input type="checkbox"/> EDUCAÇÃO	6
<input type="checkbox"/> EDUCAÇÃO AMBIENTAL	1
Nome Programa: 2 opções	
<input type="checkbox"/> EDUCAÇÃO	6
<input type="checkbox"/> EDUCAÇÃO AMBIENTAL	1
Instituição: 5 opções	
<input type="checkbox"/> UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA	2
<input type="checkbox"/> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL	2
<input type="checkbox"/> UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS	1
<input type="checkbox"/> UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA	1
<input type="checkbox"/> UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE	1
Biblioteca: 3 opções	
<input type="checkbox"/> Biblioteca Central - Campus Uvaranas	2
<input type="checkbox"/> Central da UFRGS	2
<input type="checkbox"/> Biblioteca Central da Unicamp	1

1. PORCIUNCULA, ANACIREMA DA SILVA. **Educação Ambiental e o Envelhecimento Humano no Contexto do Ensino Formal'** 13/06/2016
 undefined f. Doutorando em EDUCAÇÃO AMBIENTAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, Rio Grande Biblioteca
 Depositária: undefined
 Detalhes (https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3618273)

2.

12/01/2018

Catálogo de Teses & Dissertações - CAPES

SCORTEGAGNA, PAOLA ANDRESSA. **EMANCIPAÇÃO POLÍTICA E EDUCAÇÃO: AÇÕES EDUCACIONAIS PARA O IDOSO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PÚBLICAS PARANAENSES**' 11/03/2016 275 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central - Campus Uvaranas
 Detalhes (https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3606413)

3.

MADEIRA, ROSEMARY MODERNEI. **Escola e cuidado : histórias de mulheres idosas**' 28/02/2014 296 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Central da UFRGS
 Detalhes (https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1367565)

4.

RABELO, DORIS FIRMINO. **CONFIGURAÇÃO E FUNCIONAMENTO DE FAMÍLIAS COM IDOSOS QUE APRESENTAM DIFERENTES CONDIÇÕES PSICOLÓGICAS E DE SAÚDE**' 23/04/2014 undefined f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Unicamp
 Detalhes (https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1318983)

5.

COSTA, LEANDRA COSTA DA. **ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E ACADÊMICOS IDOSOS: O DIREITO À IDENTIFICAÇÃO**' 12/02/2016 undefined f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: undefined
 Detalhes (https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3607050)

6.

RODRIGUES, ANA LUISA MADRUGA DE. **ESTAR SENDO IDOSO NA SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTES, RECREAÇÃO E LAZER: MODOS DE VIVER O ENVELHECIMENTO NO JOGO DO CÂMBIO**' 28/08/2015 211 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: Central da UFRGS
 Detalhes (https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2476129)

7.

DROPA, MARCIA MARIA. **A Narrativa dos Idosos: análise a partir de Walter Benjamin - uma contribuição para a Educação Patrimonial de Ponta Grossa - Paraná**' 16/12/2016 266 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa Biblioteca Depositária: Biblioteca Central - Campus Uvaranas
 Detalhes (https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=4181951)



Catálogo de Teses e Dissertações
 Central de Atendimento - 0800 616161

Copyright 2016 Capes. Todos os direitos reservados.

Versão: 0.0.32

FOTOS

Foto 01 – Entrada principal e jardim

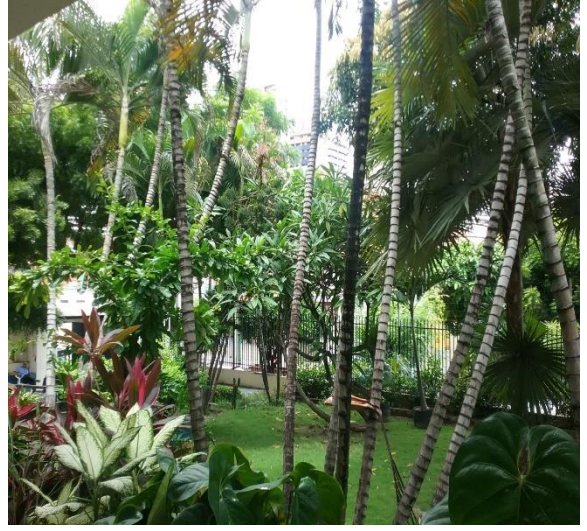


Foto 02 – Entrada do estacionamento



Foto 03 – Espaço interno – recepção



Foto 04 – Recepção – aparelho de tv e sofá



Foto 05 – Imagem Sacra**Foto 06 – Painel informativo**

Foto 07 – Sala das direções administrativa/financeira e comercial

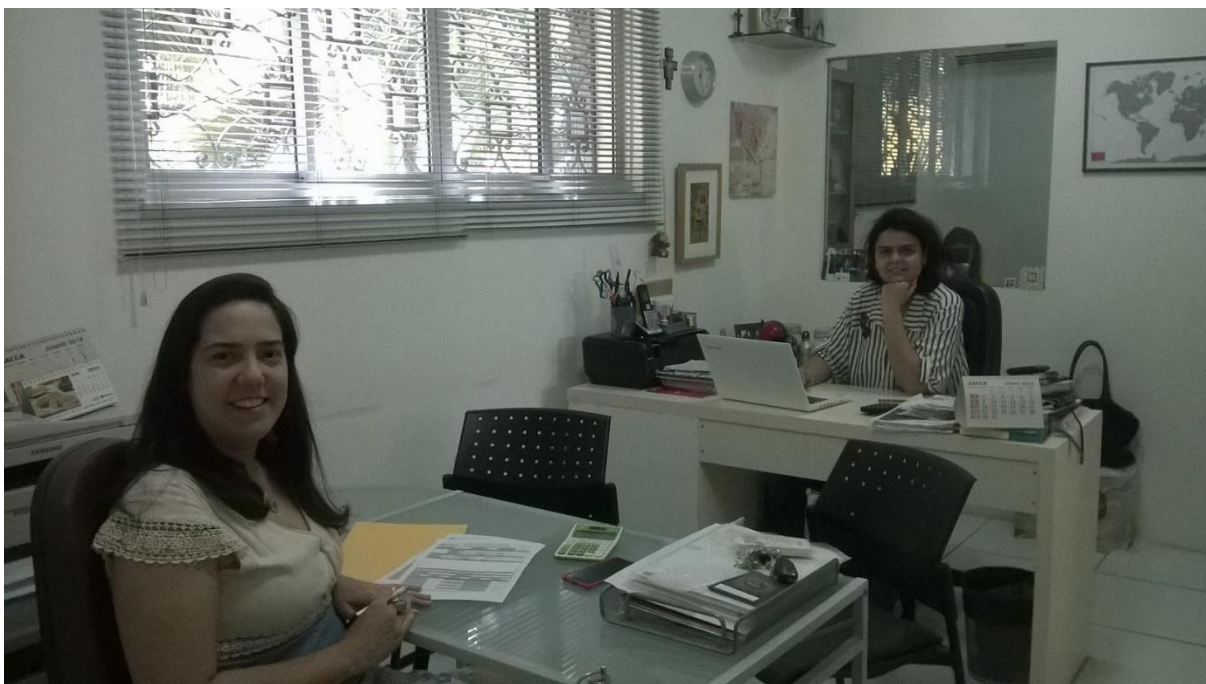


Foto 08 – Sala da gerência financeira

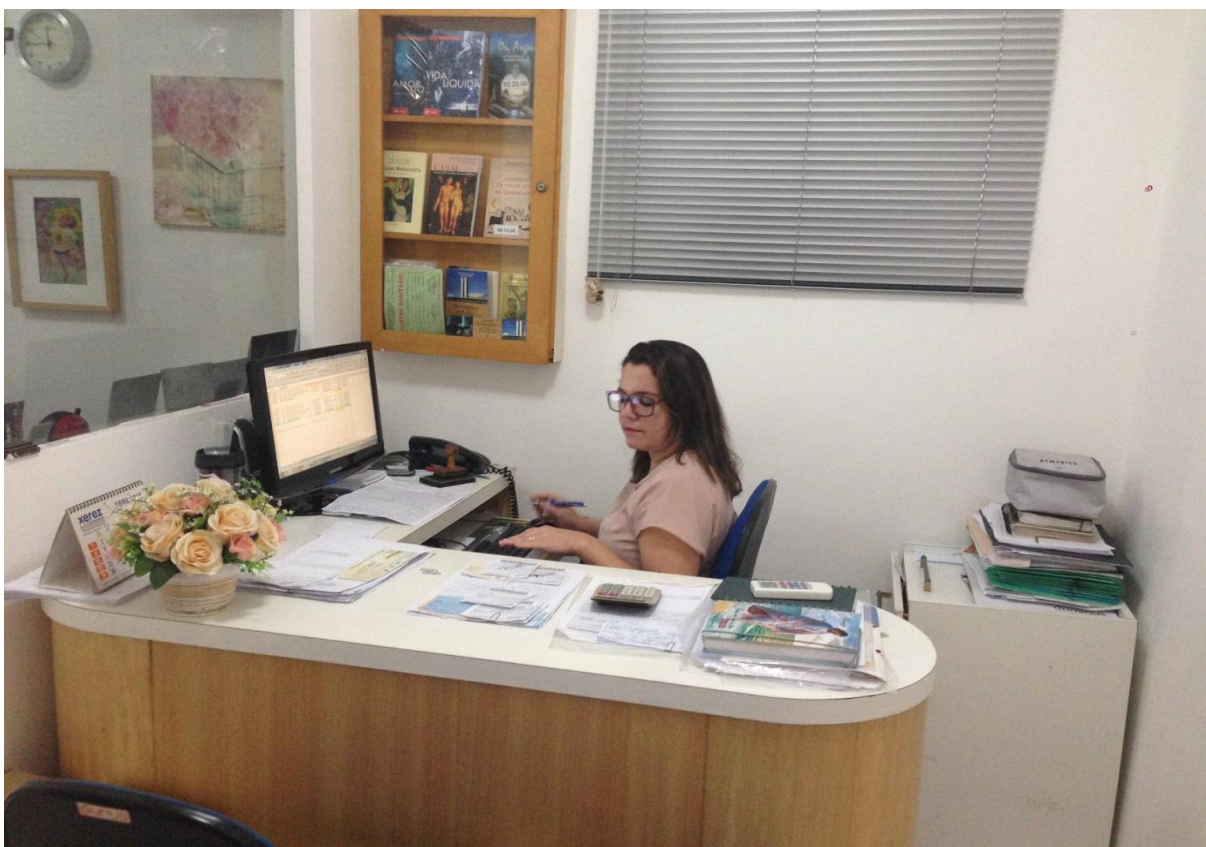


Foto 09 – Curso de dança de salão



Foto 10 – Curso de Coral



Foto 11 – Curso de Línguas



Foto 12 – Curso de ginástica cerebral



Foto 13 – Curso da área de informática



Foto 14 – Curso de terapia ocupacional



Foto 15 – Sala do curso de pilates



Foto 16 – Cantina



Foto 17 – Auditório



APÊNDICE

APÊNDICE 1
CARTA DE ANUÊNCIA

O(A) María Vilma Gurgel Cavalcante diretor(a) da **Universidade Sem Fronteira**, sediada à Rua Nunes Valente, 919, Aldeota, Fortaleza/CE, vem por meio desta informar que está ciente e de acordo com a realização nesta instituição da pesquisa intitulada **“NAVEGANDO NO MAR SEM FIM DA APRENDIZAGEM NA TERCEIRA IDADE: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DO USO DAS TIC E DA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA”**, sob a responsabilidade do pesquisador **Moacir de Souza Júnior**, para a obtenção do título de Doutorado pela Universidade Pública da Madeira – UMA, orientado pelos professores: Dr. Fernando Correia (orientador português), e Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz (orientadora brasileira), a ser realizada no período de Janeiro/2017 a Dezembro /2017.

Esta instituição esta ciente da liberação/entrada do pesquisador para a coleta de dados referentes à pesquisa. Esta instituição é consciente de sua co-responsabilidade da presente pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

O pesquisador responsável declara estar ciente das normas que envolvem a pesquisa com seres humanos, em especial a Resolução CNS nº 466/12 e no que diz respeito à coleta de dados, comprometendo-se a utilizar os dados coletados, exclusivamente para os fins de pesquisa.

Fortaleza-CE., 08, de Fevereiro de 2017.

María Vilma Gurgel Cavalcante

Assinatura e carimbo do(a) diretor(a)

Pro^{fa}. Dra. Maria Vilma B. Gurgel Cavalcante
Diretora Pedagógica
Universidade Sem Fronteiras

02.237.786/0001-90
UNIVERSIDADE SEM FRONTEIRAS LTDA.
Rua: Nunes Valente, 919
Aldeota - CEP: 60.125-070
Fortaleza - Ceará

APÊNDICE 2

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PROJETO: NAVEGANDO NO MAR SEM FIM DA APRENDIZAGEM TERCEIRA IDADE: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DO USO DAS TIC E DA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: MOACIR DE SOUZA JÚNIOR

ORIENTADORES: PROF. DR. FERNANDO CORREIA (Orientador Português)
PROF^a. DRa. ZULEIDE FERNANDES DE QUEIROZ
(orientadora Brasileira)

Endereço: **Rua Amazonas, 339, Bela Vista, Fortaleza-CE, CEP 60441-685**

Telefone: (85) 987823445/ 997839543/ 34829682

E-mail: moacirjr@hotmail.com

Nesta pesquisa pretendemos investigar o desempenho da aprendizagem na terceira idade com acesso ao uso da Tecnologia da Informação e Comunicação – TIC, bem como ao mundo digital e sua inclusão no ambiente sócio-cultural.

Os dados serão coletados por meio de (1) observação *in loco* em sala de aula; (2) através de entrevista semiestruturada sobre a realização do processo de aprendizagem de acesso e uso de equipamentos tecnológicos pelos sujeitos-informantes da pesquisa; (3) e rodas de conversas informais.

Os participantes que concordarem em participar da pesquisa assinarão o termo de consentimento livre e esclarecido após serem explicados os riscos e benefícios da pesquisa bem como o fato que podem se retirar da pesquisa em qualquer momento e que seus nomes não serão divulgados conforme Resolução CNS nº 466/12.

Embora em toda pesquisa haja riscos de constrangimento ou invasão de privacidade ao expor questões relativas às práticas de utilização das ferramentas tecnológicas pelos sujeitos que ficarão registradas, estaremos atentos à minimização de tais riscos quando da coleta de dados, proteção e depósito legal dos dados. A pesquisa não oferece benefícios imediatos aos participantes, mas disponibilizamos a consulta para acompanhamento dos informantes sobre o andamento e resultado da pesquisa. Salientamos que ao responder a pesquisa, o sujeito-informante terá a supervisão de um representante da instituição como para garantir a idoneidade da pesquisa, bem como respondê-la sem nenhum problema, se assim o desejarem já que a população a ser pesquisada é maior de idade e pode muito bem responder pelos seus atos e ações.

Após a análise dos dados, finalização, defesa e aprovação da tese, será realizada uma reunião para apresentação da mesma para toda a Universidade Sem Fronteira contando com a participação de gestores, professores/instrutores, funcionários, alunos e comunidade em geral.

Eu, _____ venho por meio do presente termo, declarar ter sido informado(a) claramente sobre a finalidade da pesquisa acima:

- (1) declaro estar ciente que o pesquisador aborda as experiências de minha aprendizagem como usuário das novas tecnologias presente em minha residência, sala de aula entre outros ambientes que utilizam o mundo digital;
- (2) declaro que entendo que a minha participação pode implicar em falar de intimidades podendo me recusar a fornecer informações em qualquer momento;
- (3) declaro ainda que a presente autorização é feita a título gratuito nada devido de ambas as partes;
- (4) declaro que fui informado(a) de que não será identificado(a), que os riscos de expor a intimidade ou de representar apenas parcialmente as demandas de grupo são menores que os benefícios previstos para o grupo nesta participação em termos de possíveis ações a favor da coletividade;
- (5) declaro que entendo que em nenhum caso os dados que eu irei informar serão usados em meu prejuízo;
- (6) reconheço que minha participação livremente nesta pesquisa, apenas para fins previstos neste termo e que tenho a liberdade de recusar a participar e/ou de retirar meu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo pessoal;
- (7) e, para todos os fins efeitos de direito, assino este instrumento em 02 (duas) vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo.

Fortaleza-CE., _____, de _____ de 2017.

Concedente

Pesquisador

Testemunha 1

Testemunha 2

APÊNDICE 3

UNIVERSIDADE DA MADEIRA – UMa

NOME DA PESQUISA - NAVEGANDO NO MAR SEM FIM DA APRENDIZAGEM NA TERCEIRA IDADE: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DO USO DAS TIC E DA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ROTEIRO A - ENTREVISTAS PARA OS ALUNOS DA TERCEIRA IDADE

- 1) Como, quando e por que o (a) senhor(a) começou a se interessar pela Universidade Sem Fronteiras?
- 2) O(A) senhor(a) teve/tem tido (atualmente) algum tipo de incentivo para frequentar a Universidade Sem Fronteiras?
- 3) Para o(a) senhor(a) o que significa aprender?
- 4) O que significa aprender na terceira idade?
- 5) Qual o significado de frequentar a Universidade Sem Fronteiras para o(a) senhor(a)?
- 6) Como o(a) senhor(a) imaginava a Universidade Sem Fronteiras antes de frequentá-la?
- 7) Como é que o(a) senhor(a) se sente nas aulas em que o uso da tecnologia está presente na Unisf?
- 8) Alguma coisa mudou nos seus relacionamentos depois de ter entrado na Unisf? O que mudou? Como mudou?
- 9) Como é conviver com alunos que são quase da sua mesma faixa etária?
- 10) Como é que o(a) senhor(a) vê a experiência de ser aluno(a) na Unisf?
- 11) Como o(a) senhor(a) avalia o trabalho do professor/mediador na sala de aula?
- 12) O que significa para o(a) senhor(a) voltar a estudar?
- 13) Como o(a) senhor(a) se sentiu no seu primeiro dia da sua estadia na Unisf?
- 14) O que o(a) senhor(a) tem aprendido até o presente momento que tem sido de grande valia para a sua vida? Por quê?
- 15) Para o(a) senhor(a) o uso das Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC) mudou sua vida?
- 16) De que forma você faz uso das TIC no seu dia a dia?
- 17) Dentro do processo de construção do seu conhecimento através do uso das TIC, quais são os temas que mais lhe interessa? Por quê?
- 18) Quais são seus planos para o futuro após todo esse processo de aprendizagem construído pelo(a) senhor(a)?

- 19) O que o(a) senhor(a) diria para alguém idoso que quisesse entrar para a Universidade Sem Fronteiras?
- 20) O que foi, é, ou tem sido o mais importante para o(a) senhor(a) até o presente momento na Unisf?
- 21) Que tipo de ferramenta de aprendizagem o(a) senhor(a) usa no seu dia a dia?
- 22) Seus professores/orientadores utilizam em sala de aula jogos educativos? Quais?

APÊNDICE 4

UNIVERSIDADE DA MADEIRA – UMa

NOME DA PESQUISA - NAVEGANDO NO MAR SEM FIM DA APRENDIZAGEM NA TERCEIRA IDADE: UMA INVESTIGAÇÃO ACERCA DO USO DAS TIC E DA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ROTEIRO B - ENTREVISTA PARA OS PROFESSORES/MEDIADORES

- 1) O que lhe levou a trabalhar com o processo de aprendizagem para a terceira idade?
- 2) Quais as vantagens e/ou desvantagens para você em relação ao ensino e a aprendizagem para os alunos da terceira idade?
- 3) Para você o que é ser idoso?
- 4) Como é ser um professor de alunos idosos?
- 5) Você participou de algum curso sobre educação de idosos ou de educação voltada para a terceira idade.
- 6) O que você acha que o aluno idoso precisa aprender?
- 7) O que você considera que o aluno idoso precisa para aprender?
- 8) Em sua opinião como é para a terceira idade voltar aos bancos escolares?
- 9) Como você vê a população idosa dentro do processo de aprendizagem?
- 10) O que você considera como práticas pedagógicas inovadoras no processo de aprendizagem na terceira?
- 11) Você ainda se utiliza de práticas pedagógicas tradicionais? Por que?
- 12) Como você avalia seu trabalho como professor/mediador junto aos seus alunos da terceira idade?
- 13) Há quanto tempo você trabalha na UNISF?
- 14) Antes de trabalhar na UNISF já tinha trabalhado com alunos da terceira idade?
- 15) Fora a UNISF você trabalha com alguma outra instituição que lida com a terceira idade?